

ARIGO
O CIRURGIÃO
DA FACA
ENFERRUJADA

JOHN C. FULLER

Amadeu António

ARIGÓ:
CIRURGIÃO DA FACA ENFERRUJADA

John G. Fuller

Posfácio de Henry K. Puharich, MD

Panther Granada Publishing Limited Publicado em 1977

pela Panther Books Ltd Frogmore, St Albans, Herts AL2 2NF

Publicado pela primeira vez na Grã-Bretanha por Hart-Davis, MacGibbon
Ltd 1975 Copyright © John G. Fuller

«Uma parente gritou e correu para fora da sala. Os outros ficaram petrificados. A mulher moribunda jazia calma, imperturbável, enquanto ele continuava a cravar e a apunhalar a lâmina sem piedade. Depois retirou a faca, enfiou a mão na abertura, torcendo o pulso com violência. Em questão de segundos retirou a mão, arrancando um enorme tumor uterino ensanguentado, do tamanho de uma toranja pequena. Atravessou a cozinha, deixou cair a faca e a massa disforme no lava-loiça e desabou numa cadeira ao lado.

E quando a mulher moribunda que operara se reanimou e pôde regressar à vida normal, a pressão para ajudar quem implorava tratamento tornou-se irresistível. Numa manhã em que quase cem pessoas se juntaram à porta, Arigó abriu-a e deixou-as entrar, uma a uma...»

As curas de Arigó foram presenciadas por médicos, filmadas, autenticadas cientificamente. Aconteceram mesmo. Aqui está o relato meticulosamente pesquisado e exaustivamente documentado de John G. Fuller sobre o fenómeno que deixou a medicina moderna perplexa.

Nota do Autor

Nesta história, tão estranha, tão incrível, há factos inegáveis, factos que nenhum céptico, por mais obstinado, pode negar ou alterar.

É facto estabelecido que Zé Arigó, o camponês cirurgião-curandeiro brasileiro, cortava carne e vísceras com uma faca de cozinha ou de bolso suja e não havia dor, não era preciso fazer hemóstase – ligar os vasos sanguíneos – nem dar pontos. É facto que parava o fluxo de sangue com uma ordem verbal seca. É facto que não havia infeção posterior, mesmo sem qualquer antissepsia.

É facto que redigia rapidamente algumas das prescrições mais sofisticadas da farmacologia moderna, apesar de nunca ter passado do terceiro ano e nunca ter estudado o assunto. É facto que fazia diagnósticos claros, precisos e confirmáveis ou medições de tensão arterial quase sem olhar para o doente.

É facto que médicos brasileiros e americanos verificaram as curas de Arigó e filmaram a cores, com todo o pormenor, o seu trabalho e as suas operações. É facto que Arigó tratou mais de trezentos doentes por dia durante quase duas décadas e nunca cobrou pelos seus serviços.

É facto que entre os seus doentes se contavam altos executivos, estadistas, advogados, cientistas, médicos, aristocratas de muitos países, além dos pobres e desamparados. É facto que o ex-Presidente do Brasil, Juscelino Kubitschek – criador da cidade-capital Brasília e ele próprio médico – levou a filha a Arigó para um tratamento bem-sucedido. É facto que Arigó obteve curas medicamente confirmadas em casos de cancro e outras doenças fatais que os principais médicos e hospitais dos países mais avançados do mundo ocidental tinham dado como incuráveis.

Mas nenhum destes factos, todos cuidadosamente reunidos e examinados, chega a uma explicação. É por isso que esta história é tão difícil de escrever. A pergunta repete-se na minha mente: como vou escrever esta história para que o leitor acredite – sobretudo quando eu próprio tive tanta dificuldade em acreditar até concluir a investigação no Brasil?

Qualquer compreensão dos acontecimentos aqui relatados tem de nascer da compreensão da atmosfera e da cultura do próprio Brasil. É um

país de contrastes, de vastas áreas selvagens e de cidades modernas cheias de vida. São Paulo, por exemplo, tem quase oito milhões de habitantes, cerca de duas vezes mais do que Chicago ou Los Angeles. Belo Horizonte, no planalto a noroeste do Rio, é maior do que Baltimore, Washington ou São Francisco. E, no entanto, é uma cidade quase desconhecida para a maioria das pessoas nos Estados Unidos. O Brasil é maior em área do que os Estados Unidos continentais. A sua população vai de intelectuais e cientistas altamente sofisticados a índios amazônicos primitivos.

O mais importante para compreender esta história é a prevalência, no Brasil, de uma disponibilidade para aceitar fenómenos paranormais como realidades básicas. Essa disponibilidade atravessa todas as linhas sociais e económicas. Na verdade, quanto mais sofisticado e culto é o grupo, maior a probabilidade de aceitação de uma filosofia conhecida como Kardecismo, nascida dos escritos de um místico francês do século XIX chamado Allan Kardec, professor cujo nome verdadeiro era Denizard Rivail.

Os kardecistas acreditam firmemente na realidade racional do mundo dos espíritos e na comunicação e utilização eficaz desse mundo. Acreditam na reencarnação. São conhecidos como «espíritas intelectuais» que rejeitam rituais e paganismo. Reúnem-se discretamente, quase sempre em casas particulares, e abraçam a maioria dos princípios do cristianismo. Acreditam, porém, que podem recorrer ao poder e ao conhecimento do mundo espiritual através de médiuns cuidadosamente preparados para esse fim.

Alguns teóricos kardecistas, versados em todos os aspetos da teoria freudiana, defendem que a «possessão» é um fenómeno que foi ignorado no desenvolvimento acelerado da psicoterapia moderna e que há provas racionais e viáveis de que muitos casos de psicose, da esquizofrenia à demência precoce, podem ser atribuídos ao fenómeno da «possessão» por um alegado espírito que se recusa a aceitar que está morto. O espírito, bom ou mau, diz-se «incorporado» no corpo vivo de uma pessoa recetiva.

Esta ideia é maioritariamente rejeitada pela mente pragmática moderna, e a «possessão» foi sumariamente afastada pela ciência médica sem que provas positivas ou negativas tenham sido examinadas até há pouco tempo. O catolicismo debateu-se durante muito tempo com o problema, mas mantém-se ambivalente.

A «possessão» é um conceito demasiado forte para a mente materialista aceitar ou lidar. A parapsicologia moderna começa a reexaminá-lo, embora com cautela. Há outros sinais no horizonte que prenunciam um despertar de interesse nesta área, não só no Brasil mas também nos Estados Unidos. Pode ou não ter sido coincidência que o romance *O Exorcista* tenha liderado as listas de bestsellers durante tantos meses. Muitas pessoas não sabem que essa história se baseou num caso real e documentado de possessão nos arquivos da Igreja Católica, e que há muitos casos semelhantes registados.

Qualquer exploração séria deste campo nos Estados Unidos levanta sobranceiras. Há muitas boas razões para isso. Charlatães e escritores irresponsáveis criaram tanto ruído e interferência, sem documentação fiável, que derrotam a própria causa. Quem explora um fenómeno estranho tem de assumir que o ónus da prova lhe cabe. Quanto mais estranho, maior a documentação necessária e maior a necessidade de contenção.

Nenhum outro pretendo «cirurgião psíquico» no Brasil ou no mundo foi confirmado e documentado tão exaustivamente como Arigó. Chegaram muitos relatos das Filipinas sobre proezas cirúrgicas de psíquicos sem formação, mas a exposição constante de truques no seu trabalho tornou a sua causa insustentável. Além disso, a falta de colaboração com investigadores médicos tornou o seu caso indefensável.

Arigó era único. Colaborou de todas as formas possíveis com a ciência médica na esperança de descobrir ele próprio o estranho mecanismo que criava os seus poderes inexplicáveis. Escapa a qualquer classificação. O que fez foi vividamente real. Como o fez continua a ser um mistério e um desafio para a ciência.

John G. Fuller
Westport, Connecticut

Da revista Time, 16 de outubro de 1972:

«Mesmo antes de morrer no ano passado num acidente de automóvel, aos 49 anos, o camponês conhecido por Arigó tornara-se uma lenda no seu Brasil natal. Afirmando ser guiado pela voz sábia de um médico há muito falecido que nunca conhecera pessoalmente, o curandeiro sem estudos via até 300 doentes por dia, diagnosticando e tratando-os em minutos... Tratava quase todas as doenças conhecidas e a maioria dos seus doentes não só sobrevivia como melhorava ou recuperava completamente.

Há poucos anos, relatos sobre as façanhas de tais fazedores de milagres teriam merecido pouco mais do que escárnio por parte dos cientistas. Agora, porém, muitos investigadores médicos mostram uma nova abertura mental em relação à chamada cura psíquica e a outros métodos não ensinados nas faculdades de medicina.»

Estava quase escuro quando a carrinha Volkswagen serpenteava pela estrada sinuosa que vinha do Rio de Janeiro, quatrocentos quilómetros a sul, em direção à aldeia de Congonhas do Campo. As montanhas verdes, ondulando como um tapete de bilhar amarrotado, tinham-se tornado roxo-acinzentadas ao serem abandonadas pelo sol brasileiro. A autoestrada do Rio, conhecida como BR-3, seguia o percurso mais suave possível por aquela região mineira, onde o ouro negro e o ferro tinham atraído exploradores europeus e norte-americanos desde os primeiros dias coloniais do Brasil. Ao crepúsculo, a superfície esmeralda das montanhas sem árvores mudava de um brilho deslumbrante para uma aura ominosa que historicamente gerou mitos e lendas.

Dentro da carrinha iam quatro homens: dois intérpretes, estudantes universitários da Universidade do Rio de Janeiro, e dois americanos de origens muito diferentes. Henry Belk, um sulista de Carolina do Norte alto, simpático e com cerca de cinquenta anos, que era ao mesmo tempo empresário de sucesso e aventureiro intelectual, conduzia quase dez horas, desviando-se de condutores brasileiros exuberantes e negociando curvas fechadas com habilidade considerável. Ao lado dele ia o Dr. Henry K. Puharich (raramente usava o nome próprio, Andrija), licenciado em medicina pela Northwestern University e especializado em bioengenharia. Tinha ainda propensão para tentar fundir o seu vasto currículo científico com fenómenos psíquicos pouco compreendidos. Alerta e eloquente, na casa dos quarenta, aproximara-se de Belk na exploração das faculdades

invulgares de Peter Hurkos, o médium cujo talento de PES atraía atenção tanto de cientistas como de forças policiais ao localizar pessoas desaparecidas e resolver casos complicados por clarividência.

Mas não era Hurkos que procuravam nestes planaltos varridos pelo vento do Brasil. Era um homem chamado Zé Arigó, um brasileiro dinâmico de origem camponesa cuja fama chegara aos ouvidos de Belk nas suas próprias explorações do paranormal. Belk criara uma extensa fundação de investigação precisamente para tais inquéritos. Convencera Puharich a juntar-se-lhe numa investigação de Arigó, cujas curas médicas o mantinham nas primeiras páginas dos jornais brasileiros e cujas proezas se dizia beirarem o milagroso.

Quando a escuridão se fechou, a carrinha ainda não chegara a Congonhas do Campo; passaram das dez quando tropeçaram na cidadezinha algo pobre de Conselheiro Lafaiete, uma aldeia mineira-ferroviária no planalto, vinte quilómetros antes do destino. Um hotel na aldeia parecia escuro e pouco convidativo; decidiram seguir em frente, apesar da hora tardia, sob as estrelas peculiarmente brilhantes que pendiam como candeeiros sobre as montanhas agora frias na escuridão.

Cansado da longa viagem, Puharich perguntava-se o que fazia naquela parte excêntrica do mundo. Chegara àquele ponto da expedição em que se interrogava se alguma vez deveria ter partido. O entusiasmo de Belk também esmorecia, embora nenhum tivesse ainda posto os olhos no objeto da sua busca, o homem conhecido por Arigó.

Tinham poucas pistas, mas intrigantes. No Rio, o Dr. Lauro Naiva, médico que estudara nos Estados Unidos, garantira a realidade das curas de Zé Arigó, mas dissera-lhes que era necessária uma investigação em grande escala para verificar a enxurrada de histórias que vinham da aldeia de Congonhas. Insistira que Arigó tinha de ser visto para se acreditar, que nenhuma descrição conseguiria transmitir o poder e a força do homem.

Também tinham encontrado John Laurance no Rio, engenheiro de sistemas no programa Spade da RCA e executivo que fizera parte do comité consultivo na criação da NASA. Laurance descobrira que não só Arigó merecia uma investigação em grande escala, como toda a cena brasileira de cura, com o seu uso pouco ortodoxo do paranormal tanto na cirurgia como na medicina.

Estas pistas, entre outras, atenuavam o cansaço da longa viagem e prometiam uma descoberta iluminadora – se os factos se confirmassem. Quando a carrinha finalmente entrou, coxeando, nas ruas estreitas e tortuosas de Congonhas na noite de 21 de agosto de 1963, a busca por cama e abrigo sobrepôs-se a qualquer pensamento de descoberta científica. Na escuridão, a beleza transcendente da pequena cidade do planalto não se via; só encontraram uma pensão pequena e modesta numa rua de paralelos. Pelo menos havia um cubículo e uma cama para cada um, e a antecipação de encontrar uma quantidade desconhecida e estranha no dia seguinte.

Congonhas do Campo fica numa dobra das montanhas do planalto do estado de Minas Gerais. Exceto quando nuvens altíssimas se abrem e despejam cascatas de água, tornando os rios inchados e furiosos, o clima é fresco e estimulante. Quase metade dos diamantes do mundo vieram de Minas Gerais nos tempos coloniais; diamantes e pedras semipreciosas rivalizam hoje com o rico minério de ferro. Com as montanhas a cercar Congonhas, o sol nasce mais tarde e põe-se mais cedo, deixando amplo espaço para a atmosfera de misticismo que abunda por toda Minas Gerais.

Deste misticismo nasceram as obras de escultura que hoje atraem visitantes de todo o mundo a Congonhas – os doze profetas bíblicos de Aleijadinho. Esculpidos com requinte em pedra-sabão no século XVIII, erguem-se como sentinelas em tamanho real em torno do terraço alto da Igreja do Bom Jesus, debruçada sobre a aldeia e olhando para vistas distantes e amplas. Aleijadinho fora aleijado pela lepra, mas talhara a pedra com ferramentas presas aos cotos dos braços. Ainda assim, a precisão das suas obras é magnífica e emocionalmente avassaladora. Alguns chamam-lhes pequenos milagres. Mais de sessenta figuras em tamanho real de Cristo e da Crucificação, talhadas em cedro, estão guardadas em pequenas capelas no jardim ondulado da igreja. Tanto as estátuas de madeira como as de pedra são tão vívidas e reais que causam um efeito profundo nos aldeões e nos turistas.

Na manhã clara e recém-lavada que se seguiu à longa viagem, Belk, Puharich e os intérpretes levantaram-se com o sol e prepararam-se para encontrar o estranho camponês que os trouxera tão longe. Dizia-se que Arigó começava cedo. Indicaram-lhes a estreita rua de paralelos chamada Rua Marechal Floriano, tão estreita que mal cabia um carro. A cidade começava a despertar. Um gaúcho passou por eles a cavalo, uma mula sem

cavaleiro atrás. O homem acenou à maneira amistosa brasileira e seguiu, com apenas um olhar casual para trás aos dois americanos.

Encontraram a pequena «clínica» de Arigó numa esquina, um modesto edifício de cimento de um andar só. Já mais de cinquenta pessoas esperavam na rua, embora a clínica ainda não tivesse aberto. A cidade era cortada por um pequeno rio lamacento onde enxames de urubus se banquetavam com carniça indistinta. Ao lado, os visitantes encontraram um restaurante aberto, nada apetitoso, mas suficiente face à fome matinal.

Tendo chegado ao destino depois de uma viagem tão longa e penosa, Belk e Puharich estavam longe de eufóricos; as dúvidas continuavam a instalar-se. À tarde juntar-se-ia a eles Jorge Rizzini, jornalista e produtor de documentários de São Paulo, um dos primeiros a dar a conhecer Arigó ao país. Rizzini, convencido da autenticidade do trabalho de Arigó pelas visitas anteriores a Congonhas, ardia por estabelecer uma verificação científica objetiva.

Trazia filmes a cores de várias das principais operações realizadas por Arigó. Esses filmes eram de extrema importância para a investigação de Belk e Puharich, pois, ao chegarem ao Brasil, souberam que tanto a Ordem dos Médicos como a Igreja Católica moviam um processo contra Arigó – não só por exercício ilegal da medicina, mas também por feitiçaria. Corriam notícias de que Arigó se mostrava extremamente cauteloso com cirurgias de grande porte face às acusações. Rizzini, altamente recomendado aos americanos como jornalista equilibrado e sensato, tinha ainda outra qualidade de grande interesse: a mulher fora curada por Arigó de uma artrite incapacitante; a filha, de leucemia. Documentaria tudo isso pormenorizadamente.

Às sete da manhã havia já perto de duzentas pessoas na rua quando se abriram as portas da estranha clínica – uma antiga igreja degradada. Um velho cego, apoiado na bengala; uma mulher esguia e aristocrática de cerca de quarenta anos, vestido estampado de flores; um homem pálido e magro com um papo enorme; uma criança lívida numa cadeira de rodas; uma negra robusta e peituda, tapando os olhos com um lenço. Eles e a multidão atrás deles aguardavam em silêncio na fila que já contornava a esquina e se estendia ao longo dos paralelos da Rua Marechal Floriano. A maioria viera de outras regiões do Brasil ou da América do Sul, de autocarro, comboio ou carro.

A notícia de que a equipa de investigação chegara evidentemente correra a aldeia, embora os americanos não tivessem anunciado a visita. Quando os quatro homens se aproximaram da porta, um negro de voz suave chamado Altimiro fez-lhes sinal para passarem à frente dos doentes e entrarem na clínica. Lá dentro estava um homem poderoso, de peito largo, camisa desportiva escura, calças e sapatos enlameados. Tinha bigode preto espesso, cabeleira igualmente negra, rosto bronzeado e olhos impressionantes, penetrantes. Parecia por barbear e rústico. Não era preciso perguntar quem era; era Arigó. Cumprimentou-os calorosamente, como se soubesse donde vinham e por que estavam ali.

Longe de parecer místico, parecia um cruzamento entre um camionista simpático e um político local – ambição que, como Puharich soube depois, Arigó alimentava. Nisto, porém, era travado: nunca passara do terceiro ano.

Podiam ficar e observar quanto quisessem, disse-lhes através dos intérpretes, e estavam livres de entrevistar qualquer doente e fazer todas as perguntas. Na casa dos quarenta, Arigó parecia tão corpulento, normal e amigoso que os americanos ficaram ligeiramente desconcertados. Após o choque inicial, encostaram-se à parede de gesso rugoso e observaram os doentes a entrarem hesitantes, em fila única.

Logo à entrada havia uma sala grande, tipo celeiro, com paredes de estuque verde-limão pálido e chão de azulejos geométricos preto e branco. Bancos de madeira tosca corriam ao longo das paredes e várias filas no centro, dispostas como bancos de igreja. Tristes e abatidos, os doentes sentaram-se em silêncio nos bancos carcomidos e, quando estes se esgotaram, encostaram-se à parede. A sala, escura e bolorenta, agora apinhada, era emoldurada por várias portas. Uma dava para um quarto com dois ou três catres; estava vazio. Outra levava ao cubículo onde Arigó trabalhava. Tinha apenas uma cadeira e uma mesa de madeira grosseira. Atrás, um quadro de Cristo e um crucifixo na parede.

Nas paredes havia ainda vários cartazes manuscritos. Um grande, letras de lápis preto numa folha de papel castanho amarrotada, dizia: pense e observe o silêncio, a fé e a devoção dos outros

Mais pequenos, por baixo: não se encoste à parede pense em Jesus aguarde com ordem

Para Puharich, havia qualquer coisa de estranho e irreal na atmosfera, como se assistisse a uma cena da *Twilight Zone*. Pairava um ambiente de caos silencioso, uma mistura de expectativa e desespero. Já os intérpretes tinham transmitido que a fofoca na fila girava toda em torno do «doutor americano» que viera observar. Vários doentes lançavam olhares inquietos a Puharich e Belk.

Momentos depois, Arigó avançou para o centro da sala. Falava português com sotaque rústico de camponês. Suavemente, os intérpretes traduziam.

Não era ele, Arigó, quem curava, disse à assembleia, mas Jesus. Conhecia a angústia dos paralíticos e o desespero dos doentes. Cada homem tem a sua religião e ele não queria saber a de ninguém.

«Todas as religiões são boas», afirmou. «Não é verdade?»

Um murmúrio de concordância. Depois atacou os fetiches e encantamentos da Quimbanda, uma das seitas rituais primitivas do Brasil. Aquilo não era religião verdadeira, disse, e nunca poderia ser considerado como tal. Fosse o que fosse, o moreno e robusto Arigó era firme nas convicções, com um magnetismo único.

No instante seguinte, desatou numa tirada furiosa contra o tabaco e o álcool. Não havia ambiguidades no seu desprezo. Falava com aspereza, zangado, revelando manias e preconceitos. Bebida e jogo, dizia, eram a praga dos homens, tal como a mentira e a vigarice. Mas para as mulheres, fumar era o crime hediondo – talvez suficiente para justificar que o marido tomasse outra.

Depois, no seu modo estranho e mercurial, gracejou um instante com a assistência; de repente voltou a ficar sério e guiou-os na recitação do Pai-Nosso.

Enquanto o fazia, a convicção de que tinham vindo a Congonhas em vão cresceu na mente de Belk e Puharich. Por mais comovente e tocante que fosse a cena até então, dificilmente era ponto de partida para uma investigação científica. Arigó, mãos postas e cabeça erguida durante a oração, parecia mais um pregador de província numa tenda evangélica do que o fenómeno que excitara tanto interesse em todo o Brasil e na maior parte da América do Sul.

Terminada a oração, Arigó virou-se rapidamente e entrou no cubículo, fechando a porta. Alguns doentes mexeram-se inquietos nos bancos; outros murmuravam. Duas assistentes, raparigas morenas e jovens, circulavam discretamente, verificando a ordem da fila ao longo da parede, virando os doentes para o pequeno quarto nu onde Arigó começaria as consultas à mesa.

Num canto da sala grande, um assistente de voz suave e olhos tristes sentava-se a uma máquina de escrever antiga, à espera que a manhã começasse. Ainda não era clara a sua função para os americanos. Nem sabiam bem o que esperar de Arigó. Ele entrara sozinho no quarto pequeno. Mas momentos depois saiu, enérgico.

Parecia uma pessoa completamente diferente. Erguia a cabeça, quase com arrogância. Os olhos, antes ardentes e penetrantes, agora brilhavam com intensidade, mas ao mesmo tempo distantes, quase desfocados. Reluziam na penumbra. Falava agora com secura, como um oficial prussiano. Os intérpretes notaram um forte sotaque alemão no seu português, áspero e gutural.

Arigó apontou para outro cartaz na parede: ninguém será atendido hoje se tomou bebida alcoólica. volte amanhã sem ter bebido nada.

Depois, imperioso, caminhou até Puharich e Belk. «Venham», disse, e conduziu-os pela porta agora aberta do consultório. As assistentes avançaram a fila ao longo da parede da sala grande até à mais pequena, onde os primeiros doze doentes tomaram posição. Arigó ordenou sumariamente aos americanos que ficassem junto à mesa. «Aqui não há nada a esconder», declarou. «Fico feliz por assistirem. Garanto-vos que o que faço é seguro – e que os doentes ficam curados.» Disse-o com a segurança de um general prussiano, totalmente fora do seu anterior ar rural.

De repente, sem cerimónias, agarrou o primeiro homem da fila – um senhor idoso, bem vestido, fato cinzento impecável – segurou-o pelos ombros e encostou-o à parede, mesmo sob o cartaz pense em Jesus. Puharich, ao lado do homem, assustou-se com o gesto, perguntando-se o que viria a seguir. Sem uma palavra, Arigó pegou numa faca de descascar de aço inoxidável com cabo de pau-rosa e cravou-a literalmente no olho esquerdo do homem, sob a pálpebra, fundo na órbita.

Apesar dos anos de prática médica, Puharich ficou chocado. Ficou ainda mais quando Arigó começou a raspar violentamente a lâmina entre o globo ocular e o interior da pálpebra, empurrando para o seio com força desinibida. O homem estava acordado, consciente, sem qualquer medo. Não se mexeu nem estremeceu. Uma mulher ao fundo gritou. Outra desmaiou. Arigó depois alavancou o olho, fazendo-o saltar da órbita. O doente, ainda calmo, só se incomodou com uma mosca que lhe poisara na face. No instante em que o olho estava literalmente virado para fora, afastou-a com toda a tranquilidade.

Enquanto fazia estes movimentos, Arigó mal olhava para o paciente; a certa altura virou-se para falar com uma assistente, continuando a raspar e a cravar sem parar. Num ápice, virou-se de costas, deixando a faca meio saída do olho.

Depois virou-se bruscamente para Puharich e pediu-lhe que pusesse o dedo na pálpebra para sentir a ponta da faca sob a pele. Puharich, quase em estado de choque, obedeceu e sentiu claramente a ponta através da pele. Rapidamente pediu a um intérprete que perguntasse ao doente o que sentia. O homem respondeu com calma, sem excitação: sabia perfeitamente da faca, mas não sentia dor nem desconforto.

Arigó, ainda com sotaque alemão duro, explicou que usava frequentemente esta técnica como ferramenta de diagnóstico ou para operações oculares. Para Puharich, violava todas as técnicas médicas que conhecera em vinte anos desde Northwestern. Para Belk, licenciado em psicologia em Duke, o procedimento era simplesmente inconcebível. Sentiu-se mole e ligeiramente nauseado.

Em poucos instantes, Arigó retirou a faca, trazendo na ponta uma mancha de pus. Observou-a satisfeito, limpou a lâmina na camisa desportiva e despachou o doente. «Vais ficar bom, amigo.» Chamou o seguinte. Toda a «consulta» durara menos de um minuto.

A cena acelerou tanto que nem Puharich nem Belk tiveram tempo de recompor ideias. Puharich ainda conseguiu parar o primeiro doente e examinou-lhe rapidamente o olho. Não havia laceração, vermelhidão ou irritação. O doente explicou, através do intérprete, que se sentia perfeitamente normal, não tivera anestesia e depositava fé total em Arigó. Já o segundo doente passara por Arigó e seguia para o assistente da

máquina de escrever no canto da sala grande, com um papel onde rabiscara qualquer coisa – uma receita.

Puharich e Belk observavam incrédulos enquanto a fila avançava, ricos e pobres, todas as idades. Arigó mal olhava para eles. Para a maioria, a mão começava quase automaticamente a escrever uma receita a velocidade estonteante, como se a caneta deslizesse sobre gelo. De vez em quando levantava-se, encostava um doente à parede, limpava a faca na camisa, cravava-a brutalmente num tumor, quisto, olho ou ouvido e, em segundos, extraía o tecido ofensivo.

Sem anestesia, sem hipnose, sem antissepsia – e quase sem sangramento além de um fio. Não viram a capacidade relatada de Arigó parar o sangue com ordem verbal. Notaram, porém, que raramente fazia perguntas; o diagnóstico era mudo e instantâneo. Na rapidez e confusão das primeiras dezenas de doentes daquela manhã, Puharich limitou-se a observar.

Evidentemente, havia muito a verificar. Aquelas receitas – o que eram? Como podia Arigó escrevê-las tão rápido, mal olhando para o papel, sem analisar receita nem doente? Como obter resultados alegadamente milagrosos gastando tão pouco tempo com cada um? Como lia o assistente aquele garatuja num papel liso para a farmácia? Onde aprendera Arigó farmacologia? Como esperar terapia racional sem exame ou perguntas? Como podia um doente não sentir dor quando uma faca era cravada brutalmente numa das zonas mais sensíveis do corpo – o olho?

Essas perguntas teriam de esperar por estudo exaustivo.

Arigó parecia gastar menos de um minuto por doente. Com a língua no canto da boca, insistia que qualquer cirurgia que fizesse era mera «exame». Estava sob injunção judicial para não operar.

Recordando a cena mais tarde, Puharich disse: «Foi a primeira vez na vida que vi uma cena assim. Num minuto, do instante em que o doente se aproxima até sair, recebe receita ou é operado e sai sem dor nem incapacidade. Arigó quase não falava. Parecia um pesadelo. Belk e eu olhávamos um para o outro, mudos. Sentíamos-nos mesmo numa atmosfera de ficção científica. Belk, que não era médico, acabou por ter de sair da sala. Continuei a ver. Vai-se acumulando. As pessoas aproximam-se – todas doentes. Uma tinha um papo enorme. Arigó pegou na faca, abriu,

tirou o papo, pôs-lho na mão, limpou a abertura com um bocado de algodão sujo e lá foi ela. Quase não sangrou.

Mas não havia tempo para seguimento. Trabalhava tão rápido que era impossível apanhar um doente antes de avançar. Tínhamos medo de falar com eles logo a seguir, não fôssemos perder o que vinha depois. Esta primeira exposição ao homem foi quase demais para assimilar.»

Às onze da manhã, Arigó atendera cerca de duzentos doentes. Uma dúzia despachou sumariamente, dizendo com aspereza que qualquer médico comum resolvia o caso. Outros repreendeu ou censurou. Já houvera cerca de dez cirurgias de olho e ouvido. Cada operação durava em média meio minuto.

O ritual cirúrgico era quase sempre o mesmo. O golpe rápido, quase brutal da faca. O manuseio violento e aparentemente descuidado da lâmina sob a pálpebra ou noutra parte do corpo, a limpeza casual da lâmina na camisa.

Em nenhum caso havia procedimentos pré-operatórios – nem anestesia, nem precauções estéreis, nem qualquer sugestão hipnótica. Os doentes ficavam de pé junto à parede, plenamente conscientes, e saíam da sala sem ajuda. Puharich procurava sinais de hipnose; pelo menos explicaria parte do processo. Não havia vestígios. Se alguém parecia em transe, era o próprio Arigó. Isso, concluíram depois Puharich e Belk, poderia explicar a estranha versão que ouviram no Rio antes de partir: Arigó dizia incorporar o espírito de um médico alemão falecido, que identificava como Dr. Adolpho Fritz. Era o Dr. Fritz, afirmava, quem operava e prescrevia os complexos fármacos que escrevia a jato. Era o Dr. Fritz, médico alemão morto em 1918, quem fazia os diagnósticos instantâneos.

Tanto Belk como Puharich, com o seu historial na exploração do paranormal, estavam dispostos a examinar esta explicação bizarra de espírito aberto. Naquele dia, nem a evidência objetiva impressionante do talento de Arigó podia ser avaliada devidamente. Os factos, que se acumulavam em profusão caótica, revelavam uma certeza: Arigó violava todos os procedimentos racionais da medicina e da cirurgia. Tornava-se evidente que só um estudo extenso, prolongado e tecnicamente rigoroso permitiria uma apreciação inteligente. A ideia exótica e fugidia de uma

posse benigna por um médico alemão morto era, por ora, demasiado incrível para sequer considerar.

Pontualmente às onze, Arigó levantou-se da cadeirinha junto à mesa de madeira e declarou a sessão encerrada. Regressaria, explicou com o seu sotaque alemão rude, das duas às seis da tarde. Aos doentes que não conseguisse atender, voltaria às oito da noite e continuaria até todos estarem tratados, independentemente da hora.

Convidou os dois americanos e os intérpretes a acompanhá-lo. Atravessou a sala grande, lavou as mãos numa pequena bacia e enfiou um casaco. Ia para o emprego fixo, explicou: funcionário público no instituto de previdência social, o IAPETC. Se quisessem, podiam ir com ele; daria mais informações.

Sem cerimónias, guiou-os pela esquina abaixo, rua de paralelos abaixo, até ao edifício da segurança social. Era um centro de saúde e assistência tudo-em-um: ficheiros de pensões, consultórios médico e dentário, fila para subsídio de desemprego e o habitual cheiro a mofo burocrático. O casaco estava amarrotado e gasto. Continuava por barbear e rústico, mas movia-se com energia e dignidade enormes. O sotaque alemão desaparecera. Falava agora com a jovial grosseria de um motorista de autocarro da Baixa que trata por tu, pragueja e graceja com os passageiros.

Arigó era o rececionista. Encaminhava as pessoas para os vários serviços, ora as fustigando verbalmente, ora as confortando. O seu eu paramédico evaporara-se por completo, mas continuava imponente. Os utentes, pobres e submissos, pareciam encontrar nele carinho e calor apesar da aspereza. Para os americanos, era mais enigma do que nunca. A mudança de personalidade, do instante em que saía da clínica para o emprego, era espantosa. A rigidez prussiana dera lugar a uma amabilidade terrena. Os olhos perderam parte do brilho estranho que o marcara com os doentes. Convidou-os a percorrerem o edifício, a sentirem-se em casa.

Assim fizeram. Puharich quis ouvir o dentista e o médico de serviço. Certamente estes profissionais teriam opiniões concretas sobre o fenómeno que invadia o seu terreno e atraía uma avalanche de gente à aldeia, em concorrência direta.

O dentista do Estado foi amabilíssimo. Comentou o quanto Arigó era querido na terra, o bom funcionário que era, o quanto as pessoas gostavam

da sua bondade, das piadas e do bom humor. Quanto à atividade médica paralela, encolheu os ombros, perplexo. O médico do departamento de pensões não foi mais eloquente. Também encolheu os ombros: Arigó fazia o dele, ele fazia o seu. Admitiu que não conhecia ninguém prejudicado por Arigó e que o número de sul-americanos que vinham de propósito era fenomenal.

O horário no instituto era estranho para padrões norte-americanos: das onze às treze, depois das quatro às seis. Arigó convidou os quatro visitantes para almoçar em casa – convite aceite de imediato. A casa, na Rua Marechal Floriano, cheirava a pobreza honesta, mas estava limpa. Arlete, a mulher, era magra e sorridente; agitava cinco rapazes, todos bonitos, com os mesmos olhos castanhos profundos do pai. Trazia rolos no cabelo, sem cerimónia.

Arigó beijou-a com carinho e sentaram-se todos à volta de uma mesa tosca; Arlete espremeu quatro lugares extras entre os filhos. O almoço foi simples – feijão, arroz e frango fibroso – mas farto. Arigó comeu com vontade, riu-se, trocou piadas com os rapazes, limpou o prato em segundos. Arlete encheu-lho automaticamente e insistiu com os visitantes.

Observando a cena, Puharich não encontrou nada que sugerisse algo extraordinário no homem ou na família. A mulher era dedicada, os rapazes vivos, inteligentes, bem-educados. O ambiente era barulhento, mas afetuoso. Arigó guardara no armário as qualidades místicas que mostrara com os doentes. A mente de Puharich voltava sem cessar aos factos inexplicáveis da manhã: cirurgia sem anestesia, sem hemorragia, sem dor; a velocidade estonteante; a ausência de medo quando uma faca afiada entrava num olho. Tinha de encontrar forma de provar a si próprio e aos colegas nos Estados Unidos que não era alucinação.

Quando Jorge Rizzini, o jornalista intenso de trinta e cinco anos, chegou ao fim da tarde, parte do problema ficaria resolvido: trazia uma câmara de filmar. Belk já preparava o seu equipamento fotográfico – adiara-o de manhã até se habituar à sucessão vertiginosa de acontecimentos.

Mas bastaria o filme para convencer os cétricos? Fotografias fixas podem ser manipuladas; não convencem um cétrico duro. Filme em

movimento é quase impossível de falsificar com convicção; por isso era essencial. Puharich contava com Rizzini; esperava que filmasse bem.

Depois do almoço Arigó descansou, mas às duas em ponto estava de volta ao cubículo nu da clínica, onde a fila se formara outra vez. Alguns doentes novos vieram de autocarro fretado da Argentina. Recomeçou o procedimento inacreditável. Arigó readquiriu o estado de transe, o brilho estranho nos olhos e o sotaque alemão espesso que desaparecera no emprego e em casa. Continuou a usar a faca suja, a limpar as feridas com algodão imundo, a despedir os doentes sem pontos, a escrever receitas a velocidade de raio.

Os intérpretes entrevistavam o maior número possível de doentes, mas o processo era demasiado caótico para avaliação séria. A irracionalidade da cena continuava a sufocar Puharich e Belk.

«Lembro-me de um doente que andou por ali o dia todo», recorda Puharich. «Descalço, viera de cadeira de rodas; parecia mecânico de automóveis. Ficava ali, mesmo sem precisar da cadeira.

Perguntámos-lhe, através dos intérpretes, por que fazia aquilo. Explicou que servira na brigada brasileira na Itália durante a Segunda Guerra. Fora ferido; os dois joelhos ficaram presos, congelados. Não sabia explicar tecnicamente, mas fizera treze operações desde a guerra. Ouvira falar de Arigó e viera.

Arigó olhou para ele e disse, grosseiro: ‘Que raio fazes tu nessa cadeira, seu vadio?’ Arigó nunca hesitava em praguejar quando achava justificado. O homem respondeu: ‘Não consigo andar. Os joelhos estão presos.’ Arigó: ‘Seu vadio podre e preguiçoso. Levanta-te e anda!’ O homem protestou que não podia. Arigó repetiu a ordem. Não teve escolha. Levantou-se e atravessou a sala a andar. Arigó nem lhe tocou. O homem não queria acreditar. Mas tinha pavor que voltasse, por isso ficava por ali, só por segurança.

Examinei-lhe os joelhos – é o tipo de caso que exige estudo intensivo para confirmação total. Ainda estavam um pouco rígidos; viam-se as múltiplas cicatrizes das operações. Mas movia-se com bastante liberdade. Era o género de caso que procuraria quando voltássemos com equipamento completo e equipa. Naquele momento, convenceu-me o suficiente para justificar mais estudo.»

Quando Jorge Rizzini chegou de São Paulo, Puharich já traçara o melhor plano para filmar e fotografar no dia seguinte. Por mais improvável, ainda havia possibilidade de truque ou de uma técnica hipnótica sutil que desse alívio temporário aos centenas de doentes que passavam por Arigó.

Rizzini, porém, não alinhava nessa teoria. Tinha dois casos definitivos em casa: a mulher, com artrite incurável dada como perdida pelos médicos; a filha, com leucemia considerada fatal. Ambas vieram a Arigó; ambas foram curadas, cura confirmada pelos mesmos médicos que as tinham desenganado. Contou ainda o caso da filha do ex-Presidente Juscelino Kubitschek, tratada com sucesso por Arigó de uma doença renal que desafiara a medicina convencional na Europa e nos Estados Unidos.

A Kodak 8 mm de Rizzini não tinha zoom, mas serviria para registrar algumas operações. Puharich e Belk continuavam preocupados em obter matéria-pr brutíssima suficiente para convencer um grupo representativo de médicos americanos a juntarem-se a um estudo exaustivo. Mesmo com filme das operações pouco ortodoxas, poderiam restar dúvidas que dificultassem a persuasão. Parecia algo que só visto no local se acreditava.

Todo o dia seguinte tiraram fotografias. Puharich começou a seguir casos concretos: anotava sintomas antes de Arigó ver o doente, registava a receita ou operação. Concluiu que, para um novo estudo, seriam precisos pelo menos três médicos e vários técnicos. Histórias clínicas detalhadas, exame completo por médico qualificado antes da fila, análise dos registros que alguns doentes traziam, um médico a observar e anotar o tratamento de Arigó enquanto era filmado, outro a fazer seguimento imediato, e, por fim, consulta semanas ou meses depois com o médico de família sobre a permanência da cura e eficácia da terapêutica.

Nesse dia, Arigó cumpriu novamente a promessa: ninguém sairia sem ser atendido. Pela segunda vez consecutiva, fechou a clínica depois da uma da manhã, sem sinais de cansaço. Rizzini filmara bastante em cor; apesar do equipamento modesto, o filme bastaria para provar algumas das qualidades extraordinárias da destreza cirúrgica de Arigó.

Após a segunda longa noite de observação, os dois americanos regressaram à pequena pensão mais perplexos do que nunca. Rizzini estava mais convencido do que Puharich ou Belk, porque trouxera filmes anteriores – feitos antes da injunção judicial – de Arigó a realizar cirurgias

maiores, incluindo a remoção de um útero canceroso. E tinha os dois casos da mulher e da filha, jurando que foram medicamente confirmados.

Pelo que Belk apurara nas suas deambulações pela vila, o consenso entre os médicos locais era, curiosamente, favorável a Arigó, apesar de estes lhes tirar clientela. Os padres dos dois seminários católicos da terra mostravam reações mistas. Toleravam-no, mais ou menos; afinal Arigó fora, pelo menos outrora, católico fervoroso. Mas um sacerdote confessou a Belk que o via como aliado do demónio e esperava que o julgamento próximo acabasse de vez com as suas heresias.

Belk não encontrou um único indício de que Arigó alguma vez cobrasse. Corria que, se cobrasse, perderia imediatamente os estranhos poderes concedidos pelo «Dr. Fritz». Também não achou prova de que alguém tivesse sido prejudicado pelas práticas pouco ortodoxas. Tanto a Ordem dos Médicos Brasileira como a Igreja Católica apertavam o cerco no tribunal e, ao que parecia, procuravam em vão um único caso de lesão causada por Arigó.

Na sua cama de ferro, no quarto minúsculo do hotel, Puharich passou a noite em claro, à procura do teste definitivo – irrefutável para a medicina clínica moderna. Arigó era colaborante e sem segredos, mas não perderia tempo com sequências para câmara ou demonstrações de puro espetáculo, embora tivesse muito de showman. Só queria tratar doentes; nada devia interferir.

Para documentar Arigó a sério, seriam precisos fundos avultados e o interesse profissional de médicos qualificados, dispostos a admitir que algo estranho se passava na medicina e merecia ser investigado. Claro que haveria resistências – Puharich sentira-as ao chegar. Ainda tinha dúvidas, mas esmoreciam face à dedicação incansável de Arigó aos doentes, a maioria vinda de longe só para o ver.

Foi então, distraidamente a coçar o braço – talvez uma picada de mosquito ou pulga – que se lembrou do linfoma grande e incómodo, mas benigno, no interior do cotovelo direito. Não era perigoso; fora visto há menos de dois anos pelo seu médico, Sidney Krebs, em Nova Iorque.

Um linfoma é um tumor adiposo que rola livremente sob a pele. Raramente se torna maligno, mas pode ser grande e inestético. A causa é desconhecida. O de Puharich estava lá há sete anos: meia polegada de

altura, meia de largura, uma polegada e meia de comprimento. O Dr. Krebs sugerira extirpação cirúrgica – procedimento quase nunca feito em consultório. Exige bloco operatório esterilizado, lavagem, pintura e draping da zona.

O cirurgião faz incisão sobre o tecido adiposo, afasta-a com dois retractores, usa pinças hemostáticas e cauteriza vasos para visibilidade. Coloca outra pinça no tumor, corta-o com bisturi e cose a abertura. Antissépticos e antibióticos evitam infeção; sem eles, pode haver septicemia.

Um cirurgião médio demora quinze a vinte minutos. No caso de Puharich, o tumor ficava mesmo sobre o nervo ulnar, que comanda a mão. A artéria braquial estava perto – outra complicação possível. Por isso hesitara; como não incapacitava, aprendera a conviver com ele.

Mas uma operação mal feita podia incapacitar para sempre: paralisia dos dedos por lesão do ulnar, ou hemorragia grave se a braquial fosse cortada.

Não era, pois, coisa leve. Mais tarde, Puharich recordou: «Quando senti o linfoma, ali deitado, pensei: aqui está algo legítimo para Arigó trabalhar. Já via que não se brincava com ele; tinha de ser real. Disse para mim: boa ideia. Vou ver se opera isto e o que acontece. Sei o que é; vou testar se fingem a ausência de dor. Vou saber em primeira mão como funciona o processo. Se infeccionar, voo para o Rio. Simplesmente não acreditava no que via. Era uma forma de provar a mim e aos colegas que não alucinávamos.»

A decisão não foi fácil. Mas era o teste perfeito. Puharich descobriria em carne própria o que significava operar sem anestesia, sem antisepsia, sem pontos – e se Arigó conseguia mesmo evitar hemorragia grave.

Decidido, virou-se no catre rangente e adormeceu.

Em São Paulo, um grupo de médicos e cirurgiões altamente qualificados do maior hospital da cidade – alguns formados nas melhores faculdades americanas – reúne-se regularmente com médiuns. Acreditam que estes recorrem ao saber de médicos falecidos para diagnósticos e terapêuticas que mais ninguém fornece. Afirmam que os resultados clínicos e terapêuticos são espantosos, muito além das técnicas médicas modernas.

As sessões não têm aura mística, mas pragmatismo. Os médicos kardecistas não acham que os médiuns substituam a formação; complementam-na. A razão vem da ideia de que o avanço veloz da ciência deixou verdades por explorar. Mais concretamente: o feiticeiro ou curandeiro, apesar das danças e ervas misteriosas, usava técnicas eficazes que a ciência materialista descartou por estarem envoltas em superstição e rituais de magia negra.

Há provas. Tranquilizantes modernos como a reserpina (muitos nomes comerciais) estiveram esquecidos; a planta indiana *Rauwolfia serpentina* fora usada na Índia e na Nigéria durante séculos. O curare, adjuvante anestésico, é veneno resinoide de plantas tropicais; os índios brasileiros punham-no nas flechas. Cientistas da Universidade de Ibadan, Nigéria, cristalizaram uma poção de curandeiro que provoca remissão espantosa em tumores malignos; testes iniciais em ratos de laboratório deram 100 % de remissão.

Pela primeira vez, a acupunctura é levada a sério pela ciência.

Mas o mais interessante são os estudos recentes na mesma universidade sobre métodos de curandeiros nigerianos na psicose. Descobriram validade considerável nesta psiquiatria tribal primitiva, parte da qual parece destinada a uso terapêutico moderno. Um aspeto crucial é a aceitação do conceito outrora ridicularizado de «possessão» – tomada da psique de um vivo por uma personalidade falecida.

No Brasil o quadro é ligeiramente diferente. O kardecismo chegou de França trazido por intelectuais. Os primeiros aderentes, meados do século XIX, foram advogados, médicos, oficiais do exército, cientistas, engenheiros, artistas, educadores. Entre a população menos instruída correu paralelo um sincretismo estranho: cultura religiosa africana e catolicismo imposto, da Quimbanda primitiva nos terreiros de macumba à Umbanda menos primitiva, mistura de catolicismo e crenças iorubás. Ambas

nasceram na escravidão, ambas abraçaram possessão e ritos mágicos. A Umbanda, suavizada pela ética cristã e santos católicos e tribais, rejeitou a magia negra. A Quimbanda não. Ambas eram «espíritas».

O resultado: três camadas de crença espírita no Brasil moderno – da Quimbanda primitiva à Umbanda refinada e ao kardecismo intelectualmente elegante. Embora o catolicismo reclame a maioria, na prática fecha os olhos às práticas espíritas.

Era este o ambiente que Puharich e Belk enfrentavam em Congonhas do Campo. Nenhum sabia ao certo o que esperar, mas Puharich manteve-se firme na manhã seguinte: deixaria Arigó operá-lo.

Ao pequeno-almoço contou aos outros. Surpreenderam-se; houve preocupação. Belk, com uma hérnia discal lombar, disse que aceitava medicação de Arigó – mas cirurgia era outra conversa. Puharich, porém, estava decidido. Dirigiram-se à clínica para o terceiro dia consecutivo.

Os preparativos para filmar estavam feitos. Belk: Polaroid a preto e branco. Um intérprete: Minox B, mesmo filme. Rizzini: Kodak 8 mm a cores, filme Kodak II. O outro intérprete: luz.

Puharich decidira ainda pedir a Arigó o «exame» ocular com a faca de cozinha – especialidade da casa. Com os dois testes filmados, as capacidades de Arigó ficariam comprovadas, para o bem ou para o mal.

Aproximaram-se. Puharich perguntou, via intérprete, se Arigó faria a cirurgia no braço e a sonda ocular. A sala apinhada calou-se; pairou expectativa. O doutor americano ia juntar-se a eles. Arigó atirou a cabeça para trás, riu-se e disse que sim, claro. Virou-se para a multidão: «Alguém aqui tem uma boa faca de bolso brasileira para usar neste americano?»

Puharich gelou, mas não podia recuar. Meia dúzia de canivetes surgiram de imediato. O ambiente tornou-se quase carnavalesco. Belk mal conseguia olhar; mexia nervosamente na Polaroid.

Arigó examinou os canivetes com olho crítico. Eram uma coleção variada; alguns pareciam baços e enferrujados. Rejeitou vários e acabou por escolher uma versão brasileira do canivete suíço.

Enquanto o intérprete traduzia, Arigó falou com a sua jovialidade rústica: «O cientista americano tem coragem», disse, bem-disposto. «Merece plateia. Vou demonstrar a este materialista o que um espírito

consegue. Mas ele tem razão, irmãos. Um cientista tem de arriscar tudo. Pasteur não arriscou com os micróbios? É isso que faz um bom cientista. Não os que têm medo de vir a Congonhas. Agora vamos mostrar-lhe algo que nunca viu nos Estados Unidos.»

O preâmbulo era típico do estilo camponês de Arigó, mas pouco tranquilizador.

«Primeiro o braço», anunciou. «Dobre a manga, doutor.» Tudo corria tão rápido que Puharich virou-se para confirmar as câmaras. Rizzini já alinhava a de filmar; Belk e o intérprete pareciam prontos com as de fotografar. Os três estavam visivelmente tensos. Era toma única; não haveria repetição. Puharich, tão ansioso com o registo como com a operação, pediu ao outro intérprete que refletisse a luz da pilha no teto para não queimar a imagem. Virou-se de novo, pronto a ver Arigó cortar.

Mas Arigó mandou-o olhar para o outro lado. Quando Arigó ordenava, discutir era inútil. Puharich obedeceu, ajustando câmaras e luzes.

Em menos de trinta segundos – alguns disseram menos de dez –, sentiu algo molhado na palma, junto com o canivete. Baixou os olhos: o linfoma ensanguentado e a faca usada. No braço, onde estava o tumor, uma fenda pequena, com um fio de sangue, menos de cinco centímetros. A pele ficara lisa; o volume desaparecera.

Puharich ficou atordoado. Não sentira dor no braço. Apenas uma leve pressão vaga. Os outros assistiram boquiabertos. Rizzini começara a filmar antes e não parou. Arigó raspou a faca na pele e, em segundos, arrancou o linfoma com as mãos. Totalmente alheio a qualquer protocolo cirúrgico.

Arigó sorriu e transmitiu a mensagem do Dr. Fritz: «Isto é só uma demonstração – para que acreditem. Acho que todos os médicos do Brasil deviam vir cá e fazer o que o senhor fez. Depois do processo, volte, Dr. Puharich, que farei uma grande operação.»

Puharich sentiu-se, de certo modo, insatisfeito. «Não senti absolutamente nada. Não acreditava que tivesse acontecido, mas aconteceu, sem erro possível», diria depois. Pediu logo o procedimento do olho, mas Arigó recusou: «Já chega por hoje. E o senhor não tem nada no olho.»

Belk tirava o filme Polaroid – a foto do instante da incisão. Estava queimada. O intérprete da Minox paralisara de medo e esquecera-se de

disparar. Só o filme de Rizzini poderia documentar a incisão – e só se saberia em São Paulo, após revelação. Antes e depois, porém, havia dezenas de fotos e metros de filme do antebraço; esses passos estavam bem registrados.

Havia ainda outro teste crucial. Arigó não lavara nem desinfetara pele nem faca. Tudo sujo. A septicemia era risco real sem antibióticos imediatos. Se a ferida cicatrizasse limpa, nova prova dos poderes de Arigó. Puharich decidiu: nada de antissépticos nem antibióticos, a menos que infecionasse gravemente. Deixou apenas que Altimiro, o assistente de voz doce que datilografava receitas e fazia pensos, colasse uma gaze não estéril.

Sentiu que transpusera o grande obstáculo. Podia confirmar: não era zona crepuscular; era real e válido. Com um canivete, uma lata de biscoitos como estojo, uma caneta gasta e um bloco de papel, o camponês brasileiro tratava mais doentes num dia do que um grande hospital universitário numa semana. Fosse o que fosse, Arigó era um gênio médico indefinível.

Puharich e o intérprete encurralaram Arigó para conversa séria. Perguntaram se algum médico fizera estudo sério. Arigó respondeu: poucos vieram; alguns apoiaram, mas a Ordem dos Médicos e a Igreja Católica eram contra ele. Lamentava a Igreja, pois fora católico devoto e punha toda a fé em Cristo. Não se atribuía mérito algum. Não devia fazer operações; no passado fizera grandes, em público, sem uma morte ou lesão. Confessou que, se um doente precisasse agora, talvez operasse em privado, apesar do risco.

Perguntado se o incomodaria uma equipa médica para investigação, respondeu que, feita com rigor, ajudá-lo-ia imenso; ninguém validara cientificamente o seu trabalho. Alguns doentes eram médicos, mas calavam-se por medo de represálias. Bispos, freiras, padres vinham tratar-se, mas a Igreja mantinha-se contra. O governo, tecnicamente, também. O procurador de Minas Gerais formalizava as acusações. Advogados, juízes, deputados – muitos tratados por ele – eram solidários, mas de mãos atadas pelo Código Penal.

Precisava de apoio público; uma confirmação científica ajudaria. Com a colaboração de Arigó garantida, Puharich prometeu regressar o mais breve possível.

Antes de partir, Belk pediu receita para a lombar. Arigó olhou-o de relance; a mão direita escreveu automaticamente. Altimiro datilografou-a a metralhadora.

Puharich achou a receita grotesca para dor lombar – irracional. Doses altíssimas: cápsulas de vitamina B12, Novazolon e Livisym (enzimas digestivas), Pankreon (enzima pancreática). Medicamentos de marca brasileira, de uso ético normal – mas a combinação não fazia sentido. Belk, porém, aceitou arriscar, tal como Puharich na cirurgia. A sua hérnia discal resistira a anos de tratamento intensivo; radiografias americanas mostravam compressão vertebral lombar. Levaria tempo a provar – se provasse. Belk estava cético.

As explicações para as receitas de Arigó eram vagas. Doentes juravam que funcionavam só com ele. Puharich copiara várias; estudá-las-ia depois. Nenhum médico conhecido prescreveria aquilo para vértebra comprimida. Por muito boa-vontade, talvez beneficiasse sangue e digestão, melhorando o estado geral. Era forçar. As enzimas eram fermentos naturais, para reforçar sucos gástricos. A farmacologia de Arigó era tão misteriosa como a cirurgia.

Ao fazer a mala, Puharich repassava mentalmente a operação. Rizzini convencera-o: menos de dez segundos. Contra quinze ou vinte minutos convencionais – incrível. O filme confirmaria, se saísse bem. A falha das fotos fixas irritava, mas compreensível: tensão alta; alguns doentes choraram. Tudo o que Arigó fazia mexia com emoções. Talvez aí estivesse parte do segredo.

Recordava apenas um leve beliscão. A incisão era menor que o linfoma – contra a rotina. Belk e Rizzini viram: retirado à mão, sem instrumento; pareceu saltar. Além da ausência de dor e hemorragia, o método em si: raro cirurgião trabalhar tão rápido sem lesar o nervo ulnar. Arigó desafiava abertamente precauções médicas – mas repetia que o mérito era do Dr. Adolpho Fritz, médico alemão que, desde 1918, aprendera muito de farmacologia e cirurgia. Bizarro demais. Mas a prova material estava ali: o tumor, intacto, num frasco de vidro.

Também era facto: não encontraram vestígio de que Arigó aceitasse dinheiro ou prendas. «Nem um café», dissera o presidente da Câmara, José Theodoria da Cunha, a Belk. O autarca confirmara o que ouvira dos

médicos locais: quase todos na vila só tinham elogios, incluindo a maioria dos clínicos. O irmão do mayor, médico em Belo Horizonte (formado em St. Luke's, Kansas City, 1952), estava perplexo, mas confirmava sem hesitar.

Nas notas, Belk escreveu: «Sem dúvida, o “médico” mais atarefado e rápido que vi. Supera a linha de montagem de Henry Ford. Todos os doentes são graves; alguns entram de maca. Lourdes ficaria em segundo, e mal. A concorrência será feroz se Arigó ganhar o processo...

Quando for julgado por exercer sem licença, será culpado – curou milhares. Pode passar receitas a torto e a direito, o que nos espantou. Quando enfiou a faca no olho do primeiro doente e a mergulhou atrás do globo, temi que saltasse, além do risco de infecção com faca de cozinha.

Deixo o meu endereço a Arigó; ofereci-lhe bilhete para os EUA. Para mim, provou o caso. Como me disse um taxista na estação: “Claro que conheço o Arigó. Trago-os doentes de Belo Horizonte e volto com eles curados.” Acredito no homem.»

Na estrada para Belo Horizonte, contornando os precipícios de Minas, Belk e Puharich concordaram: médicos da América e Europa deviam vir, estudar, explicar. Como? Outra história. Arigó ultrapassava os limites aceites da parapsicologia, quanto mais da medicina. Quando os altos edifícios brancos de Belo Horizonte surgiram sobre as montanhas verdes, ambos sabiam: havia um trabalho gigantesco pela frente – e precisariam de toda a ajuda para convencer outros investigadores de que valia a pena.

Em Belo Horizonte, Belk mandou aviar a receita esdrúxula. Custou cerca de quinze dólares americanos. Sentiu-se meio envergonhado ao tomar os comprimidos e não conseguiu reunir grande confiança de que servissem para algo. Por outro lado, os milhares de relatos sobre doentes de Arigó sugeriam que o mistério brasileiro era mais importante do que os fármacos. Seria, então, um raríssimo efeito placebo indefinido?

Apesar do espanto com a destreza indolor de Arigó e o canivete, Puharich não conseguia afastar a ideia de que acabaria com septicemia. Apalpava o braço a toda a hora, à procura das riscas vermelhas ou de qualquer sinal de tétano. Mas, no dia seguinte, a ferida já cicatrizava limpa, sem o menor vestígio de infecção. Não conseguia abrir a fenda; não saía

uma gota de pus. Continuou sem antissépticos, limitando-se a mudar o penso.

Nem Puharich nem Belk tinham muito tempo livre para montar o grande estudo que desejavam. Embora a Belk Research Foundation tivesse sido criada para unir biologia, medicina, física, química e outras disciplinas no estudo do paranormal, Henry Belk ainda geria, como executivo principal, a cadeia de mais de 350 lojas de departamentos que levavam o seu nome por todo o Sul. O trabalho comercial era absorvente, mas a paixão pela parapsicologia, nascida nos bancos de Duke, refletia-se na fundação.

Belk, homem alerta e franco, com sotaque sulista arrastado, andava inquieto havia anos com a lentidão no entendimento da profundidade da mente humana e na exploração do seu potencial. Intrigavam-no os novos sinais na psicologia experimental e a atenção científica que começava a voltar-se para os místicos orientais, que há séculos demonstravam controlar processos involuntários do corpo – algo que a ciência moderna mal olhara.

Havia vastos territórios inexplorados; Belk queria avançar num trabalho há muito negligenciado. Não era homem para se deixar enganar por impostores. Em qualquer projeto que patrocinava ou integrava, ia direto à veia jugular à procura de fraude.

Procurara truques em Arigó e não encontrara. Puharich fizera o mesmo. Em parapsicologia, o investigador experiente verifica sempre a possibilidade de embuste – há charlatães a mais para arriscar. Qualquer médico que mostre o mínimo interesse em par19 ou cura psíquica é automaticamente criticado; Puharich sabia-o bem. Já levava a sua dose, mas aceitava-o, desde que tivesse a certeza de não ser enganado.

Formado em Northwestern, Puharich fizera investigação em fisiologia, internato e residência em Oakland, académico em eletrobiologia experimental pela General Foods. Licenciado na Califórnia, Maine e Nova Iorque, especialista em medicina interna.

O seu objeto atual era desenvolver aparelhos auditivos transdérmicos: sinais elétricos através da pele, traduzidos em «palavras» para surdos profundos. Este e outros trabalhos em bioengenharia ampliaram o interesse em fundir técnica com telepatia e PES. Era frequentemente convidado a apresentar comunicações em organismos governamentais e científicos que

sondavam o paranormal: base bioquímica da PES, instrumentação e controlo. Falara ao Departamento de Defesa, Laboratório de Investigação Médica do Exército, Institute of Radio Engineers, 6.º Distrito Naval – neste último, com demonstração de Peter Hurkos em telepatia e clarividência.

Ajudava ainda uma equipa de investigação cardiovascular na NYU no desenvolvimento de sistemas eletrónicos e mecânicos para assistência ventricular. Ambos os projetos eram exigentes. Mas, como Belk, estava convencido de que os avanços recentes na exploração da mente justificavam estudo sério e sacrifício de tempo pessoal.

Em São Paulo, a primeira notícia de Rizzini foi que o filme saía perfeito. A operação, disse ao telefone, aparecia nítida apesar da câmara 8 mm e da lente simples. Rizzini tinha ainda os filmes anteriores, feitos antes do processo, com cirurgias mais complexas.

Foram imediatamente ao apartamento. O projetor estava pronto. Repetiram a operação de Puharich várias vezes.

Puharich estudou-a com atenção. Rizzini exagerara: foram cerca de cinco segundos, não dez. Em vez de incisão direta, Arigó parecia raspar a lâmina na superfície do braço, movendo-a tão rápido que era quase impossível perceber como. Se o tumor não tivesse desaparecido e se Puharich não guardasse o linfoma num frasco, quase pensaria em prestidigitação – truque usado por alguns vigaristas nas Filipinas. Em segundos, o linfoma estava fora; um fio de sangue escorreu.

O filme era prova irrefutável do evento e afastava qualquer hipótese de alucinação coletiva, já antes improvável. A ferida continuava a cicatrizar limpa; nem pus, nem envenenamento. Dois factos medicamente improváveis: remoção do tumor e ausência total de infeção. Pouca dúvida: Arigó operava num compartimento desconhecido da medicina, com potencial mundial. As sequências seguintes confirmavam-no.

Nas operações oculares, a lâmina afiada raspava o olho aberto, mergulhava fundo nos seios, era manobrada com força, alavancava o globo para fora da órbita – e, após exame cuidadoso, sem lesão. Em condições normais, a dor seria insuportável. Num filme anterior de Rizzini, uma catarata foi extraída em segundos de um doente consciente e imóvel. Um oftalmologista qualificado confirmara o sucesso.

Outro doente, consciente, com hidrocele gigante – testículo inchado ao dobro ou triplo. Arigó cravou uma seringa enorme, drenou o líquido para uma garrafa vazia de Orange Crush. Transbordou; substituíram por uma de Coca-Cola. Durante todo o processo, normalmente agonizante, o homem ficou calmo, até sorriu à câmara. No fim, com litros retirados, Arigó disse: «Agora podes casar.»

Sequência invulgar: abscesso grande nas costas. Arigó cravou a faca com brutalidade, cortou fundo na zona lombar – rica em vasos, propensa a hemorragia. Quase não sangrou. Drenou o abscesso e passou o doente a Altimiro para terminar. O doente, calmo e sem dor enquanto Arigó operava, gritou assim que Altimiro lhe tocou. Ou seja: o poder que permitia a Arigó cortar sem dor numa das zonas mais sensíveis do corpo não era transferível ao assistente.

Apesar das provas claras nos filmes, dos dados preliminares e da observação direta de centenas de casos, a batalha para angariar apoio seria dura. O simples facto de Arigó afirmar ser «incorporado» pelo espírito de um médico alemão morto bastava para afastar a maioria dos cientistas. Incomodava Puharich e Belk, esticava a credulidade. Aceitar a evidência empírica já era difícil; adicionar um conceito tão alheio à mente prática podia fechar portas antes de as abrir. E, no entanto, Arigó insistia: era a essência do seu dom. Longe de explicar, era obstáculo. Um cientista que comesse uma comunicação com «Arigó e o Dr. Fritz» seria vaiado.

Havia mais: outros «espíritos» – cirurgiões falecidos de várias nacionalidades, um monge do século XIII. Belk ouvira isso em Congonhas e detestara; toldava a questão central: Arigó curava de formas que desafiavam a ciência médica? Como e porquê? Ambos estavam prontos a responder sim à primeira; o como e o porquê ficava obscurecido por folclore que os métodos atuais não alcançavam. Ambos admitiam o potencial paranormal, mas temiam embuste.

Ainda mais perturbadora fora a conversa com Altimiro sobre outro «explicação». Belk anotou: «O ponto mais interessante que Altimiro disse foi que Frei Fabiano de Cristo (o monge do século XIII, suposto auxiliar de Arigó) tinha um raio verde – fonte da eficácia das operações. Anulava a dor, a necessidade de antissepsia, controlava o sangue, etc. O raio era invisível para Puharich e para mim. Decerto Arigó e os ajudantes não o explicam; após cinco anos, aceitam. Talvez precise de óculos escuros.»

Puharich preferia arquivar Dr. Fritz e colegas e concentrar-se nos factos médicos empíricos. Já era trabalho gigante, sem esta complicação brasileira enraizada no kardecismo.

Ao deixarem São Paulo para o Rio, os dois investigadores toparam com o pano de fundo deste espiritismo intelectualizado. O espiritismo difere do espiritualismo: enfatiza a cura. O espiritualismo, em voga na Inglaterra e EUA na era de William James, sobrevive com menos fulgor. Ambos creem que médiuns legítimos documentam telepatia, clarividência, precognição e, por vezes, comunicação com falecidos.

Os espíritas vão além: estudos de médiuns por investigadores como William James, Sir William Crookes e outros da época mostraram que a escrita automática – o médium como instrumento de um espírito alegado – apontava inevitavelmente para contacto com o «mundo espiritual». Os kardecistas brasileiros, médicos e cientistas, afirmavam que esse poder paranormal podia ser canalizado para uso médico e dispunham de provas suficientes de resultados em doentes que a medicina moderna não ajudava.

No Rio, Belk e Puharich aprofundaram esta atitude corrente com John Laurance, engenheiro executivo da RCA e NASA, e com Luís Rodriguez, fabricante farmacêutico reformado que dedicava quase todo o tempo a tentar articular a psiquiatria moderna com as pepitas de verdade e técnica extraídas de um peneirar cuidadoso da psiquiatria e medicina primitivas. Achava que Freud, Jung, Adler e os outros pioneiros tinham ficado muito aquém das raízes reais da psicose e neurose. Só concedia que as teorias da era freudiana valiam até certo ponto.

Rodriguez concordava com Puharich e Belk: a PES e outros aspetos da mediunidade existiam sem dúvida, mas a esmagadora maioria dos que se diziam médiuns eram fraudes descaradas ou mágicos de entretenimento. Os três também concordavam que a cura psíquica existia em várias formas, desde Jesus e antes até ao psiquiatra moderno no tratamento de perturbações psicossomáticas. Concordavam ainda noutros aspetos mais esotéricos da parapsicologia, mas o ponto central de Rodriguez era que este tipo de fenómeno grassava por todo o Brasil e que Arigó era apenas um de muitos a exhibir poderes semelhantes. Os outros não eram tão teatrais cirurgicamente, mas apresentavam provas robustas de curas quase impossíveis em doentes desenganados.

John Laurance corroborava a avaliação da cirurgia quase milagrosa de Arigó. Também estava convencido de que não havia truque, ao contrário do que se descobrira nos curandeiros filipinos. Mas achava que Arigó devia ser visto no contexto de toda a cena de cura psíquica historicamente enraizada no ambiente brasileiro. Após estudo cuidadoso, Laurance concluíra que era impossível negar a realidade dos resultados obtidos por médicos kardecistas que, apesar da sólida formação convencional, recorriam a médiuns para reforçar diagnósticos e tratamentos.

Como estudante cauteloso do paranormal, Laurance verificava que, quanto mais aprendia, menos importância davam os elementos fanáticos, supersticiosos e ruidosos – desde que aplicasse a mesma luz fria da razão que usava no trabalho científico para filtrar o ruído. A sua formação era altamente técnica e rigorosa. Trabalhar com sistemas de veículos espaciais avançados e programas de satélites da NASA não permite erros; trazia a mesma disciplina às investigações paranormais.

Laurance impressionava-se com o facto de os kardecistas brasileiros terem fundado dois grandes hospitais associados a faculdades de medicina que formavam mais de dois mil alunos em cursos de quatro anos. Combinavam o estudo da medicina tradicional com o uso prático de médiuns como adjuvante que fornecia terapêutica simplesmente indisponível nos canais da medicina ortodoxa. Assim obtinham curas que de outra forma seriam inalcançáveis.

Uma das técnicas ali usadas era uma forma de cirurgia psíquica considerada mais sofisticada do que a de Arigó. Empregava médiuns que se diziam instrumentos de um grupo de médicos e cirurgiões falecidos, tal como Arigó. Ambos seguiam, pois, um dos princípios de Allan Kardec: *O mundo espiritual está em contacto constante com o mundo material, reagindo continuamente um sobre o outro*. Kardec, sabendo como seria difícil engolir este postulado para o mundo cético, acrescentava: *Foi o que os próprios espíritos ditaram. Se a vossa razão disser “não”, rejeitai-o*.

Havia, evidentemente, muitos que o rejeitavam, mas no Brasil havia muitos que não. Incluía os kardecistas cultos e as massas incultas de umbandistas e quimbandistas. Era entre estes aderentes, e outros dispostos a experimentar quando tudo o resto falhava, que atuavam os médiuns psíquicos formados pelo kardecismo.

A técnica consistia em operar o que os kardecistas chamam corpo espiritual ou etérico. Os médiuns usavam instrumentos cirúrgicos reais; o doente era colocado numa mesa de operações. Seguiam-se todos os gestos da cirurgia normal, mas sem incisão, pois os movimentos eram feitos a centímetros do corpo. A cena tornava-se uma pantomima exata de operação num hospital moderno. A teoria: operavam o corpo espiritual, que consideravam bem real, e os resultados manifestar-se-iam no corpo físico. Um número enorme de casos bem-sucedidos fora verificado por médicos responsáveis, mas o conceito de cirurgia psíquica era tão alheio ao comum dos mortais que o processo permanecia largamente desconhecido no Ocidente.

Do ponto de vista norte-americano, a natureza radical do conceito era tão remota que cientistas qualificados o despachariam de imediato. Prova de que a investigação futura iria muito além de Arigó era o facto de médicos da Força Aérea Brasileira estudarem outro médium no norte do país que realizava operações muito semelhantes às de Arigó.

Puharich e Belk ficaram intrigados, mas documentar Arigó já era tarefa gigantesca. Estudar Arigó pelo menos lidava com cirurgia real, mesmo que a causa subjacente se perdesse no longínquo desconhecido. Arigó oferecia um foco clínico claro, por mais estranho. E mesmo aí os problemas eram monumentais. Só delimitar o alcance da investigação seria exigente. Por tentador que fosse alargar o estudo ao que se passava noutros pontos do Brasil, seria simplesmente impraticável.

Rodriguez propôs teorias interessantes que iam além de Arigó. Achava que os conceitos kardecistas, basicamente para lá das crenças místico-religiosas do passado, podiam ser organizados e apresentados de forma objetiva e factual que solicitasse a ciência a ajudar a romper a natureza e mecânica destes fenómenos esotéricos. Como resultado, romper-se-ia igualmente em medicina, eletrónica, até economia e política. E, por fim, a natureza básica do homem poderia ser desenvolvida até ao nível do seu progresso materialista descontrolado.

Rodriguez insistia na teoria de que a psiquiatria moderna contornara muitas verdades ao ignorar a inclusão do chamado mundo espiritual pelo curandeiro primitivo na psicose e neurose. Arigó, ao mostrar o que um camponês simples e iletrado conseguia, simbolizava esse vazio na

investigação moderna. Rodriguez encorajou Belk e Puharich a prosseguir com força e ofereceu toda a ajuda quando regressassem ao Brasil.

Todo o complexo fenómeno andava no ar por quase todo o Brasil, com alguns ecos na Europa e América do Norte. Mas domar esse vento era outro problema. Quando Belk e Puharich se preparavam para deixar o Rio, a imprensa agarrara a operação de Puharich e espalhara-a pelo país em manchetes flamejantes. Arigó rivalizava com Pelé na cobertura mediática brasileira.

A história da operação de Puharich causou sensação. Incomodou Puharich e Belk: o sensacionalismo podia afastar o apoio responsável de que precisavam. Prenunciava também os problemas de um regresso para investigação mais profunda. Não era coisa para fazer dentro de uma redoma. Uma imprensa ampla seria prejudicial se alguma notícia chegasse aos Estados Unidos antes de os factos serem avaliados e postos em perspectiva.

Para estruturar a investigação, Puharich teria de começar pelo concreto e medicamente reconhecível. Daí, a exploração teria de sair da órbita convencional, pela própria natureza do que Arigó fazia. Mas o primeiro era o primeiro. Um facto básico: quando Arigó usava faca, havia provas esmagadoras, senão prova cabal, de que não doía. Segundo: ao cortar o corpo, a ferida não sangrava, ou parava ao comando verbal de Arigó. Terceiro: a ferida da faca suja não infetava. Estas três coisas teriam de ser examinadas medicamente de todos os ângulos. Para onde levaria o rasto, ninguém sabia.

Revendo as notas das observações diretas e das sequências filmadas, Puharich tentava justificar o que vira à luz da sua formação médica. Pensava especialmente nas operações de catarata que Arigó fizera com tanta facilidade e velocidade – segundos. Na cirurgia convencional, o doente é imobilizado sob anestesia profunda. Lavagem e esterilização completas são imperativas. A operação – remover a lente opaca – demora dez a trinta minutos. Arigó, com mãos e faca a voar, parecia cravar descuidadamente a lâmina na córnea de um doente consciente encostado à parede, e a lente saltava quase magicamente. Mas não havia magia nem prestidigitação: Puharich examinara o doente antes, durante e depois, e verificara que a lente fora removida. Quanto mais refletia, mais incrível.

Ou a drenagem de hidrocele, vista claramente no filme. Alguns são classificados como elefantíase: o escroto torna-se gigantesco pelo acumular de fluido linfático. Em casos extremos usa-se carrinho de mão. Causado geralmente pelo nematoide (*verme redondo*) *Wuchereria bancrofti*.

O procedimento médico habitual é drenar com agulha para alívio temporário, após anestesia total. Repete-se, com antibióticos. Mas não desobstrui os canais linfáticos. Por vezes amputa-se o testículo. Arigó drenava sem anestesia e, diziam, curava permanentemente.

Era este tipo de coisa, com as miríades de outros tratamentos de Arigó, que teria de ser examinado e analisado. Quando Belk e Puharich regressaram aos Estados Unidos, Puharich já esboçava as áreas a explorar. Toda a história pessoal de Arigó teria de ser recolhida e estudada.

Quais as raízes desta capacidade? Como se formara o seu fundo psicológico e o que o influenciara? A infância? O que o lançara nesta carreira invulgar? Como trabalhava tão incansavelmente, centenas de doentes por dia? Onde aprendera farmacologia? A teoria do «Dr. Fritz» era tão incrível que custava considerar. A caligrafia de Arigó era tosca, mas a ortografia dos fármacos mais complexos era correta – de antibióticos a cortisonas, das maiores farmacêuticas mundiais. E escritos a velocidade relâmpago. Era essencial responder a tudo para compreender o fenómeno.

Belk também refletia. O mais difícil era enquadrar o observado nas disciplinas da parapsicologia. Mas uma prova bem real ocupava-lhe a mente: três semanas após começar a tomar a receita medicamente irracional de Arigó, a dor nas costas desaparecera.

Em 1950, treze anos antes de Puharich e Belk chegarem a Congonhas do Campo em expedição de investigação, o senador brasileiro Lúcio Bittencourt jazia na cama do quarto no Hotel Financial, em Belo Horizonte. Mil pensamentos contraditórios cruzavam-lhe a mente. A campanha para as eleições nacionais e estaduais daquele ano era dura e vigorosa.

Não só se recandidatava ao Senado, como aceitara percorrer a imensidão montanhosa de Minas Gerais em nome de Getúlio Vargas, o quixotesco candidato presidencial que dominara a vida política brasileira durante anos. Vargas preparava agora um regresso, após cinco anos de hiato impostos por uma junta militar. Com duas campanhas – uma por Vargas, outra por si –, o senador Bittencourt tinha as mãos cheias.

Mas havia outra complicação, grave. O médico no Rio informara-o de que os exames laboratoriais revelavam cancro do pulmão e que a única esperança era operação imediata. Caso contrário, poucas hipóteses de sobreviver. Recomendara cirurgia nos Estados Unidos, onde algumas técnicas para aquele tipo de intervenção eram mais avançadas.

O senador Bittencourt tencionava seguir o conselho do médico. Mas estava tão empenhado na luta política que adiou a decisão até terminar a volta por Minas Gerais. Dedicado à causa do Partido Trabalhista Brasileiro, acreditava que só Vargas continuaria a defender melhores condições para os trabalhadores e avanços na agricultura e educação.

Parara recentemente em Congonhas do Campo. Apesar de pequena, a aldeia era politicamente importante: ficava no coração do distrito mineiro de ferro, onde os mineiros lutavam contra a pobreza e condições de trabalho deploráveis.

Ficara impressionado com o dinâmico ex-presidente sindical de trinta e dois anos que o recebera. Chamava-se José Pedro de Freitas, forte como um touro, extremamente vital e líder nato, dedicado aos trabalhadores. Em pouco tempo descobriu que José era conhecido por toda a parte como Arigó – palavra que, no Brasil, significa mais ou menos «caipira jovial», mas que todos usavam com carinho.

O senador reconheceu depressa o magnetismo e a simpatia rústica de Arigó. Este, indignado com as condições dos mineiros, garantiu ao senador o apoio do sindicato. Agradecido, Bittencourt convidou-o a levar um grupo de mineiros a Belo Horizonte para um comício no dia seguinte.

Chegados à cidade, o comício fora adiado vinte e quatro horas. O senador convidou Arigó a pernoitar no Hotel Financial, arranha-céus moderno na Avenida Afonso Pena, na cidade nova e em crescimento. Arigó, que tinha pavor de elevadores, aceitou, mas subiu três lanços a pé. À noite juntaram-se a outros ativistas num churrasco na Churrascaria Camponês: carnes grelhadas em montes, feijão preto com cebola, alho e especiarias, arroz de galinha com ovos cozidos e azeitonas. Noite festiva, com cerveja de barril a transbordar. Arigó bebeu um ou dois copos de vinho – raramente bebia.

A farra durou até tarde. Apesar das preocupações com a saúde, o senador entrou na onda e esvaziou vários canecos da sua cerveja preta favorita.

Já depois da meia-noite, senador e Arigó regressaram ao hotel, atravessando as avenidas largas e desertas. Bittencourt não conseguia dormir. A tensão da campanha e a doença não o deixavam descansar.

Não soube quanto tempo esteve a dar voltas na cama. Quando julgava adormecer, a porta abriu-se. Na penumbra do corredor, não distinguiu quem era. A silhueta lembrava os contornos robustos de Arigó; ao acender-se a luz, era ele.

Arigó segurava uma navalha. Olhos vidrados, olhar perdido, como se não visse nada à frente. Atravessou o quarto até à cama; o senador, boquiaberto, não disse palavra. Sentiu-se desfalecer, a visão toldada, a figura de Arigó desfocada. Mas, por algum motivo, não sentiu medo. Talvez alucinasse, pensou. Não gritou, não falou. Ouviu apenas a voz de Arigó, com forte sotaque alemão: era uma emergência; tinha de operar.

Nesse instante, Bittencourt desmaiou. Quando recobrou os sentidos, a luz ainda estava acesa; o relógio marcava cinco da manhã. Não havia ninguém. Sentia-se fraco, mas sentou-se de um salto ao lembrar-se da entrada de Arigó. A recordação era confusa, mas foi-se compondo: Arigó com a navalha, a aproximar-se da cama, a falar com sotaque gutural sobre uma operação urgente. Não tivera medo. A memória parava no momento do desmaio.

Tirou o pijama: mancha grande de sangue, parte rasgada. Levantou-se, trémulo, foi ao espelho. Virou-se: incisão limpa e perfeita na zona dorsal da caixa torácica. O sangue já secara.

Vestiu-se devagar, fraco. Estava agora abalado, assustado, quase em pânico. A calma inexplicável de quando Arigó se aproximara com a navalha esvaíra-se. Deixou o pijama ensanguentado na cama e foi, pernas bambas, ao quarto de Arigó. Bateu. Arigó, meio a dormir, abriu.

O senador disse que precisava desesperadamente de um chá e queria que Arigó o acompanhasse já a uma farmácia. Explicaria depois. Confuso, Arigó vestiu-se e foi. Em silêncio desceram a Avenida Afonso Pena até uma farmácia sonolenta.

Entraram. Bittencourt pediu um chá, disse que não se sentia bem. As pernas cederam; caiu redondo. Arigó acudiu enquanto o empregado correu à rua em busca de um polícia. Voltou logo com um. Bittencourt começava a recuperar. Arigó, convencido de que o senador bebera demais, explicou assim. Após engolir o chá, Bittencourt disse que já se sentia melhor e capaz de voltar ao hotel.

No caminho, lento, contou: desmaiara porque Arigó entrara no quarto e o operara nas costas. Arigó ficou chocadíssimo. Acusou-o de ter bebido cerveja a mais, mas Bittencourt insistiu. A princípio pensara em alucinação, mas agora a memória era nítida. A mancha no pijama e a incisão provariam.

Arigó negou. No quarto do senador, porém, viu o pijama rasgado, o sangue, a incisão. Não havia dúvida: fora operado. Ferida fresca, sangue ainda húmido. Mas jurou que não fizera nada. O senador, aflito, disse que ia já para o aeroporto apanhar o primeiro voo para o Rio, ao médico.

Arigó entrou em choque. Embora não se lembrasse de nada, uma série de episódios estranhos atormentava-o há anos. Ajudou Bittencourt a entrar num táxi, murmurando que, se fizera aquilo, não se lembrava.

Com o senador a caminho do aeroporto, Arigó meteu-se no jipe. Tenso, nervoso. Sabia-se incapaz de maldade ou loucura. Mas, se fizera aquela coisa inacreditável, talvez estivesse à beira da insanidade. Rezava para que o médico do senador concluísse que não causara dano – se é que fizera algo.

A hora e meia de Belo Horizonte a Congonhas deu-lhe tempo para refletir. Pelo que lhe acontecia nos últimos anos, convencia-se de que o relato de Bittencourt podia ser verdade – mesmo sem memória.

Era difícil precisar quando começara tudo. Arigó nascera na fazenda do pai a 18 de outubro de 1918. A infância fora normal. Um de oito irmãos, todos saudáveis, sem privações reais. O pai, António de Freitas Sobrinho, possuía várias parcelas de terra que cultivava com afinco. Era também um dos patriarcas de Congonhas do Campo: fora presidente da câmara e continuava no conselho. Alguns parentes eram até abastados – uma tia com grande fazenda, um tio que viria a ser presidente da câmara.

Embora a maioria dos irmãos tivesse prosseguido estudos – um advogado, outro padre –, Arigó não era bom aluno e desistiu após o terceiro ano. Contentou-se com o trabalho nos campos do pai, numa infância sem horários que lhe dava tempo para os muitos amigos que o rodeavam. Era muito popular. Tagarela, simpático, nervudo e forte desde pequeno. O nome José Pedro de Freitas cedo foi trocado por Arigó – apesar da conotação de caipira, usado com carinho. Arigó gostava.

Mesmo nos breves anos de escola, era incomodado por «uma luz redonda e brilhante, tão intensa que quase cegava». Tinha também alucinações auditivas moderadas: «uma voz que falava numa língua estranha». Eram raras; aprendeu a ignorar e nunca falou muito nelas, nem à família.

Toda a família de Freitas era católica devota; Arigó cresceu nessa tradição. A igreja do Bom Jesus do Matosinho, no alto da colina íngreme, guardada pelas estátuas quase sobrenaturais de Aleijadinho, inspirava reverência mesmo a não católicos. Arigó rezava e acreditava com a intensidade que punha em tudo.

Falava sem rodeios, sem subtilezas. Usava linguagem de estábulo, mas com um charme que desarmava críticas. Dizia o que pensava, espontâneo. Por vezes exageradamente teatral. Mas era sensível: chorava com facilidade, mesmo adulto. Carinhoso, abraçava os amigos «com fogo», como dizia um deles. Compassivo. Adorava gente, sobretudo crianças. Teimoso, inflexível, muitas vezes em prejuízo próprio.

Congonhas do Campo era uma vila católica. Dois mosteiros nos cumes próximos, por vezes só acessíveis de jipe. A família, na sua devoção, contribuía generosamente para a igreja e mosteiros. Embora o catolicismo brasileiro seja mais descontraído do que nos países hispânicos, continua poderoso; 90 % da população diz-se católica. Mas, como Pedro

McGregor nota em *The Moon and Two Mountains*, os grupos espíritas – malvistas pelos católicos – tinham 71 orfanatos contra 73 dos católicos e 25 dos protestantes. Quanto a lares de assistência social, os espíritas, com ênfase na caridade, tinham 125 contra 81 dos católicos e 25 dos protestantes. Em Congonhas, os católicos ficavam particularmente inquietos com qualquer incursão espírita – umbanda, quimbanda ou kardecista.

Arigó começou a reparar na prima em quarto grau, Arlete André, no início de 1943. Apaixonou-se. Casaram nesse ano; a família rejubilou: Arlete era católica fervorosa, graciosa e inteligente. Aos vinte e cinco anos, Arigó deixara a fazenda do pai para trabalhar numa mina de ferro local, onde a força e os músculos serviam bem.

Levantava-se às três da manhã gelada do planalto; a mina ficava a doze quilômetros – sete milhas e meia. Ele e os colegas iam e vinham a pé. Por isso recebiam um salário miserável e calos enormes de brandir picareta o dia todo.

As condições eram brutais. A maioria dos mineiros não chegava ao fim do mês. Alguns, contou Arigó a um amigo, levavam marmitas vazias para disfarçar que não tinham dinheiro para comida. Arigó ardia em indignação. Eleito presidente do sindicato local, incendiou os trabalhadores. Resultado: greve liderada por Arigó.

Embora a Constituição de 1946 protegesse o direito à greve, os governos federal e estadual podiam declará-la ilegal sem processo. A teoria: quem a instigasse era provavelmente comunista. Comunista ou não, era rotulado como tal.

Arigó não era, mas a polícia interveio. Foi despedido. Jurou continuar a luta. Arlete apoiou-o firme, ganhando como costureira. O pai ajudou e montou-lhe um bar-restaurant na aldeia: o Bar do Arigó.

De certa forma, o negócio prosperou. A popularidade de Arigó atraía clientela. Mas a generosidade sabotava-o. Não resistia a emprestar dinheiro a amigos ou a dar comida a desconhecidos. Fiava a torto e a direito, sem critério. Todo o dinheiro pedido ao pai foi para o bar-restaurant. Pouco sobrava para viver, mas Arigó, Arlete e a família crescente sobreviveram na casinha velha da Rua Marechal Floriano.

Flutuava, sustentado pelos turistas que vinham ver as estátuas dramáticas de Aleijadinho. Mas, com os filhos a chegarem em catadupa, começaram os sonhos persistentes e perturbadores. Neles, a mesma voz gutural falava numa língua que parecia alemão – língua que ouvira, mas não entendia. Por vezes vinham com dores de cabeça cegantes que o acordavam sem remédio. À medida que o medo crescia, passou a temer a noite.

Queria guardar a angústia para si, mas acabou por confessar a Arlete que não dormia. Às vezes gritava de dor. Para não a acordar, vestia-se e andava pelas ruas até passar. Outras noites, Arlete acordava com ele a chorar ao lado.

Uma noite o sonho foi tão vívido que não o largou. Sala de operações. Médicos e enfermeiros de bata cirúrgica rodeavam um doente na mesa, trabalhando com instrumentos, meticolosos, intermináveis. À frente, um homem gordo e careca dava ordens com o mesmo sotaque e tom da voz que o atormentava. O que o perturbava não era a cena, mas a sua realidade absoluta. Não a distinguia do real. E noite após noite, repetia-se.

Apesar disso, ao amanhecer bloqueava o sonho. O negócio melhorava. Comprou terrenos, meteu-se em carros usados com sucesso moderado. Quando o sonho e as dores atingiam o auge, subia o morro de paralelos até à igreja do Bom Jesus e rezava.

Não tardou até uma noite em que o sonho virou alucinação total. O médico gordo e careca apresentou-se: Dr. Adolpho Fritz. Morreu na Primeira Guerra; a sua obra ficara inacabada. Observara Arigó, conhecia a sua generosidade e amor ao próximo. Escolhera-o como vaso vivo para continuar o trabalho, com ajuda de outros espíritos médicos. Se quisesse paz, tinha de servir os doentes. Devia pegar no crucifixo encontrado na fazenda do pai e curar com ele na mão.

O médico era tão real, as instruções tão loucas, o medo tão grande que Arigó saltou da cama e correu nu, aos gritos, pelas ruas. Em minutos formou-se multidão; Arlete correu atrás. Amigos levaram-no para casa, soluçando, quase incoerente.

Era grave. Em casa, acalmou; chamaram o Dr. Venceslau de Souza Coimbra. Nada físico; receitou sedativo e psiquiatria urgente. Arigó

concordou: estava convencido de que delirava e não conseguia lutar sozinho. Chamaram também o padre Penido, que rezou com ele.

O padre ouviu atento os sonhos e alucinações. Se foi mais do que atento ao sonho dessa noite – o médico alemão a mandar Arigó curar –, tinha motivo. A Igreja, em Congonhas como noutras partes, era sensível a qualquer avanço espírita, da crueza da quimbanda ao intelectualismo kardecista. Congonhas mantivera-se quase imune; era o desejo ardente do clero.

O que Arigó contava alarmava: era o clássico sinal do desenvolvimento de um médium. Arigó era católico sólido, nada sabia de Kardec. Com o seu carisma rude e iletrado, podia tornar-se perigoso se se inclinasse para curandeiro ou médium. Padre Penido avisou-o do risco e marcou exames médicos e psiquiátricos em Belo Horizonte.

Arigó aceitou de imediato. No dia seguinte: exames completos, raio-X, análises. Consulta longa com psiquiatra. Nada preocupante. Saúde física excelente; psiquiatria sem psicose ou neurose. Confirmações posteriores.

Mas dores, sonhos e alucinações continuaram. Apesar da angústia, Arigó cresceu no negócio e meteu-se na política local. Ainda doía a injustiça da mina; só via saída no apoio ao trabalho, nacional e local. Continuava com padre Penido, clero e médicos. Nenhum sintoma físico. De dia, desmaios breves, apagões sem memória. Convenceu-se de que enlouquecia; suplicava ajuda.

Por fim, como as alucinações sugeriam possessão, padre Penido decidiu pelo ritual de exorcismo. Fez-se com toda a pompa antiga: incenso, ladainhas, adjurações, bênção da casa.

Os espíritos não ouviram; não funcionou. Aliás, não pareciam malignos. A atitude do alegado Dr. Fritz era benévola. Mas Arigó estava exausto de resistir ao médico alemão do além. Para ele, era tudo real.

Quase em desespero, perguntou-se o que aconteceria se cedesse. Teve oportunidade. Um amigo aleijado, de muletas, muito compadecido na vila. Sem pensar, Arigó atirou: «Já é hora de largares essas muletas.» Arrancou-lhas e mandou-o andar. O homem andou – e continuou a andar.

Longe de o tranquilizar, encheu-o de medo. Se era verdade, carregava uma responsabilidade enorme, sem meios racionais. Padre Penido avisara-o

do espiritismo e do kardecismo; não queria trair a Igreja. Apesar do medo, tentou de novo, com comandos verbais a amigos doentes. Voltavam curados. Às vezes nem se lembrava de os ter dado. Curiosamente, nas poucas semanas em que cedeu ao impulso do Dr. Fritz, dores e alucinações pararam.

Não tardou: a vila inteira soube. Padre Penido correu. Falou duro: Arigó entrava em conflito com a Igreja. Já o chamavam *curandeiro*. Arigó ouviu atento. Rebelde, nunca. Repeliam-no as histórias do clero sobre espiritismo: heresia maior. Confessou a fraqueza, prometeu parar.

Primeiro passo: cartaz grande na porta: nesta casa somos todos católicos o espiritismo é coisa do diabo

Arlete, mais preocupada que ele, aprovou. Talvez tivessem paz. Mas mal o fez, sonhos, alucinações e dores voltaram furiosos, com apagões diurnos. Mais viagens a Belo Horizonte, médicos, psiquiatras. A imagem do Dr. Fritz tornava-se mais insistente.

O tumulto não afetou logo o restaurante, mas Arigó temia pelo futuro político. Sabia que a sua ambição não era ganância, mas impulso irresistível de ajudar. Não era idealismo leve; às vezes era fardo. Tinha amigos numa fábrica em dificuldades; ofereceu-lhes crédito ilimitado. Fiava a toda a gente, emprestava a quem pedisse. Mau gestor, após breve prosperidade, viu-se à beira da ruína. Ainda assim, juntava e comprava roupa para pobres e crianças.

Agora enfrentava este novo empurrão do «Dr. Fritz». A consciência espremida entre um impulso obsessivo desconhecido e a Igreja, que o veria como herege se cedesse. Estava assim, confuso, em 1950, aos trinta e dois anos, quando o senador Bittencourt chegou à vila em busca de apoio.

Todas estas cenas caóticas rodavam na cabeça de Arigó enquanto guiava o jipe para Congonhas. Por mais que se preocupasse com o próximo, conduzia sem cuidado. No Brasil, como em quase todos os países em desenvolvimento, ainda não se tomara consciência da mortalidade automóvel, apesar dos acidentes sangrentos que semeavam as estradas. A tensão do incidente no hotel aterrorizava-o; voltava o medo da loucura.

Nas curvas fechadas, vasculhava a memória: entrara mesmo no quarto do senador com a navalha? Não se lembrava. A navalha estava no lugar;

sem sangue. Bebera dois copos de vinho, lembrava-se de se deitar e começar a dormir. A seguir, o senador a bater-lhe à porta pedindo chá.

O que aconteceria quando o avião do senador aterrasse no Rio assustava-o mais. E se apresentasse queixa? E se a «operação» o matasse? O que diria o médico ao ver? Não podia negar-se a operação. Com o historial de impulsos *curandeiros* registado na vila, na Igreja e nos médicos de Belo Horizonte, seria lógico culparem-no – mesmo sem memória. O problema atingia novo pico; não sabia como lidar.

Foi um Arigó confuso e descomposto que chegou a Congonhas naquela manhã. A decisão mais urgente: contar ou não? Arlete e padre Penido ficariam destroçados; a vila, em alvoroço. Já havia demasiado falatório sobre curas misteriosas. Lutou com a ideia, mas não decidiu.

Em pouco tempo, a decisão foi tomada por ele. Chegou notícia incrível do senador Bittencourt. Fora do aeroporto direto ao médico no Rio. Exame, sonda, raio-X. Pela estranheza do caso, evitara contar até terminar; só dissera que fora operado.

O médico, pensando que fora nos EUA como recomendara, rejubilou com os raio-X. O tumor fora removido com técnica cirúrgica invulgar, desconhecida no Brasil. Prognóstico excelente. Antes, fora pessimista; achava que o senador tinha os dias contados. Faria mais testes, mas passara do desespero à esperança total.

Então o senador contou tudo. O médico ouviu, incrédulo. Impossível. Mas Bittencourt insistiu; o médico confiava na sua palavra. Se era verdade, havia que estudar o *curandeiro* ou a Ordem dos Médicos agiria. Facto: o senador Lúcio Bittencourt estava são; se os testes seguintes fossem bons – e o médico estava seguro –, ficaria saudável para sempre.

Os testes foram favoráveis. Bittencourt não era homem de calar milagres. Mandou a notícia bombástica a Congonhas e contou a quem quisesse ouvir. Em dias, espalhou-se pela imprensa nacional. Em Congonhas, Arigó virou herói popular – para horror da Igreja e da família. Arigó protestava: não tinha a certeza de ter operado; se acontecera, era mais um episódio de uma longa série que só lhe trazia ansiedade.

A euforia imoderada do senador encontrou o alto desagrado da Igreja. Padre Penido chamou-o e lembrou a promessa. Agora fora longe demais.

Arigó defendeu-se: era impossível parar o que não lembrava ou não fazia consciente. Não violara a promessa de livre vontade. O padre debatia-se com um ponto de ordem quase insolúvel; o espectro do espiritismo surgia onde menos queriam.

Arlete, perturbada, confortava, apoiava, cuidava do marido inquieto. A vida dele acumulava crises: negócio, política, estabilidade mental.

Entretanto, as alucinações com o Dr. Fritz não davam tréguas. Pela honestidade e carisma de Arigó, a vila, na sua maioria, apoiava-o tanto como Arlete. O senador Bittencourt voltou à terra com elogios efusivos à destreza cirúrgica inconcebível de Arigó, encorajando o pequeno grupo espírita local a falar mais alto. Para eles, só o espiritismo explicava o milagre. Arigó era um médium genuíno que ainda não despertara para o seu potencial.

Os espíritas foram mais longe. Afirmavam que, em sessões mediúnicas – rigorosamente kardecistas, sem rituais de umbanda –, o Dr. Adolpho Fritz se manifestara. Dissera que preparara Arigó durante dezasseis anos para continuar a obra de cura. Trabalhara antes com um médium no norte, na Bahia, mas o homem não tinha o desinteresse de Arigó e arriscava usar o dom para vaidade e lucro. Como a regra kardecista proíbe cobrar, Dr. Fritz escolhera Arigó, seguro de que não violaria o princípio.

Ao ouvir a teoria, Arigó rejeitou-a. O pouco que sabia de médiuns vinha dos avisos cáusticos do padre Penido; não queria saber. Ainda perturbado, tentou manter a rotina enquanto os acontecimentos o atropelavam.

Procurou parecer normal – difícil. Nem todo o clero era tão severo como a posição oficial da Igreja. O padre Pascoal, que lhe dera o primeiro catecismo, estimava-o muito e via nele qualidades espirituais profundas. Capelão na Segunda Guerra, vira coisas inexplicáveis no campo de batalha. Estudara hipnotismo e parapsicologia. Convencia-se de que Arigó vivia uma experiência parapsicológica digna de estudo. Confortava-o: «Tem fé e coragem. Deus põe as coisas no lugar certo na hora certa. Escreve direito por linhas tortas.»

O espanto que varreu as ruas quando Bittencourt trouxe a notícia médica ecoou por todo o lado. José da Cunha, presidente da Câmara e

amigo de infância, tentou montar o puzzle do fenómeno. Arigó sempre cativara os amigos com histórias; tinha visão fresca de tudo. Estoirava de bom humor, piadas constantes. O maior quase desejava que fosse brincadeira. Fosse o que fosse, convencia-se da bondade e do amor incondicional de Arigó pelo próximo. Ninguém sabia o que viria a seguir.

O que veio foi tão repentino que abalou Congonhas como nunca.

A mulher estava muito doente. Cancro do útero. Sem esperança; a morte era questão de minutos. Jazía na cama, rodeada de familiares e amigos. Velas acesas no quarto silencioso; o padre chegara para a extrema-unção. Eram bons amigos de Arigó; ele e Arlete foram dar o último adeus. Cena solene e triste. O padre terminou o ritual e saiu discretamente.

No silêncio, Arigó baixou a cabeça em oração com os outros. Sentiu o formigueiro familiar: começava na cabeça, descia pelas pernas. Tremeu; os olhos toldaram-se.

Sem aviso, correu à cozinha e voltou em segundos com uma faca grande. Voz seca e imperiosa: «Todos para trás!» O grupo gelou de terror. Puxou os lençóis, abriu as pernas da mulher e cravou a faca na vagina, sondando com violência, torcendo, cortando para alargar.

Uma parente gritou e fugiu. Os outros ficaram petrificados. A moribunda jazia calma, imperturbável, enquanto ele cravava e manipulava a navalha sem piedade. Retirou a lâmina, enfiou a mão, torceu o pulso com fúria. Em segundos arrancou um tumor uterino ensanguentado, tamanho de toranja pequena. Atravessou a cozinha, largou faca e massa no lava-loiça e desabou numa cadeira.

Tudo tão rápido que ninguém acreditava no que via. Sangue quase só no tumor. Um parente murmurou que ia chamar um médico e correu porta fora. Os outros olhavam mudos e estarecidos para Arigó, agora com a cabeça entre as mãos, a soluçar. Uma irmã da doente estremeceu a sacudir o torpor, trouxe bacia de água morna e pano. A Arlete, meio sonâmbula, ajoelhou-se junto do marido, de olhos marejados de lágrimas.

Arigó parecia estar noutro mundo. Mal respondia. Quando se acalmou um pouco, Arlete levou-o para casa, ainda a chorar.

O médico chegou logo. Examinou: nenhuma hemorragia. Doente consciente, sem dor, sem saber bem o que acontecera. Pulso e coração normais. Só sentia alívio. Pediu que contassem tudo, pormenorizadamente.

Examinou o tumor: uterino, inoperável. Embrulhou-o para análise. Reexaminou a doente. O caso mais estranho da sua carreira – talvez da história. Prognóstico? Impossível prever.

Dias depois: a doente melhorava. Após o caso Bittencourt, a vila tremeu. Em pouco tempo, filas à porta de Arigó, implorando cura. Sabendo o novo vendaval no clero, pediu ajuda à Igreja. Esta suplicou, insistiu, ordenou que resistisse. Tentou, mas o impulso do Dr. Fritz não o largava. Quando a mulher operada se levantou e voltou à vida normal, a pressão tornou-se irresistível. Numa manhã, com quase cem pessoas à porta, Arigó abriu e deixou-as entrar, uma a uma.

Ao fim do dia, lembrava-se de pouco ou nada. Disseram-lhe que escrevera receitas complexas em terminologia farmacêutica perfeita ou operara com faca de cozinha ou tesoura de casa. Não perguntara nada; diagnóstico instantâneo. Receita ou faca. Sem dor, sem sangue, sem antissepsia. Muitos notaram o sotaque alemão.

Arigó continuou a receber doentes, dia após dia. A casa virou caos. Lembrava-se de quase nada: véu amnésico do primeiro ao último doente. Mas dois resultados claros: alucinações e dores de cabeça desapareceram; doente após doente relatava cura total – incluindo desenganados com sentença de morte.

Era insustentável. Arlete perdeu o norte. A Igreja endureceu: ou parava, ou ficava fora da fé. Parou a um passo da excomunhão. Arigó, sem dores nem visões, endureceu também. Aceitava a Igreja de corpo e alma: missa, comunhão. Não a queria abandonar, mas sentia-se irresistivelmente chamado a curar. Precisavam dele – senão, por que enchiam a rua de madrugada?

Visitou-o Orlandino Ferreira, líder nominal dos kardecistas locais. Para ele, a comunicação anterior com Dr. Fritz era válida. Falou longamente, explicando em termos kardecistas.

Dr. Fritz «incorporava» em Arigó – possessão benigna, oposta à magia negra. Quando entrava, tomava-o por completo, fornecendo saber

diagnóstico e cirúrgico. Não eram os dedos de Arigó a operar, nem a mente a receitar fármacos que ele desconhecia.

Havia mais: um bando inteiro de espíritos médicos. Explicaria depois. Queria que Arigó soubesse o suficiente para ter paz e cumprir a missão. Aceitando o fenómeno kardecista, não precisava renegar a Igreja; a fé em Cristo seria ainda mais profunda. Compreendia o conflito, mas seguir o chamamento aliviaria, não agravaria.

Não havia conflito de base, continuou Ferreira. Kardec ensinava que ciência e religião não se opunham. A ciência revelava as leis da natureza, glorificando Deus. Mas tinha muito a aprender – sobretudo no paranormal, ainda por raspar. Para os espíritas, o mundo espiritual é menos condensado que o material, mas é o mundo primário; o material subordina-se-lhe. Pensamentos e emoções criam padrões elétricos reais, registados em polígrafo ou EEG. Quanto mais a vontade, a alma. A grande tarefa da ciência é explorar esta relação.

Arigó não estava em condições de absorver filosofia. Mas abriu-lhe horizontes e encorajou-o a continuar. Convenceu-o a aceitar que era médium, canal para este mundo novo que não só aprendia, como vivia.

Arigó via-se agora acrobata entre dois arames: Igreja de um lado, espiritismo kardecista do outro. Posição incómoda, mas sem cair. A complicação: quase nunca se lembrava do que fazia após o formigueiro que marcava a «incorporação».

E os problemas mundanos: além da condenação eclesial, a família sofria; o restaurante cambaleava à beira da falência.

Ao longe, trovoadas: a Ordem dos Médicos e a Igreja preparavam queixa-crime via polícia de Minas Gerais, Secção de Roubo e Falsificação.

O stress não diminuía com os elogios do senador Bittencourt. Este continuava a contar a operação milagrosa em todo o lado; quanto mais falava, mais a imprensa repetia. Gente de longe começava a chegar de madrugada à casinha de Arigó. As filas tornavam-se cosmopolitas: fatos de executivos, vestidos Dior, roupas poeirentas de lavradores e mineiros. Matrículas de outros estados proliferavam.

Arigó trabalhava incansável: resmungava palavras alemãs – língua que nunca estudara –, dava ordens tonitruantes, agarrava faca e investia contra doentes passivos que, por razões ignoradas, não recuavam. O farmacêutico local mal dava vazão a fármacos novos, muitos alemães, alguns tão recentes que mal chegavam aos armazéns do Rio ou São Paulo; outros, velhos, há anos sem uso. Todos, porém, do arsenal moderno. A mão de Arigó escrevia receitas em segundos, caneta a voar; o papel estava pronto antes do doente estender a mão.

Turistas das estátuas de Aleijadinho ficavam para consultar Arigó por maleitas crónicas. Regressavam com histórias radiantes. Alguns viam ligação metafísica entre as estátuas milagrosas do aleijado do século XVIII e as curas de Arigó. Os espíritas locais já adotavam a teoria.

Apesar da crescente reverência que inspirava, Arigó não era santo nem nunca fingiu sê-lo. Defendia com veemência que não era ele quem curava, mas o trabalho de equipa do Dr. Fritz e de Jesus. Denunciava o «baixo espiritismo», evitando, porém, qualquer condenação aos intelectuais kardecistas, que agora exerciam forte influência na sua visão do mundo. No início de cada sessão, anunciava que ninguém poderia pagar seja o que for, nem mesmo o mais pequeno presente. «Jesus nunca cobrou pelo que fez», dizia à assistência. «Eu também não. Mas sou pecador como vocês.»

Embora a casa estivesse agora de pernas para o ar, Arlete continuava a ser muda e paciente, dividida e perplexa com aquela maré inexorável que se avolumava. No fim do longo dia e da noite, havia vômito e — muito pouco — sangue para limpar. E Arigó, por vezes, vomitava ele próprio sem explicação, como se tivesse absorvido parte das doenças dos doentes; os olhos marejados, um fluido claro a jorrar-lhe da boca sem controlo.

O simples problema do trânsito pedestre tornou-se insuportável. Arigó não tinha ninguém que o ajudasse. Arlete mal dava conta da família que

crescia e da costura que aceitava para reforçar o rendimento que minguava. Ferreira, ao ver a maré incrível que aumentava dia após dia, falou com Arigó sobre a criação de um centro espírita onde o peso fosse tirado à família. Fizeram-se planos para mudar a clínica para a igreja vazia do outro lado da rua, em frente à casa de Arigó — já sem uso e mais adequada para receber multidões.

Foi por essa altura que um homem afável, de voz suave e cerca de quarenta e muitos anos, chamado José Nilo de Oliveira, começou a ter problemas no olho esquerdo. Mais conhecido por Altimiro o Negro, por causa da pele escura, trabalhava como tipógrafo nas publicações da Igreja Católica, depois de se ter reformado de um emprego de escriturário na previdência estadual. Como o sustento dependia da vista, a preocupação cresceu ao longo dos dias. O médico disse-lhe que tinha catarata e que, naquele momento, era inoperável. Não havia esperança de cirurgia corretiva num futuro próximo.

Altimiro, tal como toda a vila e o país, já ouvira falar de Arigó. Sabia da crescente hostilidade da Igreja contra ele e afastou a ideia ousada de visitar aquela lenda viva. Também tendia a achar que os relatos sobre o curandeiro não podiam ser verdade. Mas quando soube que vários padres e outros responsáveis da Igreja tinham ido discretamente a Arigó e relatado curas onde a medicina convencional falhara, reuniu coragem e pôs-se na fila.

O que viu à medida que avançava para a frente da fila assustou-o e fascinou-o. O homem gigantesco, de tamanho de touro, falava um português gutural e explosivo, salpicado de palavras que deviam ser alemãs, ordenando à fila que avançasse, repreendendo uns, abraçando outros, ora escrevendo receitas, ora cravando a faca de cozinha num doente sem preâmbulos. Altimiro ficou hipnotizado pelo homem, pela destreza, pela segurança, pela confiança. Quando chegou a sua vez, o receio evaporou-se de repente.

Antes que percebesse o que acontecia, Arigó empurrou-o quase com brusquidão contra a parede, sem lhe fazer uma única pergunta. Pegou numa faca que estava na pequena mesa à sua frente. Por algum motivo inexplicável, Altimiro não sentiu medo. Observou, calado, a mão de Arigó, a lâmina a aproximar-se do olho. Sentiu uma dor ligeiríssima, menos que uma picada de alfinete. Em segundos, Arigó pressionou-lhe na palma da

mão um pedacito gelatinoso de membrana. Depois ouviu-o dizer: «Vai com Deus.»

Altimiro afastou-se entorpecido e, na manhã seguinte, o olho via claramente, sem os óculos de lentes grossas usados em casos de catarata. Quando, envergonhado, voltou ao médico para um exame, este ficou sem palavras. Se o cristalino é removido, considera-se impossível o olho acomodar e focar corretamente. O olho defeituoso de Altimiro agora fazia-o. Altimiro preferiu deixar a questão em suspenso. O breve contacto com Arigó levou-o a decidir que queria trabalhar para aquele homem, custasse o que custasse.

A resolução reforçou-se quando levou o tio a Arigó. O tio sofria de cancro no estômago e o médico não lhe dava esperança. Altimiro assistiu, incrédulo, enquanto Arigó pegava numa faca grande de cozinha, cravava-a nas vísceras, metia a mão lá dentro e extraía uma massa tumoral. Quando começou a sangrar, viu Arigó erguer os olhos para o teto e dizer:

«Jesus não quer que sangres.»

Milagrosamente, o sangue parou. Arigó falou de novo:

«Dr. Fritz, feche por favor a ferida.»

Passou um pedaço de algodão pela abertura, limpando-a levemente. A ferida fechou-se direitinha, sem pontos. Altimiro estava quase em estado de choque, mas disse a Arigó que queria trabalhar para ele, sem salário. Arigó, como se tudo estivesse predestinado, aceitou de imediato e sem comentários.

Apesar das pontadas de consciência pelo conflito entre a Igreja e Arigó, Altimiro tornou-se um auxiliar precioso. Não tardou a conseguir datilografar os gatafunhos ilegíveis que Arigó rabiscava como receitas. Além disso, inventou um sistema de senhas numeradas, entregues por ordem de chegada.

Arigó ainda não fizera desabar sobre si toda a Igreja, mas parecia questão de tempo. Um pequeno grupo de padres solidários, entre os quais o padre Pascoal, dirigia a rádio da Igreja, no alto do morro ao lado da igreja do Bom Jesus, à sombra das estátuas guardiãs de Aleijadinho. Convenceram-se, através de investigação discreta, de que Arigó obtinha resultados inauditos. Era preciso estudo científico intenso, não censura,

defendiam eles. Preferiam ver o fenómeno como parapsicologia, não espiritismo. Assim, Arigó teria mais hipóteses de ser aceite pela Igreja.

De facto, um jovem padre combativo, Bonaventure Kloppenberg, que atacava o espiritismo por todo o país, escrevera recentemente: «A Igreja Católica não proíbe o estudo da parapsicologia ou do fenómeno mediúnico. O católico pode estudar metafísica ou parapsicologia. Aliás, os cientistas católicos nas universidades devem estudar estes campos.»

Era este tipo de brecha que os amigos de Arigó na hierarquia eclesiástica agarravam, pois gostavam dele e queriam que permanecesse na Igreja.

Mas havia outros, menos caridosos. Já contactavam a ordem dos médicos de Minas Gerais para ver como poderiam fazer cair a lei sobre Arigó. Apesar da prática aberta de medicina ilegal, teriam de andar com cuidado para forçar um julgamento. Este decorreria certamente em Congonhas do Campo e ninguém sabia o que a população faria se tratassem assim o seu herói popular.

Arigó era muito querido, já o fora antes de ganhar aura de milagres. Conheciam-no como defensor dos oprimidos e pela dedicação à causa dos mineiros. A súbita florescência como curandeiro tornava-o agora reverenciado e popular. As autoridades brasileiras, em todo o país, eram sempre obrigadas a fazer vista grossa às formas primitivas de espiritismo das tradições quimbanda e umbanda. Não haveria prisões que chegassem para tantos fiéis. Os espíritas kardecistas eram menos vistosos e mais respeitados. Além disso, Arigó atraía já como pacientes algumas das principais figuras políticas e estadistas do Brasil — tanto se espalhara a sua fama. Por enquanto, convinha à polícia olhar para o lado, mas ninguém garantia por quanto tempo.

Depois de vender finalmente o restaurante, Arigó concentrou-se no imobiliário e no negócio de carros usados para sustentar a família. Decidiu também candidatar-se com energia ao lugar de presidente da Câmara. Ninguém entendia de onde tirava forças para acrescentar mais este fardo ao horário já esgotante. Continuava, porém, a colocar o trabalho de cura acima de qualquer outro compromisso.

Começou a compor-se um retrato de Arigó a partir de muitos ângulos. Lentamente, emergiu uma tapeçaria à medida que a fama — ou a má fama,

conforme o observador — se espalhava pelo país. A tapeçaria era tão confusa e variegada como uma gravura de Picasso, mas a verdade emergia dos paradoxos. Arigó era, de facto, muitas personalidades, com traços flagrantemente contraditórios. A confusão aumentava com as projeções subjetivas de quem moldava o retrato.

Uns fixavam-se na sua rudeza. Outros viam-no como santo e atribuíam-lhe essa qualidade acima de todas. Alguns só viam a sensualidade, porque era homem sensual, e corriam histórias — verdadeiras ou supostas — sobre as suas infidelidades. Muitos não acreditavam que fosse tão desinteressado a ponto de recusar dinheiro ou presentes, embora nunca tivesse surgido prova que desmentisse isso. Antes de cada sessão diária, declarava publicamente que ninguém poderia pagar. Nem um café aceitava. Repetia-o tantas vezes que qualquer negociata subterrânea teria saltado para a praça pública como um incêndio, atizado pelos inimigos.

A amostra de observadores que tentavam dissecar e analisar Arigó era muito diversificada. Para além dos simplesmente curiosos, as pessoas que se aglomeravam à porta todos os dias moviam-nas um problema essencial: a ciência médica moderna chegara ao limite com elas e desistira. O problema podia ser pequeno e crónico ou grande e letal. Não valia a pena tentar outra coisa, pensavam, mesmo que parecesse patentemente absurdo?

Um ponto de vista veio de uma oficial de imprensa inteligente e atraente da Agência de Informação dos Estados Unidos, em Belo Horizonte. Católica brasileira devota, não devia, em teoria, ter fé na filosofia de cura kardecista. Tinha um filho de nove anos que sofria de asma aguda, dolorosa e persistente. O médico de família receitara medicamentos antialérgicos e injeções, quase totalmente ineficazes. Os ataques continuavam e pioravam. Em último recurso, decidiu, timidamente, levar o menino a Arigó.

Chegou cedo, mas já havia mais de cem pessoas na fila, na maioria trabalhadores de meios modestos. Impressionou-a ver Arigó enquanto esperava a sua vez e, embora assustada com os modos rudes e fanfarrões, sentiu uma profunda bondade por baixo. O tratamento do menino seguiu o procedimento habitual. Em segundos, a mão carnuda de Arigó rabiscara uma receita. Quase não falou, não fez perguntas. Mandaram-na levar o papel a Altimiro, que o datilografou rapidamente, e a sessão terminou.

Teve o impulso de dar algum dinheiro, mas avisaram-na secamente que não era permitido. Depois, teve muitas dúvidas sobre aviar a receita, mas o desespero venceu o medo. Com grande apreensão, levou-a à farmácia e mandou-a aviar. Seguiu as instruções à risca, preocupada com possíveis danos. Era muito pessimista, pois os longos tratamentos do médico habitual, ao longo de vários anos, tinham sido quase inúteis. Como podia a receita do iletrado Arigó ser melhor?

Observou ansiosamente durante semanas, aliviada por constatar que, pelo menos, não havia efeitos secundários. As semanas tornaram-se meses e os ataques assustadores de asma nunca mais voltaram.

Como mulher inteligente e católica, não sabia explicar a mudança dramática. Só conseguia dizer que já não duvidava de Arigó e lhe estava imensamente grata. Continuava, porém, perplexa e sem luz sobre o que realmente acontecera.

Pouco depois de a fama de Arigó começar a irradiar da pequena povoação mineira, H. V. Walter, cônsul britânico em Belo Horizonte, teve notícia das suas proezas. Homem de curiosidade intensa e grande erudição, Walter ficou fascinado com as histórias que desciam de Congonhas do Campo.

Uma das mais impressionantes veio do seu amigo próximo Carlos Paranhos da Costa Cruz, dentista cujo consultório ficava no mesmo edifício do consulado. Cruz, licenciado pela Universidade do Brasil, apareceu um dia no gabinete consular visivelmente abalado. Walter ofereceu-lhe um gin rosa forte e perguntou o que se passava. O Dr. Cruz contou que acabara de regressar de Congonhas do Campo com o sogro e a cunhada e não sabia como descrever o sucedido. Sonja, a cunhada, mulher abastada e culta, sofrera durante seis meses dores intensas nas costas.

Além disso, crescera-lhe um nódulo suspeito no meio do tronco e emagrecia a olhos vistos. Os médicos — incluindo o próprio pai, que era médico — diagnosticaram cancro do fígado. Pouca esperança, pois o caso era inoperável. Em desespero, Cruz acompanhou-a, com o pai, até Arigó.

Arigó não fez perguntas nem examinou a doente. Levou bruscamente Cruz e o sogro de parte e disse que ela tinha um tumor no fígado. Teria de ser operada de imediato. Ambos hesitaram, mas Arigó insistiu: não havia outra escolha.

Minutos depois, Sonja estava deitada em jornais espalhados no chão do pequeno quarto de Arigó. Este trouxe algodão e vários instrumentos, incluindo tesouras e facas. Escolheu um canivete e fez uma incisão. Tanto Cruz como o sogro sabiam que cortar o fígado provoca hemorragia maciça; nenhum dos dois conseguia explicar por que permitiram aquilo, nem por que ficaram passivos enquanto Arigó cortava com faca não esterilizada e sem anestesia. Talvez, pensaram depois, porque era a última hipótese: tudo o resto falhara.

Esperaram que o sangue jorrasse, mas apenas um fiozinho escorreu pelos lados da ferida. Então, segundo Cruz, aconteceu algo ainda mais estranho. Arigó introduziu a tesoura fundo na ferida, retirou a mão e a tesoura pareceu mexer-se sozinha. Cruz virou-se para o sogro, que acenou e trocaram olhares. Mais tarde, compararam impressões e confirmaram, pelo menos entre si, o que tinham visto. Em segundos, Arigó tirou a tesoura, meteu a mão na ferida e extraiu um tumor. Com gesto de showman, atirou-o para a mão de Cruz. Pegou no algodão, passou-o pela incisão. Quando acabou, as bordas da ferida colaram-se sem pontos; Arigó pousou um crucifixo por instantes. Disse a Sonja que se levantasse. Ela conseguiu. Estava fraca e trémula, mas sem dor.

O trio saiu de Congonhas atordoado e mudo. Cruz e o sogro, ambos profissionais, viram-se obrigados a acreditar no inacreditável e a aceitar o cientificamente inaceitável. Para eles, a experiência era mais incrível que qualquer milagre de Lourdes, precisamente porque aquela operação era real, tangível, verificável — e, no entanto, um milagre.

O cônsul britânico ouviu a história de Cruz com atenção. Há mais de dez anos no Brasil, estava preparado para quase tudo. Seguiu o caso com interesse. Embora a biópsia confirmasse cancro, o fígado regenerou-se; Sonja recuperou todo o peso perdido e voltou à saúde perfeita. Carlos Cruz, decidido a perceber como tal coisa era possível, regressou várias vezes a Congonhas do Campo, levando H. V. Walter. Embora leigo, o cônsul interessava-se amplamente por ciência médica e observou, espantado, a rotina diária de Arigó.

Cruz, ao confirmar com novas observações a capacidade inacreditável do homem, concluiu que simplesmente não havia explicação científica. Até o uso do alemão por Arigó era assombroso. Cruz esperava reunir dados suficientes para convencer várias sociedades profissionais — e talvez o

Ministério da Saúde — a realizar um estudo especial. Era evidente que a lei não permitiria a Arigó continuar; as autoridades acabariam por o travar. Fazia sentido. Mas se conseguissem trazer Arigó para um estudo científico rigorosamente controlado, a medicina poderia dar saltos que a levariam a uma nova era.

H. V. Walter ficou estupefacto e impressionado com o trabalho de Arigó, mas nada impressionado com a aura religiosa que o envolvia. Realista convicto, achava toda a religião treta e estava certo de que a piedade de Arigó era mera fachada. As suas viagens pelo mundo ensinaram-lhe, porém, que o instinto do homem primitivo é por vezes mais sofisticado que o do homem moderno. Carlos Cruz não tinha tanta certeza, mas a religião não o preocupava. O estudo científico em condições legais era o essencial; esperava consegui-lo antes do inevitável: a polícia fechar o cerco a Arigó.

Apesar da ameaça suspensa, a maré continuou a crescer. Estimava-se que mil argentinos chegassem por mês. Numa ocasião, um avião fretado aterrou em Belo Horizonte; os passageiros seguiram de autocarro especial até Congonhas do Campo. Os transportes de Rio e São Paulo organizavam horários em torno dos dias de trabalho de Arigó, acrescentando secções extras. A invasão de forasteiros na pequena vila era bênção e maldição. A economia explodia, mas as hospedagens eram insuficientes e muitos moradores queixavam-se de doenças contagiosas.

Numa noite, Arigó levantou-se da cama depois da meia-noite e conduziu até uma clareira remota, a vários quilómetros da vila, para encontrar, por marcação, um camião cheio de leprosos. Tinham fugido do hospital e feito a peregrinação clandestina depois de saberem de antigos leprosos que juravam ter sido curados por Arigó. Arigó chegou na escuridão da madrugada, de jipe, e encontrou-os escondidos atrás do camião, à luz de fogueiras e velas tremeluzentes. Eram mais de vinte.

Correram a abraçá-lo. Ele aceitou os abraços sem medo e tratou-os um a um com um método improvisado de imposição de mãos. O dia apenas começava a despontar sobre as montanhas quando terminou com o último leproso. Arigó içou o corpo pesado para o jipe e regressou à vila. Chorou abertamente todo o caminho. Só Altimiro sabia destas excursões secretas; se viessem a público, as repercussões na vila seriam avassaladoras.

A variedade de doentes que acorria a Congonhas do Campo continuava a ser um corte transversal de toda a sociedade. Um almirante chegou com a mulher para tratar cataratas: a operação foi instantânea e verificada, com Dr. Cruz e o cônsul britânico a assistir. A filha de uma das principais famílias da alta sociedade brasileira foi levada de cadeira de rodas. Especialistas no Rio tinham desistido da lesão na perna, consequência de um acidente equestre. Arigó puxou a perna com força. Ao regressar ao Rio, ela caminhava normalmente; a cura foi confirmada pelos mesmos especialistas que a tinham dado como perdida.

As estimativas do número de doentes tratados por dia variavam do exagero desmedido à cautela tímida. Os telejornais, que interrompiam a programação com boletins especiais sobre Arigó, juravam que as multidões chegavam a mil por dia. Fosse qual fosse o número exato, era impressionante; a estimativa mais conservadora apontava para trezentos, sem contar familiares e amigos que acompanhavam os doentes.

Alguns turistas, chegados para ver as estátuas de Aleijadinho, eram apanhados de surpresa ao descobrirem Arigó. Armin Bauer, alemão, ficou tão siderado com o fenómeno absolutamente incrível que escreveu a sua experiência para o *Die Zeit* ao regressar a casa. Viajante experimentado — safaris em África, Ásia, volta ao mundo —, não falava português e teve dificuldade em informar-se sobre o Brasil, país que ele e outros turistas achavam fácil amar.

Chegara para visitar um amigo, executivo da Volkswagen em São Paulo. Ao saber da elegância e arte das esculturas de Aleijadinho, partiu para Minas Gerais. Nas ruas de Congonhas do Campo, alegrou-se ao encontrar outro alemão, acompanhado da filha adulta. Eram os únicos que falavam a sua língua em toda a viagem — sempre um regalo para quem viaja sozinho. Espantou-se quando lhe disseram que estavam ali para curar a filha de leucemia. Diagnosticada como terminal na Alemanha, vinham como último recurso. Porquê, perguntou Bauer, numa vila serrana? Contaram-lhe de Arigó e convidaram-no a ir com eles.

Bauer sentiu-se embaraçado, mas aceitou. Achava trágico que compatriotas confiassem num curandeiro de aldeia de qualificações duvidosas. Sentindo-se um pouco parvo, acompanhou-os ao Centro Espírita de Bom Jesus de Nazaré — o novo local, batizado pelos espíritas, onde Arigó agora trabalhava.

Bauer ficou impressionado com o silêncio reverente que reinava na sala ampla e com o amplo espectro de classes sociais à espera. Conseguiu espreitar por cima do ombro de Altimiro enquanto este datilografava uma receita, esperando poções de magia negra. Em vez disso, viu fármacos da Schering, Bayer, Squibb, Upjohn e outras casas famosas. Surpreendeu-se também com o número de pessoas que aguardavam horas só para dizer a Arigó que regressavam para lhe agradecer curas passadas. Quando Arigó pegou numa tesoura de unhas e cortou um pterígio — uma pequena membrana que cresce na lateral do olho e se fixa de forma inamovível do conjuntiva à córnea —, vários na fila desmaiaram ou caíram, incluindo um jornalista estrangeiro. O doente, porém, manteve-se calmo, sereno e consciente.

De volta à Alemanha, Bauer escreveu para o *Die Zeit*: «Não creio que isto se explique por espiritismo, como dizem alguns brasileiros. Arigó não tem atmosfera mística. Isto tem de ser estudado urgentemente — precisa de investigação especial. Os cientistas terão dúvidas: nunca aconteceu nada assim. Tem de se ver para se sentir.»

Arigó era assaltado por pedidos de marcação de gente ilustre, brasileira ou não. O cônsul peruano no Rio telegrafou a pedir hora, mas, como os outros, teve de esperar a sua vez.

Do fluxo constante de jornalistas que chegavam a Congonhas do Campo, vários escreveram livros. Reinaldo Comenale chamou-lhe abertamente a oitava maravilha do mundo. Geraldo Serrano escreveu que Arigó estava longe de ser santo, mas que os cientistas teriam medo do desafio, pois depressa se convenceriam de que perderiam a batalha com a racionalidade. Jorge Rizzini publicou um livro com as suas experiências diretas, apoiado em filmagens documentais. O conceituado professor de filosofia J. Herculano Pires produziu talvez o livro mais profundo e documentado sobre o fenómeno. Todos enfrentavam o mesmo problema: a contenção. Depois de observar Arigó semanas, meses ou anos, não conseguiam evitar o exagero na admiração e no espanto.

Compreensível. À medida que a fama crescia, grande parte da classe médica começou a interessar-se — uns favoráveis, outros hostis. Em breve enfrentariam o mesmo dilema: manter a objetividade perante factos empíricos absolutamente incríveis. A dificuldade estaria em separar o

subjetivo do objetivo. Evidentemente, a fase mais importante para estudo seria a evidência objetiva, pois podia ser medida e compreendida.

Enquanto o clamor e a confusão cresciam pelo Brasil, Arigó continuava a lidar com problemas terra-a-terra e com os da sua capacidade de cura. Mantinha a determinação de se candidatar à Câmara de Congonhas do Campo como única forma de corrigir injustiças que conhecera como mineiro e amigo dos desfavorecidos. Nalguns meios, as suas ambições políticas eram tão censuráveis como o trabalho de cura. Arigó candidatou-se contra o próprio tio, Lamartine de Freitas, à presidência da Câmara.

Lamartine de Freitas do sistema, conservador até à medula. Católico ferrenho, sem mácula das supostas heresias que Arigó cometia diariamente. Proprietário rural de peso, favorito dos conservadores. Arigó era o oposto. Em condições normais, isso faria dele o favorito e arrastaria os votos de massa. Mas a Igreja oficial espalhara pela vila que Arigó era homem que não seguia os mandamentos da Igreja.

Além disso, os inimigos políticos de Arigó espalhavam que a única razão para ele manter aquela clínica estranha para pobres e doentes era angariar votos para a carreira política. Corriam mil histórias: Arigó era brigão (tivera uma rixa com um cliente turbulento do bar e atirara-o porta fora); Arigó cobrava escondido dos doentes; Arigó recebia comissões das farmácias e das farmacêuticas; Arigó tinha amante e filha ilegítima em Belo Horizonte ou no Rio. Não havia prova de nenhuma acusação, mas a oposição encarregava-se de as semear.

Arigó perdeu a eleição por cerca de duzentos votos, mas os apoiantes denunciaram manipulação das urnas: em vez de seguirem para Lafaiete, como a lei mandava, para contagem imparcial, ficaram a noite toda no correio local. Quando o tio tomou posse, as cartas estavam na mesa. Lamartine de Freitas chamou Arigó ao gabinete e intimou-o, seco: ou fechava a clínica ou saía da terra.

Arigó recusou redondamente. Tanto seu partido como o partido dissidente entraram em trincheiras mais nítidas. Queriam fazer dele um pária, mas as marés de gente que varriam Congonhas engrossavam. O tio acabou por ceder; Arigó prosseguiu a cura com mais fôlego que nunca. Esse mister parecia compartimento à parte da sua vida. Alguns especulavam que ele suspendia as funções mundanas ao tratar doentes

porque, literalmente, não tinha consciência do que fazia quando operava ou passava receitas. Para o espírita convicto, a resposta era simples: na clínica não era Arigó. Era o Dr. Adolpho Fritz; o corpo de Arigó, mera casca, executava os impulsos benéficos do médico alemão falecido, que na outra vida adquirira habilidades muito superiores às que tivera em carne. Conceito tão estapafúrdio que poucos o digeriam. O que saltava aos olhos era Arigó suspender as leis da física; até o crítico mais cáustico admitia, se se desse ao trabalho de o observar em ação. A maioria dos detratores, porém, nem se incomodava: despachava as histórias como impossíveis — atitude irrepreensível perante factos tão incríveis.

Prova curiosa da inconsciência de Arigó surgiu quando Jorge Rizzini lhe pediu para ver filmes a cores que filmara de uma operação. Rizzini montou o projetor na clínica, já vazia. O filme começou: Arigó cravava um canivete num olho. Arigó, fora do transe que marcava as horas de trabalho, viu a cena com horror crescente. Em segundos, a cabeça caiu-lhe sobre o peito; desmaiou. Quando acordou, fugiu da sala a gritar que aquilo era terrível demais para se ver.

Mas era claro que Arigó não conseguia parar, mesmo que quisesse. Era compulsão de grandeza avassaladora.

Conseguia, porém, furtar-se aos fins de semana. Recusava terminantemente tratar alguém aos sábados e domingos, recolhendo com a família na casa da tia rica, única espírita da parentela, que o animava a continuar. Ali cultivava o único passatempo: rosas. Como tudo o que tocava, era obsessivo: milhares de roseiras que mimava. Com dinheiro da tia, enviava-as aos cartuxos para hospitais de Minas e além. Tornaram-se marca registada. Quando um doente o importunava ao fim de semana, ficava carrancudo: «Achas que sou de ferro? Não sabes que tenho família?»

À medida que os louvores a Arigó se multiplicavam na imprensa e na televisão, os detratores cerravam fileiras. A vanguarda era o clero católico, ladeado pela maioria dos médicos de Minas Gerais. Mas também particulares nutriam rancor: inimigos políticos. António Maia Seabra, morador de Congonhas, era um deles. Acusava Arigó de oportunista que só olhava ao umbigo. Dizia que as operações eram truques. Espalhava que Altimiro cobrava quinze cruzeiros por senha e rachava com Arigó. Fazia circular que todo o doente tratado assinava cartão de compromisso de voto. Jurava que Arigó engolia uma ou duas garrafas de vinho a cada refeição.

Seabra ganhou reforço de dois médicos locais, compreensivelmente melindrados com a invasão do seu território. O Dr. Coimbra, médico de família de Arigó há anos, já não suportava a prática ilegal ostensiva e proclamava-o. Ultrapassou a crítica legítima para atribuir motivos que os amigos de Arigó juravam falsos. Acusava-o de magia negra e dizia que Arigó só persistia para ficar famoso e subir na política.

Quase todos os detratores reconheciam, porém, que Arigó era trabalhador incansável, bom pai, bom chefe de família — apesar de boatos de escapadelas extraconjugais. Altimiro, agora sob a mesma censura eclesiástica, gozava de alta consideração na vila. Obviamente, defender a prática ilegal de medicina era impossível, mesmo para o mais fervoroso advogado de Arigó. O sinistro era a tentativa — sobretudo política — de lhe colar intenções torpes que o homem simplesmente não tinha.

O ressentimento crescia também com a procissão de visitantes ilustres que percorriam quilómetros só para ver Arigó — e ignoravam os políticos locais. Corria que Juscelino Kubitschek, recém-eleito Presidente, mandara a filha a Arigó para curar pedras nos rins inoperáveis que resistiram a especialistas da Europa e América. Mais tarde confirmou-se. Só o rumor já azedava os inimigos. Kubitschek era idolatrado e já lançava Brasília, a capital fantástica que nasceria do nada no centro geográfico do país.

Outros doentes da época: o piloto pessoal do Presidente, o chefe da segurança presidencial, um juiz de nomeada, o capitão da polícia mineira, vários generais do Exército. Formidável escolta que refreava os críticos e atrasava os processos que ainda não tinham rebentado.

Além disso, um grupo de médicos de Lafaiete, despertado pelo dilúvio de rumores que alagava o país, iniciou investigação informal. Incluíam o Dr. José Demásio, o Dr. António Castanheira e o Dr. Viterino; juntou-se-lhes o Dr. João Ranulf de Melo, de Congonhas. Observaram duas operações de cataratas e duas de quistos ovarianos — uma abdominal, outra vaginal.

Exames cuidadosos antes e depois convenceram-nos: operações válidas, tecidos habilmente removidos, quase nenhuma cicatriz. Como sempre, sem anestesia, sem antissepsia, quase sem sangue, sem dor, sem pontos. Quanto ao crucifixo que Arigó pousava na zona operada, não comentaram. Concordaram, porém: não havia explicação natural; nenhum

médico comum faria aquilo; urgia estudo científico intensivo, se conseguissem fundos.

O rastilho inicial fora, claro, o senador Lúcio Bittencourt, cujo elogio contínuo mantinha o fogo. Gozava de saúde perfeita: testemunho vivo das faculdades inexplicáveis de Arigó. Um dia, após fila especialmente longa, Gabriel Khater, jornalista que servia de correspondente em Minas para vários jornais, encontrou-o perturbado. Arigó acabou por confessar: vira em visão um crucifixo negro que o angustiava. Sempre que aparecia, alguém próximo morria. Khater tentou animá-lo, afastar o símbolo fúnebre. Inútil. Arigó foi para casa tão abatido como chegara.

Na manhã seguinte, Khater ia folhear os jornais quando o primeiro o travou: «SENADOR LÚCIO BITTENCOURT MORRE EM ACIDENTE DE VIAÇÃO.»

Arigó ficou esmagado pela perda do amigo e ainda mais perturbado com a capacidade ominosa de antever tragédias. Deixava-o deprimido e preocupado. Mas continuou a rotina avassaladora.

Poucos dias depois, novo choque. Tratava doentes quando um arrepio o atravessou. Parou a caneta no ar, pousou-a.

Altimiro, à máquina, notou o gesto estranho. Viu Arigó sair da mesa, atravessar a sala grande e enfrentar um homem na fila.

— É polícia?

O homem confirmou.

— Venha comigo.

Levou-o ao gabinete, despachou os doentes que aguardavam, mandou Altimiro ficar, fechou a porta. Os olhos de Arigó flamejavam. Altimiro nunca os vira assim.

— Veio cá pedir receita para levar ao juiz, não é?

O polícia acenou.

— Assim arranja prova para processo contra mim, certo?

O homem, assustado, acenou de novo.

— Primeiro — disse Arigó —, cuide da família. Há muito que não os vê. Tem-nos negligenciado. Não é verdade?

O polícia murmurou, mas acabou por dizer que sim.

— É seu dever cuidar deles primeiro. Depois trata do juiz e dos tribunais. Vou passar-lhe receita. Segue-a?

O polícia jurou que sim.

Arigó pegou numa folha e escreveu depressa:

LEIA A BÍBLIA. DE MANHÃ CEDO. À TARDE. À NOITE. 3
VEZES POR DIA SEM FALHAR.

Entregou-lha. O homem, vermelho, leu, acenou e saiu. Arigó voltou ao trabalho.

5

Nessa época do início e meados dos cinquenta, o mundo fervia de preocupações: a Guerra da Coreia para os Estados Unidos, a bomba de hidrogénio para todos. Esta era o grande fruto da física de meados do século; a explosão biológica apenas se esboçava, prestes a tocar a matéria viva com a descoberta, por James Watson e Francis Crick, da função crucial do RNA e do DNA.

A medicina galopava: cortisona, vacina de Max Theiler contra a febre-amarela, estreptomicina, vacina antipólio de Jonas Salk, outros milagres de largo espetro.

Na física, os avanços vinham tão rápidos que a partícula elementar parecia chegar a beco sem saída, ponto onde ciência e metafísica se fundiam. Não menos fascinante: a descoberta do antiprotão na Universidade da Califórnia, sugerindo o conceito quase absurdo de antimatéria.

Este conceito levava o físico pragmático ao limiar do paranormal. Sugeria até que houvesse estrelas ou galáxias inteiras feitas de antimatéria. Nenhum escritor de ficção científica inventaria ideia mais louca, mas a antimatéria — idêntica à matéria normal, exceto nos prótons e eletrões de

carga invertida — era verificada rotineiramente do MIT ao Cal Tech. Ao colidir com prótons e elétrons normais, a antimatéria aniquila ambos.

Explicando o fenómeno, o físico Leon Lederman, do Laboratório Nacional de Brookhaven, foi taxativo: «Acredita-se agora numa simetria mais profunda entre mundo e antimundo: o antimundo não só substitui partículas por antipartículas, como é imagem espelhada do nosso.» E acrescentou: «Não é possível, hoje, refutar a grande especulação de que esses antimundos possam ser povoados por criaturas pensantes.»

Conceitos revolucionários abalavam as visões convencionais da ciência e, nos primeiros anos cinquenta, inspiraram alguns cientistas a criar estudos organizados em áreas que a ciência negligenciara. Nada sabiam do que se passava com Arigó em Congonhas do Campo. Sentiam, porém, que a investigação de fenómenos paranormais e de transferência de energia era grosseiramente ignorada face aos grandes avanços da física e da medicina.

Um dos grupos reunia médicos, engenheiros, cirurgiões, neurologistas, executivos e professores de universidades, hospitais, governo e indústria, além de consultórios privados. Havia um investigador sénior em cirurgia, um gestor de astroelectrónica numa grande empresa, um psiquiatra-chefe de investigação, professores de cirurgia e de filosofia, um neurologista, entre outros. Trabalhavam em instituições de renome: Stanford, New York University, Massachusetts General Hospital, Universidade de Pittsburgh, Radio Corporation of America. Formaram, por fim, uma organização informal chamada Essentia Research Associates, sediada em Nova Iorque.

Na mesma altura em que Arigó florescia no Brasil, alguns começaram a explorar telepatia para divisões do governo dos EUA, incluindo NASA e Força Aérea. O progresso, porém, era intermitente; fundos públicos escasseavam. O grupo Essentia só conseguia sondagens tímidas no paranormal, incluindo transferência de informação não sensorial.

O Dr. Henry Puharich — que mais tarde se juntaria a Henry Belk no encontro com Arigó — era um dos Essentia. Aliou-se a John Laurance, da Life Energies Research, centrada em sensores electrónicos complexos para detetar e identificar sistemas energéticos em torno do corpo humano. Essas energias mal definidas tinham sido estudadas de forma rudimentar; o avanço exigia instrumentação sensível. Havia interesse em muitos

quadrantes — Pentágono, NASA, Comissão de Energia Atômica —, e Puharich e outros foram convidados para palestras. Mas o interesse ainda era lento para gerar os avultados fundos necessários a conclusões sólidas.

Se, em meados dos cinquenta, o trabalho de Arigó tivesse chegado ao conhecimento sério dos EUA, talvez se dessem passos maiores na iluminação. Assim, qualquer estudo científico teria de correr mais que as pressões para encerrar para sempre as suas práticas.

Felizmente, crescia no Brasil o número de médicos e cirurgiões altamente qualificados que começavam a tomar Arigó a sério e a examinar factos. Parte desse interesse refletia-se de formas curiosas. Um cirurgião tentou hipnose para imitar o uso ousado da faca no olho. Usou um instrumento pequeno, rombo, tipo espátula, para minimizar danos; mesmo assim, sob hipnose profunda, o resultado foi desastroso. Mal tocou no olho, o doente recuou em pânico. O que quer que Arigó fizesse, estava fora do alcance do cirurgião comum.

A mágoa dos médicos era compreensível: não só concorrência, mas orgulho. No Brasil, formar-se médico exige tanto como nos EUA — pré-medicina, faculdade, internato, residência —, investimento pesado de tempo e dinheiro. Um caipira que não passara da terceira classe atrair atenção nacional e cidadãos de renome internacional feria-lhes o orgulho profissional. Por outro lado, os médicos cuja curiosidade superava o ressentimento ficavam em pasmo diante do que viam.

Um deles foi o Dr. Ladeira Marques, do Rio, farto de ouvir e ler sobre Arigó. Decidiu subir às profundezas de Minas para ver a lenda. Levou outro médico carioca que preferiu anonimato; prepararam-se para o pior.

Meses antes, quando os dois médicos reuniam coragem contra o esperado escárnio dos pares, uma mulher chamada Maria Silveiro, em Vitória, capital do Espírito Santo, procurara o seu clínico por dores constantes no baixo-ventre. A preocupação crescia.

O médico chamou especialista. Em pouco tempo, o diagnóstico era definitivo: cancro do ovário. Recomendaram operação imediata. Com o marido, Isménio Silveiro, alto funcionário local, marcaram a cirurgia no melhor hospital da cidade.

Operaram, mas sem sucesso. Prognóstico devastador: meses de vida. Todos os médicos desistiram.

Isménio confiou no amigo Virgílio Mendes Ferraz, um dos homens mais ricos da região, latifundiário conhecido no estado. Ao ouvir o drama, Ferraz contou o caso da própria mulher: cancro, desenganada por dezenas de especialistas. Levou-a a Arigó, em último recurso. Arigó operou-a consciente; semanas depois, estava curada.

Ferraz, tão impressionado, enviou a Arigó um cheque de 50 000 dólares. Surpreendeu-se quando Arigó lho devolveu de imediato: não aceitava dinheiro nem prendas.

Ferraz instou Silveiro a levar a mulher a Arigó: valia qualquer risco face ao diagnóstico. Os Silveiro chegaram a Congonhas do Campo exatamente quando o Dr. Ladeira Marques e o colega anónimo desembarcavam do Rio.

Desconfortáveis, os dois médicos foram levados à salinha dos fundos, além da zona habitual de Arigó — reservada às operações graves. Mobiliário espartano: uma porta velha esticada entre dois cavaletes servia de mesa; um catre de madeira para raros cuidados pós-operatórios. Convidaram-nos a observar de perto.

Arigó era o habitual: ríspido, brusco, quase arrogante. Janela grande dava luz suficiente. Os médicos do Rio prepararam-se. Maria Silveiro entrou com o marido; Arigó tomou conta. Meio empurrou, meio guiou a mulher para a porta-mesa, coberta de jornais velhos. Chamou Altimiro: trouxe os instrumentos numa lata amolgada — pinças, dois bisturis, faca de descascar, tesouras. Arigó estava no estado de transe que o transformava no Dr. Fritz, mudança tão viva que jornalistas e até médicos passaram a tratá-lo por esse nome.

Com sotaque gutural alemão, virou-se para o marido — ignorando o sofrimento — e perguntou se preferia incisão abdominal ou via vaginal. O marido escolheu a segunda. Sem mais cerimónias, mandou-o erguer o vestido da doente. Começou a operação a velocidade estonteante. Os médicos do Rio assistiram, incrédulos.

Em operação deste tipo, o espéculo é obrigatório: abre tecidos para inspeção e passagem de instrumentos. O arsenal de Arigó não tinha tais

requintes. Viram-no enfiar três pares de tesouras e dois bisturis na vagina, cada um com um só movimento violento. Voltaram-se para a doente: certamente haveria dor atroz. Mas ela permaneceu calma, imóvel, sem reação. Segundo o Dr. Marques:

«Arigó segurava metade da tesoura. De repente, a outra metade começou a mexer-se sozinha, como se outra mão agarrasse o cabo livre e fizesse movimentos nítidos, cortando. Ouvia-se o som de metal e tecidos a serem cortados. Em segundos, o “Dr. Fritz” retirou a tesoura. Ao ver sangue, parou e disse: “Senhor, que não sangre mais.” Não sangrou. Continuou.

«Pegou então nas pinças. Chamando-nos a atenção, introduziu-as e retirou um pedaço de tecido com 79 cm de comprimento por 38 cm de largo. A doente manteve-se serena durante todo o processo, que durou minutos. Não sentiu dor. Sem anestesia, sem esterilização, sem antissepsia.»

Mais tarde, deu à luz um filho saudável e recuperou saúde plena. Ambos os médicos viram-se obrigados a aceitar o que tinham visto com clareza — «escravos dos factos», disse um. Sabiam, porém, que se o tornassem público arriscavam censura. O Dr. Marques não se calou: relatou tudo aos colegas. O problema era a credibilidade — e o que tal relato faria à reputação de um médico corajoso.

Não era decisão fácil para um profissional. A posição oficial das ordens era clara: Arigó era curandeiro e charlatão, senão bruxo. Caso encerrado. A Ordem dos Médicos de Minas roía o freio com a lentidão da Divisão de Roubos e Falsificações da polícia. Suspeitavam, com razão, que altos funcionários — ou seus familiares — deviam a vida a Arigó e não queriam encarcerar quem tanto lhes dera.

Talvez essas figuras influentes tenham aberto caminho a mais médicos que, arriscando a censura profissional, peregrinavam a Congonhas do Campo.

O dia em que os médicos visitantes chegavam à aldeia era irrelevante no que dizia respeito a casos representativos. Cada dia, Arigó enfrentava um espectro tão amplo de doenças e perturbações que qualquer médico poderia encontrar algo de interesse específico para qualquer problema médico.

Mas alguns médicos vinham a Congonhas do Campo em resultado de casos específicos que tinham seguido com interesse. Eram doentes desesperados que recorriam a Arigó como último recurso, depois de tudo o mais na ciência médica ter falhado. O Dr. José Hortência de Medeiros encontrou-se a observar Arigó precisamente por essa razão. O Dr. Medeiros, que era especialista em radiologia no Instituto Estadual de Cardiologia, era amigo de um jovem casal profundamente preocupado com a doença da esposa. Embora o Dr. Medeiros praticasse medicina há muitos anos e tivesse sido formado na sua especialidade de radiologia na Suécia durante dois anos, pouco podia fazer pela esposa, uma jovem polaca no final dos vinte anos. O marido era austríaco.

Ela fora levada de urgência para a Clínica Pronto Socorro em São Paulo, onde chegou em estado desesperado, com sintomas de obstrução intestinal. Foi examinada e radiografada, e era evidente que era necessária uma operação imediata. Durante a cirurgia, verificou-se que o cólon transversal estava bloqueado por um tumor, que foi removido. Realizou-se uma colostomia, na qual se faz uma abertura no abdómen e o cólon é ligado a ela para permitir a defecação para um saco de colostomia.

O tumor foi enviado imediatamente para o laboratório para exame patológico, mas os cirurgiões sentiam-se seguros de que a mulher tinha cancro e de que havia pouca esperança. Os gânglios no peritонеu estavam grosseiramente aumentados, e fora notado um nódulo no fígado durante a operação. O exame laboratorial confirmou claramente carcinoma.

Com os testes a confirmarem malignidade, o caso era desesperado. Todos os médicos consultados concordavam com isso. No entanto, decidiu-se fazer uma última tentativa, e ela entrou no Hospital Central do Cancro em São Paulo para outra operação. Havia uma sensação de futilidade nisso, mas tanto o marido como o Dr. Medeiros sentiam que nada deveria ficar por tentar.

O abdómen foi aberto novamente, e a essa altura a condição era ainda mais desesperada. O cancro tinha metastizado por toda a área abdominal; foi encontrado um novo crescimento do tamanho de um ovo grande na secção esquerda. Entretanto, o peso da doente tinha caído de forma vertiginosa. Pesava agora pouco mais de trinta e dois quilos. Anteriormente, pesava quase cinquenta e nove. O relatório do cirurgião no Hospital Central do Cancro era ainda mais pessimista do que o da clínica.

Relatou o caso como totalmente incurável e fora do alcance dos recursos da ciência médica.

Foram feitos dois controlos independentes no tecido metastizado, um pelo chefe de anatomia patológica do Hospital Central do Cancro. O diagnóstico foi claramente reconfirmado como carcinoma metastático monocelular, e os dois relatórios independentes concordaram sem questionar nisso. A doente estava sobrecarregada por uma invasão carcinogénica. O prognóstico nos relatórios indicava uma expectativa de vida potencial de dois meses, no melhor dos casos. O Dr. Medeiros reverificou todos os factos do caso e concluiu que não havia mais nada a fazer senão concordar.

Com a esposa pouco mais do que um esqueleto vivo, o marido veio ter com o Dr. Medeiros com uma última sugestão, provavelmente fútil: gostaria de levar a esposa a Congonhas do Campo para ver Arigó. Reconhecia como isso poderia ser ridículo, mas, se o Dr. Medeiros achasse que ela aguentaria a viagem, gostaria de o fazer.

Medeiros ouvira falar de Arigó, e o seu interesse fora despertado pelos relatórios que chegavam a São Paulo vindos de Congonhas do Campo. Também conhecia a atitude das sociedades médicas em relação ao curandeiro, mas, como médico de curiosidade e compaixão, não via mal em fazer uma última tentativa, mesmo que falhasse miseravelmente. E porque era amigo próximo do casal, decidiu acompanhá-los. Pelo menos, pensou, poderia tentar manter a esposa sem dor na longa viagem.

Seria desastroso, sabia o médico, tentar a viagem de carro ou autocarro. Em vez disso, fretou-se um pequeno avião para voar para o aeroporto de Lafaiete, a instalação aérea mais próxima de Congonhas. A esposa tinha agora descaído para vinte e nove quilos e meio.

A doente foi carregada pelo marido até Arigó, acompanhada pelo Dr. Medeiros. No silêncio da clínica bolorenta, a voz de Arigó ressoava com o seu sotaque alemão, salpicada de frases alemãs ocasionais. O marido, sendo austríaco, reuniu coragem para falar com Arigó em alemão, e foi respondido nessa língua.

Arigó não deu atenção especial à mulher gravemente doente. Ela era simplesmente uma entre as muitas centenas que passavam pela sua mesa nesse dia ou em qualquer outro. Olhou para ela, com os olhos vidrados no

estado de transe habitual que experimentava sempre que assumia a personagem do Dr. Fritz. A sua mão rabiscou rapidamente uma receita. Disse apenas à esposa: «Tome isto e fique boa».

O trio foi abruptamente encaminhado para Altimiro, que digitou imediatamente a receita. Duas horas depois, seguiam de volta para São Paulo. No avião, o Dr. Medeiros estudou a receita. Embora os medicamentos incluíssem produtos farmacêuticos atualizados na altura, considerou a combinação totalmente irracional. E as dosagens prescritas excediam em muito qualquer receita comum. Os fármacos incluíam Kanamicine, Olobintin, Neurorubin e Dexteascine, todos medicamentos de marca registada e disponíveis em quase qualquer farmácia no Brasil.

A Kanamicine era um medicamento de origem japonesa, fabricado sob licença especial no Rio de Janeiro. Era basicamente um antibiótico, usado principalmente em infeções intestinais. Tinha causado efeitos secundários graves por vezes. O Olobintin era uma antiga fórmula alemã fabricada no Rio, destinada a aumentar as forças defensivas do organismo, e supostamente tinha eficácia especial em bronquite fétida e gangrena pulmonar. Era injetável.

O Dr. Medeiros não encontrava razão real para a sua inclusão, mas ouvira de outros médicos que as receitas de Arigó tinham uma forma estranha de funcionar, independentemente da sua absurdidade. Também ouvira que, quando outros médicos tentavam imitar as combinações não convencionais de Arigó, os medicamentos eram ineficazes. O Neurorubin era também produzido no Brasil e consistia num complexo de vitamina B, com uma proporção elevada de vitamina B12. A razão para a Dexteascine era obscura.

Apesar do seu pessimismo de que os medicamentos fizessem algum bem, o Dr. Medeiros concordou em arriscar, por frustração e desespero, se mais não fosse. Quando chegaram de volta a São Paulo, administrou as dosagens anormais e esperou, sentindo-se muito pouco profissional ao fazê-lo.

Em uma semana, a doente fatalmente doente melhorou ao ponto de poder levantar-se da cama e andar pelo quarto. Ao fim da segunda semana, tinha recuperado mais de nove quilos do peso perdido. Após seis semanas de tratamento, pesava quase dois quilos e meio a mais do que quando fora

inicialmente atingida pela doença. O Dr. Medeiros mal conseguia conter a surpresa. Concordou em regressar a Congonhas do Campo com a doente e o marido para uma reavaliação por Arigó.

Estava agora muito ansioso por acompanhar a sua observação sobre o curandeiro e especialmente interessado em confirmar a aparente cura. Pelo que sabia, a doente parecia estar permanentemente a caminho da recuperação. Ainda andava com o saco de colostomia incômodo como meio de eliminar os resíduos. Arigó nada dissera sobre removê-lo, e, por enquanto, Medeiros não via sentido em desafiar o conselho de Arigó, face ao sucesso inacreditável alcançado até então.

De volta a Congonhas do Campo, Arigó declarou abruptamente que a doente estava fora de perigo e entregou-lhe duas receitas adicionais, tão não convencionais como a primeira. Um dos novos medicamentos era um antibiótico usado para infeções do trato urinário. O Dr. Medeiros concluiu que pelo menos podia concordar com essa lógica, uma vez que a colostomia e a obstrução intestinal original tinham tido um efeito extremamente prejudicial no sistema urinário.

A doente regressou a Arigó pela terceira vez, com a mãe. Arigó declarou inequivocamente que ela estava completamente curada. Instruiu-a a «desfazer a operação», referindo-se à colostomia. Ela regressou a São Paulo com a notícia, e foram imediatamente feitos arranjos para reverter cirurgicamente a colostomia, fechando as aberturas cirúrgicas.

A nova operação foi realizada num grande hospital de São Paulo por um dos principais cirurgiões do Brasil. O Dr. Medeiros esperou impacientemente para descobrir exatamente o que seria encontrado quando o abdómen da sua doente fosse reaberto pela primeira vez desde que fora dada como perdida.

A busca pelo tumor foi negativa; tudo o que restava era uma formação inofensiva de tecido fibroso. O intestino foi religado e começou a funcionar normalmente. Onze meses depois, a doente não apresentava qualquer sinal da sua condição anterior devastadora.

Porque seguira este caso do início ao fim e estava familiarizado com todos os detalhes, o Dr. Medeiros não hesitou em anunciar publicamente as suas descobertas. Muitos dos seus colegas tinham tido experiências semelhantes com Arigó e os seus doentes, mas hesitavam em relatar os

casos em revistas médicas ou ao público. Face ao processo judicial pendente contra Arigó, qualquer anúncio desse tipo era malvisto tanto pela Igreja Católica como pelas associações médicas. Apesar disso, Medeiros regressou várias vezes mais a Congonhas do Campo. Nas operações que observou, ficou espantado e impressionado com o que parecia ser uma formação quase instantânea de cicatrizes nas incisões, sem se usarem pontos. Era outro fenómeno inexplicável que acompanhava a maior parte do trabalho de cura de Arigó.

Outro médico de considerável estatuto que estava disposto a ir contra a corrente da opinião oficial era o Dr. Ary Lex. Era docente na Clínica Cirúrgica da Universidade de São Paulo, especialista em cirurgia do estômago e sistema digestivo, e exercia no Hospital das Clínicas, o maior hospital da América do Sul. O que o intrigava era que, embora a Igreja e as sociedades médicas vasculhassem o terreno para tentar encontrar alguém – qualquer um – que tivesse sido prejudicado por Arigó e que testemunhasse contra ele na ação judicial iminente, tinham sido totalmente mal sucedidas.

Se houvesse casos desses por aí, não se davam a conhecer. Por toda a lógica, pessoas alegadamente prejudicadas pela cirurgia rudimentar ou pelas receitas de Arigó deveriam certamente ter surgido na cena a essa altura. Havia médicos e padres do sistema suficientes determinados a apanhar Arigó – na verdade, a destruí-lo – para que tivesse sido fácil encontrarem alguém que pelo menos sentisse que fora prejudicado por Arigó. O facto de nenhum ter sido descoberto era uma prova de apoio importante para a validade de Arigó, sentia o Dr. Lex.

Como antigo presidente da secção cirúrgica da Associação Médica de São Paulo, Lex sabia que estava a pisar terreno perigoso ao fazer um estudo de Arigó. Era conhecido pela sua luta contra qualquer tipo de charlatanice ou práticas antiéticas. No decurso desse trabalho, descobrira vários fraudes e truques, e fora bem sucedido em expô-los. Tornou-se rapidamente evidente para ele que Arigó era um caso completamente diferente.

Foi a Congonhas sozinho, sem colegas, porque tinha demasiadas dúvidas de que descobriria algo especial sobre Arigó. Ficou surpreendido e satisfeito por encontrar dois outros professores de medicina em Congonhas do Campo com a mesma ideia em mente. Quando viu o que aconteceu nesse dia na clínica de Arigó, agradeceu por ter lá os outros profissionais.

Juntos, observaram quatro operações no espaço de meia hora, espalhadas entre cerca de trinta casos não cirúrgicos. Como o Dr. Lex nunca encontrara um curandeiro mediúnico que sobrevivesse ao seu escrutínio em condições de teste, observou cuidadosamente enquanto Arigó se punha ao trabalho. A única cortesia que Arigó mostrou aos seus três ilustres visitantes foi convidá-los a aproximarem-se o mais possível para observar. O Dr. Lex discerniu rapidamente que, embora o próprio Arigó parecesse estar num estado de transe, não tentava usar quaisquer técnicas hipnóticas nos doentes, nem usava qualquer tipo de passes com as mãos ou outros meios de sugestão. O Dr. Lex estava particularmente interessado nisso, porque sentia que poderia explicar parte do sucesso de Arigó, mas agora estava convencido de que os doentes nem sequer estavam num estado de transe parcial.

A primeira operação foi a drenagem de um quisto sinovial, sem qualquer preparação cirúrgica ou anestesia, como de costume. E, claro, sem antisepsia. Foi concluída com sucesso em questão de momentos. Para a segunda operação, Arigó perguntou ao Dr. Lex se queria segurar o braço do doente. Ele assim fez, permitindo-lhe uma visão extremamente próxima da remoção de um linfoma. Arigó fez isso em menos de meio minuto. Mas o que mais interessou o Dr. Lex foi a técnica usada. Em vez de cortar a pele com o bisturi, Arigó massajou o dorso da lâmina pelo braço até que esta se abriu subitamente. Depois, com as mãos, pressionou a carne, e o tumor gorduroso saiu como uma unidade.

Na terceira operação, Arigó enfrentou o mesmo problema e operou da mesma forma. Para a quarta, Arigó permitiu que o Dr. Lex segurasse a cabeça do doente enquanto se preparava para operar um pterígio. Este crescimento alado sobre o olho estava firmemente fixo na córnea. Arigó pegou num par de tesouras de unhas não esterilizadas, enquanto o Dr. Lex observava em descrença.

Nenhum doente, tinha a certeza, poderia suportar o corte direto no globo ocular sem anestesia total. Mas, como de costume, o doente estava completamente acordado enquanto Arigó empurrava as pontas das tesouras para dentro do olho com uma aspereza inacreditável, cortando livremente o tecido ocular e falando com o seu sotaque alemão enquanto o fazia. O crescimento foi removido de forma limpa, mas o olho começou a

hemorragiar profusamente, o sangue começando a escorrer pela face do doente.

Arigó olhou para o teto e ordenou que o sangue parasse. Depois pegou num pedaço de algodão de limpeza questionável e pressionou-o no olho. Após um ou dois momentos de limpeza, removeu o algodão. A hemorragia parara completamente.

Questionado mais tarde pelo autor J. Herculano Pires, o Dr. Lex disse: «Os únicos adjetivos que consigo encontrar para definir isto são espetacular e espantoso».

Depois continuou: «Durante todas estas operações, falei com os doentes, perguntando-lhes se sentiam alguma dor. Os doentes estavam conscientes, calmos, não reagiam e diziam que não sentiam nada. Arigó agia de forma natural, estava confiante em si mesmo ao ponto de, numa ocasião, limpar o bisturi violentamente na cabeça do meu colega. Ele – o médico – também não sentiu nada, apesar da violência do ato».

O Dr. Lex observou várias das «examinações com faca pontiaguda» de Arigó ao olho de um doente, nas quais Arigó literalmente mexia a faca bem fundo na cavidade orbital, olhando para longe do doente e falando com outros enquanto o fazia. «Às vezes fazia o globo ocular sobressair como se fosse sair da órbita», contou o Dr. Lex a Pires. «Tudo isto sem assepsia ou anestesia e sem sinais de dor nos doentes».

Mas, por mais admirado que o Dr. Lex estivesse com a forma de cirurgia de Arigó, ficava angustiado com as suas receitas. «Fiquei assustado com elas», disse o Dr. Lex. «Considero-as grandes absurdos. Não parecem fazer qualquer sentido. O Olobintin e a Kanamicine são medicamentos realmente obsoletos. Têm efeitos secundários perigosos e reações adversas».

O Dr. Medeiros, claro, concordava com isso. No entanto, vira as receitas funcionar e, após averiguação, não encontrara qualquer dano causado por elas, tanto quanto pudera determinar. Isto era uma investigação hardly adequada, sabia ele, e o problema continuava tão intrigante como sempre. Tanto o Dr. Lex como o Dr. Medeiros concordavam completamente numa coisa: deveria ser feita uma investigação séria sobre Arigó – longa, intensiva e completa, e sob controlo médico rigoroso.

«Apesar dos seus defeitos», disse o Dr. Lex, «ele é um fenómeno notável. Não critico apenas Arigó. Parece-me que ele deveria merecer maior atenção de muitas sociedades científicas. O facto de não haver controlo científico das atividades do médium expõe-no a ele e aos seus doentes a uma série de situações perigosas. Há também o perigo de uso indevido das suas faculdades. A prova científica falta neste momento. Deveria ser estabelecida, claro. Mas posso dizer sem questionar que observei pela primeira vez um caso de fenómeno paranormal autêntico no meu próprio campo da medicina».

Mais tarde, o Dr. Lex regressaria para ver Arigó e observar um caso confirmado de cancro do fígado no qual Arigó removeu o tumor com as mãos, um procedimento inaudito. A biópsia reconfirmou a condição cancerosa, e a recuperação total do doente foi igualmente confirmada. Era um advogado rico, um materialista sólido e pragmático. Quando recuperou, tornou-se espírita.

Havia outros médicos, muitos deles, que vinham a Congonhas do Campo, quer abertamente quer de forma encoberta. Alguns vinham para zombar, mas a maioria ia embora completamente convencida de que aqui estava um dos casos mais estranhos da história da medicina. O consenso era que Arigó era inacreditável – no entanto, a evidência empírica fria do sucesso das suas operações deixava-os sem escolha senão acreditar no inacreditável.

Mas não eram suficientes para montar qualquer oposição eficaz face à atitude das sociedades médicas. E mesmo aqueles que estavam completamente convencidos da validade de Arigó sentiam que ele não poderia continuar com a sua prática numa situação aberta e descontrolada. Charlatães inescrupulosos, inspirados por Arigó, proliferariam por todo o país, com resultados totalmente desastrosos para o público. Poderia desenvolver-se uma anarquia médica. Qualquer um que pareça suspender as leis da física enfrenta problemas esmagadores e totalmente únicos. Entre os problemas de Arigó estava a complicação adicional de ser considerado um blasfemo e herege aos olhos da Igreja Católica.

Finalmente, após o longo atraso, a maquinaria legal do processo judicial chegou ao auge. A 1 de agosto de 1956, um oficial chamado Helvécio Arantes, da divisão de Roubo e Falsificação da polícia estadual, sentou-se à secretária e escreveu:

Diretiva Judicial executando ordens do Secretário de Segurança Pública do Estado de Minas Gerais para verificar os factos relativos à prática de medicina ilegal pelo indivíduo conhecido como José Arigó, cujo nome verdadeiro é José Pedro de Freitas, para inquirir acerca da prática de medicina ilegal.

Zé Arigó e todas as pessoas com conhecimento destes atos serão chamados. Uma receita escrita por Arigó pode ser encontrada na farmácia Farmacia Congonhas Limitada.

Os primeiros detetives da polícia a chegarem à cidade foram imediatamente detetados pelos habitantes. Arigó já tinha descoberto um dos seus batedores avançados. Os aldeãos não eram menos observadores. Os detetives encontraram apenas resistência da parte da maioria deles. Mesmo com a ameaça de que a retenção de informação era contra a lei, poucos falariam contra Arigó. A maioria recusava-se a dar nomes daqueles que tinham sido tratados por Arigó. Mas, claro, havia os inimigos de Arigó, e estes apresentaram-se voluntariamente para testemunhar. Mas, como nenhum deles visitara a clínica de Arigó como doente, havia pouco de concreto que pudessem dizer.

Quando se espalhou a notícia de que os opositores de Arigó estavam a falar com a polícia, começou um movimento de base entre os seus apoiantes para testemunharem a seu favor: declarariam publicamente que ninguém fora prejudicado pelo trabalho de cura de Arigó e que milhares tinham sido curados por ele. O que não percebiam era que, mesmo que elogiassem Arigó até aos céus no seu testemunho, estavam a cavar-lhe a sepultura. Cada testemunho que mostrasse Arigó como um curandeiro eficaz era condenatório aos olhos da lei. A polícia não estava interessada em saber se ele curava ou não. Tudo o que precisava de ser provado era que Arigó estava a praticar medicina.

Mesmo com a polícia a infiltrar-se na cidade, Arigó continuou o seu trabalho diário. A longa fila à frente da sua clínica formava-se todas as manhãs com a sua carga de doença e desespero, chegando de Belo Horizonte, São Paulo, Rio, através da fronteira na Argentina e de outros locais.

Uma noite, após um longo dia de trabalho, Arigó deitou-se na cama ao lado de Arlete, que estava meio adormecida. Arigó não lhe falou, mas momentos depois ela ouviu-o começar a falar.

Estava a rezar pelos seus inimigos.

6

Por pura coincidência, foi em Congonhas do Campo que nasceu a ideia para a extraordinária cidade capital de Brasília. A aldeia foi também o local onde os caminhos de Arigó e do Presidente Juscelino Kubitschek se cruzaram pela primeira vez. Foi um evento que afetaria a vida de ambos.

Kubitschek, um homem alto, poderoso, impressionante, com uma espessa cabeleira preta e um carisma todo seu, fez campanha vigorosa por todo o Brasil na sua candidatura à presidência nas eleições de 1955. Era imensamente popular onde quer que ia. Fora um forte apoiante das políticas do Presidente Vargas, e prometeu eloquentemente ao eleitorado que lhes traria cinquenta anos de progresso em cinco. Mais frequentemente do que não, os seus inimigos davam-lhe crédito por dizer o que pensava. Mas mesmo antes de ser eleito, havia uma acumulação de queixas sobre a extravagância das suas ideias.

O passado de Kubitschek era tão impressionante como a sua aparência. Médico qualificado, especializara-se em cirurgia tanto em Paris como no Médio Oriente, e durante muitos anos depois servira como oficial médico em várias agências governamentais no Brasil. Mas o apelo da política cresceu nele. Passou sucessivamente do cargo de deputado federal, para presidente da câmara de Belo Horizonte, para governador do estado de Minas Gerais. Cosmopolita, falava francês e inglês além do português, e sentia-se à vontade em muitas capitais estrangeiras.

A sua visita de campanha pré-eleitoral a Congonhas do Campo foi marcada por um discurso no qual prometeu à multidão reunida na Rua Marechal Floriano que, se eleito, respeitaria escrupulosamente a Constituição. Só assim haveria paz no Brasil. «Obedecerei a todos os conceitos da Constituição», disse à multidão, «artigo por artigo, por artigo».

Um da multidão gritou da plataforma: «Se está disposto a obedecer à Constituição artigo por artigo, está pronto a obedecer ao artigo que exige que seja construída uma nova capital no meio do país?»

A pergunta apanhou Kubitschek desprevenido. Ficou em silêncio durante quase meio minuto. Durante anos, os estadistas brasileiros tinham procurado uma forma de abrir o vasto interior do país. Desde a sua fundação, o Brasil fora como uma gigantesca roda sem cubo no seu centro vazio. O peso da população estava aglomerado ao longo da costa, como um fardo pesado e desequilibrado que deixava os ricos recursos interiores inacessíveis. Kubitschek sentiu que não podia agora recuar no compromisso de observância constitucional estrita que acabara de fazer. Mas, francamente, esquecera-se do artigo que exigia a construção de uma capital interior.

Olhou diretamente para o homem que fizera a pergunta e disse: «Tem razão. Não tinha pensado neste assunto. Mas tem razão, e eu construirei Brasília!» Mais tarde, claro, a cidade erguer-se-ia do nada para espanto do resto do mundo. E apesar das pesadas acusações de desperdício e corrupção lançadas contra Kubitschek, mesmo os críticos concordam agora que abriu o Brasil.

Kubitschek ouvira falar de Arigó antes – dificilmente alguém no Brasil não ouvira falar dele. Mas nesse dia em Congonhas do Campo, quando observou Arigó em ação, ficou atônito.

«Não compreendo», disse Kubitschek mais tarde. «Sabia do seu fantástico prestígio por muitas das pessoas proeminentes que me contaram o que Arigó fizera por elas. Mas, sendo médico e cirurgião eu próprio, achei-o tão extraordinário que não encontro palavras para o expressar. As pessoas tinham fé nele. Ninguém poderia deixar de ter. Era um deus».

Kubitschek ficou tão impressionado que ele e a esposa aceitaram o convite de Arigó para almoçar com ele. Arlete, com o cabelo em rolos como parecia estar constantemente, serviu uma refeição modesta, e Kubitschek e Arigó começaram uma amizade que duraria anos. A amizade tornou-se crítica para Kubitschek quando uma das suas filhas teve de ser levada para os Estados Unidos para uma operação à coluna devido a uma deformação crítica e massiva da espinha. A operação era tão delicada que ela teve de permanecer completamente imobilizada durante muitos meses.

«Por causa disto», descreveu Kubitschek a situação, «desenvolveu dois enormes cálculos renais depois de regressar ao Rio de Janeiro. A minha esposa estava muito, muito nervosa, porque esta complicação poderia levar a uma condição grave e talvez letal. A minha esposa disse-me: Poderíamos pedir a Arigó que viesse ao Rio e visse o que podia fazer pela nossa filha? Concordei. Contactei Arigó por telefone. Disse-lhe que a nossa filha estava gravemente doente, mas não lhe disse qual era o seu problema.

«Congonhas do Campo fica a seis horas de carro, mas ele estava aqui no Rio na tarde seguinte. Entrou em nossa casa e, antes que eu tivesse oportunidade de lhe dizer algo sobre a condição da minha filha, entregou-me uma receita escrita num pedaço de papel simples.

Enquanto médico, reconheci que era um específico para eliminar cálculos renais. Mas como poderia Arigó saber da sua condição? Como não exercia há algum tempo, verifiquei com o meu próprio médico. Ele indicou que não achava que faria muito bem, mas sentia que não haveria mal em tentar. Dizia-se que as receitas de Arigó tinham um efeito inteiramente além dos limites da própria receita. Dei-lhe o medicamento, e ela ficou completamente curada».

A partir daí, o Presidente Kubitschek e a esposa faziam frequentemente um desvio para parar em Congonhas do Campo para uma visita informal com Arigó. Ofereceram-lhe um relógio de pulso de ouro maciço, mas Arigó recusou-o bruscamente, explicando que não podia aceitar qualquer prenda ou dinheiro.

As condições em Congonhas do Campo tinham agora ficado tão apertadas com os doentes e os moribundos que se aglomeravam nas ruas que Walter de Freitas, irmão de Arigó, construiu um hotel modesto ao lado do Centro Espírita onde Arigó trabalhava. Não era uma obra de arte, mas algo tinha de ser feito para aumentar as acomodações na aldeia, que estava esgotada ao limite.

O hotel, claro, atraiu mais atenção para Arigó, que agora assumira o emprego de rececionista no instituto estadual de previdência e pensões como meio de sustento da família. Isto, somado ao seu trabalho na clínica, levava-o ao limite de um dia de dezasseis horas, todos os dias, com exceção

dos fins de semana, quando frequentemente trabalhava na venda de imóveis ou no seu amado jardim de rosas.

Os repórteres continuavam a produzir histórias de milagres, que se tinham proliferado ao ponto de se tornarem comuns. Roberto Freire, um jornalista da Realidad, que era também médico, pressionou Arigó fortemente sobre os relatos de que ele devia estar a ganhar dinheiro com comissões nas receitas que escrevia, embora não pudesse ser encontrada qualquer prova.

Arigó insistiu que não era verdade. Admitiu que a sua fama como curandeiro poderia ajudar em algumas das vendas de imóveis, mas era só isso. Disse que estava determinado a dar aos filhos uma boa educação, em contraste com a sua própria escassa, e que acolhia a ajuda financeira ocasional que recebia dos membros ricos da sua família.

O repórter perguntou-lhe: «O hotel é do seu irmão, Arigó? Dizem que são sócios e que não trata de ninguém que não fique lá».

Arigó levantou-se zangado. «Costumava tratar os meus doentes em minha casa», disse. «Uma das queixas contra mim era que estava a contaminar todas as pensões e hotéis da cidade. O meu irmão Walter construiu o hotel sozinho. Não fiz qualquer sugestão. Viu – durante as consultas peço apenas que os doentes tenham fé, rezem e tomem o medicamento. Que os meus inimigos provem que o meu irmão e eu somos sócios. Que examinem a minha conta bancária. Deus não me ajudaria a curar se eu fosse desonesto».

Quando o repórter saiu, a raiva de Arigó esmorecera, e perguntou: «É católico?»

«Sim», disse o repórter.

«Bom», respondeu Arigó. «O nosso Cristo é o mesmo. O resto não importa».

No escritório da polícia estadual em Congonhas do Campo, o Inspetor Regional Helvécio Arantes preparava-se para o interrogatório de testemunhas no caso Arigó. Estava um pouco perturbado com os relatórios que chegavam à sua secretária de que os cidadãos de Congonhas do Campo não estavam particularmente interessados em falar com os seus

interrogadores. Apesar disso, tinha total confiança de que teria um caso simples e direto.

Alguns dos inimigos de Arigó certamente fariam. Tudo o que era necessário era um punhado deles, e o caso estaria praticamente resolvido. Quando António Maia Seabra chegou ao escritório da polícia a 1 de agosto de 1956, o Inspetor Arantes não perdeu tempo em começar o interrogatório. Após algumas perguntas preliminares para determinar que Seabra era um residente de quarenta e dois anos da cidade e cidadão de boa reputação, disse:

«Conte-me o que sabe sobre Arigó».

Seabra disse: «Conheci-o quando tinha o seu restaurante e bar. Há vários anos. Agora trabalha no instituto de pensões».

«Que tipo de pessoa é ele?»

«Bem», disse Seabra, «é um homem muito esperto. Sempre a cuidar de si próprio. A tentar progredir na política. Aproveita-se de tudo o que pode para isso».

«E sobre ele tentar curar pessoas. O que sabe disso?»

«Bem, reparei de repente que começou esta prática de medicina ilegal há algum tempo. As pessoas começaram a ir a casa dele o tempo todo. Dava-lhes um papel com uma receita, depois prometia-lhes que ficariam boas».

«Notou mais alguma coisa?», perguntou o inspetor.

«Sim», disse Seabra. «Começou a operar pessoas. Pessoas muito, muito doentes. Aquelas que os médicos não podiam ajudar».

«Ficaram boas?»

«Não posso dizer isso. Não sei».

«Viu realmente alguma destas operações?»

«Não», respondeu Seabra. «Nunca vi realmente nenhuma».

«Só ouviu falar delas?»

«Sim. Só ouvi falar delas. Havia todo o tipo de conversa sobre elas. Por toda a cidade».

«O que ouviu sobre elas?», perguntou o inspetor.

«Dizem todos que eram apenas truques. Truques feitos com as entranhas de uma galinha ou de um porco. É o que dizem».

«Mas nunca viu isso pessoalmente?»

«Não. Mas ouvi que o Altimiro cobra a toda a gente quinze cruzeiros por cada cartão que dá na fila. É o que toda a gente diz».

«Tem a certeza disso?»

«É o que toda a gente diz», respondeu Seabra. «E também ouvi que têm de assinar um cartão a dizer que votarão em Arigó ou ele não os trata».

«O que mais sabe sobre Arigó?»

«Tem um grande apetite e bebe uma garrafa de vinho a cada refeição».

«Mas não viu nada disto pessoalmente?»

«Não», disse Seabra. «Mas muitas outras pessoas viram».

«Acho que é tudo», disse o inspetor. «Se assinar esta declaração, pode ir».

Seabra assinou o papel e saiu. O Inspetor Arantes sabia que esta não era uma declaração muito forte, mas indicava que acabaria por obter provas diretas mais sólidas com o tempo.

Mas as testemunhas seguintes foram todas estranhamente vagas, mesmo incluindo alguns inimigos de Arigó. Um dos agentes de bilhetes na estação de comboios trouxe a notícia de que alguém entrara na estação e anunciara que Arigó lhe cobrara cem cruzeiros por um tratamento. Verificou-se que o homem era efetivamente louco e não pagara nada.

Só quando o Dr. Carlos Cruz, o dentista de Belo Horizonte cuja cunhada fora operada com sucesso por Arigó de um cancro no fígado, testemunhou fortemente a favor de Arigó é que a estratégia óbvia a seguir foi revelada ao inspetor. Muitos que tinham sido salvos de um prognóstico médico fatal por Arigó estavam mais do que ansiosos por testemunhar em seu favor. Paradoxalmente, eram nesses testemunhos de defesa que a verdadeira prova contra Arigó podia ser moldada.

Como o Artigo 284 do Código Penal previa que o simples ato de prescrever, operar ou fazer passes hipnóticos era ilegal, todas as histórias de sucesso sobre Arigó não fariam mais do que levar à sua condenação.

Sob a ilusão de que estariam a ajudar Arigó, as suas testemunhas solidárias apresentaram-se em massa para dar os seus testemunhos efusivos, até que os processos transbordavam. Ainda assim, era um tanto irritante para a acusação que ninguém pudesse provar que Arigó alguma vez aceitara dinheiro ou que alguém tivesse sido prejudicado, e ainda mais exasperante que praticamente todos tivessem de admitir que Arigó era um bom pai, um bom homem de família e de caráter elevadíssimo. Nem mesmo os rumores das suas alegadas aventuras amorosas vieram à tona.

Uma série de incidentes misteriosos começou a acontecer por essa altura, que nunca foram totalmente explicados. Numa ocasião, tarde da noite, após uma sessão particularmente longa com os seus doentes no Centro Espírita, Arigó caminhava sozinho para casa pelas ruas escuras e estreitas da cidade quando, das sombras de uma porta, um homem saltou sobre ele sem aviso. Eventualmente, a força massiva de Arigó conseguiu afastá-lo.

Imediatamente correu pela cidade a notícia de que o rufia fora contratado pelos inimigos políticos de Arigó, mas o incidente permaneceu por resolver. Mais tarde, oficiais governamentais revistaram a sua casa várias vezes. Não conseguiram encontrar nada incriminador. Apesar disso, Arlete contou às amigas que Arigó não fazia mais do que continuar a rezar por aqueles que estavam contra ele, insistindo que estavam enganados e deveriam ser perdoados. Os seus apoiantes na cidade não sentiam tal magnanimidade. Estavam em pé de guerra, e o Inspetor Arantes via que poderia ter as mãos cheias se avançasse demasiado depressa. Sentando-se para redigir o seu relatório sumário a 11 de setembro de 1956, Arantes escreveu:

«Tentei obter testemunhas que pudessem dar informações muito completas para a acusação do caso, aquelas que apoiariam as nossas acusações. Temos muitas testemunhas que discutiram operações que viram, incluindo o uso de algodão e a remoção de “carne” dos corpos dos doentes. Algumas afirmaram que não ficava cicatriz. Penso que temos um número amplo destas testemunhas.

«Penso que é possível que estejamos perante um caso de uso de hipnose e psicoterapia. Em muitas pessoas hipnotizadas, criam-se alucinações de tal forma que não têm conceito da realidade da situação. Muitos médicos licenciados usam estes métodos para alguns dos seus doentes. Não é nada surpreendente para os cientistas. Muitas pessoas foram curadas pelo poder da sugestão.

«Mas independentemente disto, não há dúvida de que Arigó tem praticado medicina ilegal, sem licença. É claramente, pela lei penal, praticar uma profissão sem ter licença para isso. Deve-se dizer, no entanto, que Arigó não aceita qualquer remuneração pelo que faz».

Havia, porém, algumas questões delicadas de direito envolvidas. Embora o Artigo 284 tornasse a cura espiritual um crime, era apenas porque Arigó se destacava acima de todas as centenas de outros curandeiros por todo o Brasil que fora apontado. Os outros não eram suficientemente importantes para os tribunais se incomodarem.

Outra complicação residia no facto de o Artigo 141 do Código Penal garantir a prática livre da religião a todo o cidadão, e ainda assegurar que não lhe seria recusada a protecção da lei por causa da sua religião. Além disso, a prática ilegal de medicina acarretava uma pena muito mais leve do que a prática de charlatanice ou bruxaria. Isto teria um impacto importante no futuro de Arigó.

A lei contra a bruxaria fazia, na verdade, muito sentido. «Bruxaria», especifica, «é punível para proteger tanto o indivíduo como o público. Se uma pessoa que não possui um grau médico diagnostica uma doença pelos seus sintomas; se, sem ser licenciada, opera doentes; se alega estar em transe, sob controlo de um “espírito”; se escreve receitas ou realiza operações ou administra ervas ao doente; se usa “passes”, ou certas posturas ou frases ou orações para facilitar o parto, aliviar os sintomas de uma constipação, picadas de cobra, cancro, febre alta, hemorragias, cataratas, surdez e outras condições – tal pessoa cria um vasto perigo para a saúde e segurança de muitos cidadãos que dependem do estado para protecção». Se a lei fazia bom sentido para a protecção do cidadão comum, o problema era que não previa qualquer disposição para uma anomalia estranha como Arigó.

O jornalista Gabriel Khater, que vivia em Congonhas, descobriu que, após vários anos de observação próxima, dera quase uma volta completa, passando de cético total a crente firme. Embora olhasse para o espiritismo com um olhar crítico, a razão para a sua nova crença baseava-se no que sentia ser a validade da parapsicologia. Khater via-se a regressar repetidamente ao Centro Espírita para ver Arigó em ação. Foi finalmente forçado a reconhecer, pelas suas muitas entrevistas com médicos visitantes, que Arigó podia fazer coisas que a ciência moderna não conseguia.

Khater estava convencido de que, em vez de ser processado, Arigó deveria ser apoiado com fundos para um estudo científico especial. Desta forma, Arigó seria colocado sob controlo de médicos licenciados – um passo necessário para evitar que a charlatanice descontrolada proliferasse – mas ainda poderia fazer o bem manifesto para a sociedade que quase fora provado que estava a fazer.

Os artigos do repórter Khater nesta linha produziram um crescente movimento de base entre os médicos por todo o Brasil. Mas isto não foi suficiente para travar a maré liderada pelo Inspetor Arantes e pela sua polícia estadual. Tinham forçado o caminho através da resistência e estavam suficientemente satisfeitos por tirar o caso das suas mãos e entregá-lo aos tribunais.

A 5 de outubro de 1956, o caso estava nas mãos do Promotor Afonso Infante Netto, equivalente a um procurador distrital. No seu relatório ao tribunal, anunciou que Arigó era condenado pela lei penal, acusado dos crimes de charlatanice, bruxaria e prática ilegal de medicina. Arigó foi ordenado a comparecer no tribunal para uma audiência preliminar. Enfrentaria testemunhas selecionadas que testemunhariam mais severamente contra ele.

Sentado à frente de uma mesa na sala de audiências parcamente mobilada de Congonhas do Campo, Arigó, com uma camisa desportiva escura de mangas curtas, fazia uma figura triste e patética enquanto enfrentava o Juiz Eleito Soares e o escrivão do tribunal. A luta parecia ter-lhe saído do corpo; estava invulgarmente passivo. Era uma sessão informal, mas a pequena sala estava apinhada de espetadores que se debruçavam sobre a grade e observavam ansiosamente enquanto o seu herói local e lenda internacional era interrogado pelo juiz. Arigó, com os olhos

profundos e húmidos brilhando de tristeza, respondia como se estivesse metade na sala e metade fora dela.

«Confirma o seu testemunho anterior?», perguntou o juiz.

«Sim», disse Arigó. «Confirmo-o».

O juiz mostrou-lhe uma lista das testemunhas que iriam testemunhar contra ele. «Conhece estas testemunhas?», perguntou.

«Sim», disse Arigó, enquanto olhava a lista. «Todas exceto uma. Mas quero dizer que as acusações contra mim não são verdadeiras».

«Nesse caso», disse o Juiz Soares, que era um homem impaciente, com pouco respeito pelas subtilezas do caso, «tenho de lhe pedir que dê provas do porquê de dizer isto».

«Estas acusações são feitas contra mim e foram todas escritas nos vossos papéis oficiais da polícia, mas tenho de dizer que nem eu próprio sei se pratico medicina ilegal ou não. Tudo o que sei é que, sempre que alguém vem ter comigo para ajuda material ou espiritual, tenho de tentar ajudá-lo. Não os vou virar as costas. Digo-lhes que peçam a Deus boa saúde».

«E como faz exatamente isso?»

«Começo a dizer uma oração. É a Oração do Senhor. E a partir desse momento, não vejo nem sei mais nada. Não me lembro do que faço. Não há memória nenhuma disso. Os outros dizem-me que escrevo receitas para as pessoas, mas não me lembro disso. Não sei que tipo de medicamentos são, e não entendo por que isto acontece. Não os vejo enquanto os escrevo».

«E as operações que são alegadas?», perguntou o juiz.

«É o mesmo com elas. Não lhe posso dar qualquer informação sobre elas. Estou num estado que não entendo. Dizem-me que fiz estas coisas. Ficaria feliz se soubesse como explicar isto».

«Tem testemunhas em sua defesa?»

«Sim», disse Arigó. «Tenho um advogado que as vai apresentar. Nomeou vários: um industrialista bem conhecido de Belo Horizonte, um grupo de médicos e alguns funcionários públicos proeminentes.

«Tem algum registo criminal?»

«Fui levado à polícia apenas uma vez», disse Arigó. «Tirei uma faca a um dos clientes no meu bar. Teria matado alguém se eu não o tivesse feito. Era inocente e fui imediatamente libertado».

«Sobre as testemunhas que falarão contra si. Há algum amigo ou inimigo seu entre elas?»

«Há um que é inimigo», disse Arigó. «Mas não guardo rancor contra ele».

«Quem é?»

Arigó nomeou João Hilariro da Cunha. «Está contra mim politicamente. É médico, irmão do homem que concorreu contra mim para presidente da câmara. Não falamos um com o outro».

«Já viu isto antes?», perguntou o juiz, mostrando-lhe uma cópia da única receita de Arigó que a polícia estadual conseguira reunir. Estava sem assinatura.

«Sim», disse Arigó. «É uma das receitas que me dizem que escrevo para as pessoas».

«É católico, não é?»

«Sim», disse Arigó.

«Está ciente da atitude da Igreja em relação ao que está a fazer? Que está a fazer o trabalho de um curandeiro – um charlatão?»

«Mas eu não sou charlatão», disse Arigó calmamente. «Fiz o que os padres queriam que eu fizesse. Fui a médicos e psiquiatras. Disseram que estava em perfeita saúde. Só quero ajudar os pobres, e tenho de fazer isto».

«Mas está a fazer aquilo de que é acusado, não está?»

«Não sou eu que estou a fazer isto», insistiu Arigó. «Sou apenas um intermediário entre um espírito e as pessoas. É o espírito do Dr. Fritz. Ele insiste que ajude as pessoas, e estou apenas a fazer o que Deus quer que eu faça».

«É espírita, então?»

«Não sabia nada sobre espiritismo ou sobre médiuns. Alguns dizem-me que sou médium. Não recebo pagamentos nem prendas por este

trabalho. Não posso fazê-lo, mesmo que quisesse, porque então não seria possível ajudar a curar os doentes. Seria muito rico a esta altura se o fizesse. Não faço isto por razões políticas. Tentei afastar-me disto, e pensei que estava a enlouquecer».

«Foi-lhe dito pela polícia, não foi, que tem de fechar o Centro Espírita onde trabalha?»

«Só posso fazer isso se o espírito do Dr. Fritz me disser que devo fazê-lo», respondeu Arigó.

«Percebe o que nos está a pedir para acreditar, não percebe?»

«Percebo apenas o que tenho de fazer, e como tenho de ajudar as pessoas».

O juiz estava a chegar ao fim da paciência. «Se é assim, porque não faz simplesmente este Dr. Fritz aparecer aqui mesmo nesta sala de audiências?», exclamou.

Arigó não respondeu. Uma nuvem transparente pareceu deslizar pelos seus olhos. Sentou-se em silêncio absoluto enquanto o juiz o fuzilava com o olhar. Passaram vários momentos.

Então o juiz bateu com os papéis e disse: «O caso continuará numa agenda a ser anunciada».

O caso arrastou-se enquanto o advogado de Arigó, Dr. Alfredo Figueiredo, de Belo Horizonte, começava a reunir testemunhas favoráveis para o seu cliente sui generis. Esta parte não era difícil; havia mais voluntários impressionantes e proeminentes do que ele podia lidar. O que enfrentava era o problema de moldar uma defesa para um cliente que era criminoso aos olhos da lei e santo aos olhos do povo. O Juiz Soares era obviamente um pragmático total, que não veria nenhuma das nuances. Além disso, não havia defesa real no sentido convencional da lei.

Como avaliar este caso sem precedentes era um enigma. Os testemunhos de defesa apaixonados de peritos médicos sobre a destreza de Arigó com a faca seriam de valor duvidoso. Poderiam até enterrá-lo. No entanto, havia uma remota possibilidade de que o testemunho ajudasse ligeiramente, nem que fosse apenas para suavizar a pena de prisão.

O advogado percebia a provável futilidade de reunir testemunhas como o Dr. Carlos Cruz, o Dr. Ary Lex e todos os outros médicos convencidos da legitimidade de Arigó. O testemunho deles só poderia sugerir a criação de um estudo científico para chegar ao fundo deste fenómeno. Mas a lei era rígida, e tal sugestão não significaria nada. A lei poderia ser racional ao reprimir a charlatanice, mas seria também irracional se enviasse Arigó para uma miserável cela de prisão infestada de piolhos, onde apodreceria.

As penas ao abrigo do Artigo 284 do Código Penal eram duras. Arigó enfrentava bem mais de um ano de prisão e uma multa pesada que deixaria Arlete e os seus filhos pequenos praticamente na miséria. A pena de prisão seria absolutamente cruel para um homem tão sensível como Arigó, que, apesar das suas rudezas, se comovia facilmente até às lágrimas.

Que o juiz e o procurador estivessem emocionalmente do lado da Igreja e dos adversários políticos de Arigó parecia óbvio. A única coisa que parecia atrasá-los era o medo da indignação pública.

À medida que o outono (primavera no Brasil) de 1956 passava, a acusação reunia mais pregos para o caixão de Arigó enquanto o advogado de defesa Figueiredo ponderava e trabalhava na sua estratégia. Trouxe um influente juiz reformado de Belo Horizonte que seria uma excelente testemunha de carácter: era um fervoroso apoiante de Arigó e não só testemunharia que Arigó nunca aceitara dinheiro, como que o seu trabalho teria de vir de algum poder superior fora de si próprio para alcançar os resultados incríveis que demonstrara.

Figueiredo obteve também o apoio do Dr. João Ranulf de Melo, o médico de Congonhas do Campo, que testemunharia sobre as operações inacreditáveis de quisto ovárico e cataratas que observara e acompanhara. Declararia que as operações eram algo que simplesmente não podia ser feito por um ser humano comum, e que o tribunal estava a lidar com eventos manifestamente sobrenaturais.

O Dr. de Melo foi acompanhado nisto pelo grupo de médicos de Lafaiete, que concordaram que não hesitariam em arriscar a sua posição profissional ao testemunharem em defesa de Arigó. O seu testemunho apoiaria o dos outros médicos no sentido de que deveria ser feito um estudo científico formal, e que em qualquer outro país que não o Brasil, isso seria

feito. Testemunhariam também que, quando Arigó realizava as suas operações, não era ele próprio, mas possuído por um poder orientador fora de si. Além disso, os médicos confirmariam que Arigó provocara muitas curas documentadas de doentes terminais com cancro ou leucemia que a ciência médica dera como perdidos.

Todos testemunhariam que não fora demonstrada qualquer evidência de dano, infecção, hemorragia ou reações adversas graves a medicamentos por parte de nenhum dos milhares de doentes tratados por Arigó. Este número era agora estimado conservadoramente em mais de meio milhão nos últimos cinco anos. Se houvesse contestação deste número, seria que era demasiado baixo. Acrescentariam a isto a sua convicção de que a parapsicologia estava envolvida, que esta era uma ciência que apenas começava a ser devidamente explorada, e que o estudo de Arigó avançaria esta ciência.

Tecnicamente, tudo isto era legalmente frágil como papel de seda, e Figueiredo sabia-o. O procurador abandonara temporariamente o seu cargo, o que era fonte de algum conforto para a defesa, mas muito pouco. A defesa pouco podia fazer senão esperar até que o caso viesse a julgamento meses mais tarde, em março de 1957.

A 17 de março, Figueiredo teve a oportunidade de testar as suas teorias instáveis. As testemunhas de defesa testemunharam bem, e ele defendeu de forma simples e eloquente, apesar das fraquezas do seu caso. Além do Artigo 284, Arigó era acusado de vários outros capítulos do labiríntico Código Penal Brasileiro. As leis no Brasil são modeladas quase inteiramente no antigo direito romano, e contêm muitas ambiguidades.

Enfrentando o juiz Soares, de aparência biliosa, Figueiredo exigiu imediatamente que o caso fosse arquivado com base no facto de a charlatanice não ter sido provada e de que, em várias ocasiões, ele, como advogado de defesa, não fora notificado quando testemunhas hostis foram ouvidas. Nesses casos, nem ele nem Arigó puderam apresentar defesa. Além disso, insistiu que a saída do procurador do cargo na altura tornava o julgamento automaticamente inválido.

«Além disso», continuou Figueiredo, «deve resultar dano e perigo definitivos para outras pessoas dos atos do arguido. Nenhum dano resultou

dos atos de Arigó e, por conseguinte, é bastante claro que não existe crime».

Ele sabia que o Artigo 284 não incluía tal disposição, mas havia outros capítulos na lei que davam esta proteção. Continuou: «É impossível chamar criminoso a Arigó. Além do facto de não haver crime – e mesmo as testemunhas adversárias concordaram com isto – Arigó mostrou ser um cidadão honesto e trabalhador, um membro responsável da comunidade, respeitado por todos. Apenas uma pessoa tentou chamá-lo criminoso, e essa é o procurador deste tribunal. Falhou em fornecer prova de tal acusação, porque tal prova não existe».

Figueiredo começou então a mover-se para terreno menos firme. Fê-lo de forma extremamente indireta e com rodeios e eloquência magistralmente orquestrada. A única prova direta que o tribunal conseguira encontrar era o pequeno pedaço de papel com a receita de Arigó escrita nele. Estava sem assinatura.

«Como pode o procurador dizer que Arigó distribuía receitas, quando tudo o que tem é um pequeno pedaço de papel sem assinatura, e totalmente sem prova de que vem de Arigó?», perguntou.

Apesar desta frágil prova física, dificilmente havia um jornalista no Brasil que não soubesse que Arigó distribuía literalmente centenas de receitas por dia. Não era exatamente uma defesa digna, mas o advogado agarrava-se a palhinhas. Tinha, no entanto, mais um ponto importante. Para provar bruxaria, era necessário provar que um arguido distribuía pessoalmente confeções de raízes e ervas. Isto era claramente algo que Arigó nunca fizera. Arigó prescrevera apenas medicamentos *bona fide* (*genuíno*) de casas farmacêuticas padrão, a maioria dos quais conhecidos em todo o mundo. O mistério era por que estas receitas funcionavam quando emitidas por Arigó, quando falhavam para o médico comum. Um medicamento era conhecido apenas em Nova Iorque. Estava em fase experimental, e mal era conhecido lá. O próprio Arigó não sabia como sabia dele.

Ao apontar tudo isto, Figueiredo continuou dizendo que farmácias por todo o Brasil administravam frequentemente injeções de penicilina e outros medicamentos, um ato tecnicamente ilegal que nunca era levado a tribunal. Por que era Arigó apontado?

Recordando ao juiz que o Artigo 284 proibia o uso de gestos ou passes com as mãos, Figueiredo disse: «Queremos pedir ao tribunal que tome em consideração este facto: que se gestos e passes podem ser julgados como crimes no Brasil, então em toda a grande Igreja Católica, todos os membros do clero cometem crimes todos os dias. Os padres fazem constantemente gestos sempre que rezam.

«Mais ainda», continuou o advogado de defesa, agora aquecendo para novos píncaros emocionais, «gostamos de chamar irmão a todos porque somos todos filhos de Deus. Se alguém – qualquer um – viesse ter com Arigó pedir ajuda porque estava a sofrer, Arigó pegaria numa pequena cruz, olharia alto para o céu, seguraria a mão dele, e pediria ao bom Deus que tivesse compaixão do seu irmão. É isto que Arigó quer fazer. Quer apenas ajudar as pessoas».

Por mais verdadeiro que isto fosse, Figueiredo omitiu acrescentar que, mais frequentemente do que não, Arigó também pegaria numa faca de bolso gasta e cortaria habilmente o corpo de um doente. Não era preciso recordar ao juiz isto. Ele sabia-o bem.

«Queremos pedir ao juiz: É rezar pelos nossos irmãos e desejar a sua saúde um crime? Pode ser assim interpretado? Se o juiz disser que isto é um crime, podemos concluir que todas as pessoas inocentes estão na prisão, e todos os culpados estão fora da prisão. Pois não rezamos pela saúde e bem das pessoas? Se isto é um crime, somos todos criminosos».

A essa altura, Figueiredo estava a exagerar um pouco. Não tinha muita escolha, num certo sentido. Em termos legais estritos, o caso contra Arigó era simples e direto. Se o juiz obstinado não conseguisse ver para além da lei, e para os valores únicos e totalmente sem precedentes do caso, pouco poderia fazer uma defesa. A única via possível seria pedir uma pena suspensa, com uma ordem judicial colocando Arigó sob custódia de um grupo de médicos competentes que trabalhariam com ele para desvendar o mistério dos seus poderes. Tal defesa não foi apresentada. Com a atitude hostil do juiz já manifestada, tal pedido provavelmente seria rejeitado sumariamente.

Percebendo a fraqueza da sua posição, Figueiredo concluiu: «Se Vossa Excelência não aceitar estes argumentos, peço um outro pedido. Arigó é um homem gentil, de boa família, um ótimo pai e um marido

amoroso. Se estes argumentos não o comoverem, posso pedir que a sua decisão seja ponderada por estas considerações, e que sejam impostas as penas mais leves possíveis?»



Igreja do Bom Jesus de Congonhas do Campo com as suas estátuas da autoria de Aleijadinho.



Cena de rua de Congonhas. A “clínica” de Arigó situa-se no centro, o Hotel Freitas fica ao lado, e em primeiro plano, do outro lado da rua, fica a farmácia São José onde muitas das suas prescrições eram aviadas.

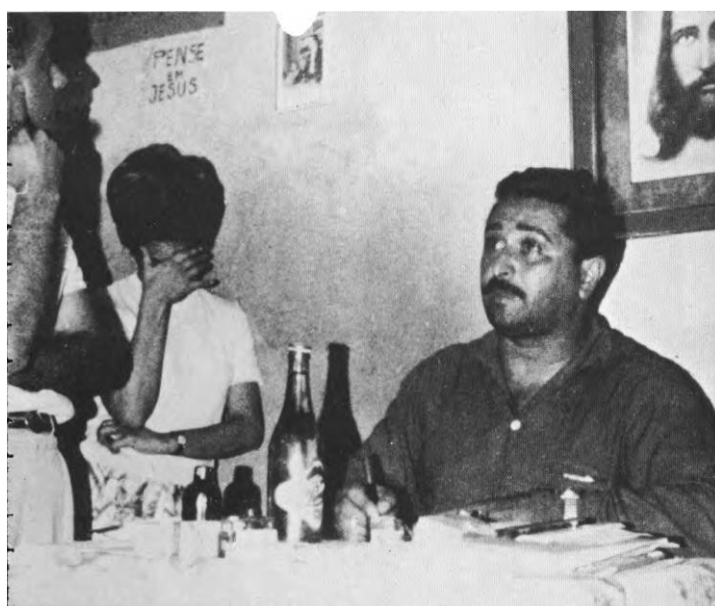


Henry Puharich, MD (right) e Henry Belk no pátios das traseiras de Arigó durante a primeira visita que lhe fizeram em 1963.





Aspetto do interior da “clínica” de Arigó durante a primeira visita de Puharich e Belk. Arigó está a passar uma receita com a mesma caneta que usara durante vinte anos.





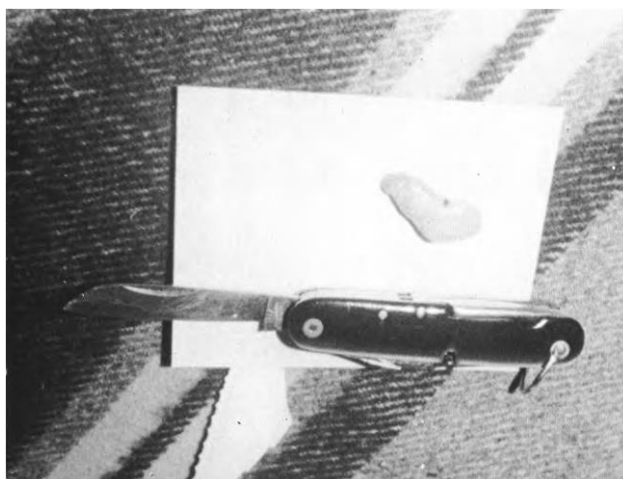
Arigó a operar com uma faca de cozinha. O Dr Puharich anotou no seu livro de apontamentos: 'Pensamos que o olho do paciente seria arrancado'.



(Below) Arigó e os residentes da vila em frente ao Hotel Freitas



Operação feita por Arigó ao antebraço direito do Dr. Puharich para remoção de linfoma. (À esquerda) O antebraço logo imediatamente após a cirurgia. (À direita.)



A navalha usada e o linfoma extraído.



(Em cima) Altamiro, assistente de longa data de Arigó.



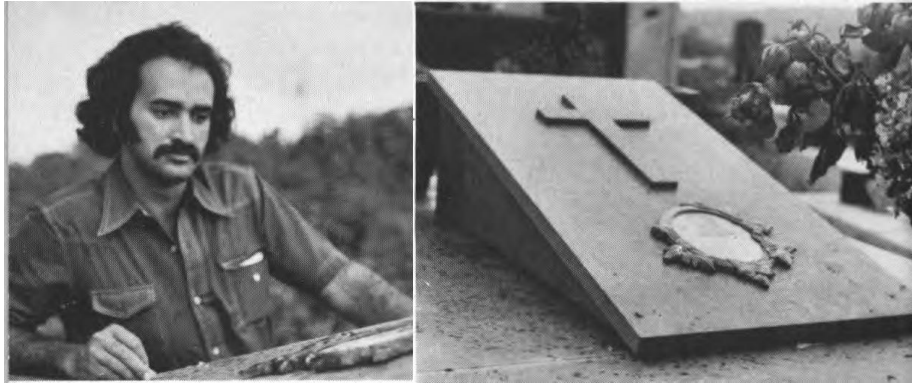
Membros da equipe médica Americana conduziram, em 1968 um exame físico completo de Arigó, inclusive testes às ondas cerebrais com um instrumento EEG.







*Arigó a remover uma catarata.
Na última foto ele conforta a paciente.*



Tarcesio, filho de Arigó, junto à sepultura do pai dois anos após a sua morte.



Arlete de Freitas, viúva de Arigó, ao centro do grupo familiar, incluindo três dos seus filhos.

Terminada a defesa, o caso ficou em suspenso. Manchetes por todo o Brasil trouxeram um foco duro sobre o caso. Não agradou ao sombrio Juiz Soares que isto acontecesse. Os leitores inundaram os jornais com cartas bem-intencionadas em defesa de Arigó. Uma dona de casa escreveu para o Diário de Minas: «O meu marido foi desenganado pelos médicos. Tinha uma úlcera perfurada. Foi ter com Arigó, que o operou.

Hoje, está completamente bem. Arigó disse que não fizera nada por ele, que fora Deus. Mas o meu marido quer agradecer publicamente a Arigó neste jornal, porque Arigó foi a única pessoa que lhe devolveu a saúde. Arigó devolveu-lhe os sonhos, depois de os médicos e a ciência lhe terem dito que não podiam fazer mais nada por ele».

Foi um testemunho esplêndido. Mas equivalia a mais uma testemunha para a acusação. Sem visão da parte do tribunal, Arigó estava encurralado.

J. Herculano Pires, o proeminente professor de filosofia, escreveu a sua opinião vigorosamente na imprensa. «É simplesmente ridículo», escreveu, «negar que o fenómeno de Arigó existe. É também completamente anticientífico afirmar que Arigó é um paranoico ou um psicótico de qualquer tipo.

Especialistas médicos, jornalistas famosos, intelectuais, estadistas proeminentes e aqueles que foram curados de condições desesperadas tiveram todos ampla oportunidade de testemunhar os fenómenos em Congonhas do Campo. Estes simplesmente não podem ser negados ou deturpados. Se não foram organizadas comissões científicas formais para verificar os muitos casos, houve muitas verificações por muitos cientistas fiáveis individualmente. Entre estes estão os testemunhos médicos dados em tribunal. Negar as capacidades paranormais de Arigó é simplesmente um ato de teimosia absoluta.

«Podemos querer examinar Arigó criticamente. Podemos desejar limitar severamente as suas atividades, como vários médicos no banco das testemunhas testemunharam. O que não podemos possivelmente negar é a total realidade das suas façanhas e a sua completa sinceridade».

Quando o advogado de defesa Figueiredo apresentou um aditamento à sua defesa, a 17 de março de 1957, os seus argumentos excederam em muito o âmbito do seu primeiro requerimento. O problema com todo o caso era que ambos os lados tentavam lidar racionalmente com o irracional. O tribunal tinha a vantagem, porque já estava preso num arreio que mantinha os procedimentos numa vereda legalista apertada. Qualquer interpretação literal significava automaticamente a condenação de Arigó. A única questão era se alguma faísca poderia perturbar o torrão do Juiz Soares ao ponto de ele permitir consideração especial. Arigó poderia, por exemplo, receber uma pena mínima, que poderia então ser suspensa a favor de o colocar aos cuidados de cientistas médicos.

Figueiredo fez tudo menos cambalhotas e um número de ginástica para empurrar o juiz nessa direção. A capacidade de um curandeiro, mesmo que ilegal, tem de ser tida em conta, defendeu Figueiredo no seu novo requerimento. Os ricos e os proeminentes nunca acorreriam em massa à

humilde clínica de Arigó, como estavam a fazer, a menos que ele tivesse capacidade. Arigó era obviamente mais do que capaz, era super-capaz.

Arigó realiza o que faz sem sequer saber que o está a fazer. Não é responsável por estes atos, por mais benevolentes que sejam. A Igreja Católica reconhece a validade da parapsicologia. A única solução possível para o problema é criar um estudo científico por direção do tribunal. Arigó ajuda apenas aqueles que o mundo médico não pode ajudar. Age através de um elemento invisível que o possui, ajudando outras pessoas por Deus. A Igreja Católica reconhece a realidade da possessão. No caso de Arigó, esta é uma possessão benigna.

Arigó faz o seu trabalho sem encantamentos ou gritos. Não pratica nenhum dos rituais do espiritismo baixo, do tipo Umbanda e Quimbanda. Arigó acredita que o espírito do Dr. Fritz é o espírito de Cristo. Acredita que deve agir para fazer tudo através da luz que Deus lhe deu. Quer que nos tornemos menos materialistas, mais espirituais, e paracientíficos.

Arigó não quer nem solicita o espírito que o possui, continuou o advogado de defesa. Na verdade, lutou voluntariamente contra ele com a ajuda de médicos e psiquiatras, que o declararam normal de outra forma. A sua tendência gradual para o espiritismo está protegida pela Constituição Brasileira. É uma religião legítima, protegida contra ataques por autoridades públicas.

A única coisa que fez foi devolver a vida às pessoas cujos dias estavam contados. Pessoas que a ciência moderna enganara. Ajuda-as sem custo ou dano, e é o exato oposto de um criminoso.

Figueiredo continuou com citações dos poetas latinos, de William James, de Conan Doyle, do Papa Leão XIII. Concluiu com palavras de São Paulo, no sentido de que quem julga o seu irmão está a julgar-se a si próprio.

É duvidoso que em toda a história da jurisprudência tenha havido um requerimento tão estranho e retorcido. Na verdade, correspondia às complexidades do próprio julgamento. Ao longo da defesa, o Juiz Soares sentou-se como uma esfinge, congelado no tempo e no espaço, e confrontado com imponderáveis quase arcanos – tal como todos os outros.

A defesa não conseguiu fazer moessa na fachada nem do Juiz Soares nem do Procurador Distrital Netto, agora de volta ao serviço para completar o caso. Nem a aparição de última hora do Secretário do Tesouro do estado de Minas Gerais, que apareceu voluntariamente em defesa de Arigó. Disse ao juiz que testemunhara Arigó remover um crescimento canceroso de um amigo que fora desenganado como perdido, e que um grupo dos melhores médicos do estado confirmara a condição, a operação e a recuperação total.

A 26 de março de 1957, menos de dez dias após a posição de última trincheira de Figueiredo, Arigó foi convocado perante o tribunal. Com ele estava Arlete, desta vez com o cabelo arranjado, o pai e a mãe, e amigos e simpatizantes que encheram a pequena sala de audiências até à sua minúscula capacidade. Jornalistas e fotógrafos disputaram o melhor que puderam um ponto de vantagem, para registrar a decisão final.

Arigó foi conduzido a uma cadeira de madeira à frente do juiz. Usava um fato preto e gravata. No calor da sala, abriu o colarinho e afrouxou a gravata. Sentou-se com as mãos cruzadas e esperou que o juiz falasse. Estava calmo e submisso, uma figura triste e muito solitária, com os ombros caídos em resignação. Quando o juiz chegou ao banco, os olhos de Arigó toldaram-se novamente. Parecia, relataram os amigos, exatamente como sempre parecia nas ocasiões em que se dizia que o Dr. Fritz entrava nele, num estado de transe indefinível que apagava a sua personalidade rude e jovial. Mas em vez de autoritário e aspeto germânico, estava passivo e distraído.

O juiz, com uma postura severa e inflexível, revisou brevemente o caso. O arguido admitira a sua culpa perante o tribunal. As testemunhas, tanto da defesa como da acusação, substantivaram as acusações. Na verdade, a testemunha mais forte da defesa, o Dr. João Ranulf de Melo, oferecera a prova mais danosa contra o arguido. Admitira ter assistido a várias operações.

Arigó continuaria culpado, mesmo que não tivesse consciência do que estava a fazer, mesmo que estivesse possuído por este estranho espírito. Nada na filosofia ou na religião pode defender Arigó. A lei não está interessada nisto nem um pouco. A única questão em mãos é aplicar o Código Penal, que é muito específico. Arigó tem cometido crimes, e é

culpado. Não está excluído por ser místico ou médium ou idealista ou pessoa caridosa de boa reputação. Aos olhos da lei, Arigó é um criminoso.

A sala estava em silêncio e quieta. Arigó, ainda em transe, não respondeu de todo. Olhava fixamente para o espaço, com a sua forma maciça encolhida na cadeira. O choro, começando com Arlete, espalhou-se pela galeria. O juiz bateu para ordem. Depois disse:

«Condeno-o por este meio a um ano e três meses de prisão, com efeito imediato a partir deste dia. Impondo-lhe ainda uma multa de cinco mil cruzeiros, mais todas as despesas do tribunal, a serem pagas no prazo de três dias, até 29 de março de 1957».

A decisão foi incrivelmente dura. Ninguém esperara algo assim. Arlete desmoronou e teve de ser levada para fora da sala. Alguns dos soluços noutros locais transformaram-se em choro aberto. Isto foi aumentado por murmúrios hostis entre os homens.

Arigó continuou em transe; não respondeu de todo. O seu advogado saltou em pé, protestando que os termos eram incríveis, que pedia um recurso imediato, que a pena devia ser suspensa, e que a multa e as custas eram totalmente desrazoáveis. Arigó tinha mulher e família para sustentar, e o montante cobrado correspondia a quase um ano inteiro de rendimentos de Arigó no instituto de pessoal e previdência.

Com relutância óbvia, o juiz disse que concederia uma suspensão até 1 de abril. Independentemente de qualquer recurso, a multa teria de ser paga até essa data.

Figueiredo, furioso, enfrentou o juiz e disse: «Lembro-me de uma oração que aprendi quando estudava direito. Dizia: “Querido Deus da Graça, é um sonho ou é a verdade que tantas coisas horríveis possam acontecer perante os olhos de Deus?”»

O juiz virou-se e saiu da sala. Figueiredo pegou em Arigó pelo braço e levou-o para fora do tribunal. Entre os espetadores, muitos dos quais não se tinham mexido dos seus lugares, ainda se ouvia o som do choro.

Havia dois locais na aldeia onde as notícias viajavam mais rapidamente: a barbearia de Fernando do Santos e a estação de comboios. Mas nesse dia, todos os cantos das ruas, lojas e bares fervilhavam enquanto a notícia da sentença de Arigó se espalhava por Congonhas do Campo. O Juiz Soares manteve-se o mais discreto possível; era o inimigo do povo. O humor da cidade era como o de um navio amotinado no mar. Mesmo aqueles que sentiam que Arigó devia ser contido revoltaram-se contra a dureza absoluta da decisão. A dissidência dentro da Igreja Católica atingiu um nível elevado. A Associação Médica estadual estava a desfazer-se pelas costuras.

Tanto a Igreja como a Associação médica tinham ficado em segundo plano durante o julgamento. Isto enganou quase ninguém. A maioria sabia que ambas as organizações estavam entusiasticamente por trás da acusação, se não da crueldade da sentença. Os espíritas da cidade mostraram imediatamente a sua solidariedade para com Arigó. Com apoio fresco de donativos oriundos de quadrantes inesperados, angariaram a multa excessiva que fora imposta a Arigó pelo tribunal.

Arigó, calmo na sua hora de desespero, exortou os seus concidadãos a manterem a cabeça fria; insistiu teimosamente que o tribunal devia ser perdoado. Figueiredo e a sua equipa de advogados apressaram-se a recorrer, reiterando os seus argumentos, tecnicamente fracos como eram. O advogado Figueiredo apelou diretamente ao Ministro da Justiça do estado com um pedido apaixonado para poupar Arigó da ruína total.

O procurador contrariou isto declarando Arigó culpado até aos dentes, e acusando-o de motivos políticos baixos. Foi implacável nas suas acusações, ao ponto de muitos suspeitarem de uma vendetta pessoal.

Demorou dois meses para a decisão descer do Tribunal de Recurso. Arigó e os seus apoiantes esperaram ansiosamente pelos resultados. Quando a decisão chegou, não foi boa. O tribunal superior manteve a condenação, mas decidiu que a pena era demasiado dura nas circunstâncias. O tempo de prisão foi reduzido de quinze meses para oito, e a multa consideravelmente cortada. Mais importante, haveria pouco mais de um ano de graça antes de começar o tempo de prisão, desde que Arigó permanecesse em liberdade condicional sob custódia do tribunal.

Apesar do respiro, o espectro de ir para a prisão e deixar a família pairava sobre a cabeça de Arigó. Os termos da custódia eram quase tão restritivos como a prisão.

Teria imediatamente de parar de tratar doentes. Não poderia mudar-se para lado nenhum nem sair da cidade sem autorização do juiz. Tinha um recolher obrigatório cedo. Não poderia entrar em nenhum hotel, café ou restaurante, nem sentar-se em mesas exteriores em nenhum destes locais. Não poderia consultar-se com qualquer pessoa estranha de fora da cidade na sua casa ou em qualquer outra. Teria de obter permissão do juiz para assistir a qualquer reunião espírita. Teria de se apresentar ao juiz no final de cada mês. Foi ainda avisado de que a polícia ia manter os olhos nele, onde quer que fosse e o que quer que fizesse. Tornou-se literalmente um bem do tribunal.

Arigó parecia um homem perdido. Ia para o seu emprego no instituto de pensões, continuava com o seu trabalho imobiliário, cuidava das suas rosas, brincava com os seus filhos pequenos. E ainda ia à missa com Arlete, mas ao contrário dela, não comungava. Teria até meados de agosto de 1958 antes de poder ser enviado para a prisão, como qualquer criminoso comum. Arlete fez o seu melhor para o confortar, voltou a aceitar costura para reforçar o rendimento, em preparação para o tempo em que ficaria sem sustento.

O ano passou lentamente. Mas no maio seguinte, 1958, era óbvio que as pequenas poupanças que tinham posto de lado com o trabalho de costura de Arlete seriam totalmente inadequadas para os sustentar durante os longos meses que Arigó passaria na prisão. Os filhos tinham agora aumentado para seis, todos rapazes e abaixo da idade de trabalho, todos a precisar de comida, abrigo e educação.

Além das preocupações com o que aconteceria à sua família, a compulsão de Arigó para servir os doentes era quase demais para ele suportar. Toda a fisionomia da cidade mudara. Já não chegavam os autocarros cheios de doentes às ruas estreitas de Belo Horizonte, Rio, São Paulo ou da longínqua Argentina – este último um evento que se tornara quase uma rotina semanal.

Arigó irritava-se com os termos impostos pelo tribunal, mas não tinha nada a dizer contra os seus inimigos. As suas dores de cabeça regressaram

novamente, como sempre acontecia quando tentara parar antes. Embora renunciasse às suas operações, começou gradualmente a ver aqueles que o procuravam por ajuda, mantendo isto o mais discreto possível. A polícia soube imediatamente que ele começava a retomar tratamentos não cirúrgicos, mas fizeram vista grossa. Quase todos eram amistosos com ele. Estavam cientes, também, de que ele tinha pouca liberdade restante, à medida que a data de início do tempo de prisão se aproximava.

Os últimos dois meses antes do tempo de prisão foram os mais difíceis para Arigó e Arlete. Não havia nada a que se agarrar senão o desespero.

No Rio, o Presidente Juscelino Kubitschek tinha as mãos cheias, com uma pletora de problemas. Os críticos da construção de Brasília, no remoto estado de Goiás, eram vociferantes na sua condenação. Mas a nova capital já se erguia em majestade reluzente no meio do nada, a cerca de seiscentas milhas do Rio, São Paulo ou Salvador – os três centros metropolitanos mais próximos.

Era um conceito de criação urbana planeada que não tinha paralelo em nenhum lugar do mundo. Kubitschek sabia-o, deleitava-se com isso. A sua arquitetura moderna impressionante era dramática, de tirar o fôlego – e cara. Determinado a ter a cidade concluída antes do seu mandato de cinco anos, não renovável, Kubitschek despejou dinheiro, suor e sonhos nela, até ao ponto de fretar por avião materiais de construção pesados. A nova cidade brotava como uma miragem do terreno árido avermelhado do centro vazio do país. Era uma obsessão gloriosa para Kubitschek e o arquiteto Oscar Niemeyer; para os seus opositores, era um escoamento impossível na economia.

Kubitschek tinha outros problemas e preocupações: a ameaça de um golpe pelos militares, um programa sem precedentes para o crescimento económico, e um novo sistema de autoestradas que ultrapassaria todo o progresso feito desde que o país começara. Com a inflação em fúria, os militares inquietos e hostis, e o tesouro a gemer sob os novos fardos, Kubitschek tinha pouco tempo para pôr a mente em algo além dos assuntos do estado.

Mas em maio de 1958, o Presidente Kubitschek soube que Arigó esperava que o machado da sentença de prisão caísse sobre o seu pescoço. Kubitschek não perdeu tempo a entrar em ação. Em minutos, um perdão

presidencial foi enviado às autoridades de Congonhas do Campo. Declarava que, como Presidente da República, o Artigo 87, Número 19 da Constituição lhe dava o poder de perdoar José Pedro de Freitas, mais conhecido como Arigó, e que o arguido devia ser imediatamente aliviado da sua sentença de prisão por ordem presidencial.

O perdão oficial foi recebido pelo sombrio procurador Afonso Netto a 22 de maio de 1958. Por razões que nunca foram explicadas, o perdão ficou inativo no gabinete do procurador, sem qualquer ação tomada. Continuou lá, à medida que o tempo para o encarceramento se aproximava. Só a 29 de julho é que o Procurador Netto achou por bem passar a notícia do perdão ao Juiz Soares. Só a 6 de agosto é que o juiz achou por bem passar a notícia a Arigó.

Com a espada de Dâmocles removida, houve grande regozijo pela maior parte de Congonhas do Campo. A jubilação não se confinou à cidade; espalhou-se pelo Brasil e pela Argentina. Arigó, que continuara a experienciar os seus estranhos sintomas e dores de cabeça desde que parara ou reduzira o seu trabalho de cura para quase nada, começou a retomar os fios. Os autocarros começaram a chegar novamente à cidade, e os doentes começaram a formar fila no centro. Arigó, que nunca conseguia recusar ninguém que viesse ter com ele por ajuda, caiu de novo na rotina. Em um mês, o volume de doentes regressara a uma figura quase normal de mais de trezentos por dia.

Mas com um olho na polícia, Arigó não realizou grandes operações. Contentava-se, na maior parte, em oferecer as suas receitas não ortodoxas, abençoar os doentes e aconselhá-los severamente a irem com Deus. Diz-se que operava por vezes, mas nunca abertamente como antes. Parecia considerar como não operações: cataratas, abcessos, linfomas, hidroceles, cancro de pele e outros onde as vísceras não estavam envolvidas. Estes faziam, juntamente com o seu não convencional «exame ocular», onde mexia a faca dentro da órbita para remover pus ou mesmo um tumor maligno.

Kubitschek, como cirurgião além de Presidente, juntamente com um número crescente de outros estadistas, intelectuais, cientistas e médicos, falava abertamente na linha de que Arigó não era um caso de polícia.

Comentando sobre Arigó em anos posteriores, o Presidente Kubitschek disse: «Era impossível no Brasil ele estar sozinho. As pessoas iam onde ele ia. Se tivesse ido para os recantos mais selvagens da Amazônia, tê-lo-iam seguido lá. Simplesmente não entendo a sua força e os seus poderes extraordinários. As pessoas mais importantes do Brasil procuravam-no».

À medida que os meses fluíam para um ano e mais, o regresso de Arigó ao seu antigo padrão não incomodava nenhum dos mais esclarecidos, exceto que queriam controlo e observação de Arigó. Mas o ressentimento latente da Igreja e das sociedades médicas ainda ardia com um brilho. Estes fogos tinham sido atenuados pelo perdão de Kubitschek e pela euforia pública com a libertação de Arigó da ameaça de prisão.

Mas o mandato de Juscelino Kubitschek terminara. Embora fosse um homem extraordinariamente popular, não podia suceder-se a si próprio no cargo. Se pudesse, diz-se, ainda seria Presidente, sem proferir um único discurso de campanha. Completara Brasília, um monumento lírico e extravagante à sua coragem e imaginação, e mesmo os seus adversários acabaram por reconhecer a cidade como um catalisador necessário para o pleno desenvolvimento do interior do Brasil.

Mas já não era Presidente. Jânio Quadros foi varrido para dentro em 1960, varrendo-se a si próprio para fora novamente após apenas sete meses no cargo, por demissão. O Vice-Presidente João Goulart tomou o seu lugar, e duraria até 1964, quando um regime militar tomou o poder. O apoio de topo de Arigó desaparecera. Novamente, a oposição entrou em ação. Novamente, as histórias da imprensa começavam a fluir de Congonhas do Campo com regularidade monótona. Novamente, Arigó começava a deslizar de volta para fazer algumas grandes operações.

Novamente, as histórias do seu sucesso não podiam ser contidas.

Não menos dos novos sucessos de Arigó veio de um incidente com o filho bebé do cantor Roberto Carlos. Carlos era a febre dos entertainers brasileiros, rivalizando, se não excedendo, a popularidade dos Beatles nesse país. Se tivesse havido uma sondagem de popularidade no Brasil, é provável que as primeiras três figuras nomeadas fossem Pelé, o jogador de futebol mundialmente famoso; Juscelino Kubitschek; e Roberto Carlos – com o próprio Arigó a correr em quarto lugar próximo.

O novo filho de Roberto Carlos nascera com uma condição grave de glaucoma fulminante, uma forma intensamente aguda de inflamação com perda total de visão e percepção de luz.

Roberto Carlos e a esposa levaram o bebê a especialistas na Europa, onde a condição da criança foi diagnosticada como incurável. No regresso ao Brasil, Carlos fretou um avião e voou para Lafaiete, e tomou um carro para Congonhas. Os detalhes não foram revelados sobre a cirurgia que Arigó realizou, mas em dias a visão do bebê foi restaurada.

Carlos tornou-se um amigo próximo de Arigó a partir daí, e o incidente lançou a nova atividade de Arigó para uma atenção pública mais flamejante por todo o país.

Quando pressionado sobre o que estava a fazer após o seu encontro próximo com a prisão, Arigó explicava: «Acredito no amor e na caridade. Não posso negar ninguém que venha ter comigo por ajuda. A Bíblia diz-nos que quando alguém bate, devemos abrir-lhe a porta».

Angustiado e frustrado com a perseguição que Arigó enfrentara – e poderia continuar a enfrentar – estava o vice-presidente da câmara de Congonhas do Campo, Dr. Mauro Godoy. Estudara tanto medicina interna como psiquiatria na Universidade do Brasil no Rio, e continuava a praticar ambas as especialidades. Tivera uma oportunidade muito melhor de observar Arigó em ação do que todos as dezenas de médicos brasileiros que o investigaram. O gabinete de Godoy ficava a uma distância de grito da clínica de Arigó, e frequentemente passava por lá no seu esforço para encontrar uma racionalização científica para o que via.

Sabia os perigos de chamar atenção para as novas atividades pós-julgamento de Arigó, no entanto estava determinado a persuadir os seus colegas na sociedade médica a mudar a sua ênfase da perseguição para o estudo. Registara caso após caso da cirurgia de Arigó – muitos deles em operações que foram concluídas com sucesso em um quadragésimo ou um quinquagésimo do tempo requerido por procedimentos cirúrgicos convencionais.

Como psiquiatra, acreditava que a escola moderna poderia beneficiar grandemente ao estudar técnicas primitivas. Embora Arigó fosse tudo menos primitivo, e estivesse completamente numa classe própria, além de qualquer disciplina conhecida, Godoy estava convencido de que apenas um

estudo prolongado e bem financiado poderia fazer moça na resolução do puzzle. Raciocinava que Arigó poderia fazer pouco ou nenhum dano ao público porque a maioria dos seus casos fora desenganada por médicos.

Godoy chegara à sua aceitação do trabalho de Arigó lentamente. Inicialmente, atribuíra-o a algum tipo de hipnotismo, mas após dois anos de observação e estudo quase diários, excluía isto completamente. O próprio Arigó entrava obviamente num estado de transe, mas os doentes eram diagnosticados e operados quase instantaneamente, sem qualquer contacto ocular ou verbal, sem qualquer sugestão, sem preparação – psicológica, cirúrgica ou outra.

O Dr. Godoy estava também intrigado com o perfil de personalidade do homem. Sabia que quando estava perto de Arigó no seu local de trabalho, sentia uma atmosfera completamente diferente na sala. Estava carregada de emoção inexplicável. Quando a faca cortava e o sangue não jorrava, era uma cena impossível de acreditar. A resposta simplista era que era uma questão de mente sobre matéria – mas o que significava isso? E não havia forma alguma de explicar por que, dos milhares de casos de cirurgia que Arigó realizara, não havia uma única instância de septicemia – envenenamento do sangue. O Dr. Godoy sabia da sua própria prática que qualquer lapso no procedimento cirúrgico inevitavelmente provocava esta condição.

Arigó era tudo menos um caráter simples. As suas personalidades em palco e fora de palco estavam amplamente divididas. No entanto, não havia sinais convencionais de psicose, quer esquizofrenia quer paranoia. Controlava ambas as personalidades, dependendo de qual se tornava. As suas manias comuns eram muitas e variadas. Mas não se afastavam mensuravelmente da norma de neurose aceitável. O seu medo de elevadores e aviões não era incapacitante ou devastador para a sua capacidade de trabalhar e amar. A sua vida familiar era razoavelmente normal quando tinha tempo para isso; a sua devoção a Arlete era tão genuína como a dela por ele.

Toda a síndrome sobre o Dr. Fritz e os seus alegados colegas espíritos era um grande imponderável. Havia poucos padrões para medi-lo. A mudança de personalidade de Arigó quando assumia este manto da sua psique era marcada e real. No entanto, quando o fazia, a sua personalidade era nivelada e consistente – e totalmente racional dentro desses limites. O

conceito de uma banda de espíritos desencarnados, todos com grande destreza médica, todos com capacidade de ajudar Arigó com as suas habilidades especializadas, era claro totalmente inaceitável à luz da ciência moderna.

Para os espíritas kardecistas, no entanto, isto era velho. Por vezes, o Dr. Godoy era tentado a assumir momentaneamente, numa base provisória, que esta poderia ser a explicação. Mas se esta assunção fosse feita, para onde poderia ir a partir daí? Concordava de coração com uma declaração que o Dr. Pires fizera recentemente: «No caso de Arigó, os aspetos predominantes são os fenómenos objetivos. É muito mais fácil rotular levianamente Arigó como paranoico do que olhar seriamente para o que ele está a fazer».

Estas questões pediam respostas. Mas a informação que o Dr. Godoy reunia dos seus colegas menos interessados não ajudaria a responder às questões. Novamente, a sede da associação médica em Belo Horizonte agitava-se inquieta. O Dr. Godoy começou a ver a situação como uma corrida entre possível esclarecimento sobre um fenómeno raro e incrível e as forças pesadas como ferro de mentes fechadas.

O novo impulso da associação médica não tardou. A 29 de agosto de 1961, cerca de três anos após o Juiz Soares ter notificado relutantemente Arigó do perdão oficial do Presidente Kubitschek, o Dr. Fernando Megre Velloso sentou-se à secretária em Belo Horizonte para ditar uma carta ao Secretário de Segurança Pública do estado de Minas Gerais.

O Dr. Velloso era presidente do Conselho Regional de Medicina do estado, equivalente a um escritório regional da American Medical Association. Declarou: Senhor Secretário: Em linha com as minhas responsabilidades com a associação médica, sobre a qual tenho a honra de presidir, permitam-me chamar a atenção de Vossa Excelência para as atividades do bem conhecido cidadão José Arigó, relativas à prática de curandeirismo – bruxaria. Como este cidadão está a ser amplamente e publicamente acusado de tais práticas que, verdadeiramente, podem ameaçar e desmoralizar os direitos do público, suplico a Vossa Excelência que institua o inquérito necessário para determinar os factos no caso. Se verdadeiros, o caso contra José Arigó deve ser reaberto, e um novo processo iniciado. Tenho a certeza de que dará imediatamente atenção a este assunto. Permitam-me estender a Vossa Excelência a minha maior

estima. Em dias, a bisbilhotice começou novamente. Investigadores da polícia começaram a espalhar-se. A conversa da barbearia e da estação de comboios precedera-os. Eram esperados.

Os detetives receberam uma resposta fria de quase todos os que interrogavam. A nova sondagem surgiu de Lafaiete, a vinte milhas de distância, uma distância mais segura para as autoridades estarem, pelo menos. Os investigadores, como antes, tiveram um tempo intrigante a tentar obter cópias de receitas das farmácias em Congonhas do Campo ou Belo Horizonte.

«O farmacêutico informou-me», escreveu um detetive, «que a receita que um doente de Arigó disse que nos daria simplesmente não podia ser encontrada em lado nenhum, e deve ter-se perdido. Se a encontrasse, enviá-la-ia». Outro teve dificuldade em obter qualquer tipo de informação do farmacêutico na praça em Congonhas. O farmacêutico jurou que nunca vira o nome de Arigó em qualquer receita (Arigó claro nunca as assinava).

Nunca perguntava a um cliente sobre isto. Não sabia nada sobre Arigó, mesmo estando a apenas um quarteirão de distância. Quase todas as testemunhas que poderiam ter oferecido algo de importante esquivavam-se e evitavam as perguntas. Mas eventualmente a acusação venceu a guerra de atrito e conseguiu reunir prova ampla de que Arigó reestabelecera a sua prática.

«Notámos primeiro», escreveu um detetive de campo, «que todos esperavam que chegássemos. Encontrámos várias boas testemunhas, mas não queriam falar e recusaram dar-nos qualquer ajuda. Mas com as nossas técnicas cuidadosas e especializadas, finalmente quebrámos a resistência. Concluímos que Arigó está a praticar agora, apesar das suas negações. Os nossos resultados mostrarão claramente que está a envolver-se em medicina ilegal, mesmo tendo sido uma vez processado e perdoado».

Se os resultados da investigação falhassem em provar o caso, seria um milagre: as multidões formavam-se todos os dias sob os olhos da polícia. A acusação agora mirava dura e diretamente para provar que Arigó praticava bruxaria, não meramente medicina ilegal. Anteriormente picados pelo revés do perdão do Presidente Kubitschek, as autoridades estavam determinadas a obter a pena muito maior que a acusação de bruxaria proporcionaria. Todo o novo testemunho que era elicitado era moldado nesta direção. Se

uma testemunha dissesse que Arigó erguia a mão acima da cabeça, isto era mais do que prática de medicina, era bruxaria, quer fosse intencionado ou não. Se lesse a Bíblia ou abençoasse um doente, isso devia ser interpretado como bruxaria. Além desse aspeto, a segunda acusação era quase uma cópia carbónica da primeira. Mas levava tempo, e a maquinaria legal era lenta, especialmente face à resistência das testemunhas.

O processo continuou ao longo de 1961, 1962 e até 1963. À medida que os dois anos completos passavam, Arigó continuava a praticar quase como se nada estivesse a acontecer. As suas negações de que praticava baseavam-se na sua firme convicção de que era o Dr. Fritz, e não ele, que fazia o trabalho médico. Esta era a sua justificação – esta, e a sua crença de que não podia recusar aqueles que precisavam dele. «Podem dizer que estou errado», disse Arigó ao repórter Reinaldo Comenale, «mas não estou errado aos olhos de Deus.

Muitos amigos vieram dizer-me que querem ajudar-me. Tenho um lugar especial no meu coração para eles. Mas ainda rezo pelos meus inimigos. São eles que precisam de mais oração e mais amor. Se quiserem que eu vá para a prisão, podem pôr-me lá. Se o tribunal quiser acusar-me de ajudar os doentes, e julgar-me por isso, irei a qualquer hora. Mas tenho a certeza de que Deus me dará liberdade. Não sou puro, mas tento ser. Se pratico caridade e se sou acusado do crime de caridade, sim, podem levar-me para a prisão, e ficarei lá».

Entretanto, os apoiantes de Arigó não estavam inativos. Mais de trezentos deles assinaram uma petição e apresentaram-na ao implacável Juiz Soares. Dizia que os peticionários vinham de todas as classes sociais, e suplicavam ao juiz que perdoasse e esquecesse. Não caiu em terreno fértil, e a acusação continuou.

Em agosto de 1963, o processo legal ainda rangia e Arigó ainda praticava, embora de forma mais moderada. E foi então que o Dr. Henry Puharich e Henry Belk chegaram a Congonhas no seu micro-ônibus, para serem dos primeiros norte-americanos a encontrar o fenómeno de Arigó face a face.

Após regressarem aos Estados Unidos, Puharich e Belk não ficaram inativos em nome de Arigó. Nas suas conversas com os médicos brasileiros interessados antes de partirem do Rio, foram avisados de que as

capacidades de Arigó estavam em perigo iminente não só da nova acusação iminente, mas da indiferença da ciência em ajudá-lo a descobrir a fonte dos seus estranhos poderes. Os médicos simpatizantes suplicaram a Puharich e Belk que organizassem um estudo externo por médicos americanos que reforçasse os seus próprios esforços face à oposição formal das sociedades médicas. Mas devia ser feito rapidamente.

Puharich era ele próprio um tanto independente, frequentemente desafiando os princípios sagrados da AMA na sua disponibilidade para enfrentar fenómenos desconhecidos. O que não podia ser criticado era a sua proficiência científica. Provara-se o suficiente na escola dura de investigação laboratorial pragmática e instrumentação biomédica avançada para se sentir seguro e confiante ao pisar as águas desconhecidas que jaziam além da norma. O que Puharich encontraria aqui afetaria a sua vida a tal ponto que mais tarde estaria disposto a mergulhar precipitadamente em explorações adicionais do paranormal, que alguns dos seus apoiantes não podiam seguir. Isto, no entanto, não podia negar a evidência massiva que se acumulava em relação ao trabalho de Arigó.

Nem Puharich nem Belk tinham qualquer interesse em perseguir fantasia. Mas no caso de Arigó, onde terminava a realidade e começava o fantástico? Esta era a questão chave, uma que era tanto difícil de responder como impossível de ignorar. Se fosse ignorada, toda a etiologia, ou causa raiz, ficaria a mendigar. No entanto, qualquer tentativa de a responder nos termos das próprias teorias de Arigó sobre o Dr. Fritz e os seus confederados faria toda a investigação subir numa nuvem de escárnio.

O problema resumia-se a provar o óbvio. Uma faca pode ser dolorosa mesmo ao cortar uma unha encravada ou verruga, para não falar de raspar um globo ocular nu ou raspar o globo ocular da sua órbita num doente totalmente consciente e não anestesiado. No entanto, não havia disputa nenhuma de que Arigó fazia isto diariamente – juntamente com cirurgia muito mais complicada.

Puharich sabia que tinha de apresentar as suas descobertas da forma mais convincente possível, ou as suas recomendações para a investigação cara e meticulosa poderiam ser ridicularizadas pelos seus associados. Relato em segunda ou terceira mão por Puharich sobre algo tão espantoso como Arigó não era o método ideal de apresentação científica. O cientista

deve estar preparado para desafiar, e desafiar duramente, o que é claro, saudável.

O próprio Puharich já desafiara Arigó com a sua própria operação de linfoma. À superfície, isto seria uma evidência razoavelmente boa, se não prova, da dignidade de um estudo adicional de Arigó. O mesmo acontecia com os filmes. Mas estes ainda não seriam suficientes para os requisitos exigentes de publicação em revista científica, que exige, além de referências prolíficas em notas de rodapé de práticas e observações passadas, algum quadro de referência pragmático sobre o qual uma teoria pudesse ser construída e aceite. Levava séculos para a acupuntura ser sequer considerada digna de estudo científico. As práticas de Arigó iam tão além da acupuntura que quase desapareciam de vista.

Arigó lidava com angústia crua, desespero e desesperança. A dor e a doença são a realidade básica daqueles que sofrem delas. Aqui estavam essas pessoas – literalmente centenas delas por dia – que conheciam e viviam com esta realidade intensamente horrível. Não tinham outra escolha.

A grande maioria daqueles que faziam a peregrinação a Arigó não vinham por curiosidade, fé religiosa ou fetichismo. Vinham porque estavam literalmente, praticamente, objetivamente, totalmente desesperados. A medicina moderna desenganara-os; nalguns casos, os melhores especialistas do mundo. Para onde mais poderiam virar-se?

Embora Arigó rezasse brevemente com os seus doentes todos os dias e lhes dissesse continuamente para «irem com Deus», não havia nenhum aspeto de cura pela fé ou misticismo que acompanhasse a atividade em Lourdes. Na maior parte dos aspetos, o seu tratamento era tão perfunctório e clínico como o de um médico residente numa sala de emergências.

No seu desespero, muitos não se deixavam aceitar a sentença de morte que os seus médicos predisseram categoricamente. Dentro do seu âmbito, os médicos tinham razão. Não havia outro curso objetivo para eles.

Arigó oferecia esperança face à aparente falta dela. Vinham a Congonhas do Campo. A esmagadora maioria deles era milagrosamente curada. Uma pequena percentagem não o era, e Arigó não hesitava em dizer-lhes que nada podia fazer por eles. Quase todos achavam que valia o risco.

Era uma grande tragédia que as forças inexoráveis da lei fossem mobilizadas contra este homem simples e inexplicável, ameaçando assim fechar qualquer estudo organizado do seu trabalho. O obstáculo era o precedente que poderia ser estabelecido ao deixar Arigó sair impune. Sem padrões disciplinados, qualquer impostor poderia assumir o manto da benignidade e presumir fazer o que Arigó fazia. Claro que não duraria muito. O primeiro empurrão de uma faca de bolso no globo ocular de um doente sofrendo por um impostor traria, em minutos, ele abruptamente à polícia e aos tribunais. Se Arigó causasse dor ou lesão, claro que estaria fora do negócio em tempo igualmente curto.

O «exame ocular» com faca de bolso ou faca de descascar de Arigó intrigava o Dr. Puharich quando regressara aos Estados Unidos quase mais do que qualquer outra coisa. Arigó fazia isto frequentemente, mesmo quando o olho parecia perfeitamente normal. Era algo nunca visto na medicina convencional, totalmente bizarro. Frequentemente raspava um glóbulo de pus de trás do globo ocular, mesmo quando não parecia haver qualquer condição que justificasse estar atrás do olho. Puharich suspeitava que Arigó fazia esta manobra no olho, mexendo a lâmina tão rudemente na órbita ocular, para dramatizar que podia fazer coisas para o doente muito além do normal, e assim construir a confiança tanto do doente a ser tratado como daqueles que observavam e esperavam a sua vez.

Como parte do seu trabalho experimental em cardiologia, Puharich trabalhava frequentemente com o Dr. Luis Cortes, um cientista de investigação no Departamento de Cirurgia da Escola de Medicina da Universidade de Nova Iorque. Antes de redigir o seu primeiro relatório sobre Arigó para a Essentia Research Associates, Puharich mostrara a Cortes os filmes das operações de Arigó e informara-o de algum do fundo. Cortes ficara fascinado com o trabalho cirúrgico retratado no filme. Como cirurgião ele próprio, simplesmente não conseguia acreditar que uma faca pudesse ser inserida no olho de uma pessoa consciente sem literalmente amarrá-la e praticamente violar o olho. Era um assalto aos nervos do doente que positivamente não podia ser feito.

Tanto ele como Puharich decidiram fazer uma verificação tentativa disto com alguns dos ratos de laboratório que usavam na sua investigação cardiológica. Ambos tinham longa experiência em lidar com animais de laboratório nas condições mais difíceis, e podiam prever com precisão

qualquer reação de medo ou reflexo que o animal tivesse sob quase qualquer condição. Num padrão normal, se tentassem a mesma técnica que Arigó usara com as suas sondas oculares, o rato usaria todos os músculos do corpo para evitar o assalto da lâmina da faca no seu olho.

Usando cuidado meticuloso, Cortes segurou firmemente um rato enquanto Puharich tentava inserir uma faca pequena sob a pálpebra e para cima em direção às cavidades sinusais. Descobriram que era literalmente impossível fazer num rato consciente e não anestesiado a menos que a cabeça fosse segura numa morsa. E mesmo então era praticamente impossível manter o rato quieto para fazer qualquer manobra, para não falar de mexer a lâmina dentro da pálpebra. Mesmo num rato anestesiado, era impossível emular os mergulhos rudes e crus que Arigó executava sem danificar seriamente os tecidos oculares. O que quer que Arigó fizesse estava além da província de qualquer dos médicos.

Mas Puharich e Cortes enfrentavam mais um desafio. Uma jovem assistente de laboratório que vira os filmes insistiu que queria voluntariar-se para deixar que Cortes ou Puharich tentassem repetir a experiência num dos seus próprios olhos. Nenhum dos médicos queria aceitar o desafio. Mas ela continuou a insistir, dizendo que se alguma vez chegassem ao fundo deste mistério teriam de arriscar. Puharich arriscara com a operação de linfoma. Ela estava disposta a arriscar a dela, porque estava absolutamente absorvida pelo que Arigó fazia, e convencida de que devia ser resolvido.

Como Cortes era um cirurgião em exercício, estava pelo menos confiante de que poderia tentar a experiência sem dano, usando extremo cuidado. Mas a rapariga tinha de prometer dar-lhe um sinal no exato momento de dor ou desconforto. Prometeu que o faria.

Escolhendo uma faca de mesa pequena e lisa, e evitando a íris e a córnea do olho, Cortes começou muito gentilmente a deslizar a faca sob a pálpebra. Ela permaneceu estoica e quieta, mas apenas por uma fração de momento. O seu primeiro movimento lento para cima trouxe um sinal rápido da rapariga de que a dor se tornara insuportável. A faca estava apenas uma fração de polegada sob a pálpebra. Removeu-a com tanto cuidado como a inserira, e não houve dano. A faca fora menos de um décimo da distância que a lâmina de Arigó penetrava, e Cortes não fizera movimento lateral ou circular. A experiência convenceu os três de que

estavam a lidar com um caso extraordinário em Arigó que seria um desafio gigantesco para a ciência.

Ao rever o relatório preliminar do Dr. Puharich, bem como o separado apresentado por Henry Belk, o interesse numa expedição de investigação em grande escala para estudar Arigó era elevado entre os membros do grupo Essentia Research. Vindo como vinham de disciplinas diferentes e organizações variadas, da Universidade de Stanford na Costa Oeste ao Massachusetts General Hospital na Costa Leste, havia muitos problemas logísticos e de agenda.

Todos concordaram que mais investigação preliminar tinha de ser feita para evitar confusão e desperdício de tempo quando uma comissão completa de meia dúzia de membros ou assim descolasse na viagem. Haveria uma quantidade considerável de leitura e estudo preliminares a fazer sobre os temas de parapsicologia, costumes brasileiros e língua portuguesa.

Puharich concordou em fazer outra viagem a Congonhas para um levantamento detalhado de viabilidade, e tentar reunir estatísticas que pudessem ser usadas para moldar um esforço de equipa bem planeado. Exatamente quando poderia afastar-se do seu próprio trabalho de investigação, agora a sofrer de negligência temporária, era outro problema. No entanto, com a ação legal contra Arigó a ameaçar o potencial sucesso da expedição de investigação, a velocidade era essencial. Os arranjos eram complicados, as distâncias entre os membros grandes, e a necessidade de financiamento de imprescindível necessidade. Várias fundações foram abordadas, um trabalho lento e difícil. A corrida para tentar desvendar o mistério de Arigó continuava.

No Brasil, os procedimentos legais ainda estavam atolados em atrasos. A acusação que levaria a um segundo julgamento começara em setembro de 1961, a instâncias da sociedade médica de Minas Gerais. Quando Belk e Puharich deixaram Congonhas do Campo em agosto de 1963, a preparação legal para o julgamento ainda estava a afundar-se, principalmente devido à inércia, à resistência das testemunhas e à dificuldade de documentar nova evidência apesar do facto de Arigó continuar o seu trabalho sob os narizes da polícia. As pessoas que beneficiavam eram as últimas que queriam ajudar o procurador.

A notícia em agosto de 1963 da operação de Arigó ao Dr. Puharich, que fora espalhada na primeira página de quase todos os jornais no Brasil, proporcionou um novo ímpeto à acusação lenta. Era novamente um caso de uma história de sucesso que seria danosa para Arigó. E era uma repreensão picante ao Juiz Soares e ao procurador que a operação nacionalmente famosa acontecera sob os próprios narizes dos investigadores da polícia.

Embora o caso estivesse relativamente dormente na altura, houve ação em semanas após o procurador ler as manchetes de Puharich. Arigó foi chamado perante ele. Um padre católico romano holandês chamado Anselmo Meindres também vira as manchetes, juntamente com os oficiais da sociedade médica. Todos estavam em pé de guerra com esta operação flagrante no tumor do médico americano.

Um novo juiz, Márcio de Barros, de disposição aparentemente tão sombria como o Juiz Soares, juntara forças e lidara com o novo interrogatório de Arigó. O procurador era agora Marcelo da Paula, outro que parecia ser do mesmo tipo.

Arigó reiterou que não guardava malícia contra aqueles que testemunharam contra ele. Admitiu livremente que operara o médico americano. Confirmou também o outro relatório de manchete nacional de que salvara a visão do filho bebé de Roberto Carlos. Como Arigó alegava que estes foram feitos pela intervenção do Dr. Fritz, e como não tinha memória consciente na altura de os fazer, Arigó não sentia que fossem contra a lei. Se o tribunal sentisse que eram crimes, isso cabia ao tribunal. A sua consciência estava limpa.

Tal admissão branda era claro explosivamente irritante para o tribunal. A defesa de transferir a culpa para um médico alemão que morrera em 1918 era provavelmente uma das mais ridículas na história da jurisprudência, mas nem o juiz nem o procurador viam humor nisso. Ainda sentiam a indignidade picante de terem, na verdade, sido feitos de parvos na imprensa.

A demora continuou pelo resto de 1963 e pela maior parte de 1964. Arigó continuou a praticar sob as regras da sua própria filosofia, suavizando as operações mas mesmo assim continuando a fazê-las. A meio de outubro de 1964, o tribunal sentiu que tinha prova suficiente para cravar

Arigó na acusação de bruxaria, com as suas penas mais rigorosas, do que a acusação mais simples de prática ilegal de medicina.

O Procurador da Paula puxou todos os registos no seu sumário das acusações. Argumentou que Arigó era um perigo crítico para a sociedade. Era culpado de praticar bruxaria e magia negra com todo o entusiasmo dos terreiros do Camdomblé ou clareira de macumba. Arigó era, em suma, um criminoso. Não importava se era bem-sucedido nas suas curas, ou que beneficiasse qualquer um que viesse ter com ele. Era ainda imaterial que nenhum dano viera a nenhum das centenas de milhares de doentes que Arigó tratara, ou que nunca aceitara dinheiro ou prendas. Um crime era um crime. Por alguma razão, o procurador foi tocado por evidência de que dezenas de mulheres da alta sociedade vinham ver Arigó com véus sobre os rostos, para esconder a identidade. O procurador via nisto um presságio dos mais sinistros. E, para resumir tudo, o próprio Arigó admitia que estava a cometer este crime contra o povo.

O segundo julgamento era realmente uma farsa para ambos os lados enquanto se esforçavam por conduzir os procedimentos no nível da realidade legal embora o fenómeno fosse na verdade inclassificável, indefensável e inatacável, tudo ao mesmo tempo. Nem a acusação nem a defesa sabiam como lidar com isso, nem ninguém mais saberia. O Juiz Barros era incapaz de compreender as nuances e matizes, não via nenhum dos paradoxos e subtilezas. A 20 de novembro de 1964, condenou Arigó a dezasseis meses de prisão pela prática de bruxaria, com efeito imediato.

Arigó teve permissão para ir para casa do tribunal em Lafaiete com Arlete para dizer adeus aos filhos. Não tentou explicar-lhes o que estava a acontecer, porque não sabia como explicar. Os seus próprios sentimentos diziam-lhe que estava a tentar fazer o certo, da forma que via. Como poderia explicar isso aos rapazes face à longa sentença de prisão? Arigó amava crianças – todas as crianças. Era conhecido pelo seu amor expansivo pelos seus próprios rapazes.

Nessa noite segurou cada um nos braços, prometeu-lhes que os veria novamente em breve, confortou-os porque sentiam, com a intuição impressionante que até as crianças mais novas têm, que um acontecimento trágico estava no ar.

Arlete, pelo bem das crianças, continha as lágrimas. Rezaram antes do jantar, e comeram em silêncio. Arigó deitou os rapazes na cama, e disse a Oração do Senhor com eles.

Depois desceu as escadas, onde Arlete o esperava. Não chorou, mas os olhos estavam húmidos. Não falaram um com o outro. Arigó deixou cair a testa na mão, e ambos esperaram em silêncio pelo carro da polícia chegar.

8

Arigó e Arlete mal se aperceberam da multidão que se reunira fora da casa nessa noite. Era quieta e ordeira – tão quieta que parecia quase ominosa. Apenas o murmúrio de orações subjugadas entre a multidão de várias centenas sinalizava a Arigó que estavam lá. Foi à janela e olhou para fora. Quando o viram, a multidão aplaudiu. Ainda não havia sinal de um carro da polícia.

Na esquadra local da polícia, havia consternação. Nenhum dos homens da força queria levar Arigó para a prisão em Lafaiete. Nem o chefe da polícia queria dar a ordem. Nem a polícia estadual de Minas Gerais queria subir pela multidão. Tanto os oficiais locais como os estaduais tentaram encontrar uma resposta. Ninguém, na verdade, queria Arigó na prisão, além das autoridades que o ordenaram. O tempo arrastou-se para a noite.

Arigó começava a impacientar-se. Finalmente, atravessou a sala e abraçou Arlete, depois saiu pela porta da frente. Um enorme aplauso ergueu-se da multidão. Pediu-lhes que mantivessem a calma e a ordem, e que rezassem. Depois entrou no seu jipe, manobrou-o lentamente pela rua apinhada, e dirigiu-se à esquadra da polícia. Timidamente, o chefe da polícia contou-lhe o dilema que enfrentavam. Arigó respondeu que não havia problema. Conduziria ele próprio até à prisão em Lafaiete. O chefe concordou que, à luz da grande multidão, poderia ser uma boa ideia.

Na estrada para Conselheiro Lafaiete, o jipe de Arigó era seguido por uma caravana de simpatizantes. Atrás da caravana, um carro da polícia solitário seguia, cautelosamente, incertamente, os seus ocupantes meio temerosos da multidão. Era uma visão estranha, a longa cauda de dragão de uma diversidade heterogénea de carros e camiões, prensada entre o jipe de

Arigó à frente e o carro da polícia na retaguarda. Quase uma atmosfera de carnaval prevalecia, à medida que os carros na parada começavam a buzinar. A cacofonia tornou-se ensurdecedora, mas a polícia era impotente.

Na prisão, Arigó foi recebido pelo diretor, quase como se fosse um dignitário visitante. A polícia abriu caminho da retaguarda da caravana, para entregar ao diretor os papéis oficiais necessários. Mas na confusão, os papéis tinham sido deixados em Congonhas. A multidão explodiu em riso enquanto o carro da polícia acelerava de volta para recuperar os documentos. Arigó riu com eles.

O diretor insistiu que seria melhor para Arigó cumprir o seu termo no hotel local, sob custódia da polícia. Arigó não quis saber disso. Se estava a ser condenado a prisão, iria para lá. O diretor quase suplicou que reconsiderasse, mas Arigó ainda recusou.

Era uma prisão húmida, feia, em ruínas. Algumas das celas abriam diretamente para um beco bolorento que corria ao lado do edifício. Arigó foi atribuído uma destas. O diretor pegou numa grande chave de latão velha e abriu a porta rangente de grades de ferro. A multidão comprimiu-se no beco, até parecer não haver espaço para respirar. Alguém começou a dizer a Oração do Senhor. O resto seguiu. O diretor e o guarda baixaram as cabeças e juntaram-se a eles.

Quando terminou, Arigó falou. Disse à assembleia que não deviam sentir ressentimento nem contra os carcereiros nem contra a polícia. Estavam apenas a fazer o trabalho que lhes fora atribuído. Prometeu que seria libertado em breve, porque os seus advogados estavam a recorrer imediatamente. Lentamente a multidão dispersou e regressou a Congonhas do Campo. O diretor, quase ao ponto de lágrimas, disse a Arigó como era desagradável para ele cumprir este trabalho. O carcereiro da noite disse o mesmo. Arigó abençoou-os a ambos, e eles saíram. Arigó deitou-se no rude banco de madeira, e rezou novamente.

O caso de Arigó atraía a atenção de alguns dos melhores advogados do Brasil. O Dr. Jair Leonardo Lopes tomou a liderança em levar o recurso aos tribunais superiores. Passara tempo considerável a rever o caso, analisar Arigó e estudar parapsicologia. Entrevistado no dia após o encarceramento de Arigó, disse aos repórteres: «Arigó nunca prejudicou ninguém. Tem um verdadeiro dom que não depende de autorização legal

para curar males estranhos dos ricos e dos pobres. Frequentemente cura pessoas que os médicos desenganaram.

«Arigó tem percepção extrassensorial. É clarividente e tem outras faculdades excepcionais que nem podemos definir nem entender.

«Diagnostica por clarividência. “Vê” os órgãos afetados dentro do corpo do doente. Através de telepatia, sabe o que outros médicos prescrevem para a doença ou o que funcionou em casos semelhantes.

«Prescreveu medicamentos para alguns doentes que há muito saíram de uso, e também prescreveu medicamentos tão novos que ainda não tinham chegado ao Brasil.

«Apenas a clarividência e outros poderes indefinidos podem explicar estas coisas».

Arigó tentara explicar os seus próprios poderes a repórteres anteriormente, quando disse: «Quando um caso é simples, posso diagnosticar e prescrever sem entrar em transe, pois o Dr. Fritz guia-me. Mas para casos complexos, devo entrar em transe e chamar diretamente o Dr. Fritz».

À medida que o Dr. Lopes começava a pressionar o recurso, a porta da cela de Arigó no pequeno beco ao lado da prisão fervilhava de repórteres no dia seguinte. Arigó disse que estava contente por estar na prisão de uma forma, porque precisava desesperadamente de descanso. Poderia rever o seu passado e futuro. Disse que ainda rezava pelos seus inimigos, e esperava que os jornalistas fizessem o mesmo.

Depois disse uma coisa estranha: «Talvez ser enviado para a prisão seja um dom de Deus. Sabem que conduzo muito depressa na estrada. É algo que faço sem pensar nisso. Se não estivesse na prisão agora, estaria a conduzir pela estrada, e seria morto».

O comentário era intrigante, e foi geralmente passado por alto na imprensa. Para o repórter que conhecia melhor Arigó e o estudara mais, Gabriel Khater, o comentário tinha algo de ominoso. Arigó, sentia ele, não fazia declarações como esta sem boa razão. Incluiu-o na sua história, mas depois esqueceu-se disso.

O advogado Lopes estava determinado a levar o caso ao Supremo Tribunal Federal, se necessário. O recurso, rotulado N° 2334, foi tudo

menos rápido. Além de alegar que não havia um iota de evidência de que Arigó alguma vez prejudicara alguém, e que era tudo menos um curandeiro. O advogado Lopes procurou um mandado de habeas corpus, com base no facto de Arigó ter sido julgado duas vezes pelo mesmo crime. Mas este processo era oneroso e envolvido, tendo de passar por vários painéis de juízes que ponderariam os méritos e deméritos do caso interminavelmente antes de votar uma decisão.

Não menos danoso para Arigó foi o ataque agressivo do procurador Marcelo da Paula. Embora alguns dissessem que detetavam um amolecimento na sua atitude para com Arigó fora do tribunal, o requerimento que apresentou contra o recurso não o mostrava. Lutou contra mesmo a libertação temporária e provisória que o mandado de habeas corpus traria. Atingiu duramente o Tribunal de Recurso com uma revisão do caso, enfatizando que Arigó nem tentara defender-se. Foi implacável na sua condenação.

Mas Arigó não definhava exatamente na prisão. A ação começou quase assim que chegou. Os outros prisioneiros, há muito descontentes com as condições precárias na prisão, aproveitaram a presença de Arigó, com a sua publicidade atendente, para encenar um motim. Começaram a queimar tudo o que era de madeira à vista. Exigiam menos trabalho e mais comida. Terrorizaram os guardas com facas que tinham sido contrabandeadas, e mantiveram-nos como reféns. Finalmente, os guardas romperam e fugiram da prisão, deixando Arigó sozinho com os prisioneiros em rebelião.

Não perdeu tempo em acalmar o motim. No seu tom de voz mais autoritário, disse-lhes que não só deviam parar o que estavam a fazer, como limpar todos os danos que tinham feito. Disse que se a comida era boa o suficiente para ele, era boa o suficiente para eles, e que era melhor que se acalmassem, se arrependessem dos seus pecados e comesçassem uma nova vida para si próprios. Enfrentou diretamente os cabecilhas com as exigências. Estranhamente, eles aquiesceram. No dia seguinte, a maior parte dos detritos fora limpa, os guardas regressaram, e madeira e materiais foram fornecidos para os prisioneiros reconstruírem o que tinham danificado.

Mas Arigó foi além disso. Pediu ao diretor tinta, e começou a pintar as paredes sujas ele próprio. Em breve, os outros prisioneiros juntaram-se. Os edifícios começaram a ganhar nova vida.

Em gratidão, o diretor ofereceu a Arigó liberdade completa para deixar a prisão a qualquer hora que quisesse. Na verdade, deixou a chave na cela dele. Arigó usou-a em raras ocasiões, mas apenas para visitar os doentes fora da prisão, enquanto o diretor e os guardas faziam vista grossa. Fizeram tudo o possível para serem gentis com ele. Aproveitou isto num aspeto: começou a tratar os prisioneiros na prisão. Quando a notícia disto se espalhou, multidões começaram a formar fila novamente fora do seu portão gradeado no pequeno beco. Chegou mesmo a realizar operações menores. De repente, a prisão em Lafaiete começou a transformar-se noutra Congonhas. Parecia impossível manter as pessoas de inundar a cidade. A polícia e o diretor sabiam-no; não fizeram nada para o parar.

Jorge Rizzini, que tentara inutilmente apoiar Arigó durante o julgamento – tudo o que dizia sobre o sucesso médico de Arigó apenas ajudava a selar o seu destino – veio visitar Arigó. Filmou em movimento as multidões enquanto passavam pela cela no pequeno beco. Rizzini encontrou Arigó sozinho na cela quando chegou, a ler a Bíblia. Parecia bem, e insistia que este era o descanso de que precisava. Defendeu novamente as pessoas que o julgaram, pedindo a Rizzini que não as condenasse nos seus relatórios de imprensa.

H. V. Walter, o cônsul britânico, veio de Belo Horizonte até à prisão, onde encontrou Arigó a descansar no seu catre. Trouxe-lhe duas sanduíches de queijo. Arigó comeu uma vorazmente e passou a outra a um prisioneiro do outro lado do corredor. Arigó pregou o cartão de visita do cônsul na parede da cela, referindo-se a ele como «Senhor Embaixador». Teve grande orgulho no seu visitante diplomático, que apresentou aos companheiros de prisão.

Esko Murto, repórter-fotógrafo finlandês da revista Manchete, o equivalente brasileiro da Life, chegou para fazer uma reportagem fotográfica sobre o definhamento de Arigó na prisão. Em vez disso, encontrou Arigó na cela a realizar uma operação de cataratas num homem idoso que estava quase completamente cego. Fotografou a cirurgia numa série rápida de fotos na sua Leica, mas Arigó pediu-lhe calmamente que não as publicasse, por causa do recurso pendente. Murto concordou, e mais tarde visitou Arigó várias vezes apenas com base na amizade. Como tantos repórteres que entrevistaram Arigó, interessou-se mais pelo homem do que

pela história. Arigó disse a Murto que tentava nunca operar quando repórteres estavam presentes.

A 11 de dezembro de 1964, não muito depois de ter sido preso, Arigó recebeu um dos seus visitantes mais invulgares. Era um padre católico idoso, Francisco Alves Correia, que fora ordenado em 1913. Viera a Lafaiete de Belo Horizonte, chegando cedo à noite. Alegava que Arigó lhe removera a catarata, salvando-o de uma cegueira quase total, mas Arigó não se lembrava disso. «Se o fiz», disse Arigó, «não fui eu que o fiz, mas Jesus».

O padre continuou a explicar que sempre zombara de Arigó, mas que após o tratamento o seu próprio médico ficara espantado com os resultados. O médico perguntara onde fora feita a operação. «Expliquei», disse o padre, «que fora em Brasília. Não teria aceite a verdade se lha dissesse».

Depois acrescentou: «É por isso que vim aqui agradecer-lhe. Espero que Deus lhe dê força para suportar esta provação. Sairá daqui para realizar coisas ainda maiores. Seja forte, pois o sofrimento faz parte da lei da evolução».

Arigó manteve-se forte, mas as semanas na prisão tinham agora virado meses, e ainda não se fizera progresso em obter mesmo a libertação temporária por habeas corpus. Ansiava estar em casa com a família novamente. A separação de Arlete e dos rapazes era a mais dolorosa. Desejava cuidar das rosas no jardim da tia. Apenas o facto de o diretor e a polícia o permitirem tratar os doentes mantinha a sua sanidade. Na verdade, o diretor frequentemente apanhava-o no jipe da prisão para visitar muitos dos doentes e aflitos em Lafaiete, regressando-o à cela depois.

À medida que o recurso se arrastava, a paciência dos apoiantes de Arigó esgotava-se. As pressões montaram em muitos centros espíritas por todo o Minas Gerais até que finalmente várias centenas de pessoas, se não mil ou mais, tentaram literalmente invadir a prisão e removê-lo corporalmente dela. Não sabiam que Arigó poderia ter saído a qualquer hora que quisesse. A polícia não tinha controlo sobre os manifestantes, mas Arigó silenciou-os e disse-lhes que estava confiante de que o processo da lei em breve retificaria a situação. A multidão partiu a contragosto.

Houve outros protestos vigorosos. Uma mulher escreveu para um jornal do Rio que, a menos que o recurso fosse resolvido a favor de Arigó e

ele fosse libertado da prisão, se mataria. O que os ardentes defensores de Arigó não percebiam era que, mesmo que fosse libertado temporariamente sob o habeas corpus, não haveria certeza real de que permaneceria livre. A revisão legal sob a lei brasileira seria em duas fases longas e prolongadas: a decisão de o libertar, se o fizessem; e a decisão quanto a se deveria ser recondenado se fosse libertado.

A ironia e a tragédia seriam se fosse libertado e depois enviado de volta para a prisão. Esta era uma possibilidade distinta, especialmente com o tipo de pensamento de espectro estreito de juízes como Soares e Barros. Havia muitos assim nas asas.

A notícia dos apuros de Arigó viajara lentamente para os Estados Unidos. Belk e Puharich, cada um a trabalhar nos planos de longo prazo de organizar a expedição de investigação, não souberam que Arigó fora preso até que ele lá estivesse há vários meses. Belk escreveu imediatamente ao cônsul brasileiro em Nova Iorque e ofereceu pagar todas as despesas para voar Arigó para os Estados Unidos, onde seria feito um estudo. O seu pedido foi claro recusado.

O Dr. Puharich e os seus associados, decididos a preservar a possibilidade de estudar um dos fenómenos médicos mais convincentes até então encontrados, estavam preocupados. O grupo enviou o seu advogado ao Brasil para verificar duas vezes a disponibilidade de Arigó para investigação sob as novas condições. Sidney Krystal, o advogado, encontrou a perspectiva sombria. Arigó disse-lhe que qualquer atenção de médicos americanos neste ponto poderia agravar a situação e criar protestos veementes por parte da Sociedade Médica Brasileira. Arigó ainda se sentia confiante de que seria libertado, no entanto. Milhares de cartas e telegramas estavam a ser enviados em seu nome ao Presidente Castelo Branco, muitos deles de funcionários governamentais proeminentes. Se fosse libertado, Arigó assegurou ao advogado americano, cooperaria mais do que no estudo.

Puharich sentou-se e escreveu uma longa carta ao juiz-chefe da região que incluía Congonhas do Campo e Lafaiete. O Juiz Felipe Immesi acabara de entrar no caso, e seria o fator chefe em determinar o destino final de Arigó. Em contraste nítido com os juízes do tribunal inferior, Immesi era um homem inteligente de perspectiva ampla e considerável calor. Puharich escreveu-lhe:

14 de março de 1965

Vossa Excelência:

Tomo a liberdade de dirigir um apelo a Vossa Excelência em nome de José de Freitas, mais popularmente conhecido como Arigó. Permita-me apresentar-me. Sou um médico americano, e estudante de longa data de fenómenos parapsicológicos. No meu próprio país, sou igualmente conhecido pelo meu apoio a psíquicos genuínos, bem como pela exposição de charlatães e fraudes. Com estas credenciais, dirijo-me agora em nome de Arigó.

Durante agosto de 1963, passei várias semanas a estudar o trabalho de cura de Arigó. Observei centenas de doentes a serem tratados por ele, e entrevistei cerca de cem destes doentes.

Em primeiro lugar, não consegui encontrar qualquer caso em que ele tivesse feito dano a qualquer indivíduo. Também passei algum tempo a viajar pelo Brasil tentando encontrar casos em que ele tivesse falhado, ou pudesse ser acusado de má prática. Não consegui encontrar tal caso. Também testemunhei muitos resultados positivos do seu tratamento, tanto com medicamentos como com cirurgia. Escusado será dizer que fiquei muito impressionado com o benefício terapêutico que Arigó trazia às pessoas que tratava. Fiquei também impressionado com o facto de Arigó não cobrar qualquer doente pelo tratamento, nem aceitar qualquer gratuidade ou contribuição de ninguém que trate.

Para me convencer da genuinidade do tratamento de Arigó, fiz com que ele operasse um tumor no meu antebraço direito. Posso afirmar que o seu corte na minha carne foi indolor, que excisou o tumor habilmente em cinco segundos, e que apesar de não usar quaisquer antissépticos ou antibióticos, a minha ferida cicatrizou sem qualquer sinal de pus ou infeção. Esta operação foi reportada na imprensa brasileira, e mostrada em filmes na televisão brasileira. A minha experiência pessoal com Arigó, e as minhas observações de muitos doentes, convence-me de que não só a intervenção curativa de Arigó é segura, como também mostra benefícios terapêuticos positivos.

O Brasil deveria orgulhar-se de ter um homem extraordinário como Arigó a trabalhar entre o seu povo. Sinto que o seu trabalho é tão invulgar que merece estudo científico intensivo nos anos vindouros. Farei tudo o

que estiver ao meu alcance para chamar a atenção dos cientistas para Arigó. Suplico a Vossa Excelência que considere o seu caso com compaixão e justiça no interesse da humanidade.

Atenciosamente,

Henry K. Puharich M.D.

O Juiz Felipe Immesí ficou impressionado por um médico norte-americano fazer o esforço de escrever em nome de Arigó, e especialmente por ter arriscado uma operação no seu próprio corpo. Mas sabia pouco sobre Arigó além do que lera nos jornais, e ainda menos sobre as complexidades do caso legal neste ponto. Como recém-chegado, estava intrigado com a invulgaridade e subtilezas do processo. Mas não demorou muito a perceber que Arigó estava em gelo muito fino no que dizia respeito à lei.

Um painel de cinco juízes já estava a rever a questão de se Arigó deveria ser libertado provisoriamente da prisão, enquanto o Juiz Immesí estudava o caso para determinar se deveria voltar a ser condenado. Do seu estudo preliminar, Immesí sabia que estava perante uma decisão agonizante e complexa. A 24 de junho de 1965, sete meses completos após Arigó ter entrado na prisão em Lafaiete, o painel de cinco juízes concordou que os juízes de Congonhas tinham razão em declarar Arigó culpado, mas decidiram que deveria ser libertado temporariamente enquanto o Juiz Immesí realizava a sua extensa revisão.

A notícia da sua libertação temporária veio quase como um anticlímax para Arigó. Não era ocasião para regozijo, porque o machado poderia cair a qualquer momento no futuro próximo. Não havia garantia, nenhuma segurança, numa libertação precária que deixava esta possibilidade ampla aberta. O respiro seria bem-vindo, claro. Poderia estar em casa com Arlete e as crianças, e respirar o ar aromático do seu jardim de rosas na quinta da tia. Além disso, a suspense seria quase tão dolorosa como a possível realidade de regressar à cela de prisão sufocante.

Os seus primeiros dias em casa foram quietos, mas tanto ele como Arlete sabiam que a tranquilidade não duraria. Como o Presidente Kubitschek dissera, Arigó nunca poderia estar sozinho no Brasil, mesmo

que fosse para as selvas da Amazônia. Convencido de que estava a fazer o certo, Arigó regressou ao Centro Espírita, onde as multidões se reuniram novamente, tal como sempre. Todos sabiam; não era segredo. A polícia ignorou-o enquanto trabalhava com a nova colheita de doentes; o tribunal concentrava-se em tentar chegar a uma decisão definitiva que resolvesse o assunto de uma vez por todas.

Não demorou muito para o Juiz Immesi perceber que estava sentado em cima de um caso que temia decidir. Quanto mais aprendia sobre Arigó, mais percebia que estava a lidar com algo além do conhecimento da jurisprudência normal. A sua leitura dos factos convenceu-o de que este não era um caso de polícia. Mas a lei era clara. Arigó estava errado.

Como juiz jurado a defender a lei, teria de condenar Arigó, independentemente dos seus próprios sentimentos, que tinham oscilado amplamente para simpatia por Arigó e a sua família. Arigó emergia das páginas dos requerimentos legais e registos do tribunal – centenas de páginas em cópias encadernadas grossas – como um ser humano caloroso e caridoso, um homem triste e perplexo, confuso com os seus estranhos poderes, e conscientemente incapaz de lidar com eles e com as pessoas que o procuravam.

Quando chegara ao caso pela primeira vez, o Juiz Immesi não tinha crença nenhuma nos relatos dispersos sobre Arigó que lera nos jornais. Como bom católico, simplesmente não conseguia compreender as histórias que saíam de Congonhas do Campo. À medida que se aprofundava mais no caso, percebeu que teria de observar Arigó em primeira mão. Como todos os outros, o juiz sabia que Arigó voltara ao seu trabalho médico pouco depois de ter o seu indulto da prisão. Arigó nunca tentara esconder o seu trabalho com os doentes. Exceto pelas operações, fazia-o abertamente.

Mas mesmo com o seu trabalho cirúrgico, nunca era assim tão silenciado. Frequentemente explicava que não continuava o seu trabalho em oposição às autoridades; fazia-o porque não tinha outra escolha. Quaisquer práticas em que se envolvesse agora, no período interino entre a sua estadia na prisão e a decisão final do Juiz Immesi, fariam pouca diferença. A evidência já pesava. Prática adicional, mesmo cirurgia, seria simplesmente mais do mesmo.

Arigó sabia que os dois homens que entraram na clínica nesse dia eram autoridades da lei. Não sabia exatamente quem eram, mas convidou-os a aproximarem-se e observar enquanto se metia ao trabalho. Se iam estar presentes, pelo menos deveriam ter oportunidade de ver que podia suscitar curas ao doente sem dano.

Um dos homens era o Juiz Immesi. O outro era um procurador distrital de outra parte da região que não estava envolvido no caso de Arigó. Um dos primeiros doentes a chegar à mesa de Arigó era uma mulher que estava quase cega em ambos os olhos por cataratas, uma condição frequente que Arigó enfrentava por causa da sua reputada fama de perito no campo oftalmológico. Pediu ao juiz que ficasse ao lado e segurasse a cabeça da doente. O juiz sentiu-se enjoado e impressionado, mas fê-lo.

«Vi-o pegar no que parecia um par de tesouras de unhas», descreveu o Juiz Immesi a cena mais tarde. «Limpou-as na própria camiseta, e não usou desinfetante de nenhum tipo. Depois vi-o cortar diretamente na córnea do olho da doente. Ela não se encolheu, embora estivesse completamente consciente. A catarata saiu em questão de segundos. O procurador distrital e eu ficámos mudos de espanto. A seguir, o Arigó proferiu um tipo qualquer de oração, enquanto segurava um pedaço de algodão na mão. Algumas gotas de um líquido apareceram subitamente no algodão, e limpou o olho da mulher com ele. Vimo-lo de perto. Ela ficou curada».

Após a operação, Arigó sorriu para o juiz e disse: «Não sou eu que faço isto, entende. É o Dr. Fritz».

O juiz e o procurador distrital de Belo Horizonte regressaram à clínica de Arigó várias vezes. «Fui lá para me convencer de que o que via era verdade», disse o Juiz Immesi. «Tenho grande dificuldade em acreditar em algo assim. Apesar da explicação bizarra que dá sobre o Dr. Fritz, Arigó era um realista duro e forte, que combinava com uma sensibilidade paradoxal. Pelo que aprendi ao estudar o caso, estava longe de ser um santo, e por vezes mostrava-se inacreditavelmente rude. Para qualquer um criado numa tradição puritana, isso era difícil de justificar num homem que tinha poderes especiais, como Arigó tinha. Vi-o tratar duzentas pessoas em menos de duas horas. Levava segundos a prescrever, e os diagnósticos eram imediatos, sem fazer perguntas. Tive de verificar tudo isso pessoalmente. Tive de estudar este homem sobre cujo destino teria de tomar uma decisão».

Os resultados das observações cuidadosas que fez ao longo de um período de tempo levaram o Juiz Immesi a perceber que o caso simplesmente não podia ser julgado em termos convencionais. Fez questão de manter os sentimentos pessoais que tinha de modo a não comprometer a sua função de juiz, embora admitisse para si próprio que isto era difícil de fazer. Se estivesse ao seu alcance, teria ordenado que Arigó fosse submetido a um estudo científico intensivo por uma universidade, por agora estar convencido de que Arigó fosse talvez a maravilha do século. Mas esse passo não estava no seu âmbito sob a lei brasileira. Teria de encontrar outras formas.

O Juiz Immesi debruçou-se sobre o testemunho dia e noite, na esperança de poder combinar justiça técnica com justiça de ordem superior. Deu atenção particular ao testemunho médico dos médicos que certificaram, com documentação antes e depois, curas que Arigó alcançara face a prognósticos ominosos do ponto de vista médico convencional. O juiz teve em conta os avanços feitos pela parapsicologia, por mais vacilantes que esses passos fossem, apesar do recente reconhecimento pela American Association for the Advancement of Science.

Analisou a atitude da Igreja Católica, notando que a parapsicologia estava a tornar-se aceitável às doutrinas da Igreja. Estudou as obras do Padre Oscar Gonzalez Quevedo, um padre considerado entre os melhores parapsicólogos na América Latina. O padre declarara abertamente que Arigó ocupava o lugar mais alto entre todos os curandeiros no continente. Reviu a atitude tolerante e interessada de William James, Gardner Murphy (da Menninger Foundation no Kansas), e outros em relação ao potencial inexplorado da mente humana na área paranormal.

O seu pensamento resumia-se ao seguinte: Arigó estava a fazer um trabalho que não tinha direito a fazer. Estava a praticar medicina, e não era médico. Mas ao mesmo tempo não era, em definitivo, um criminoso como a acusação dura de bruxaria sugeria. O crime de Arigó, se essa era a palavra, não tinha lugar contra o público, mas contra a estrutura da medicina legal. O público não fora prejudicado. Não houvera testemunhas que testemunhassem tal coisa, mesmo entre as centenas de milhares que Arigó tratara. Nem havia entre os seus adversários mais intensos quem alegasse que tivesse prejudicado quem quer que fosse. O público nem

sequer fora enganado; ninguém podia testemunhar que Arigó cobrara um cêntimo.

Não havia dúvida de que teria de condenar Arigó, de o enviar de volta para a prisão, por mais que detestasse fazê-lo. Se o Juiz Immesi não o condenasse, seria um herege legal, uma posição que nenhum juiz responsável poderia permitir-se manter.

A lei era brutalmente simples e direta, exigente e específica. O Juiz Immesi teria de a seguir, independentemente das suas inclinações. No entanto, sendo o primeiro juiz que fizera investigação de campo abrangente sobre Arigó (dizia-se que o Juiz Barros lera o testemunho num dia e depois tomara a sua decisão), Immesi sentia que, no sentido mais amplo possível, Arigó era inocente.

Em resultado do que o Juiz Immesi passou pelo que chamou de «calistenia processual» para tentar alcançar a resposta mais justa possível a um problema sem resposta. Como não havia escolha senão condenar Arigó novamente, o juiz procurou formas de reduzir a sentença e torná-la o mais leve possível.

A primeira coisa a considerar era a acusação do procurador público de curandeirismo. Immesi estava convencido de que isso era injusto à luz tanto do caráter como da prática de Arigó. Arigó nunca usara qualquer ritual, nunca praticara qualquer absurdo de ritos primitivos, repetia apenas orações simples da categoria cristã convencional, que proferia como que para si próprio. O resumido, porém intensivo estudo que o juiz fez sobre o trabalho de Arigó afetara-o intensamente.

«Trouxe-me uma outra visão da vida», disse. «Parecia validar, de forma bastante subtil, a própria essência da crença cristã – a crença na vida após a morte. Se a existência do Dr. Fritz – quer real quer ilusória – fosse postulada como a causa raiz dos milagres objetivos e verificáveis de Arigó, achava que não entrava em conflito com o ideal cristão. Na verdade, apoiava-o. Arigó não estava a trabalhar contra a ética cristã».

O Juiz Immesi recordou ter visto Arigó realizar uma operação ocular na qual extraiu o olho visivelmente da sua órbita com a alavanca da faca de cozinha. Medicamente, isto era impossível sem dor. Como poderia Arigó fazer isto? Recordou outra operação durante a qual esteve diretamente ao lado do doente. A incisão começou a sangrar profusamente. Arigó pôs o

dedo diretamente na ferida e disse: «Jesus não quer que isto sangue». O sangramento parou. Era tão inacreditável que o juiz e o procurador distrital tiveram de o confirmar um com o outro.

Immesi pesquisou os arquivos da lei brasileira sobre o tema de bruxaria. Voltou-se para um jurista favorito seu, um antigo juiz chamado Nelson Hungria, conhecido como o «príncipe dos juristas penais» no Brasil. Foi Hungria quem, numa decisão famosa, determinara que para alcançar uma conclusão de bruxaria, o arguido devia ser considerado culpado não só de prescrever ervas e raízes, mas de as confeccionar e dispensar pessoalmente ao doente.

Arigó, claro, não andava a fazer isto, com o uso que fazia de produtos farmacêuticos modernos. Isso poderia ser má prática, mas certamente não era bruxaria. Por causa disso, Immesi descobriu que podia, com plena justificação legal, alterar a acusação de um crime contra o público para um crime contra a administração pública, acarretando uma pena muito mais leve.

Além disso, a evidência mostrava claramente que Arigó nunca prejudicara ninguém, e o Código Penal Brasileiro declarava que não pode haver crime sem dano, lesão ou prejuízo. A única parte, pois, que poderia alegar estar lesada era mais uma vez a administração pública, especificamente o gabinete que concede licenças a médicos para a prática de medicina. Isso também mudaria o caso de um crime contra o público para uma acusação de contravenção, com uma redução apropriada na severidade da sentença. O principal impulso na ideia do juiz era que a única coisa prejudicada era a profissão médica.

Quando o Juiz Immesi se sentou a escrever a sua opinião, sentiu profunda tristeza por ter de remeter Arigó à prisão. «Tenho de admitir», disse, «que me senti um pouco como um juiz que lidou com um caso há cerca de dois mil anos, e não gostei nada daquilo. Passei horas, dias e semanas a tentar encontrar uma forma de libertar esse homem enigmático, que deveria ter sido colocado numa universidade para estudo sério. Estava a fazer o melhor que podia por Arigó, sabia isso. Era trágico separá-lo de novo da família, vê-lo regressar àquela prisão».

O único aspeto claro era que Immesi conseguira reduzir a sentença para apenas mais dois meses de encarceramento, enquanto Arigó enfrentaria mais nove meses sob a acusação de bruxaria.

O juiz assinou os papéis com enorme relutância. A 20 de agosto de 1965, Arigó conduziu-se pelo seu próprio pé até Lafaiete, entrou na cela que o aguardava espera, e iniciou mais meses de vida prisional.

Entretanto, o Supremo Tribunal Federal continuou a rever o caso, a instâncias do Juiz Immesi. Tinham ocorrido muitas irregularidades na acusação, muitos descuidos. Num estranho volte-face, o Procurador recomendou que a sentença fosse cancelada. O tribunal votou finalmente por unanimidade que as acusações contra Arigó deveriam ser arquivadas.

Ele foi libertado da prisão a 8 de novembro de 1965.

O regozijo foi novamente esmagador. O diretor e os guardas abraçaram-no. Muitos dos seus companheiros de prisão choraram. Vários milhares de pessoas reuniram-se fora da cela para o saudar na sua libertação. Arlete esperava-o, com todos os rapazes. Arigó chorava abertamente. Acenou à caravana de carros que viera saudá-lo na estrada Rio-Belo Horizonte. Os flashes dos jornalistas estalavam quais fogos de artifício.

Chegou a casa, foi ao frigorífico, tirou um pedaço de carne, e chamou o seu cão Tostão para a sua cadeira favorita. Estava em casa de novo, desta vez sem a ameaça imediata de uma nova prisão.

Para onde o futuro levaria era incerto. Na manhã seguinte, já se formara de novo uma fila fora do Centro Espírita, como se nada tivesse acontecido no ano anterior. Levantando-se cedo, Arigó saiu porta fora, desceu os paralelepípedos com os sapatos enlameados, e entrou na clínica. Foi para o seu pequeno quarto interior para meditação, depois saiu de novo, com os olhos profundos vidrados e a voz espessa com um sotaque alemão.

Arigó estava de volta, e as esperanças de milhares de doentes multiplicavam-se. Quanto tempo duraria era adivinhação.

Com Arigó libertado, o Dr. Puharich e o seu grupo de cientistas americanos renovaram os seus esforços para a expedição de investigação ao Brasil. Ainda teriam de mover-se cautelosamente para evitar chamar atenção indevida ao novo início de Arigó na sua prática. Várias sondagens preliminares foram feitas por Puharich, incluindo contacto contínuo com muitos médicos brasileiros que eram simpatizantes de Arigó e almejavam o apoio extra da investigação norte-americana.

Ao saber que o antigo Presidente Juscelino Kubitschek vivia em Nova Iorque, e não gozava do favor do novo regime do Presidente Castelo Branco no Brasil, o Dr. Puharich e Maria Treen, uma intérprete, visitaram-no no seu gabinete na East 57th Street, em Manhattan. Estavam interessados em qualquer informação valiosa que pudesse dar-lhes.

Kubitschek saudou-os cordialmente, e confirmou a amizade que tinha e as experiências por que passara com Arigó. Disse-lhes que nunca teria perdoado Arigó se não tivesse conhecimento em primeira mão dos seus poderes de cura ou se tivesse qualquer informação de que Arigó alguma vez prejudicara alguém. Achava que um programa de investigação médica em grande escala sobre Arigó não era só desejável, mas urgente.

Encorajados por essa constatação da parte de um brasileiro que era tanto médico quanto estadista, a Comissão Médica sobre Arigó, como o grupo dentro da Essentia Research Associates era nomeado, contactou vários médicos brasileiros quanto ao melhor método de abordagem e o timing da expedição. Os médicos brasileiros sugeriram adiar até terem explorado as condições do trabalho de Arigó, agora que fora libertado dos seus problemas legais.

Em julho de 1966, cerca de oito meses após Arigó ter sido libertado da prisão, os médicos no Brasil aconselharam que Arigó estava de volta à sua rotina habitual e que faria tudo o possível para cooperar com os investigadores americanos. Contudo, Arigó sugerira que Puharich viesse sozinho fazer um levantamento preliminar, o mais discretamente possível, para evitar despertar a hostilidade da sociedade médica. Puharich chegou a Congonhas do Campo durante a primeira semana de agosto de 1966. Com ele vinha a sua assistente de investigação, Solveig Clark, uma mulher americana alta, esguia e eficiente de stock norueguês.

O trabalho imediato que tinham em mãos passava por explorar discretamente apenas um fator da habilidade de Arigó: a sua capacidade de diagnosticar doenças. Este estudo atrairia a menor atenção por parte da facção contrária a Arigó da sociedade médica, e proporcionaria trabalho de base essencial para a equipa científica totalmente equipada que haveria de chegar mais tarde.

Era a primeira visita ao Brasil que Solveig Clark fazia, mas ficou cativada pelo encanto de Congonhas. Sentou-se com Puharich no pequeno café à hora do almoço, à espera da aparição inevitável de Arigó na Rua Marechal Floriano, a caminho da clínica. «Pode sentar-se aqui», disse-lhe Puharich, «e deixar a cidade vir até si».

Mas da vista que tinha da rua fora da clínica de Arigó, parecia que o mundo vinha a Congonhas. Vários autocarros fretados encontravam-se estacionados na rua abaixo da clínica; as pessoas esperavam pacientemente no passeio, ignorando o sol quente, vestindo uma variedade heterogénea de roupas, do elegante ao esfarrapado, e por vezes olhando ansiosamente ao virar da esquina de onde Arigó aparecia.

Não demorou muito para uma carrinha batida virar a esquina e entrar no parque de estacionamento do Hotel Freitas. Quase acertou num poste ao guinchar até parar. Uma figura poderosa e atarracada saltou, que Solveig percebeu imediatamente ser Arigó. Animadamente, saltitou pela rua em direção ao café. Usava a sua camisa desportiva habitual, colarinho aberto, e um par de calças cheias de pó. Parecia situar-se no extremo oposto do espectro de um místico. Contudo, Solveig ficou mais impressionada com os olhos dele. Eram quentes e profundos, e pareciam ter grande poder.

Bradou um olá alto a Puharich, depois abraçou-o calorosamente. Juntos, Arigó e os dois visitantes atravessaram a rua e entraram na clínica. Em poucos instantes, Arigó estava entregue ao trabalho.

Na manhã seguinte, Solveig e Puharich estavam prontos para começar o seu estudo sobre o método de diagnóstico de Arigó. Encontraram uma jovem do Corpo de Paz disposta a interpretar para eles, embora mais tarde ficasse tão impressionada ao ver Arigó ao trabalho que frequentemente se esqueceria de traduzir. A capacidade organizacional de Solveig era lendária, e imediatamente pô-la ao serviço. O plano que foi elaborado era simples. Arigó concordou em fazer um diagnóstico verbal imediato para

cada doente, à medida que se aproximava. Não fazia perguntas ao doente em absoluto. O diagnóstico de Arigó seria gravado. Solveig entrevistaria então o doente para descobrir se trouxera registos médicos do seu próprio médico. Esse diagnóstico seria comparado com o de Arigó. Se houvesse diferença de opinião entre os dois, o diagnóstico do médico seria aceite em sobreposição ao de Arigó. Esse viés admitido era usado apenas porque era impossível reexaminar o doente.

Puharich e Solveig trabalharam três dias completos ao lado de Arigó. Tomaram os primeiros mil doentes como uma amostra para o estudo preliminar. Reconhecia-se que esse não seria um estudo definitivo, mas os resultados seriam inestimáveis para avaliar o potencial de sucesso da equipa de investigação completa. Após o terceiro dia, Puharich e Solveig reviram os registos e resumiram os resultados. Eram impressionantes:

Capacidade Diagnóstica de José Arigó, Congonhas do Campo, Brasil,
2, 3, 4 de agosto de 1966

Casos diagnosticados por Arigó: 1.000

Casos rejeitados por Arigó: ordenados de volta ao próprio médico: 35

Base de amostra final, casos: 965

Número de doentes com registos médicos dos acima: 545

Casos rejeitados devido à falta de registos médicos: 420

Total da amostra: 545

Correspondência correta entre o diagnóstico de Arigó e do médico:
518

Divergências entre o diagnóstico de Arigó e do médico: 27

Percentagem de diagnósticos feitos por Arigó que correspondiam aos
diagnósticos dos médicos: 96%

Estudo Preliminar Amostra válida: 965

Além dos diagnósticos, a farmacologia não ortodoxa continuava a desafiar a análise racional, no entanto um acompanhamento de diversos casos revelou um sucesso mensurável. Exemplo disso era uma mulher americana de quarenta e dois anos, esposa de um advogado bem-sucedido, que fora atormentada a maior parte da vida com várias alergias que se

acreditava desencadear dores de cabeça graves semelhantes a enxaquecas. Após consultar especialistas tanto nos Estados Unidos como na Europa, o casal voou para o Brasil em desespero para ver Arigó.

O curso de medicamentos prescritos era, como de costume, medicamento irracional. Incluía uma forma obsoleta de estreptomicina conhecida como Garomicina; o medicamento alemão raramente usado Olobintin, que supostamente faria aumentar os mecanismos de defesa biológicos; um medicamento antialérgico brasileiro conhecido como Pirovac; uma preparação enzimática chamada Pankreon; um antiácido, Alcalitrat; e dose massiva de vitamina B12.

Puharich pôde mais tarde acompanhar o caso no regresso aos Estados Unidos. Não houve reações adversas aos medicamentos, embora isso parecesse altamente provável nas quantidades prescritas, que eram gigantescas. O curso continuou por mais de dois meses, durante os quais as dores de cabeça de enxaqueca diminuíram pela primeira vez em mais de vinte anos. Surtos leves ocorreriam em raras instâncias depois disso, mas eram insignificantes comparados com a intensidade anterior dos ataques. Em seis meses, os ataques tinham desaparecido por completo.

Puharich resumiu no seu relatório: «É razoável concluir que Arigó possui talento médico em diagnóstico paranormal». Reconhecidamente, mais de 95 por cento era uma realização notável, mas ainda fracassava em explicar como ou por que Arigó conseguia fazer tudo isso. Além do mais, era óbvio que quando a equipa americana chegasse, queriam adicionar os seus próprios diagnósticos a esse registo onde possível, para estabelecer verificação adicional.

No decurso da sua rotina, Arigó tratou vários casos oftalmológicos. Puharich, juntamente com todos os que o viram, nunca se habituara a essa parte da técnica de Arigó. Independentemente de quantas vezes visse Arigó mergulhar a faca nas cavidades sinusais ou atrás do globo ocular, não conseguia conceber como um doente consciente poderia suportar a dor ou superar o medo. Os casos em que Arigó deixava a faca saliente a pender do olho enquanto se virava para pegar em algodão ou outro instrumento eram particularmente descritivos.

O doente que Puharich vira na sua viagem anterior, que afastara uma mosca da face enquanto o olho estava extraído da órbita, permanecera na

sua mente durante o tempo todo em que estivera de volta aos Estados Unidos.

Quando Puharich menos esperava, Arigó virou-se para ele enquanto mexia uma lâmina de faca no olho de um doente e disse:

«Todo bom médico americano deveria ser capaz de fazer o mesmo». Continuava a manipular a lâmina sem misericórdia.

«Tome», disse a Puharich, «pegue na faca você mesmo».

Antes que Puharich mal se apercebesse, Arigó agarrara rudemente na sua mão e apertara-a ao redor do cabo da faca. Puharich sentiu-se fraco e desfalecido. Tirou a mão. Arigó pressionou-a de volta no cabo da faca de novo, desta vez forçando Puharich a empurrar a faca até ao limite. Puharich ficou horrorizado. Porém, notou uma coisa: parecia haver algum tipo de força repulsiva que inexplicavelmente funcionava para Arigó mas para ninguém mais quando se tratava desta manobra – exceto quando Arigó lhe guiava a mão.

No jantar na casa de Arigó, encontraram-no relaxado e volúvel. A mudança do modo severo e brusco na clínica era marcada. Arigó brincava com Arlete, brincava com os gatos, debatia com os filhos. Era difícil acreditar que era a mesma pessoa que tinham estudado clinicamente todo o dia.

Puharich estava determinado a descobrir como Arigó conseguia fazer os seus diagnósticos em terminologia médica moderna. Mesmo que Arigó tivesse declarado a condição dos doentes em português, as fitas eram facilmente traduzíveis em termos médicos articulados. O Dr. Mauro Godoy estivera presente para ajudar nisso, e continuou a ajudar durante o jantar.

«Como consegue ter conhecimento da terminologia médica moderna em tanto detalhe se não a estudou?», perguntou Puharich.

Através do Dr. Godoy como intérprete, Arigó riu e respondeu: «Isso é a coisa mais fácil de fazer. Apenas escuto o que a voz me diz, e repito-o».

«Que voz é que fala?», Puharich assumiu que a resposta seria o alegado Dr. Fritz. Mas queria ouvir a resposta do próprio Arigó.

«É a voz do Dr. Fritz», confirmou Arigó. «Ouço-a sempre no meu ouvido esquerdo. Se as pessoas na sala fizerem demasiado barulho, não consigo ouvir a voz. Por isso calo-as».

«A voz fala-lhe em alemão ou português?», perguntou Puharich.

«Ouço-a sempre em português», disse Arigó. «Não sei alemão. Se alguém curioso quiser falar em alemão com o Dr. Fritz, simplesmente repito o que o Dr. Fritz me diz. Mas não entendo o que estou a dizer».

«Entende as palavras do léxico médico?», perguntou Puharich.

«Não», disse Arigó. «Apenas repito o que ouço».

No fim da conversa, uma explicação facilmente compreensível estava tão longe como sempre. Havia apenas uma coisa pragmática em que se basear: analisar a evidência estatística massiva de diagnósticos médicos precisos. Isso podia ser verificado, embora ainda deixasse muitas questões tantalizantes.

No longo voo de onze horas de volta a Nova Iorque, do Rio – uma das carreiras mais longas da Pan Am – Puharich teve muito tempo para refletir sobre a visita. Estudara alemão durante seis anos no liceu e na Northwestern, e embora estivesse extremamente enferrujado no uso da língua, não ficara demasiado impressionado com as poucas frases que Arigó lançava de vez em quando durante o seu trabalho. Outros, no entanto, que fizeram questão de verificar a capacidade de Arigó no uso da língua, descobriram que o uso dela era mais do que aceitável.

Arigó parecera aborrecido quando Puharich o pressionara sobre a síndrome da língua. Puharich não seguira na altura, porque as questões básicas principais se cingiam a descobrir se Arigó conseguia diagnosticar com precisão sem sequer examinar o doente. Poderia ele realmente curar? Tudo o resto era periférico.

Toda a questão da possibilidade de uma personalidade falecida possuir o equipamento motor-sensorial de um ser vivo era quase inteiramente inexplorada pela psicologia moderna. Parapsicólogos tinham feito estudo intensivo em médiuns, com alguma evidência – porém, não prova – que apontava para a legitimidade de certos médiuns, enquanto canais, de comunicar com personalidades desencarnadas. Mas a investigação era irregular e difícil de realizar em laboratório. Não podia, no entanto, ser

totalmente ignorada, especialmente num caso como o de Arigó, que desafiava qualquer explicação convencional.

Se novas explorações na área, que tentassem forjar alguma da proeza instintiva dos homens-medicina (*feiticeiros tribais*) primitivos com a disciplina da ciência moderna, viriam lançar mais luz sobre o assunto era imprevisível. Por outro lado, antes de Freud não havia conceitos como o de id e do superego – exceto na mitologia antiga. Seria Arigó uma expressão simbólica de mitologia antiga ultrapassada?

No Brasil, a possibilidade de possessão – para o bem ou para o mal – é tomada quase como uma questão de curso em todos os níveis da sociedade. Os brasileiros têm tendência para aceitar tal potencial fenómeno como parte da cultura e, portanto, torna-se, aos seus olhos, uma verdade literal ou metafórica.

Um reflexo da aceitação fácil dessa ideia é mostrado num exame escolar inglês brasileiro rotineiro intitulado ‘Proficiency One Comprehension and Composition’, que reimprime um artigo de John Francis-Phipps que apareceu na publicação britânica, *The New Statesman*. O artigo diz respeito a um curandeiro no Brasil e a um festival celebrado em sua honra. Começa: ‘Às vezes coisas bizarras sucedem ser verdade, e portanto valem a pena investigar...’

As perguntas no fim do exame refletem a atmosfera em que o aluno é criado. Incluem:

‘Acredita que essas curas ocorreram?’

‘Que explicação lhes dá?’

‘A medicina moderna e esse tipo de cura estarão necessariamente em conflito?’

‘O que será esse “cocktail metafísico” que o escritor menciona?’

‘Descreva experiências que conhece sobre Umbanda’.

‘O escritor refere que social e racialmente, a amabilidade e igualdade humanas eram tomadas como garantidas. Será isso típico do Brasil?’

Mentes jovens brasileiras, como as dos mais velhos, acham-se mais condicionadas a aceitar esse tipo de possibilidade do que a mente de um americano ou europeu. Mas no caso de Arigó, essa diferença cultural

importava pouco. As realizações materiais dele eram plenamente óbvias e observáveis para mentes estrangeiras ou domésticas. Qualquer um que o estudasse só podia ir até certo ponto em julgamento racional. Quando a expedição médica completa descesse ao Brasil seria importante focar apenas nas facetas verificáveis de Arigó: a capacidade diagnóstica; o tratamento bem-sucedido de doenças incuráveis por farmacologia não convencional; a capacidade de realizar cirurgia sem anestesia, antissepsia ou hemóstase – o atar de vasos sanguíneos. Esses objetivos por si só apresentavam um desafio formidável.

De volta a Nova Iorque, os planos elaborados para a expedição finalmente começaram a consolidar-se. Haveria seis membros médicos da comissão a liderar a investigação. Estes incluiriam William Brewster, M.D., cientista de investigação sénior na Escola de Medicina da Universidade de Nova Iorque; Luis Cortes, cientista de investigação assistente na mesma escola; Walter Pahnke, M.D., psiquiatra de investigação chefe no Maryland Psychiatric Research Center; Robert S. Shaw, M.D., cirurgião visitante associado, Massachusetts General Hospital; e Henry Puharich, M.D., que atualmente liderava a investigação médica para a Intellectron Corporation de Nova Iorque, o desenvolvedor e fabricante de instrumentos médicos. Nenhum dos membros da comissão faria a viagem em capacidade oficial para a organização com que trabalhava.

O objetivo imediato seria a racionalização científica dos fenómenos de Arigó tal como diretamente observados pelo grupo. Como as investigações preliminares tinham indicado firmemente que havia validade nas alegações feitas para o trabalho de Arigó, caberia à equipa tentar confirmar isso objetivamente por instrumento e exame.

Se a investigação biofísica realizasse isso, um vácuo importante no conhecimento médico moderno poderia ser preenchido. Primordial nos planos era o estudo daqueles aspetos do trabalho de Arigó que podiam ser explicados e relacionados com a teoria e prática médica moderna aceite. Estes aspetos seriam claramente separados daqueles do trabalho de Arigó que não podiam ser explicados por nenhuma teoria ou prática conhecida na medicina moderna.

A fase obscura e mais oculta teria de obter atenção especial, mas como estava em águas desconhecidas, não teria prioridade. A ‘voz’ que

transmitia a Arigó os seus diagnósticos incrivelmente corretos seria considerada, mas as estatísticas nos diagnósticos e tratamento reais viriam primeiro.

O problema de investigação a considerar eventualmente seria tentar identificar a natureza da inteligência 'Dr. Fritz'. Seria um processo criativo, semelhante ao de um compositor que ouve a música que está prestes a criar e orquestrar? Seria simplesmente uma forma de articular os pensamentos inconscientes de Arigó? Ou seria uma manifestação paranormal de uma fonte de inteligência exterior à memória e à experiência pessoal de Arigó, que ele chamava Dr. Fritz?

A utilização que Arigó fazia do vasto conhecimento de um amplo espectro de medicamentos farmacêuticos era outra noz dura de quebrar. Como conseguiria ele alcançar sucessos com combinações irracionais de medicamentos para doenças que não reagiam clinicamente a esses medicamentos? Arigó trouxera, por exemplo, curas medicamente confirmadas de cinco anos de leucemia com medicamentos comerciais prontamente disponíveis. Por que não poderiam os outros médicos fazer o mesmo? Mesmo quando duplicavam as receitas de Arigó, os medicamentos deixavam de operar. Qual seria a linha de demarcação que existia entre os elementos conhecidos e desconhecidos da prática de Arigó? Seria a receita em si apenas parte da imagem, com as próprias inclinações de Arigó um adjunto vitalmente necessário ao efeito total?

Mesmo que a cirurgia de Arigó pudesse ser facilmente estudada e fotografada de perto, e os doentes examinados e testados objetivamente antes e depois, como poderiam estes procedimentos invulgares e resultados finais ser explicados?

Além disso, como poderia Arigó localizar lesões profundas e invisíveis sem diagnóstico, raios X ou exame prévio? Mesmo que o seu procedimento cirúrgico fosse prontamente observável, e testes patológicos pudessem confirmar a condição, como conseguiria ele safar-se sem atar vasos sanguíneos ou usar suturas? Por que não havia hemorragia pós-operatória? Por que não havia choque cirúrgico aparente? Como poderia um doente sair de uma sala, sem assistência, imediatamente após cirurgia major? E como poderia o próprio Arigó suportar fisicamente os rigores de tratar cerca de 1.500 doentes por semana, sem assistência completa e sem períodos de descanso periódicos?

Os médicos americanos teriam as mãos cheias mesmo tentando responder a estas e outras questões. Para apoiar a equipa, outros especialistas juntaram-se à equipa. Incluía Cesar Yazigi, professor de português na equipa da NYU, e a esposa; Edward Hall, de Nova Iorque, um cineasta experiente; e Paul Jones, um especialista em câmaras fotográficas. Registos médicos seriam tratados pela Sra. Edward Hall, e gravação áudio por John Laurance, que combinaria o seu fundo avançado em engenharia e ciência no programa espacial da NASA com os seus estudos amplos de parapsicologia por todo o Brasil.

O equipamento a ser levado para o Brasil era complexo e extenso. Incluiria um gravador Nagra, com recarregador e microfone, juntamente com cinco gravadores de cassete Norelco. Outro equipamento áudio-visual incluía um kit de processamento de filme a preto e branco; dois Sunguns para iluminação de câmara operada por bateria; uma câmara Eclair de 16 mm com três magazines de 400 pés; cinco Instamatics; um medidor de exposição Spectra; uma lente de close-up Auto Micro-Nikkor 55 mm f 3.5; uma lente médica Auto-Nikkor 200 mm f 5.6; e acessórios de cópia de raios X.

Outras câmaras incluía uma Nikon F, 55 mm f 1.2 fotomic; uma câmara de filme Super-8 Honeywell; uma Pentax de 35 mm; uma Canon de 35 mm; uma Hasselblad 500; uma Polaroid; uma Bolex de 16 mm; uma Nizo Super-8; e uma Fairchild cinephonic 8.

O equipamento médico claro não era de modo algum negligenciado.

A equipa traria uma máquina de raios X portátil, um EKG portátil, um EEG portátil, lâminas bacteriológicas, corantes e culturas, uma caixa de visualização de raios X, equipamento de tipagem sanguínea, frascos de Formalin para espécimes, equipamento de coloração sanguínea e contagem de leucócitos, e um microscópio. A isto somavam-se cinco mil formulários impressos de histórico médico e exame para os doentes e igual número de formulários para Arigó. Uma câmara Minox de microfilme especial e acessórios foram adicionados para fotografar os registos médicos. Tudo foi incluído para tornar o levantamento o mais abrangente possível.

A maior parte da coordenação para a expedição caiu sobre os ombros de Solveig Clark. Quase todos os membros do grupo frequentaram cursos noturnos de português na Universidade de Nova Iorque, enchendo o

máximo de informação e prática na língua num tempo limitado. Muita atenção foi dada a contingências e minúcias exatas. Uma preocupação era qual seria a reação das agências legais e de aplicação da lei brasileiras.

Já fora obtida confirmação de que Arigó cooperaria plenamente com a investigação científica. Garantira novamente ao grupo que demonstraria a sua técnica cirúrgica em casos selecionados na sua própria clínica, e que conduziria a equipa científica a antigos doentes e médicos que tinham trabalhado com ele. Concederia igualmente entrevistas sobre as suas ideias e o *modus operandi* da sua arte de cura, e ajudaria na inquirição quanto às fontes da sua informação. Além disso, consideraria relutantemente a ideia de vir aos Estados Unidos para uma investigação completa da sua prática de cura cá. Todos os arranjos práticos tinham sido feitos.

Havia, claro, imponderáveis. A principal ameaça era o ressentimento da Sociedade Médica Brasileira oficial, ainda picada e sombria com o que sentia ser a laxidão dos tribunais. Este problema teria de ser enfrentado e resolvido pelo melhor possível. Havia uma calúnia implícita no próprio facto de médicos estrangeiros estarem a assumir um trabalho que muitos achavam que a sociedade deveria estar a fazer. Alguns dos seus membros mais proeminentes achavam isso.

O fator mais importante era óbvio: a equipa dos Estados Unidos deveria tentar tornar-se o mais discreta possível. A mera mecânica e logística da investigação tornava imperativo que as condições na clínica permanecessem o mais normais possível. Isso seria um trabalho difícil com mais de uma dúzia de norte-americanos a deslocar-se pela pequena cidade de Congonhas do Campo. A presença de tantos investigadores e do seu equipamento na clínica apinhada estaria destinada a apresentar problemas.

Uma dificuldade com qualquer trabalho de investigação é que frequentemente o observador e os seus instrumentos perturbam o observado, quer o sujeito sejam eletrões ou pessoas. Isso teria de ser contornado. Outra condição difícil surgia do facto de Arigó estar proibido de fazer cirurgia de grande porte como condição da sua libertação da prisão. Havia também o choque cultural para aqueles dos investigadores que nunca tinham estado no Brasil antes, que não tinham sido expostos à filosofia kardecista ou à crença generalizada no espiritismo por todo o país. À exceção de Puharich e de John Laurance, que tinham estudado o assunto, apenas alguns do grupo sabiam detalhes sobre cura psíquica.

Dois curandeiros psíquicos reputados, o Dr. e a Sra. Ambrose Worrall, vieram de Baltimore para falar aos investigadores várias vezes sobre o seu trabalho de cura bem documentado e cautelosamente praticado que realizara bastante no campo. Worrall, um engenheiro altamente bem-sucedido na indústria, devotava todo o seu tempo livre à arte da cura, quer por cura ausente quer por toque, mas não com cirurgia. Tanto ele como a esposa estavam longe da área fantasmagórica e excêntrica que tanto ruído estático lança sobre este campo que mentes racionais hesitam em explorá-lo.

Em maio de 1968, a expedição estava pronta. Foi tomada uma decisão estratégica de dividir a equipa, para escalonar tanto as datas como os locais de chegada para que a ubíqua imprensa brasileira pudesse ser evitada. Essa estratégia era da maior importância. Jornalistas brasileiros podem ser tão exuberantes que o seu entusiasmo aniquila a razão. Manchetes flamejantes eram a última coisa que o grupo americano queria. Tampouco Arigó. O seu interesse centrava-se em redimir-se cientificamente após o castigo brutal que sofrera às mãos do procurador e da sociedade médica estadual. Um programa de investigação sólido e estável ajudaria a apagar o estigma que lhe fora imposto. Apesar da sua falta de escolaridade formal, Arigó era um homem inteligente e racional. Era também um bom político.

Alguns do grupo de investigação reservaram voos para o Rio na Pan Am. Outros vieram na Varig Airlines para São Paulo. Ainda outros desceram no voo para Brasília, e mudaram de companhias aéreas. Até este ponto, a estratégia funcionou bem. Não havia imprensa presente, e o grupo reuniu-se discretamente em Congonhas do Campo em meados de maio. Para evitar ainda mais chamar atenção, alugaram um rancho fora de Congonhas numa tentativa de reduzir a fofoca inevitável na cidade, que atrairia jornalistas como os abutres no rio.

Apesar das tentativas de manter as coisas simples, os arranjos revelaram-se elaborados. Foi necessário ligar aos postes externos para obter energia, tanto para a máquina de raios X como para os holofotes necessários para filmar. Não havia bom ponto de vantagem para a câmara fotografar Arigó ao trabalho, pelo que foi necessário abrir um buraco na parede que dividia a sala de trabalho de Arigó de outra pequena, não utilizada. Levou dois dias completos a preparar e testar o equipamento, mas era um passo necessário.

A aparição de tantos estranhos na cidade – aqueles que não eram doentes de Arigó – atraiu muita atenção. Multidões reuniram-se simplesmente para ver o processo de ligar às linhas de energia. Não era um bom presságio. Mais cedo ou mais tarde, a imprensa estaria destinada a ser atraída, e o brilho da publicidade reduziria mensuravelmente a eficácia do levantamento.

Solveig Clark, enquanto coordenadora do projeto, manteve-se calma e imperturbável. Arranjou os formulários de relatório médico, estabeleceu a rotina do processo que seria seguido, planeou o fluxo de doentes, e tratou de conseguir que a cada participante fosse fornecido exatamente o que precisava para fazer o seu trabalho.

Os doentes seriam divididos em três grupos. Para o primeiro grupo, selecionariam um pequeno número de doentes que apresentavam sintomas clássicos e claramente identificáveis. Esses seriam determinados por um exame completo do diagnóstico e terapia de Arigó.

O segundo grupo consistiria naqueles que tinham visto Arigó antes da chegada dos cientistas. A eficácia do tratamento que Arigó lhes tinha aplicado seria aferida em linha com os diagnósticos fornecidos pelos médicos registados que tinham encaminhado esses casos para Arigó.

Os doentes restantes seriam tomados dos restantes grupos, onde pudesse ser obtida cooperação do médico encaminhador para um acompanhamento a longo prazo do sucesso ou falha de Arigó. Dessa forma, esperava-se conseguir determinar se os tratamentos de Arigó eram transitórios, paliativos ou permanentes.

Os estudos cirúrgicos seriam os mais intensos, para determinar a resposta dos doentes na ausência total de anestesia. Os doentes seriam examinados antes, durante e após a cirurgia. Seriam verificados por eletroencefalógrafo, eletrocardiógrafo, e um instrumento conhecido como pletismógrafo de dedo, que mede mudanças no volume de sangue que flui através de um único dedo. A pressão arterial e a taxa de respiração seriam registadas. Dessa forma, a presença ou ausência da resposta apropriada do sistema nervoso autónomo à cirurgia poderia ser determinada.

Outros testes seriam aplicados aos doentes cirúrgicos em simultâneo. O seu desempenho e capacidade psicomotora seriam analisados continuamente durante a operação com testes específicos, tais como testes

de memória recente e a longo prazo, resposta audiovisual, e mudanças de reflexos profundos e superficiais. Imediatamente após uma operação, o doente seria observado por possível amnésia. Essa observação poderia verificar se algum tipo de hipnose fora usado inconscientemente por Arigó. Filmes do procedimento cirúrgico seriam feitos, com monitorização oscilográfica em tempo real durante a operação.

Havia muitas outras considerações. Cada espécime de tecido removido de um doente seria sujeito a estudos de patologia grossa e microscópica. Os instrumentos não esterilizados de Arigó seriam cultivados antes do uso para determinar as contagens de bactérias nas superfícies antes de os usar. A área de superfície do corpo do doente em que a operação seria feita seria também cultivada, uma vez que Arigó nunca usava precauções pré-operatórias para esterilizar. Seria feito um estudo cuidadoso das incisões, e de como podiam permanecer fechadas sem suturas. Planos de acompanhamento dos doentes cirúrgicos foram incluídos.

À medida que o procedimento de investigação começava, a atenção voltou-se primeiro para o estudo do próprio Arigó. Haveria algo sobre a sua constituição fisiológica que lhe permitisse realizar o que fazia? Arigó, com o corpo de um lutador de sumo, era um homem ativo cuja força bruta e caráter terra-a-terra desmentiam a sua sensibilidade interior. Estava tão perplexo com os seus poderes quanto os médicos que o examinavam. Havia pouca evidência das suas qualidades espirituais e elevadas a maior parte do tempo.

Cooperou inteiramente enquanto a equipa médica americana o ligava com os eléktodos EEG incómodos e intrincados. Parecia ansioso por qualquer teste prático da sua capacidade. Após um exame físico completo, os médicos não encontraram poderes ou anomalias invulgares. Não conseguia controlar as suas ondas cerebrais, a pressão arterial, a temperatura corporal – nem quaisquer outras variáveis fisiológicas que tenham sido descritas nalguns processos autogénicos, incluindo a prática de Ioga. A única coisa descoberta era que tinha uma ligeira condição cardíaca que não parecia séria nem ameaçadora. Além disso, era normal e saudável.

Um aspeto interessante ressaltou do questionamento durante o exame feito a Arigó. Revelou que nunca conseguira tratar com sucesso qualquer doença orgânica dos parentes. Nem conseguira tratar-se a si próprio.

Para o início da investigação em grande escala, foi estabelecida uma rotina em que o Dr. Puharich se sentava ao lado de Arigó, com um intérprete ao seu lado. Todo o pessoal-chave tinha walkie-talkies para comunicação rápida dentro do próprio centro. Solveig Clark sentava-se com Altimiro, juntamente com o fotógrafo Paul Jones, que fazia um registo de microfilme tanto de receitas escritas como datilografadas. Mais tarde, inserções de embalagens dos produtos farmacêuticos seriam reunidas e filmadas.

O cameraman Ed Hall estava posicionado na abertura recém-feita na parede, oposta à mesa de Arigó na sua pequena sala. Anno Hall redigia um cartão de histórico médico para cada doente. Aos outros médicos eram atribuídos um exame pré-tratamento, e uma análise dos registos médicos que muitos doentes traziam dos seus próprios médicos. John Laurance lidava com a gravação áudio, posicionado perto de Arigó, onde poderia tentar analisar exatamente o que fazia Arigó funcionar no que dizia respeito ao misterioso Dr. Fritz. Os extensos estudos de Laurance em parapsicologia excitavam nele um interesse em como essa particular ‘voz’ funcionava para motivar Arigó. Os outros concentravam-se na cirurgia observável, objetiva, diagnóstico e tratamento.

Embora Laurance fosse um cientista e investigador material duro e forte, no seu trabalho com RCA, NASA e as forças armadas, era um dos poucos cientistas que sentia que a ciência material estava a aproximar-se de uma fronteira fechada, e que mais cedo ou mais tarde teria de cruzar o limiar da metafísica. Na sua carreira bem-sucedida de muitos anos, lidara com alguns dos principais cientistas do mundo.

Muito do seu trabalho com os programas espaciais e militares envolvera desenvolvimento avançado de sensores eletrónicos e células fotoelétricas. As suas realizações neste campo eram muitas, variadas e amplamente reconhecidas. John Laurance dera muito pensamento a Arigó, intrigado com as possíveis mecânicas que poderiam estar envolvidas no seu sucesso de cura. Laurance estivera a experimentar com o uso de células fotoelétricas para medir auras humanas além do infravermelho, um campo em que os russos estavam bastante avançados.

Laurance achava que para entender Arigó, seria necessário juntar-se ao fenómeno o máximo possível, tal como alguns psiquiatras estavam a fazer com os seus doentes esquizofrénicos. Ao participar nas fantasias e

delírios dos seus doentes, esses psiquiatras tinham provocado melhoria marcada nalguns casos.

Laurance achava também que, com a mente humana geralmente a operar a menos de 10 por cento da sua capacidade, era possível para qualquer um estender a sua percepção sensorial além dos limites normais, em maior ou menor grau. A sua convicção era que era possível trabalhar no campo não material da mesma forma que no campo material.

Enquanto observava Arigó no trabalho do seu ponto de vantagem próximo, tentava o máximo possível tornar-se parte da experiência. Estudava Arigó como estudaria um instrumento que apresentasse um amplo espectro de sensores. Os sensores de Arigó estavam obviamente ligados de forma mais aprofundada do que o normal a um reservatório desconhecido. Quando Arigó encontrava algo errado com um doente, por vezes parecia absorver as radiações doentes dele. Isso era evidenciado, e fora visto no passado, por vários casos em que Arigó parecia prestes a vomitar, ou efetivamente o fazia. Um homem de cerca de quarenta e cinco anos aproximou-se de Arigó, na sua vez, na fila. Arigó começou a falar-lhe, a seguir ao que se virou subitamente para a esquerda e começou a vomitar. Uma enorme quantidade de bÍlis jorrou para o chão. Um assistente veio rapidamente limpar.

Arigó explicou imediatamente ao intérprete que esse doente não estava fisicamente doente em absoluto, mas estava possuído por espÍritos malignos. Arigó insistiu que tomara os espÍritos, e ao fazê-lo, aliviara-os do doente. Qualquer que fosse a história, o doente animou-se imediatamente, agradeceu fervorosamente a Arigó, e saiu da clínica. Era uma cena surpreendente e dramática – mas uma que não podia ser analisada de forma racional. Mas talvez isso fosse parte da imagem, quer o caso fosse físico quer psicossomático.

Poderia Arigó absorver as radiações patológicas de um doente, e depois criar uma entrada de energia adicional que faltava ao doente? Quando o problema estava além do próprio campo de energia de Arigó, poderia tocar num campo de energia como um computador além de si próprio, e imputá-lo ao doente? Como todas as pessoas são análogas a uma série complexa de sensores, o problema estava em fazê-los funcionar corretamente. Atuaria, o Dr. Fritz, quer fosse um mito quer um fenómeno paranormal, como um feedback de computador para tornar o trabalho de

Arigó eficaz? Com um problema tão amplamente especulativo como Arigó, as questões colocadas teriam de ser igualmente especulativas.

Arigó parecia transcender o normal, mas a análise de Laurance era que era meramente uma extensão da normalidade. O trabalho de Arigó era, na verdade, análogo à acupuntura, na medida em que funcionava de formas misteriosas e não cartografadas. Mas ia muito além da acupuntura. Por as sondagens que fazia em parapsicologia o convencerem da legitimidade de médiuns reputados, Laurance estava disposto a aceitar Arigó como um médium extraordinário que atuava como intermediário para forças para além de si próprio. Como os ‘guias espirituais’ eram um fator comum entre todos os médiuns, em que o médium se tornava um recipiente para uma personalidade de dimensões desconhecidas, poderia o Dr. Fritz de Arigó enquadrar-se nesse padrão?

A equipa médica, claro, concentrava-se no lado técnico e material da imagem. A capacidade de Arigó de fazer diagnósticos precisos sem conhecimento prévio da doença do doente e sem exame físico foi confirmada novamente à medida que caso após caso era registado e examinado pelos médicos americanos, antes e após tratamento ministrado por Arigó. Um paraplégico chegou numa cadeira de rodas. Arigó declarou que aos quinze anos fraturara a coluna cervical, resultado de uma lesão de mergulho. Isso foi confirmado em pleno detalhe. Uma mulher aproximou-se de Arigó; após um olhar rápido para ela, este disse aos americanos que encontrariam a tensão arterial dela em 230 sistólica e 140 diastólica. As leituras do manguito e instrumento Tycos confirmaram exatamente isso.

O seguinte na fila foi um homem que mostrava sintomas de insuficiência cardíaca congestiva mais dispneia, e uma veia jugular externa distendida. Arigó disse imediatamente aos investigadores: «Este homem padece de hipertensão renal com uma tensão sistólica de 280». O exame pós-Arigó, feito pelos médicos americanos e o histórico fornecido pelo próprio médico do homem confirmaram essa leitura e condição.

O homem seguinte narrou a sua história a Arigó. Disse que tinha doença de Chagas, uma doença parasitária comum no Brasil. Arigó fuzilou-o com o olhar, depois virou-se para os americanos. «Não!», disse. «Este homem tem reação de Wasserman positiva, e o diagnóstico é sífilis, e não doença de Chagas». Isso foi confirmado tanto pelos registos médicos do

doente como por um teste de reação Wasserman posterior. Parecia difícil enganar Arigó.

O que era notável era a exatidão dos diagnósticos que Arigó fazia. Um doente aproximava-se da mesa em que Arigó se sentava. Para os médicos americanos, e mesmo para o leigo, poderia ser óbvio que havia algo de errado com os olhos do doente. Mas Arigó não diria meramente que o doente tinha problemas oculares. Diria que o doente tinha retinoblastoma, ou retinite pigmentosa, ou usaria outra terminologia médica moderna. Invariavelmente provava-se correto pelo acompanhamento técnico feito pelos médicos americanos.

A verificação da capacidade diagnóstica de Arigó continuou. As estatísticas correspondiam ao levantamento preliminar do Dr. Puharich, e continuaram a aguentar-se à medida que a linha de montagem passava por Arigó à taxa de um doente por minuto. Paul Jones, o fotógrafo de cena, veio à mesa para colocar ao Dr. Puharich uma questão. Arigó deteve-o pelo braço e disse: «Está a tomar medicamento demais!» Os americanos riram, porque sabiam que Jones carregava uma abundância excessiva de medicamentos consigo.

Como quase todos os que viam Arigó, o Dr. Pahnke, o psiquiatra de Maryland, estava interessado no limiar da dor quando Arigó realizava os seus exames oculares aparentemente brutais. Quase ninguém parecia incomodado com eles, ninguém relatava dor. De entre dezenas desses exames de faca no olho, dois dos doentes mostraram algum sinal de medo. Foi num dia em que o próprio Arigó parecia fora de si. Repreendeu a multidão que aguardava quando entrara, dizendo que não toleraria ninguém no centro que fizesse barulho ou perturbasse o seu trabalho. Disse que queria ajudar todos os que precisavam, mas que aqueles que vinham meramente ver não eram bem-vindos. Disse que sabia que algumas das pessoas lá tinham bebido, e que deveriam regressar aos seus bares. Acrescentou: «Não sou santo, sou impuro e desprovido de educação. Nunca chamei ninguém aqui, e não tolerarei essa bebida. Que qualquer um que tenha feito isso, saia!»

Depois disse às pessoas para se porem em fila que o Dr. Fritz cuidaria delas. À medida que passavam, frequentemente tapava o ouvido com a mão, explicando que estava a ter dificuldade em ouvir o que o Dr. Fritz

tinha a dizer nesse dia. Várias vezes, foi ouvido a murmurar: «Estou muito nervoso hoje. Muito nervoso. E o céu também».

Apesar dos humores mercuriais ocasionais de Arigó, a filmagem correu bem. Certificando-se de que não havia repórteres nem polícia por perto, Arigó realizou várias operações para a câmara de filmar. Uma dificuldade era que as luzes incomodavam os doentes, e tinham de ser reduzidas para os fazer sentir mais confortáveis. Isto trouxe uma redução correspondente na qualidade do filme. Não realizou operações de maior monta para a câmara, mas operou num espectro completo de cataratas, linfomas, cistos sebáceos, um hidrocele* gigantesco, sondas oculares e outros. A situação legal ainda estava pendente, e Arigó estava obviamente preocupado com isso. Felizmente, até este ponto, a imprensa não estava no quadro.

**(NT: Acúmulo de líquido ao redor do testículo.)*

Quando a imprensa chegou, atingiu como uma onda de maré. Fora impossível, claro, manter o levantamento confidencial mas nenhum da equipa americana contava exatamente com o que aconteceria quando a inundação de repórteres invadissem a cidade, incluindo rádio, televisão e imprensa. Todo o planeamento meticuloso e caro ao grupo de investigação foi ameaçado de forma desastrosa. Se havia coisa que os médicos americanos não queriam, era publicidade; nem Arigó; nem os doentes tampouco. À medida que os repórteres e equipas de TV aumentavam para mais de quarenta, todo o projeto de investigação começou a deslizar precariamente para uma paragem.

10

No momento em que a imprensa chegou, as condições para um estudo científico tornaram-se quase insustentáveis. Para onde quer que alguém se voltasse, via um repórter ou cameraman presente para espremer informação sobre esse primeiro grande estudo médico de Arigó. Manchetes sobre Arigó e os norte-americanos flamejavam por todo o Brasil. Os médicos americanos, interessados apenas em investigação médica séria, simplesmente não podiam e não continuariam o projeto sob tais condições carnavalescas. Arigó suplicou aos jornalistas que se abstivessem da cobertura, mas em vão.

Puharich convocou uma conferência de imprensa às pressas com os repórteres. Explicou como a publicidade nesse ponto seria ruínosa não só para a expedição, como para Arigó. Muitos doentes queriam permanecer anónimos, mas as suas fotos estavam a ser espalhadas pelas primeiras páginas por todo o país. Por nenhum dos médicos americanos querer nada além de exposição em revista médica mais tarde, Puharich não forneceria à imprensa qualquer informação sobre a identidade do grupo nem sobre os métodos empregues.

Tudo aquilo em que a conferência resultou foi no ressentimento dos repórteres, que rotularam a expedição de «os misteriosos norte-americanos», e continuaram a importunar os doentes por qualquer informação que pudessem obter deles.

Arigó recusou, claro, fazer mais operações com os homens dos media por perto. Os doentes, não sabendo se um entrevistador era repórter ou médico, recusavam-se a falar com qualquer um. Num estranho volte-face, a sociedade médica de Minas Gerais emitiu uma declaração dizendo que os médicos norte-americanos estavam a envolver-se numa investigação puramente parapsicológica; que isso era louvável; e que os seus próprios médicos deveriam prosseguir o trabalho após os americanos partirem.

Essa mudança radical na perspectiva da organização suscitou protestos de alguns dos seus membros, mas parecia que a maré finalmente virara. Dois membros brasileiros da sociedade, na verdade, chegaram para observar os investigadores americanos, juntamente com H. V. Walter, o cônsul britânico, cujo interesse em obter uma explicação racional de Arigó nunca esmorecera.

A história do jornal que levou os eventos a uma crise foi uma que apareceu a 27 de maio de 1968, em O Dia, um jornal amplamente circulado no Brasil. A manchete da história era:

AMERICANOS PLANEIAM LEVAR O MÉDIUM PARA OS ESTADOS UNIDOS, ALVOROÇO PÚBLICO CONTRA.

A história continuava dizendo que a cidade de Congonhas do Campo estava em alvoroço com a notícia de que Arigó poderia aceitar o convite dos norte-americanos para ir aos Estados Unidos para investigação especializada.

Reuniu-se uma grande multidão no Centro Espírita, e Arigó foi forçado a sair e dirigir-se a eles. Assegurou à assembleia que não tinha intenção de deixar Congonhas, que ficaria com o seu povo e que iria continuar o seu trabalho. Isso pareceu aliviar a pressão que exerciam sobre Arigó, mas uma petição foi efetivamente introduzida na Assembleia Estadual que criaria uma comissão especial para «defender Arigó dos estrangeiros» e impedir que deixasse o país.

Não houve alívio da pressão do grupo de media. Embora dados consideráveis já tivessem sido reunidos, ainda eram inadequados para um estudo completo. No entanto, era impossível continuar. Numa reunião para lidar com o problema, o consenso era que a única coisa prática era fazer uma análise completa do material já em mãos, e ajudar uma equipa de médicos brasileiros a criar um estudo similar que pudesse ser feito discretamente, fora dos holofotes flamejantes da publicidade. Agora que a Sociedade Médica de Minas Gerais parecia estar a mudar de posição, este plano poderia revelar-se uma alternativa viável. Com médicos residentes no Brasil, a privacidade da investigação seria mais provável.

Além disso, planos já estavam a tomar forma sob a égide de vários médicos brasileiros para construir um hospital em Congonhas, onde seria obtida permissão para Arigó continuar o seu trabalho sob supervisão direta dos médicos brasileiros. Se tivesse havido alguma forma de fomentar este tipo de projeto na altura do primeiro processo judicial, talvez alguma pista real para a eficácia rara de Arigó já estivesse disponível.

Foi com muita frustração e arrependimento que o grupo de investigação norte-americano encerrou o seu projeto em Congonhas. Mas não parecia haver outra resposta. Os repórteres tinham mesmo tentado invadir a casa de Arigó. O trabalho poderia porventura ter continuado se a situação não tivesse afetado o próprio Arigó de forma tão aguda. Achava quase impossível concentrar-se nas condições, e ficou seriamente preocupado com o bem-estar dos seus doentes.

Contudo, mesmo com dados incompletos, informação considerável poderia emergir da análise do material. Havia, por exemplo, o caso de uma menina de seis anos, Maria Cristina Faleiro, da Rua Januária 304-A, 13, em São Paulo. O seu histórico médico mostrava que um diagnóstico de leucemia fora feito pela primeira vez pelo seu médico em São Paulo em março de 1968. Nessa altura, a contagem de leucócitos subira para 75.000,

cerca de dez vezes a contagem considerada normal. O prognóstico dado pelo seu médico era grave. A menina fora trazida pelos pais a Arigó a 20 de maio de 1968. Fora-lhe dada uma receita por ele nessa altura, e começara a tomá-la a 22 de maio.

Estava infestada com a doença fatal, com os leucócitos – as células brancas do sangue – a correrem fora de controlo, e o tecido linfoide das glândulas e medula óssea a aumentar e a proliferar. Regressando a São Paulo de Congonhas, os pais da menina encontraram o seu próprio médico disposto a cooperar na administração da receita de Arigó, uma vez que não encontrava forma racional de retardar o caso pela terapia convencional. No entanto, dera pouca esperança. Administrou os medicamentos, e observou a menina cuidadosamente. A chave para qualquer progresso estaria na contagem reveladora de leucócitos, contagem essa que tirava a intervalos regulares.

A 18 de junho, a contagem caíra de 75.000 para 20.000 – cerca de 12.000 acima do normal. Era uma queda alarmante e inacreditável. A 5 de junho, menos de um mês depois, a contagem de leucócitos mergulhara para 10.000. A 7 de agosto, descera para um normal 7.500, e o sistema glandular da menina regressara ao normal. Um acompanhamento pelo médico meio ano depois mostrou que a contagem de leucócitos permanecia dentro dos limites normais, e as glândulas também estavam normais, uma condição que os americanos constatarem.

Outro caso de leucemia estudado pelos investigadores norte-americanos foi igualmente dramático. A doente era Rosanna Canargos Ribeiro, de dois anos, da Rua Valdir Cunha 52, em Congonhas.

O histórico médico mostrava que a bebé desenvolvera leucemia aguda fulminante em abril de 1967, cerca de um ano antes da chegada dos investigadores americanos. Em três semanas após o início dos sintomas, as glândulas da criança, tanto externas como internas, tinham inchado de forma massiva. Um mês após a sua condição ter sido diagnosticada, as glândulas na cavidade abdominal incharam a tal ponto que causaram gangrena dos intestinos, ou peritonite. Além disso, romperam a parede abdominal com exsudação de pus.

Rosanna foi levada de urgência para o hospital em Belo Horizonte. A contagem de leucócitos subira para 110.000. A febre disparou, e entrou em

coma. Os médicos no hospital conferenciaram com a mãe, e disseram-lhe que o caso de Rosanna era terminal. Tinha no melhor um ou dois dias de tempo de sobrevivência restantes. Indicaram que na presença de leucemia, nada podia ser feito para controlar a peritonite descontrolada.

A mãe angustiada recusou aceitar o veredito. Em último recurso, levou Rosanna de volta a Congonhas a 19 de maio de 1967, ao Arigó. Devido à severidade da crise, Arigó tomou conta dela imediatamente. Administrou pessoalmente a quimioterapia – uma prática que seguia muito raramente. Preparou uma mistura de cortisona, cloreto de potássio, e Puri-Nethol, um medicamento experimental Burroughs-Wellcome para a repressão do cancro que nunca fora achado útil na leucemia. Misturou uma dose enorme – 20 cc. – dos medicamentos numa seringa, e injetou o medicamento diretamente na cavidade peritoneal – um procedimento que nunca seria considerado próprio na medicina convencional. Disse à mãe para ficar perto da criança, e dar-lhe água pela boca nas próximas vinte e quatro horas. Devia trazer a filha de volta no dia seguinte.

Assim o fez. Arigó examinou a criança, e disse que a fase da crise tinha passado. Ainda havia feridas abertas no abdómen, a drenar pus. Mas Arigó não fez nada para intervir. Disse à mãe que se deveria permitir que as feridas drenassem, e fechassem naturalmente.

Depois mostrou à mãe como moer uma mistura de 20 mg. de Meticorten (convencionalmente usado para artrite reumatoide), 500 mg. de cloreto de potássio, e 50 mg. de 6-Mercaptopurina (um medicamento experimental muito perigoso para leucemia), e misturá-la com leite, administrando-a a cada oito horas durante um mês. Para o médico, essa é uma combinação assustadora, massiva e irracional. Em circunstâncias normais, poderia mesmo matar uma criança de dois anos. A quantidade de Meticorten era uma dosagem que seria usada para um adulto com o peso vinte vezes maior do que o da Rosanna.

Mas a mãe seguiu religiosamente as orientações. A criança começou a mostrar uma melhoria dramática. Na segunda semana, as feridas abdominais pararam de drenar pus e começaram a cicatrizar. Num mês, a Rosanna estava afebril – sem febre – e o inchaço glandular desaparecera. Conseguia seguir uma dieta líquida normal.

Arigó examinou novamente a criança, e disse que o mesmo tratamento deveria prosseguir por mais um mês, a metade da força. Pediu à mãe que fizesse outra contagem de sangue. Ela assim o fez. Os leucócitos caíram da contagem original de 110.000 para 12.000. No fim do segundo mês, a contagem caíra para 7.000.

A 20 de maio de 1968, quase um ano ao dia após Rosanna ter sido trazida pela primeira vez a Arigó, os médicos americanos examinaram a menina e o seu histórico médico cuidadosamente. A contagem de leucócitos era 6.700. O seu abdómen ainda apresentava cicatrizes massivas. Além disso, era normal.

Havia muitos mais casos de leucemia com documentação detalhada similar. Em todos eles, Arigó declarava que simplesmente fazia o que ‘a voz’ lhe dizia para fazer. Nunca tirava contagens de sangue, mas frequentemente as dos médicos estavam disponíveis para verificação.

Embora o projeto de investigação fosse abortivo, havia montes de casos que tinham sido registados, e que seriam acompanhados pelos médicos brasileiros cooperantes. Havia também muito trabalho a fazer no regresso a Nova Iorque: atribuir fitas de gravações para serem transcritas e editadas; fazer uma lista dos médicos brasileiros para o acompanhamento; analisar o que correra mal nessa viagem, e como evitá-lo no futuro; analisar as receitas do Arigó; e, acima de tudo, planear uma nova expedição para que houvesse interferência mínima por parte da imprensa.

A situação ideal seria trazer Arigó para os Estados, mas isso ele finalmente não consideraria. Achava que não podia desertar aqueles que dependiam dele, mesmo que em regime temporário. Por causa disso, a coordenação do esforço de investigação com os médicos brasileiros tornou-se de importância primordial. O homem chave nisso era o Dr. Ary Lex, o médico de São Paulo que observara Arigó pela primeira vez seis anos antes. Com a sua cooperação, foi marcada uma reunião em São Paulo entre o grupo americano e os médicos brasileiros interessados. Era apenas através deles que os planos para o sonho que Arigó sempre tivera – a construção de um hospital em Congonhas, onde poderia trabalhar com eles livre de qualquer assédio legal – poderiam ser cumpridos. Na verdade, tornou-se uma obsessão significativa no caso do Arigó; preenchia-lhe a mente noite e dia. Sabia que não podia parar o trabalho, apesar da lei ou da

Igreja. Mas também sabia que não sobreviveria a outro assalto dos tribunais, ou a outro termo na prisão.

A reunião com o grupo médico de São Paulo foi realizada a 28 de maio de 1968, no museu de arte dessa cidade. Permitia amplo espaço para discussão e especulação sobre Arigó. Do ponto de vista da maioria dos brasileiros na reunião, as observações de Herculano Pires estavam entre as mais astutas ao tentar estabelecer uma ponte sobre o fosso entre a metafísica e a realidade material do trabalho de Arigó. A teoria do Dr. Pires era que era impossível rotular Arigó como um caso paranoico, como alguns tentavam fazer, quando era capaz de realizar operações físicas verificáveis com sucesso.

Os detratores de Arigó faziam tudo o que podiam para negar a realidade do que viam. Mas isso era impossível face aos factos, e Arigó permanecia acima das suas farpas, exceto em technicalidades legais. Pires achava igualmente que não era necessário aceitar nem rejeitar o conceito bizarro do Dr. Fritz. Fritz poderia ser explicado de várias formas, dependendo da atitude do observador. Fritz poderia ser um elemento de mitologia, do inconsciente de Arigó, ou de uma personalidade espiritual claramente definida, conforme os espíritas kardecistas acreditavam. Qualquer que fosse a verdade, o facto é que funcionava. Era assim simples.

O Dr. Pires era um espírita kardecista intelectual, e acreditava na realidade da mediunidade sob certas condições que eram tão disciplinadas como qualquer na psicologia formal. Pires entrevistara Arigó num estado de transe, por isso ostensivamente era o Dr. Fritz que falava através de Arigó como canal. Na sessão, a voz com sotaque alemão do Dr. Fritz indicava que nascera em Munique, se mudara para a Polónia quando tinha quatro anos, estudara medicina, tornara-se um médico e cirurgião razoavelmente bom, mas cometera vários erros graves. A voz alegava que fora para a Estónia, onde vivera de 1914 até à sua morte em 1918. De acordo com a voz, o Dr. Fritz jurara antes de morrer que continuaria o seu desenvolvimento médico após a morte, e regressaria para curar o máximo de pessoas na terra que pudesse, para compensar as suas inadequações terrenas. Tentativas foram feitas por vários estudantes de Arigó para verificar esses factos, mas sem sucesso.

De qualquer forma, a voz do Dr. Fritz a falar através da mediunidade de Arigó alegava que se tornara parte de um grupo de outros médicos

falecidos que decidiram ajudar as pessoas o melhor que podiam em nome de Cristo. A voz do Dr. Fritz alegava que estudara Arigó por mais de uma década antes de achar que Arigó fosse o veículo ideal para realizar esse trabalho. Neste ponto, continuou Fritz, conseguira controlo perfeito do médium Arigó, para que pudesse realizar operações cirúrgicas através dele. Além disso, alegava a voz do Dr. Fritz, servia como intermediário para os outros médicos desencarnados no seu grupo, cada um dos quais tinha a sua própria especialidade.

O Dr. Pires não pedia a ninguém que acreditasse em tudo isso; o fenómeno de Arigó estava sozinho sem isso. É simplesmente uma forma como o espírita kardecista poderia tentar criar uma teoria, e permanecia apenas uma teoria. Mas mesmo os racionalistas inamovíveis e empedernidos tinham dificuldade em explicar Arigó sem algum tipo de postulado que parecesse sair da escala Richter paranormal.

Um oftalmologista de alta reputação, o Dr. Sergio Valle, estava fascinado com o que Arigó conseguia fazer no seu campo. As suas observações eram importantes como o ponto de vista negativo de um especialista. A sua declaração era enfática: «Nenhum oftalmologista poderia fazer o que Arigó fez à nossa frente. É simplesmente impossível realizar uma operação no olho sem estudo prévio, preparação pré-operatória, condições completas de esterilização e antisepsia, a atmosfera sossegada de uma sala de operações, e acima de tudo, anestesia total. É literalmente impossível entender como Arigó faz o que faz, tão rapidamente e nas condições em que trabalha. Move-se sem qualquer pensamento. Ninguém pode explicar isto, e ninguém o fará».

O Dr. Valle também passara um período considerável de tempo a estudar hipnose, e excluíra-a como fator. O Dr. Edoardo Basevi, um físico nuclear, ofereceu a sua teoria. Como John Laurance, o seu sentimento era que havia uma analogia entre o trabalho de Arigó e a física pura. Usou o espectro como exemplo, onde o equipamento sensorial visual espreita de forma confinada o universo através de uma fenda minúscula no espectro entre 356 milimicrons na extremidade ultravioleta e cerca de 2.400 milimicrons na extremidade infravermelha. Ondas de luz, ou ondas de energia, movem-se para o infinitamente pequeno e o infinitamente grande em cada direção, e os nossos olhos não percebem os raios em nenhum dos lados da fenda visual minúscula. Nem a nossa audição se estende além de

uma porção minúscula do espectro áudio, com as suas próprias ondas de ultrassom. O conceito do Dr. Basevi era que Arigó era puro ultra em todo o seu trabalho, mas era algo que a mente comum simplesmente não conseguia perceber.

Novos estudos a explorar a aura humana estão apenas agora a começar a ser levados a sério com o que é chamado fotografia Kirlian. Tanto filmes russos como americanos mostram que auras mais facilmente detetáveis e mais brilhantes emanam dos dedos daqueles que são considerados curandeiros psíquicos do que de outros. Como as células humanas, na última análise, são campos de força eletromagnéticos, o Dr. Carlos Cruz e o Dr. Mauro Godoy sentiam que isto poderia estar no fundo da proeza de Arigó. «Poderia quase figurar que isto poderia ter algo a ver com a alma de um átomo», disse o Dr. Godoy.

Parecia haver tantas teorias como pessoas. Um médium, que era também o administrador técnico de uma grande corporação no Brasil, tentou analisar a situação para o jornalista Reinaldo Comenale. Disse: «O fenómeno que vejo não é apenas um simples pelo Dr. Fritz, mas um grupo de espíritos sob a sua direção. O diagnóstico já está feito por este grupo quando o doente se aproxima de Arigó.

«O Dr. Fritz passa o consenso do grupo para ele antes de Arigó ter oportunidade de olhar para o doente. O grupo médico em torno do Dr. Fritz não parou de se desenvolver após a morte. Apenas tocaram na superfície da prática médica quando estavam vivos. A sua capacidade de conhecimento agora não tem limites.

«Nem todos os médiuns são possuídos pelos seus guias espirituais. Mas quando Arigó está a praticar, está completamente possuído pelo Dr. Fritz. Lembra-se de pouco ou nada depois. Todo o seu corpo está possuído. Está inconsciente. A sua pessoa torna-se a do Dr. Fritz.

«O espiritismo no plano kardecista intelectual é uma ciência, uma filosofia e uma religião. Muitas pessoas não entendem isso. É uma religião quando pensado como confiança e crença. É uma filosofia quando dá ao homem o poder da bondade, amor e prática da religião. É uma ciência quando os outros dois elementos se combinam para provocar a cirurgia e curas observáveis que Arigó causa.

«Tanto a matéria como o espírito são forças de energia. São simplesmente de frequências diferentes. Não estão tão distantes como se poderia pensar. O espírito perde a casca do corpo, como uma lagarta perde o seu casulo. Mas a personalidade permanece consciente e ciente.

«Falar dos resultados de Arigó é como falar de chuva num lugar molhado. Não há questão dos factos. Ninguém que tenha estudado ou observado o homem tem dúvidas. Mas Arigó não cria milagres. É meramente um vaso para uma forma superior de energia, que se poderia dizer ser ultimamente dada por Deus».

Estes conceitos eram interessantes, mas completamente inúteis para os investigadores médicos, que precisavam de mais informação estatística sobre os factos duros e observáveis. É uma coisa ser convencido por observação direta. É outra articular os factos numa forma aceitável para os editores de uma revista científica, que devem ter precedentes e material previamente documentado para recuar.

Com Arigó sendo sem precedentes, o trabalho permanecia tão difícil como sempre. O Dr. Pires, que inquestionavelmente sondara mais profundamente o misticismo de Arigó do que qualquer outro brasileiro, procurara longa e duramente entre as profissões médica e psiquiátrica para tentar pontear o fosso entre o racional e o inexplicável.

As suas viagens trouxeram-no em contacto com a Dr.^a Maria Pedroso, uma médica psiquiátrica no Hospital Municipal em São Paulo, e antiga professora assistente de medicina legal na Escola de Medicina da Universidade do Brasil. Era internacionalmente conhecida, e representara o Brasil na Convenção Mundial Internacional de Mulheres Universitárias.

A Dr.^a Pedroso participou num estudo de mulheres universitárias nos Estados Unidos, e fora uma precursora no Brasil para os direitos das mulheres. A sua longa lista de créditos incluía a vice-presidência da Aliança Pan-Americana de Médicas. Praticara psiquiatria por mais de vinte anos tanto em São Paulo como no Rio de Janeiro. Estava mais interessada na correlação entre o paranormal e a anormalidade psíquica.

No momento em que chegou à clínica de Arigó, notou que Arigó se virou e fitou-a. Ainda a olhar diretamente para ela, disse: «Qualquer um que seja médico aqui, venha para a frente». A Dr.^a Pedroso, admirado com a percepção inquietante de Arigó, ficou no seu lugar. Depois ele apontou o

dedo diretamente para ela, e pediu-lhe que se aproximasse e observasse de onde pudesse ver em detalhe.

Assim fez. A operação era outro pterígio, no qual ele se saía muito bem. Ficou chocada com os movimentos violentos feitos no olho de um doente consciente, e com a falta de antissepsia. Ficou ainda mais chocada quando as tesouras pareciam demasiado embotadas para cortar. Pensava para si própria que os golpes crus das tesouras rasgariam os tecidos do olho além de reparação. Pensava também que se ao menos tivesse um instrumento mais afiado, poderia haver alguma esperança.

Nesse momento, Arigó pediu um bisturi. Cortou através da estrutura membranosa, e o olho começou a sangrar profusamente. Viu-o escorrer pela face, e esperou que encharcasse a camisa do doente. O sangue parou exatamente no ponto da mandíbula inferior. Não havia razão física para não flood sobre a mandíbula e descer para o peito. A operação um sucesso, Arigó enxugou o olho com algodão sujo, e chamou o doente seguinte. Para completa surpresa da Dr.^a Pedroso, limpou o bisturi ensanguentado na blusa do doente seguinte – mas a blusa não mostrou mancha alguma.

«Fiquei convencida, e era claro», disse a Dr.^a Pedroso, «que a minha viagem não fora desperdiçada».

Após ver várias outras operações de perto, mais o procedimento de receita, ponderou longa e duramente sobre a sua experiência. Encontrou-se forçada a concluir que Arigó mostrava evidência de manifestações paranormais, sem qualquer dúvida. Concordava com Richet, Janet, Freud e outros que não há substrato orgânico num indivíduo vivo que pudesse ser visto como centro para funções paranormais. No entanto, tinha de aceitar a teoria de que há um elemento além do normal numa localização indeterminada. Nalguns indivíduos isto saíria espontaneamente ou sob estimulação.

A sua racionalização técnica era complexa. Disse ao Dr. Pires: «Há grandes zonas silenciosas no cérebro que poderiam possivelmente ser o centro de atividades paranormais. As células nervosas não são inerentes mas aderentes às fibrilas. Estas atuam como baterias e distribuidoras de energia potencial. Há também forças magnéticas e elétricas ao trabalho dentro do átomo. Há muitas forças que trabalham no sistema nervoso central, quer para o bem quer para o mal, que afetam o seu protoplasma,

por coesão, eletividade ou pressão. Estas podem causar mudanças mecânicas da estrutura do sistema nervoso, que por sua vez afeta a base fisiológica de associações intrínsecas. Ao fazê-lo, fenómenos psíquicos conscientes ou inconscientes seriam incluídos».

Parecia que para onde quer que alguém se virasse para tentar explicar Arigó, a tentativa de resposta era difícil de seguir ou acreditar, quer o esforço viesse de uma fonte religiosa, espírita, legal ou científica. A única coisa em que todos os pontos de vista concordavam era que o trabalho de Arigó era um facto frio e realista.

Talvez o Dr. Oswaldo Conrado, o especialista em cardiologia de São Paulo, resumisse a atitude mais interessante do ponto de vista da profissão médica quando disse: «Se os médicos fossem capazes de abrir nova esperança para os doentes, seria uma experiência maravilhosa. Quando descubro que estou diretamente confrontado com um caso desesperado, e quando todas as vias médicas possíveis estão fechadas, não vejo razão para não procurar outros meios. Não seríamos humanos se não o fizéssemos.

«Os factos sobre Arigó existem. Aconteceram, simples e naturalmente. Uma comissão de cientistas, livre de ideias preconcebidas, deve estudá-lo, e estudá-lo em profundidade. Poderíamos estar à beira de descobrir recursos terapêuticos inteiramente novos e extremamente benéficos».

Por mais frustrados que estivessem, os investigadores norte-americanos concordavam substancialmente com esta premissa. Formularam planos com os médicos brasileiros para acompanhar os seus dados incompletos, mas com a convicção de que seria necessário regressar a Congonhas do Campo o mais cedo possível para um esforço concertado.

A melhor esperança para isto residia no estabelecimento do sonho de Arigó: um hospital totalmente equipado gerido por médicos e cirurgiões competentes sob cuja observação ele poderia trabalhar livre das intrusões quer da imprensa quer dos tribunais. Era um sonho glorioso porque combinaria as melhores combinações possíveis: científica e metafísica; psicológica e física; religiosa e secular, prática e idealista; sombra e substância; doença e saúde – tudo quanto concorria para uma fusão de paradoxos compatíveis. E, como alguns pensavam, é disso que a vida consiste.

À medida que os americanos se preparavam para deixar São Paulo para Nova Iorque, havia sinais no ar de que o sonho poderia ser cumprido. A sociedade médica de Minas Gerais estava a amolecer, e marcadamente. A Igreja Católica tomara conhecimento da invasão da equipa norte-americana a Congonhas, e estava a dar uma nova olhadela ao potencial da cura psíquica. Corria mesmo o rumor de que havia cursos de formação em cura estabelecidos no mosteiro alto nas montanhas em torno de Congonhas que competiriam com Arigó. Gabriel Khater, o jornalista, estava a pressionar duramente para angariar fundos para o hospital. Puharich e o seu grupo fizeram planos para tentar angariar dinheiro nos Estados para a mesma causa.

A última coisa que Arigó queria era ser alienado da Igreja. Acreditava na ética cristã, e partilhava a devoção quase obsessiva de Arlete aos ritos católicos. Nos tribunais, os seus advogados tinham enfatizado que estava a educar os seus filhos na melhor tradição católica, que punha Cristo acima de tudo o resto. Apenas a sua compulsão quase demoníaca para curar o sofrimento e ajudar os pobres o impedia de desistir do seu trabalho de cura.

Esta compulsão fora descrita como neurose obsessiva, psicose total, evangelismo inspirado, santidade, exploração, egocentricidade, maquinação política, venalidade, ingenuidade, arrogância, amor divino, estupidez, caridade, habilidade consumada, bruxaria, preocupação cidadã não qualificada, magia negra, sacrilégio, compulsão patológica, humanismo e habilidade celestial. Mas não havia ninguém que pudesse dizer o que Arigó realmente era. É duvidoso se ele próprio soubesse.

Arigó regressou à sua rotina; os americanos regressaram aos seus trabalhos mais mundanos. Haveria quase um ano de triagem mesmo das estatísticas incompletas que tinham reunido.

Revedo os filmes a cores da cirurgia de Arigó tirados pela equipa médica, o Dr. Robert Laidlaw, diretor de psiquiatria no Roosevelt Hospital de Nova Iorque, visionou a longa-metragem várias vezes. Pensava-se que a sua expertise poderia trazer um ponto de vista fresco à investigação. Era um homem meticoloso, e escreveu um relatório cuidadoso das suas observações:

1. A expressão facial de Arigó quando opera difere completamente do seu aspeto normal. Durante uma operação, há uma serenidade como transe vista tanto nos olhos como na face.
2. É importante notar a precisão com que os seus dedos trabalham, especialmente numa operação ocular delicada. Continuam a trabalhar nesta área extremamente sensível, mesmo quando a cabeça e os olhos estão virados noutra direção.
3. O movimento dos seus dedos é extraordinariamente rápido. Usa uma faca com extrema confiança e precisão.
4. Nenhum dos doentes se submeteu a qualquer preparação pré-operatória. É muito estranho que os doentes conscientes estejam completamente calmos, relaxados, e não indiquem medo nenhum, no entanto não receberam nem tranquilizantes nem anestesia. Não há expressão de tensão; nenhuma tensão muscular; os doentes nem se mexem. Permanecem impassíveis.
5. Há muito pouco sangue a sair do corpo. Quase nada. Não há pontos. As bordas da incisão parecem colar-se. Nas duas operações de linfoma, as incisões ligam-se imediatamente, com praticamente nenhum sangramento.
6. Está documentado que a faca usada por Arigó era não esterilizada. Deveria haver infeção pós-operatória massiva, mas entendo que isto nunca foi reportado. Muitas das rotinas cirúrgicas observadas não podem ser feitas por cirurgiões altamente treinados.
7. A evidência mostrada nestes filmes desafia qualquer explicação em termos de ciência ortodoxa.

As observações do Dr. Laidlaw foram ecoadas por muitos membros de várias associações médicas a que o Dr. Puharich mostrou os filmes no seu regresso aos Estados Unidos. Com os problemas agora antecipados e corrigíveis, procurava apoio para outra expedição ao Brasil, convencido de que Arigó precisava de uma vida inteira de investigação e estudo organizado.

De volta ao Brasil, continuavam a vir a Congonhas do Campo para a peregrinação a Arigó: estadistas, industriais, atores, cantores, camponeses, mineiros, cientistas, todo o amplo espectro da humanidade. Roberto Carlos,

o brinde do mundo do entretenimento brasileiro, fretou um avião para voar para Minas Gerais, apenas para a cerimónia de agradecer a Arigó por salvar a visão do seu filho bebé. O ex-Presidente Kubitschek, agora de volta ao Brasil, traria a esposa e filha para ver Arigó, para o agradecer novamente pela sua ajuda. Arigó, por sua vez, beijou sem vergonha a mão de Kubitschek pelo seu perdão durante a sua primeira sentença pendente.

No seu vigésimo quinto aniversário de casamento, Arigó foi à missa com Arlete e os rapazes. Aqui o casal fez abençoar as suas alianças de casamento. Perguntado por que ia à missa face à censura da Igreja contra o seu trabalho, Arigó disse: «Toda a minha família é católica. Só eu sou espírita. Mas acredito que todas as religiões levam as pessoas a Deus. Então por que não ir a uma missa católica?»

O que não sabia ao entrar na igreja era que quase toda a cidade de Congonhas preparara uma festa de aniversário surpresa para ele. Duas bandas tocavam, e dignitários do Rio, São Paulo e Belo saudaram-no a ele e a Arlete ao descerem os degraus da igreja após o serviço.

Foi um aniversário festivo. Telegramas incontáveis chegaram – alguns estimaram até dez mil. Alguns da Europa, Argentina e Estados Unidos. Um era da família Kubitschek, em França. Face ao entusiasmo profuso da multidão, Arigó contemplou a cena em descrença. Os olhos encheram-se de lágrimas. Depois desmoronou e chorou abertamente.

Após a opressão sombria da acusação e prisão, a vida de Arigó estava a tomar um novo rumo. Os jornais e estações de radiodifusão deram garantia absoluta de não interferência em quaisquer estudos científicos que fossem feitos sobre Arigó. Veio a palavra de que Arigó seria permitido operar sob orientação médica controlada de cirurgiões de investigação. O novo presidente do Brasil, Arthur da Costa e Silva, prometeu apoio a Arigó. Fundos montavam no programa para construir um hospital moderno onde Arigó seria estudado e praticaria. Os novos planos do grupo médico norte-americano para investigação progrediam rapidamente, sob financiamento de fundação.

Parecia que todas as esperanças de Arigó estavam a frutificar. Mas foi durante este tempo que Arigó se deitou uma noite e novamente teve dificuldade em adormecer. Acordou Arlete e disse-lhe: «Vejo novamente aquele terrível crucifixo».

Qualquer que fosse o significado que Arigó atribuísse à imagem do crucifixo, não houve presságios sinistros nos dias que se seguiram. Arigó conseguiu continuar o seu trabalho livre de interferências, numa atmosfera relaxada e frutífera. Parecia haver uma trégua tácita entre Arigó e aqueles que se lhe opunham. Novo apoio levou o hospital em Congonhas do Campo à fase de planeamento real. «Este é o sonho da minha vida», disse Arigó aos amigos.

Exaltado com o que agora parecia uma certeza, Arigó trabalhou com vigor renovado, nunca deixando a clínica até o último doente ser atendido – frequentemente bem depois da meia-noite. Se a ligeira condição cardíaca descoberta pelos médicos americanos alguma vez o incomodava, nunca o mencionou, nem mesmo ao Dr. Godoy, que trabalhava de perto com ele na coordenação dos planos médicos para o hospital.

Nos Estados Unidos, os planos do grupo Essentia Research estavam a tomar forma para o estudo conjunto com os médicos brasileiros. Em setembro de 1969, o Dr. Cortes desceu como batedor avançado, para coordenar os arranjos. Estando sozinho, não teve interferência da imprensa, e conseguiu reunir mais dados. Um caso pareceu particularmente dramático.

Envolvia a Condessa Pamela de Maigret, uma geóloga energética e aventureira da Filadélfia, que estava envolvida em mineração aluvial de diamantes no rio Jequitinhonha nas montanhas de Minas Gerais. Era um projeto em grande escala, com equipamento pesado e dragas de sucção. Era moderadamente lucrativo. Frequentemente era levada do Rio ou Belo para o seu acampamento remoto nas montanhas por Jacques Riffaud, que chefiava os vastos interesses belgas e franceses de minério de ferro na região, conhecidos como o Grupo Schneider.

O chauffeur de Riffaud, Juvenal, era um brasileiro de pele escura de meia-idade, um homem robusto e atarracado com um rosto profundamente marcado e poderoso. Fora bastante corpulento, mas de repente começara a perder peso a um ritmo alarmante. Em cada viagem, parecia mais doente. Finalmente foi persuadido por Pamela e Riffaud a ir a um hospital no Rio para um exame.

Os raios X mostraram um caso avançado de cancro do estômago. Como empregado da Companhia Schneider, foi-lhe oferecido cuidado hospitalar e cirúrgico completo, mas recusou categoricamente. Tinha mulher e seis filhos, e tinha a certeza de que a operação o mataria. Os médicos no hospital ficaram irritados com a sua teimosia, mas o seu prognóstico era que era um caso terminal, mesmo com a operação. Raios X e testes adicionais mostraram que estava completamente além de ajuda médica.

Pouco depois disto, em Belo Horizonte, Juvenal pediu a Riffaud se poderia ter alguns dias de folga. Gostaria de ir ver um ‘curandeiro’ em Congonhas do Campo. Juvenal era um homem pragmático, mas quando soube que ia morrer, simplesmente sentiu-se obrigado a tentar todas as vias de escape. Nem Riffaud nem Pamela sabiam muito sobre Arigó na altura além de manchetes de jornais. Mas instaram Juvenal a tentar qualquer coisa que ajudasse.

Juvenal contou-lhes mais tarde o que acontecera. Chegara à clínica de Arigó, mas a fila era impossivelmente longa. Desistira de qualquer pensamento de chegar a Arigó nesse dia, mas sentara-se na rua com os outros e esperara com pouca esperança. Algumas horas depois, Arigó saiu da clínica e caminhou diretamente até ele. «Está muito doente», disse-lhe Arigó bruscamente. «Venha comigo imediatamente».

Sem qualquer exame, Arigó deu-lhe uma receita e disse-lhe para tomar o medicamento, e voltar no dia seguinte. Juvenal seguiu as instruções, e reportou-se prontamente na manhã seguinte.

Arigó levou-o para a pequena sala quase vazia atrás da sua área de trabalho geral. Deitou-o numa porta de madeira crua esticada entre dois cavaletes. Depois Arigó começou a pressionar o estômago com ambas as mãos. Juvenal não sentiu dor, apenas uma sensação de pressão pesada e considerável desconforto. Arigó pressionou com todo o seu peso carnudo, até parecer que a parede do estômago seria empurrada contra a coluna vertebral. De repente o estômago estourou, com um som claramente audível, como a rolha de uma garrafa de champanhe. Havia sangue, mas não houve hemorragia.

Arigó estendeu as mãos para o abdómen superior e literalmente puxou uma grande quantidade do que Juvenal descreveu como ‘coisas

ensanguentadas'. Arigó não usou instrumento. Juvenal sentiu-se apreensivo, mas ainda sem dor. Quando Arigó removeu as mãos, a ferida fechou imediatamente, sem pontos. Juvenal sentiu-se fraco e abalado, mas conseguiu levantar-se e sair da sala. Conduziu de volta ao acampamento mineiro sozinho, pelas estradas extenuantes, no dia seguinte. Riffaud e Pamela ficaram boquiabertos quando ele lhes contou a história.

Contradizia todos os preceitos concebíveis da ciência médica, e francamente sentiram que ele estava a fantasiar. A pele no estômago mostrava apenas uma marca ligeira, sem qualquer cicatriz convencional. Permaneceram não convencidos. Vários meses passaram. Juvenal recuperou da sua tremura, e a sua saúde obviamente parecia estar a regressar. Ganhava peso rapidamente. Riffaud, a sua curiosidade agora despertada, finalmente persuadiu Juvenal a fazer outro raio X, à custa da companhia. Não mostrou nenhum traço de algo anormal. O homem recuperou a saúde plena.

Outro caso desenvolveu-se após a expedição de investigação norte-americana inicial. Envolvia um rapaz de nove anos de Hartsdale, Nova Iorque. Sofrera de epilepsia jacksoniana major desde o nascimento, que cria espasmos involuntários e incontrolláveis massivos, embora o sujeito permaneça consciente. Recebera a melhor atenção médica possível nos Estados Unidos, mas continuava a ter vinte a trinta convulsões epiléticas por dia. Os pais estavam angustiados e desesperados. Sabendo da expedição médica americana ao Brasil, e tendo estado nesse país várias vezes no passado, os pais obtiveram o endereço de Arigó, e decidiram levar o rapaz lá. Foi tratado por Arigó a 20 de maio de 1969, e dado uma receita imediatamente. Dizia:

Primeiro Tratamento

Revulsun: Antisacer: Neo-Combé

1 comprimido cada noite

1 comprimido cada manhã

1 ampola, intramuscular a dias alternados

Tratar durante 100 dias

Segundo Tratamento

Tryvigenex: Metioscil: Testoforan: Memoriase:

1 colher de sopa com cada refeição

Idem

1 comprimido após cada refeição

1 cápsula diária

Tratar durante dois meses

Terceiro Tratamento

Gamibetal: Injetar 2,0 cc. diários, intramuscular

Tratar durante um mês

Novamente, o curso de medicamentos era intrigante, embora não inteiramente sem lógica. Revulsun é um sedativo anti-espástico; Antisacer é um específico para epilepsia; Neo-Combé é um composto de vitamina B de alta potência; Tryvigenex é usado em casos de anemia; Metioscil é um extrato de fígado fortificado; Testoforan tem ação sedativa; Gamibetal é um anticonvulsivante. É duvidoso que qualquer médico convencional combinasse estes medicamentos nestas quantidades, na verdade quase certo que não o faria.

O primeiro tratamento começou no mesmo dia em que Arigó escreveu a receita. A farmácia em Congonhas mantinha stocks enormes dos medicamentos não convencionais de Arigó em mãos. Toda a medicação anterior que o rapaz tomava, como Dilantin e fenobarbital, foi descontinuada de imediato.

Em dois meses, o rapaz conseguiu deixar casa pela primeira vez na vida e ir para um acampamento de verão. Em setembro de 1969, estava radicalmente melhorado. Um ano depois disso, estava livre de todas as convulsões epiléticas e a viver uma vida completamente normal.

Sucessos major deste tipo continuaram, mas Arigó diria em raros momentos aos seus amigos próximos e família sobre o crucifixo que ainda aparecia nos seus sonhos. Parecia atormentá-lo, desestabilizá-lo. Em outros momentos, no entanto, estava imperturbável e confiante, ainda uma figura de primeira página no Brasil, ainda o sujeito de boletins especiais de

notícias na televisão apresentando algum dignitário ou celebridade que contava sobre a sua experiência pessoal com Arigó.

À medida que o trabalho de Arigó se tornava tacitamente legitimado, as pessoas mais proeminentes acorriam a ele, e mais a sua reputação crescia. Recebia chamadas de longa distância constantes de muitas figuras major no país, não meramente para conselho médico, mas para sustento filosófico ou espiritual. Quando ia a Belo Horizonte ocasionalmente, havia poucas pessoas, se alguma, que não o reconhecessem na rua, poucas que não tentassem pará-lo e apertar-lhe a mão. Passando pelo Hotel Normandie uma tarde, Arigó notou uma enorme multidão reunida. Soube que o Presidente Arthur da Costa e Silva, com a esposa, Dona Iolanda, estavam prestes a sair do hotel.

Arigó esperou alguns momentos, e o Presidente e a esposa apareceram, acenaram à multidão, e começaram em direção ao seu comboio motorizado à espera. Avistando Arigó na multidão, o Presidente foi diretamente a ele, tirou-o de trás da barreira policial, e abraçou-o «com fogo», como a imprensa o descreveu. Dona Iolanda tomou a mão de Arigó, e disse: «Então é o Arigó. Estou feliz por poder continuar o seu trabalho. Faremos tudo o possível para ajudar». Arigó beijou a mão da Primeira-Dama, e a comitiva partiu.

Apoio como este reforçava as esperanças de Arigó para o novo hospital, e esperava ansiosamente pelo dia em que a construção começaria. O ex-Presidente Kubitschek continuou o seu apoio quando regressou para viver no Brasil. Antecipando o seu regresso, escrevera a Arigó de Nova Iorque dizendo que aguardava ansiosamente vê-lo novamente em Congonhas, e estar «em condição de passar os dias consigo que quero». Como os outros, Kubitschek parecia tirar força espiritual bem como médica de Arigó.

Juntamente com a análise das estatísticas e a preparação demorada para o levantamento de acompanhamento, vários dos americanos que visitaram Arigó continuaram a sondar as razões por que Arigó conseguia fazer o que fazia. Era constantemente comparado a Edgar Cayce, o místico americano amplamente conhecido. Mas Cayce nunca mergulhara uma faca nas vísceras como Arigó fazia. Era também comparado a muitos ‘curandeiros’, mas nenhum deles fizera isso, também. A acupuntura era outra comparação, mas a cirurgia de Arigó ia muito além dela. Os

curandeiros psíquicos filipinos, que continuavam a receber atenção esporádica na imprensa, não podiam ser equiparados a Arigó. Havia demasiada evidência de pura falsidade no seu trabalho.

Luis Rodriguez, o industrialista reformado e autor que vivia no Rio, manteve uma correspondência contínua com o grupo Essentia Research, incluindo Belk, Puharich e John Laurance, sobre os seus próprios estudos extensos de Arigó.

Rodriguez era um kardecista intelectual que chegara lentamente a aceitar o conceito de que a possessão de Arigó pelo Dr. Fritz era uma realidade absoluta. Muitos sentiam que Rodriguez exagerara ao comprar isto, embora o seu raciocínio fosse bastante brilhante e persuasivo. A sua prosa era ponderosa, mas os seus pensamentos eram extremamente cogentes. Os seus estudos de psiquiatria eram provavelmente tão extensos como os de muitos dos especialistas avançados no campo, e a sua capacidade de conhecimento era inquestionada. O que era questionado era a sua tendência para extrapolar demasiado da evidência em mãos. Numa longa carta encaminhando as suas teorias sobre Arigó ao grupo médico norte-americano, escreveu:

Em toda a investigação psíquica séria, somos basicamente dirigidos para avaliar capacidades inatas ou nativas de cada indivíduo. Isto porque não encontramos manifestações psíquicas em coisas, mas em pessoas.

Cada pessoa é um indivíduo naturalmente dotado com as suas qualidades psíquicas peculiares. Arigó, por exemplo, é um homem como qualquer outro homem, fisiologicamente falando. No entanto psiquicamente, é diferente de muitos outros.

Um grande número de pessoas, a imensa maioria, não tem a mais pequena ideia do que virtudes psíquicas distinguem Arigó de muitos outros. Mas alguns sabem o como-e-porquê de Arigó. Para estes, Arigó não é um mistério; para os outros, é um enigma. Arigó é apenas um exemplo vívido do que outros poderiam fazer, se fosse tomado interesse no desenvolvimento adequado das faculdades psíquicas específicas necessárias para repetir o que ele está a fazer. O trabalho de investigação não admite monopólios pessoais. Sabendo isto, o nosso esforço é dirigido para o estudo científico da mediunidade; o seu início, manutenção, expansão e variedades.

Isto abrange o estudo da natureza espiritual do homem como um fenómeno psíquico, além das limitações e contradições da religião e misticismo. Este estudo, no entanto, não é possível empregando os conceitos limitados ou superficiais atuais da investigação ESP. Arigó não é um fenómeno ESP. Representa simplesmente um elo num dispositivo de trabalho em equipa próximo e íntimo que se manifesta nas capacidades mediúnicas de um homem, e no conhecimento e experiência médica de entidades desencarnadas a trabalhar nas respetivas especialidades e esferas. É um método em que diagnóstico, tratamento e prognóstico realizam a sua rotina unificadora. Esta colaboração próxima entre Arigó e os seus amigos desencarnados não pode ser entendida e não pode possivelmente ser repetida por outros a menos que estes factos duros básicos da vida sejam tidos em conta:

1. Que o homem é uma alma incarnada
2. Que esta alma não foi criada no momento do nascimento.
3. Que teve muitas outras vidas na terra e que outras seguirão consequentemente.
4. Que o contacto entre as pessoas incarnadas e desencarnadas tem ocorrido desde que o homem apareceu na terra pela primeira vez.
5. Que a faculdade psíquica conhecida como mediunidade é o método concebido pela natureza para estabelecer este contacto necessário e esclarecedor.
6. Que povos primitivos por todo o mundo estão bem familiarizados com estes factos simples da vida.

O que aprendi é que nos cabe melhorar a natureza deste contacto ao aumentar a sua fiabilidade, e separá-lo das superstições envolvidas em credos, doutrinas ou dogmas religiosos, de ritos e rituais. Da mesma forma, não desperdiçar tempo com ceticismo obstinado que retarda o progresso ao postular explicações pseudo-científicas que nada explicam. Rodriguez continuou a explicar que desenvolvera uma forma de hipnotismo a que se referia como o ‘transe hinométrico’ para pontear o fosso. Estava a conduzir experiências extensas com ele, e planeava organizar os resultados noutro livro. O seu tema era que a psiquiatria sob Freud, Adler, Jung ou qualquer

dos outros pioneiros no campo simplesmente não ia longe o suficiente. Continuou na sua carta:

Tenho estado preocupado há muitos anos com o fracasso da psiquiatria em identificar a etiologia, ou origem, de neuroses e psicoses funcionais, que em mais de 80 por cento dos casos não é nada além de sintomas e síndromes a revelar o florescimento da mediunidade. [Nota do Autor: Por outras palavras, possessão.]

O fracasso em identificar essas síndromes pelo que são converteu, e está a converter centenas de milhares de indivíduos no mundo civilizado que não estão doentes, em esquizofrénicos. Hospitais mentais estão cheios deles. Isto acontece quando choques elétricos, insulina ou choques químicos são induzidos neles, bloqueando as manifestações naturais da mediunidade, destruindo o mecanismo através do qual a faculdade se manifesta. O mesmo ocorre com o uso grossista de tranquilizantes.

Referiu então um estudo canadiano pelo Dr. Raymond Prince, da Universidade McGill em Montreal, que passara dezassete meses com curandeiros nativos na Nigéria. O Dr. Prince descobrira que o seu reconhecimento da realidade da mediunidade tornava a psicose um problema menor. Rodriguez continuou na sua carta:

Os chamados feiticeiros e espíritas da escola da reencarnação por todo o mundo reconhecem rapidamente estes sintomas pelo que são. Como consequência deste conhecimento natural, a mediunidade é desenvolvida em vez de psicose. O desenvolvimento erradica a condição psiconeurótica ou psicótica que anunciava o florescimento da faculdade mediúnica. Esta é a razão por que doenças mentais não existem entre estas pessoas, que podem ser contadas aos milhões.

Doenças mentais são, portanto, o fruto colhido pelo homem sobre-civilizado devido exclusivamente a uma condição de ignorância mantida por um sentido exagerado de sofisticação e superioridade cultural santificada.

Quer alguém concordasse ou discordasse das premissas de Rodriguez, estava a colocar um foco intenso e profundamente refletido nos mecanismos por trás dos fenómenos de Arigó, e era articulado ao apresentar o seu argumento. Onde perdia algumas pessoas era nos seus seis postulados categóricos, que exigiam um salto ginástico para a aceitação

plena da reencarnação, para não falar da existência de uma alma. Nenhum conceito podia ser aceite cientificamente; pelo menos, não sem evidência dura.

Os seus argumentos eram provocativos, no entanto. Continuou a subir do Rio para Congonhas para observar Arigó, para ver se conseguia lançar mais luz sobre o assunto. Notou que o próprio Arigó era alheio a quaisquer teorias atrás das suas próprias capacidades. Arigó simplesmente realizava o que era compelido a fazer. Não era realmente um espírita kardecista. Fora puxado para esta cena estranha sem pedir. A questão provocada pelas teorias de Rodriguez era: Arigó teria tornado psicótico se não tivesse cedido à sua mediunidade?

Muitos sinais – as dores de cabeça excruciantes, as alucinações e a insónia grossa – indicavam que poderia ter. Por mais estranho que fosse nas suas horas de trabalho clínico, Arigó era um ser humano normal e funcional, com todo o seu cluster de filhos a crescer como jovens saudáveis e emocionalmente maduros. E apesar da sua falta de educação, tinha uma inteligência inata astuta que atraía algumas das melhores mentes no Brasil.

Kubitschek, de volta ao Brasil, manteve a sua promessa. Veio a Congonhas e passou longas horas com Arigó. Era agora final de 1970. O projeto do hospital estava quase pronto para ir para a prancha de desenho. Os planos da equipa médica norte-americana para a investigação de acompanhamento estavam finalmente a solidificar. Desta vez, o grupo estava determinado a completar o trabalho que não conseguira fazer na primeira tentativa. Kubitschek prometeu o seu apoio renovado – ainda tinha influência ampla no Brasil.

Quando Kubitschek foi à casa de Arigó para dizer que estava a caminho de volta ao Rio, Arigó parecia perturbado. Não era o seu eu extrovertido habitual. Kubitschek pressionou-o para o que estava errado.

Arigó não falou por algum tempo, depois disse: «Não gosto de dizer isto, Sr. Presidente, mas em breve morrerei de morte violenta».

Kubitschek ficou chocado e perturbado. «Não quer dizer isso», disse.

Arigó acenou com a cabeça, e repetiu num tom triste e suave: «Tenho a certeza de que morrerei violentamente muito em breve. Por isso digo-lhe adeus com tristeza. Esta é a última vez que nos encontraremos».

Kubitschek tranquilizou Arigó de que meramente estava cansado de excesso de trabalho, mas Arigó sorriu e abanou a cabeça.

Era a imagem do crucifixo de novo. Arigó tornou-se quase obcecado por ela. No dia após a sua conversa com Kubitschek, Arigó encontrou Gabriel Khater à porta da clínica. Khater viera contar-lhe as boas notícias de que fundos frescos tinham chegado para o centro médico. Khater notou o mesmo olhar que Kubitschek notara.

«Está cansado, Arigó», disse Khater.

«Tenho medo, Gabriel», respondeu Arigó, «de que a minha missão na terra esteja terminada».

Khater fingiu rir, depois perguntou pela mãe dele, que estava criticamente doente na altura. «Tem razão em perguntar isto agora», disse-lhe Arigó. Khater estava prestes a sair da cidade por vários dias para uma história. «Pergunte-me tudo agora, porque penso que não me verá novamente».

Arigó escreveu uma receita para a mãe de Khater, depois abraçou-o calorosamente. Khater disse: «Ficará bem. Sei-o». Arigó não respondeu, e voltou para a clínica.

Outros ouviram coisas estranhas de Arigó. Paulos Soares, um cunhado de Arigó, ouviu-o dizer que a sua morte estava próxima. Um mês antes, Arigó emprestara o seu carro a um amigo. Virara e fora demolido, mas o amigo não se magoara. Arigó disse ao irmão Walter: «Este é o sinal do fim».

Ninguém sabia exatamente como responder a estes presságios. Na maior parte, tentaram ignorar os comentários, ou atribuí-los ao facto de que o horário de Arigó esgotaria um super-homem, para não falar de um homem com uma condição cardíaca, por mais ligeira. A rotina pesada poderia bastante naturalmente deixá-lo num estado de depressão. Continuou com as suas longas horas, tanto na clínica como no instituto de pensões, tirando tempo livre apenas aos fins de semana para podar as suas rosas.

Todo janeiro, Arigó assumiria outro trabalho gargantuesco e demorado para si próprio. Recolheria roupa daqueles que podiam dar, e

daria pacotes aos pobres tanto de Congonhas do Campo como do planalto circundante. Tornara-se um evento tradicional e festivo.

Arigó estava sempre no melhor dos humores possíveis para estas ocasiões. Este ano, 1971, não foi exceção. Reuniu a roupa que pôde, e sendo um homem enormemente persuasivo, recolheu uma quota de bounty, neste, o décimo ano do seu evento especial. Na manhã de 10 de janeiro, mais de quinhentos pobres da cidade reuniram-se junto à clínica num espírito festivo. Arigó dispensava tanto a roupa como piadas grosseiras, em proporção igual. Aqueles que o conheciam bem estavam radiantes por vê-lo de volta em bons espíritos. Não parecia mostrar a despondência que o atormentava nos últimos meses. O velho Arigó regressara. Chegou mesmo a tirar o dia dos doentes, um evento quase inaudito.

Na manhã seguinte – 11 de janeiro de 1971 – levantou-se cedo como de costume e caminhou com vigor até à clínica, onde já a multidão esperava. Teria de ir a Lafaiete nesse dia, para arranjar pagamentos e licenciamento de um carro que estava a comprar de um tenente de polícia reformado na cidade para substituir o seu próprio. Era um sedan Opala azul velho – um carro feito no Brasil pela General Motors.

Explicou aos doentes que se tinham reunido no centro que não abriria a clínica nessa tarde até às três, mas que cuidaria do máximo possível de manhã, e do resto na hora posterior. Depois pôs-se ao trabalho. Terminou bem antes do meio-dia, e parou para um almoço cedo.

O céu estava negro e ominoso nesse dia, e já os paralelepípedos reluziam com chuva. Em casa, Arlete preparara um almoço quente para ele, e dois dos seus bons amigos estavam lá para se juntarem a ele. Um era Bejou, um homem caloroso e efusivo que fazia biscates no Hotel Freitas. Fora um amigo próximo da família de Freitas há anos. Adorava Arigó, e não fazia segredo disso. Era brilhante e espirituoso, e constantemente animava Arigó quando estava nos seus humores mais sombrios. O outro amigo era António Ribeiro, que soubera que Arigó planeava conduzir para Lafaiete nesse dia e queria boleia.

Arigó estava encantado por ter companhia, e o grupo sentou-se com Arlete e Tarcésio, o filho mais velho de Arigó, na casa dos vinte. O almoço foi breve, e depois Arigó teve alguns momentos para jogar cartas com os

homens antes de partir. Jogar cartas era uma das poucas formas de Arigó relaxar.

A esta altura os céus tinham rebentado, e as chuvas das montanhas encharcavam a aldeia. Arigó disse que esperaria por uma acalmia antes de ir para o carro. Reinou um ambiente alegre, e ocasionalmente Arigó levantava-se da mesa para olhar pela janela para ver se o aguaceiro amainara.

Mais cedo nessa manhã, José Timóteo, um condutor do departamento nacional de estradas, apanhara João Felício, que era tesoureiro do departamento, para o conduzir do Rio para Belo Horizonte numa viagem rotina. Tinham partido do Rio ao primeiro luz. A condução correria bem o suficiente, até chegarem à cidade de Lafaiete. Lá, a tempestade de chuva atingiu com fúria, bloqueando a visibilidade e transformando as estradas sinuosas num panorama molhado e escorregadio pela falta de visibilidade. Era cerca do meio-dia quando chegaram a Lafaiete, e decidiram prosseguir. Timóteo conhecia bem as estradas; era o seu trabalho.

Ao meio-dia uma multidão de cerca de cinquenta, encolhida sob jornais e guarda-chuvas, já se reunira no Centro Espírita para a sessão da tarde de Arigó. Mesmo que tivessem de esperar até às três pelo regresso de Arigó, queriam ter a certeza de conseguir um lugar na fila. Alguns punham todas as suas esperanças nele, e tinham vindo de longa distância. Dois eram estrangeiros: um de Espanha, outro do Chile. Eram ambas raparigas.

Exatamente ao meio-dia, Arigó decidiu que a tempestade amainara o suficiente para partirem na viagem. O seu humor levantara desde a distribuição dos presentes no dia anterior.

Deu a Arlete um beijo animado, despenteou o cabelo preto espesso de Tarcésio, e saiu para o Opala com Ribeiro.

À espera do comboio na estação de comboios estava um médico brasileiro bem conhecido, que partia para o Rio após uma viagem para observar e questionar Arigó numa busca por uma explicação do homem e do seu trabalho. Viu o Opala azul ao curvar da curva da casa de Arigó. Arigó, ao volante, viu o médico, e parou o carro ao lado da estação para falar com ele um momento.

Após uma saudação jocular, Arigó disse: «Tem tudo explicado agora?»

O médico sorriu. «Se alguma vez o explicar, serei um génio. Gostei da sua festa ontem, no entanto». Referia-se à reunião em que Arigó distribuía as muitas caixas de roupa. Nenhuma criança partira sem um presente.

«Estou muito feliz com isso. Muito feliz», disse Arigó. «Adoro as caras das crianças. Correu bem»,

«Pensei o mesmo», disse o médico. «Voltarei para o ver em breve».

«Espero que nos vejamos», disse Arigó. Pôs o carro em marcha, acenou novamente, e arrancou.

A chuva voltava a intensificar-se, e os limpa-para-brisas esforçavam-se contra ela. A uma curta distância fora da cidade, Arigó parou numa estação de serviço, encheu de gasolina, e tentou ajustar melhor os limpa-para-brisas.

Saindo de Lafaiete, a carrinha pickup do departamento nacional de estradas estava a ter alguma dificuldade em negociar as curvas na chuva pesada. As estradas no Brasil estão marcadas com pequenos sinais de quilómetro. Perto do K.370 na Rota BR-135, Timóteo aliviou um pouco a velocidade para espreitar a estrada, com as suas curvas incessantes. Quando chegou ao K.373, a chuva amainara novamente, e pressionou o acelerador para velocidade de autoestrada.

O marcador de autoestrada K.374 estava a cerca de três quilómetros da estação de serviço onde Arigó parara. Há uma curva cega particularmente traiçoeira no marcador. Ansioso por acabar com a fita vermelha irritante em Lafaiete, Arigó saiu da estação e começou pela estrada abaixo. Passou pelo seu jardim de rosas, olhando-o afetuosamente, embora mal fosse visível através da chuva e névoa.

A carrinha pickup aproximava-se do marcador K.374, prestes a aparecer à volta da curva. Acabara de entrar em vista quando Timóteo viu um carro azul começar a mover-se pela estrada em direção a ele. Não estava a derrapar, apenas a vir diretamente pela estrada. Ao lado da estrada havia um precipício de quatrocentos pés de profundidade. Não havia forma possível de ele sair da estrada para evitar o carro azul que vinha ao seu encontro. A estrada estava demasiado escorregadia para parar subitamente.

Aplicou os travões mesmo assim, e nesse momento os dois carros colidiram. Houve um estrondo metálico aterrorizante que foi ouvido a mais de um quilómetro de distância. Houve silêncio em ambos os carros.

Em casa de Arigó, Bejou fora convidado para comer bolo e tomar uma chávena de café antes de regressar ao seu trabalho no hotel. Arlete saía com o guarda-chuva para fazer compras. Tarcésio levava o seu VW para verificar os arbustos de rosas para Arigó. Bejou estava a terminar o último bocado de bolo quando um vizinho abriu a porta e chamou: «Vá depressa para a estrada! Aconteceu algo terrível a Arigó!»

Bejou deixou cair o garfo e correu para fora de casa. Correu como um louco para um táxi junto à estação de comboios. Disse ao motorista para conduzir rapidamente para a BR-135. Em minutos, viram o Opala azul à frente, no centro da autoestrada escorregadia. A carrinha pickup destruída do departamento de estradas estava fundido ao Opala. No destroço, tudo era silêncio; nem sequer um gemido. A porta do lado de Arigó estava aberta, as pernas ainda no carro, o corpo meio fora dele. As pernas estavam mutiladas. Uma haste de aço de algum tipo atravessara o seu peito maciço como uma lança.

Bejou congelou por um momento, depois correu para Arigó e arrancou a haste de aço do corpo. Estava coberta de sangue. Havia uma enorme lacuna na cabeça e no peito. Por alguma razão, notou o relógio de Arigó. Parara exatamente às 12:15.

Depois um grito subitamente veio da carrinha pickup. Era o tesoureiro do departamento de estradas. Bejou, sabendo que Arigó estava morto, correu para o ajudar. Sentiu que estava a enlouquecer. Não havia sons de Timóteo.

Segundos depois, Tarcésio chegou. Olhou para o pai, e caiu ao lado do corpo, a soluçar enormemente. Depois a polícia chegou. E uma ambulância. Houve confusão e gritos.

Felicido, o tesoureiro do departamento de estradas, morreu no hospital. Arigó e Ribeiro foram declarados mortos à chegada. Apenas o inconsciente Timóteo sobreviveu.

Bejou caminhou todo o caminho de volta ao hotel num torpor. «Carregarei este peso terrível toda a minha vida», disse a um amigo.

Congonhas do Campo parou. «A cidade foi órfã», disse alguém. Outro disse: «Com Arigó morto, Congonhas foi assassinada». O presidente da câmara declarou dois dias de luto, com a bandeira a meia haste. As lojas e os bares foram fechados até após o enterro.

O Dr. Mauro Godoy não era homem para chorar, mas chorou. Foi ao local com a polícia e os homens do departamento de estradas, e estudou o destroço. Não havia sinais de derrapagem, embora a humidade pudesse tê-los obliterado. O carro de Arigó cruzara para o lado errado da estrada. Parecia como se simplesmente saíra de controlo.

Mais tarde, o Dr. Godoy assistiu à autópsia. Sinais que viu no cérebro e na região cardíaca convenceram-no de que Arigó morrera de um coronário momentos antes de colidir. Com um homem morto ao volante, o carro saíra de controlo. O resto era inevitável.

Vieram de todo o lado. Um desfile de aviões especiais voou para Lafaiete. A imprensa estava em todo o lado. Autocarros especiais chegaram, desta vez com enlutados em vez de doentes. O corpo despedaçado de Arigó jazia no seu caixão em casa. Arlete estava ao lado dele, sem lágrimas e entorpecida, apenas a fitá-lo.

Roberto Carlos, o cabelo longo a fluir, chegou com a esposa. Estava vestido de jeans azuis e botas pretas, com um medalhão de Cristo preso ao cinto. Com a ajuda da polícia, abriu caminho através da multidão densa até ao caixão. Abraçou Arlete e beijou-lhe a mão. «O meu filho pode ver por causa de Arigó», disse. Depois virou-se para o caixão e disse: «Estou aqui, Arigó».

Não houve missa, nem música, nem serviço. Ninguém contou as pessoas que desfilaram pelo caixão, e fluíram silenciosamente pelas ruas apinhadas, como um tapete gigante em movimento atrás do féretro. Alguns disseram quinze mil; alguns disseram vinte. «O ar estava cheio de silêncio», disse um observador.

Os carregadores do caixão puxaram o caixão num pequeno carro até ao amado salão sindical de Arigó. Depois puxaram-no à mão pela colina íngreme de paralelepípedos até ao cemitério. Alto na colina, com as montanhas a orlar o horizonte, o corpo foi enterrado. Longe do outro lado noutra colina, as doze estátuas barrocas de Aleijadinho estavam como guardiãs, algumas com as mãos estendidas, apontando através do vale para

o cemitério. Um padre franciscano solitário murmurou uma oração que mal era audível.

A multidão, espalhada pela encosta verde, moveu-se como um grande rebanho de ovelhas lentamente de volta à aldeia. O que quer que fosse dito em palavras, o pensamento era o mesmo: «Arigó já não existe».

Outro pensamento, uma frase de Arigó, era não dito mas implícito, pois o seu corpo não podia ser levado à igreja: «O nosso Cristo é o mesmo. O resto não importa».

Epílogo

I

Descobri que não consigo resistir a uma história que é ligeiramente fora dos padrões, desde que haja um fundo rico de documentação sólida, terra-a-terra e material para acompanhar. Sem esta última, a história é utterly inútil. Com ela, é intrigante.

Tive um almoço relaxado no The Players em Nova Iorque há vários anos com Arthur Twitchell, um cavalheiro astuto e erudito que fora co-produtor de uma das minhas peças que entrou na Broadway no Helen Hayes Theater, vacilou e morreu sem luto. Twitchell era membro do conselho da American Society for Psychical Research, fundada por William James no final do século XIX. Era também um estudante ávido do que poderia ser chamado o oculto racional.

Contou-me brevemente a história de Arigó. Se não conhecesse Twitchell como um homem de discernimento, ter-lhe-ia atribuído fantasia e esquecido.

Disse-lhe que uma história deste tipo seria inteiramente inacreditável, e que mesmo que fosse verdade, seria um trabalho quase impossível para um escritor transmitir.

Twitchell disse: «Devia pelo menos ver os filmes».

«Há filmes tirados destas operações?», perguntei.

«Foram tirados pela equipa de médicos americanos que desceu ao Brasil para estudar Arigó», disse. «Tudo o que precisa é de um estômago forte».

A minha curiosidade foi despertada; estava à procura de uma boa história. Twitchell pôs-me em contacto com o Dr. Henry Puharich, que foi amável o suficiente para me mostrar os filmes em casa dele no Condado de Westchester.

Twitchell tinha razão sobre o estômago forte. Quando se vê uma faca de descascar ir sob a pálpebra, e alavancar o globo ocular meio fora da órbita, e raspar a órbita sem misericórdia, é um pouco chocante. Vi os filmes duas vezes, completos com hidroceles, tumores, cataratas, cistos sebáceos, retinoblastomas e todo o resto. Por vezes tive de desviar o olhar.

Mas o seu poder dramático era esmagador.

Pensei na história durante muito tempo. Era óbvio que, apesar da quantidade considerável de registos médicos disponíveis, teria de ir ao Brasil e verificar a história em detalhe. Nada podia ser em segunda mão numa história como esta. Era uma crónica que teria de ser verificada em todos os aspetos.

Mas havia outro problema. Se a história se confirmasse, e o livro atraísse ampla leitura, o que faria a Arigó e ao seu trabalho? As pessoas desesperadamente doentes nos Estados Unidos gastariam grandes somas de dinheiro para ir ao Brasil – apenas para encontrar Arigó tão inundado e exausto com doentes adicionais que não poderia lidar com todos?

Quando decidi prosseguir com a história após a morte de Arigó, disse a Puharich que não poderia depender apenas da sua palavra ou dos registos do grupo médico. Concordou rapidamente comigo. «Quererá verificar todos no Brasil e aqui que consiga alcançar», disse. «Os seus inimigos, bem como os seus amigos. Nunca deve tomar a palavra de uma única fonte. Em qualquer aspeto da história».

Ainda era cético. Mas haveria checkpoints claros e importantes para desafiar a história quando chegasse ao Brasil. O mais importante seriam os juízes, os advogados e os registos judiciais dos longos procedimentos judiciais de Arigó. Aqui o foco mais duro possível fora virado para Arigó.

Haveria tanto testemunhas de caráter como testemunho de peritos para recorrer, tudo sob juramento.

Outra fonte de informação importante seria o ex-Presidente Juscelino Kubitschek. Aqui estava um realista duro, o homem que construíra Brasília, a capital mais impressionante do mundo. O problema era – conseguiria encontrá-lo, e questioná-lo em profundidade? Outros para verificar seriam os médicos brasileiros, tantos quanto pudesse alcançar; funcionários governamentais; o clero; os habitantes locais; os oficiais de polícia; oficiais de serviço estrangeiro, que poderiam fornecer uma visão de outsider sobre esta lenda incrível; antigos doentes; a família de Arigó; e quaisquer outras pistas que estivessem destinadas a surgir.

Fiquei satisfeito com a minha sondagem preliminar de que a história pelo menos poderia ser confirmada ou desafiada ao ponto de se desfazer. Estava intrigado o suficiente para arriscar, e os editores também.

No caso da investigação de Arigó, havia frequentemente relatos ligeiramente conflituosos. Tive de os pesar cuidadosamente, e escolher aqueles da fonte que parecia a mais substancial. Qualquer escolha que fizesse, não seria feita levianamente.

II

Tinha outro problema, mas revelou-se um ativo em vez de um obstáculo. Já contratara escrever um livro sobre o novo e mortal vírus Lassa que subitamente surgira do nada, nas Terras Altas dos Camarões no norte da Nigéria. Em contraste com Arigó, esta era uma história de mistério médica dura, difícil, científica, com o tipo mais pragmático e materialista de documentação, incluindo tudo desde microscopia eletrônica à equipa completa de virologistas em Yale e no Center for Disease Control do governo em Atlanta.

Algumas coisas interessantes aconteceram na Nigéria que acidentalmente tinham muito a ver com a minha atitude para com a investigação de Arigó mais tarde. O rastreio da história do vírus Lassa levou-me numa viagem de três mil milhas pela Nigéria num Land Rover, no que literalmente poderia ser chamado um safari de caça pequena, o vírus sendo o menor possível para perseguir.

A viagem levou-me a estações missionárias médicas solitárias perto do Lago Chade – no centro exato do maior centro geográfico da África equatorial – ao planalto de Jos. Levou-me a casas de repouso de catering governamentais (vestígios dos dias coloniais britânicos), acampamentos mineiros, aldeias tribais, pequenas cidades africanas, postos diplomáticos provinciais, as secções de investigação médica das universidades nigerianas, e outros lugares onde turistas não são prováveis aventurar-se.

Foi nas horas vagas em lugares como estes que aprendi que o homem-medicina local das aldeias era tido no maior respeito por diplomatas estrangeiros, médicos missionários, investigadores médicos, professores universitários, engenheiros mineiros – qualquer que fosse a estação do expatriado europeu ou americano. Longe de ser um personagem de cartoon absurdo, o feiticeiro local, homem-medicina, homem ju-ju ou homem do-do – qualquer que fosse a terminologia usada – era temido e respeitado na comunidade, e não devia ser tratado levianamente. Mas não apenas por medo.

Algumas das concocções médicas dos feiticeiros estavam a ser seriamente estudadas pela Escola Médica da Universidade de Ibadan, uma das melhores de África. Uma concocção reduzia tumores malignos a zero em ratos de laboratório. Sucesso adicional na redução da psicose a um mínimo absoluto estava a ser estudado e louvado pela Organização Mundial de Saúde das Nações Unidas, em linha com as teorias de Luis Rodriguez. A atitude de homens razoáveis e inteligentes na Nigéria criava uma atmosfera que abria um pouco a minha mente para a viagem ao Brasil.

Quando cheguei ao Rio, estava cheio das realidades frias e cruéis do vírus Lassa, e das savanas queimadas e secas pela fome do sub-Saara. O contraste era uma mudança bem-vinda. A mudança para a língua portuguesa não era bem-vinda, no entanto. Tornava a investigação muito difícil. Eventualmente consegui encontrar intérpretes que saíram do seu caminho para serem úteis. Tinha uma longa lista de pistas para informação. Com a barreira linguística, era um trabalho doloroso segui-las.

Os meus contactos com jornalistas americanos e outros tornaram abundantemente claro que, qualquer que fosse Arigó, não era uma fraude. O seu conhecimento pessoal era verificado nos arquivos dos morgues dos jornais e nos registos judiciais ao longo de um período de vinte anos. Esta era uma boa fundação para trabalhar, porque planeava regressar

diretamente aos Estados se a vida e trabalho de Arigó parecessem mesmo ligeiramente ambíguos.

Kubitschek foi muito gentil quando o visitei. Falava num inglês profundo, poderoso, mas um pouco rebuscado. Disse-me que estava encantado por alguém dos Estados estar a fazer um livro sobre Arigó, porque estava completamente convencido de que nunca houvera ninguém na história da medicina como ele. Ofereceu livremente qualquer informação que quisesse sobre as suas experiências pessoais com Arigó, e disse que como médico e cirurgião ele próprio, ficara deslumbrado com o que Arigó conseguia fazer.

Foi uma entrevista estimulante e frutífera. Quando lhe perguntei sobre Brasília, os olhos iluminaram-se e riu. «Mesmo os meus inimigos admitem que abriu o Brasil hoje. Estou orgulhoso dela». Riu-se da história de como fora encurralado para construir a cidade pelo espetador na multidão em Congonhas. «Esquecera-me completamente daquele artigo na Constituição que exigia que a capital fosse construída. Não podia voltar atrás com a minha palavra. Por isso construí-a».

III

A partir desse ponto, a confirmação do fenómeno Arigó veio espessa e rápida. Os filmes a cores de Jorge Rizzini eram espantosos, vívidos e inquestionáveis. O Dr. Ary Lex e o autor Hernani Andrade receberam-me em casa e forneceram-me informação e documentos completos sobre os seus estudos de Arigó ao longo de duas décadas.

Almocei no Hilton de São Paulo com o Dr. António Ferrario Filho, um radiologista energético de cabelo sal-e-pimenta, que não só confirmou a proeza de Arigó em grande detalhe, mas introduziu-me no fundo dos intelectuais kardecistas no Brasil.

Parecia não haver ninguém que não tivesse um amigo ou parente que tivesse sido tratado com sucesso por Arigó. Estes incluíam George e Susan Brown da Embaixada Americana; Joe e Kathleen Caltagironi, um banqueiro de investimento americano e a esposa; Elaine Handler, da revista Time; Fred Perkins, o representante da McGraw-Hill no Brasil, e a esposa; Dr. Raimundo Veras, do Centro de Reabilitação com filiais em várias

idades brasileiras, e o filho, Dr. José Carlos Veras; Dr. Clark Kuebler, antigo professor na Northwestern University; e Guy Playfair, um jornalista britânico. Eles e dezenas de outros saíram do seu caminho para fornecer pistas e desenterrar informação que teria sido impossível encontrar de outra forma.

Particularmente útil foi a Sra. Irene Granchi, do Rio, que me forneceu material dos arquivos exaustivos sobre Arigó que mantivera desde o início da sua carreira. Apresentou-me a editores e publishers que, por sua vez, tinham as suas próprias histórias sobre o curandeiro. O que pensara que seria um trabalho longo e lento de desenterrar pedaços dispersos de informação revelou-se um problema de lidar com uma onda de maré de material que se tornava quase incontrolável.

Fui recebido no aeroporto de Belo Horizonte por Lauro Costa e a esposa, e Marcia Lucia, uma voluntária na clínica de reabilitação de Belo do Dr. Veras. Sempre que precisava de ajuda em língua ou informação, um ou outro deles estava sempre presente. É impossível descrever a atitude predominante do povo brasileiro e não soar como se os estivesse a elogiar até aos céus. Fariam qualquer coisa por um visitante, ao ponto de ser quase inacreditável. Inicialmente, cria suspeita em si, até descobrir que a sua hospitalidade é inteiramente genuína e inata. Embora deva haver exceções, nunca me deparei com nenhuma.

IV

Lauro e a esposa conduziram-me a Congonhas do Campo, traduziram entrevistas intermináveis durante três dias e noites, e nunca mostraram sinal do esgotamento que sentia. Fomos recebidos tão calorosamente pela viúva de Arigó, Arlete, e vários dos seus filhos crescidos que me senti como um filho pródigo a regressar a casa. Além de hospitalidade, ofereceram todos os recortes, diários e correspondência de Arigó, e horas de anedotas que recordavam sobre a vida e trabalho de Arigó.

Arlete, com o cabelo definitivamente em rolos, era uma mulher tímida e modesta, com um encanto quieto e infecioso. Preparava-se para se mudar para Belo para viver perto de um dos seus filhos que recentemente se mudara para lá. Tarcésio, que era um jovem atarracado e bronzeado na casa

dos vinte, bonito que nem estrela de cinema, arranjou a fotocópia de qualquer material que pedisse.

Levou-me também ao túmulo de Arigó, alto na colina com vista para Congonhas num pequeno cemitério murado. Era final da tarde, e uma tempestade de trovoada de montanha ominosa estava a reunir-se. A cena transformou-se numa pintura El Greco preta e cinzenta enquanto Tarcésio, que obviamente adorava o pai, colocava várias rosas no túmulo e contava-me sobre o acidente trágico na BR-135. No caminho de volta à aldeia, parou e apontou o local onde o acidente acontecera dois anos antes, como se este ritual pudesse aliviar a dor que mostrava claramente no seu rosto.

Congonhas do Campo era tão adorável como os folhetos turísticos diziam que era, embora houvesse os pobres e em situação de vulnerabilidade social que Arigó trabalhara tanto no serviço de. Mesmo a estatuária que inspira reverência de Aleijadinho não conseguia apagar essa cicatriz. No pequeno café de frente aberta perto da Rua Marechal Floriano, conheci o Dr. Mauro Godoy, agora o presidente da câmara da cidade, que alegava que nem ele nem ninguém mais conseguia explicar como Arigó fazia o que fazia, mas que não havia questão na sua mente de que Arigó fora literalmente a oitava maravilha do mundo.

Disse que quanto mais conhecimento médico uma pessoa tivesse, mais Arigó era apreciado. Na verdade, qualquer um que não tivesse realizado cirurgia não seria capaz de entender plenamente o que significava cortar nos órgãos profundos do corpo sem atar vasos sanguíneos e sem anestesia. Como o único médico que tivera oportunidade de observar Arigó intensivamente ao longo de um longo período de tempo, era bastante convincente.

Não estava bastante preparado para o que aconteceu no dia seguinte. As manchetes de primeira página romperam por todo o Brasil para revelar que o irmão mais novo de Arigó, Eli, declarara subitamente que fora visitado pelo mesmo tipo de alucinações que atormentaram Arigó nos seus primeiros dias, e que tanto Arigó como o Dr. Fritz lhe apareceram no meio da noite para o instar a continuar o trabalho do seu irmão falecido.

Ao meio-dia, a cidade de Congonhas estava sitiada com repórteres da imprensa, rádio e televisão, e quase todos os membros da família de Arigó esconderam-se. Eli era um estudante de direito bem-sucedido na

universidade em Belo, e fora altamente considerado no seu trabalho. Consegui encurralá-lo na sala de jantar do Hotel Freitas, fora do caminho do resto da imprensa que o procurava. Parecia algo como uma versão mais ligeira de Arigó, com olhos castanhos brilhantes e penetrantes, e parecia muito perturbado e confuso com a visita recente, que alegava não ter procurado nem querido.

Quase todo o resto da família, incluindo os irmãos de Arigó e os seus filhos, estavam decididos contra a ideia. Simplesmente não discutiriam isso. Quando deixei o Brasil, a situação ainda estava não resolvida.

Um benefício que saiu do incidente foi que trouxe o foto-jornalista da Manchete Esko Murto à cidade, que estava tão bem informado como qualquer um sobre Arigó, tendo coberto o curandeiro em profundidade em várias histórias nos últimos nove ou dez anos da vida de Arigó.

Esko, natural da Finlândia, era um repórter intenso, vital e inteligente. Como tantos outros, descobrira que a sua cobertura jornalística de Arigó mudara toda a sua perspectiva. Após ter fotografado Arigó em ação muitas vezes, era extravagante no seu fascínio pelo homem. Mas isto era verdade para quase todos os que voluntariaram informação. Estava um pouco perturbado com isto, porque estava convencido de que nenhum homem poderia ter um registo tão limpo. Mesmo o padre na Igreja de Bom Jesus era moderado no seu protesto contra Arigó, simplesmente dizendo que a Igreja não acreditava no que ele fizera. A maioria dos adversários médicos que tinham estado contra Arigó amolecera.

Sobre a única coisa que consegui desenterrar foram rumores de que Arigó recebera comissão nas receitas vendidas. Mas não consegui verificar isto, nem ninguém mais. Não consegui encontrar ninguém que alegasse ter sofrido dano ou lesão dos seus tratamentos, nem ninguém que sequer sugerisse que usara fraude de qualquer tipo. Houvera psíquicos nas Filipinas que alegavam fazer cirurgia similar à de Arigó, mas tinham sido facilmente expostos como fraudes, e recusaram observação direta à luz do dia plena.

Ao regressar a Belo Horizonte, estava convencido de que o Juiz Felipe Immesi me poderia dar uma avaliação fria e plana de Arigó, incluindo quaisquer inconvenientes (além das rudezas camponesas de Arigó, que todos admitiam e riam) que os procedimentos judiciais tivessem

revelado. Consegui arranjar um jantar com o juiz no Hotel Del Rey através de um jovem advogado brasileiro brilhante, o Dr. Paulo Zanini, que obtivera o seu grau em direito com uma bolsa Fulbright na Universidade de Michigan e que falava inglês fluente. Foi também ele o responsável por me obter fotocópias Xerox da pilha imensa de registos judiciais do julgamento de Arigó.

Fiquei mais do que surpreendido quando o Juiz Immesi relatou a sua própria história, em pleno detalhe. Descreveu as suas observações voluntárias de Arigó ao trabalho com convicção reveladora, falou das suas conferências com médicos que apoiavam a posição de Arigó, bem como aqueles contra, e da sua decisão agonizante. Admitiu que simplesmente não havia forma de descrever o impacto de ver Arigó operar, e que o homem tinha de ser aceite como um fenómeno paranormal que não podia ser definido.

V

Ouro Preto, que se traduz como «ouro negro», é a Williamsburg do Brasil. Fora outrora a cidade mineira mais rica do país, e a sua encantadora arquitetura do século XVIII, tão infinitamente bem preservada, reflete o centro intelectual e artístico que se tornara. Algumas obras estatutárias de Aleijadinho estão aqui, nas igrejas barrocas que guardam as encostas. Destas alturas, os telhados de telha vermelho-escuro criam um tapeçaria como a de uma aldeia francesa no Ródano.

Ao longo de uma das ruas íngremes de paralelepípedos, encontrei o restaurante Calabouço, significando literalmente «masmorra» ou «prisão». Mas as suas salas subterrâneas, iluminadas por luz de velas encantadoras, eram um banquete de antiguidades coloniais que se fundiam num pastiche de encanto. Foi Esko Murto quem me disse para me apresentar à proprietária, uma branca russa, outrora canadiana e agora cidadã brasileira, Gerry Kanigan. Fora professora de história eslava no Canadá, obtivera o mestrado na Sorbonne, viera visitar o Brasil, apaixonara-se por ele, comprara uma quinta, fomentara um centro de arte em Ouro Preto, e agora gerira o seu bistro próspero com a mão de uma mestra.

Esko dissera-me que poderia aprender muito dela sobre toda a ambiência da qual Arigó surgira. Tinha razão. Na sua sala de estar no andar

acima do restaurante masmorra, falou sem reservas sobre o que acontecera à sua própria perspectiva na década que vivera no Brasil.

«Todo o lado exótico de Arigó e do seu trabalho vai deixá-lo muito confuso», disse, «a menos que entenda a crença básica por trás de tudo: que a reencarnação é um facto; que a lei da vida é a evolução eterna de uma criatura celular para as galáxias».

Fora especialista nas heresias dualistas do Médio Oriente, em que o bem e o mal são vistos como adversários iguais. «Demorei muito tempo a entender que esta conceção dualista era uma heresia, na verdade», disse. «Agora estou convencida, de estudo árduo e longa reflexão, de que um ser humano é uma criatura que continua a evoluir indefinidamente, que descarta vidas como descarta roupas, e que a parte essencial dele continua.

«Uma vez que consiga acreditar nisso, tudo se torna claro – especialmente ao tentar entender o Brasil. Quando uma pessoa morre, é simplesmente o descarte de alguns átomos. Sabemos de Lord Rutherford que os átomos são principalmente espaço vazio, de qualquer forma. Veja, o fenómeno da reencarnação foi transformado numa filosofia coerente por Allan Kardec. Passei oito anos no Brasil antes de ter qualquer interesse nisto. E embora o Brasil seja maioritariamente católico, descobrirá que oitenta por cento deles, quando estão realmente em apuros, vão consultar um médium de algum tipo».

Continuou: «Pode olhar para um médium de duas formas. Ou ele ou ela é um esquizofrénico dotado de múltiplas personalidades, ou começa a aceitar possessão. Tem um intercâmbio absolutamente tumultuoso com o que chamamos realidade – o que os nossos olhos podem ver – e com o que os kardecistas consideram espíritos. Na verdade, esta doutrina é superlativamente cristã quando pensa nisso. Os seguidores de Kardec consideram Deus como um contabilista ou computador imensamente poderoso. Os seus bancos de memória são infinitos. Simplesmente não pode escapar a nada, de modo que qualquer coisa maliciosa ou prejudicial que faça nesta vida, pagará a conta mais cedo ou mais tarde, hoje ou amanhã».

Quando tentei direcioná-la mais para o curso, para relacionar isto com Arigó, disse: «Chegaremos a isso. Mas para entender Arigó, é bom entender algum disto. Os diferentes níveis de crença espírita no Brasil são

simplesmente manifestações da mesma coisa, dependendo do âmbito e mente da pessoa envolvida. Pessoas mais inteligentes, que não precisam do ritual de Umbanda e Quimbanda, tornam-se kardecistas.

«Arigó era espantoso porque cortava diretamente através de todo o espectro. Era um deus das pessoas mais importantes no Brasil, bem como dos pobres e necessitados. Conhecia pessoalmente a esposa do diretor da maior combinação mineira alemã, com enormes interesses no Brasil. Foi milagrosamente curada, após ser dada como perdida pelos melhores médicos da Europa e América. Mas Arigó era apenas um – talvez o maior, porque podia ser tão claramente confirmado – o único de centenas de outros aqui no Brasil que trabalham em hospitais espíritas, e alcançam pelo menos parte do sucesso que Arigó alcançou».

Fui com Gerry Kanigan a uma reunião Umbanda nessa noite. Estava longe no campo, numa pequena casa de telha totalmente escura quando nos aproximámos por sulcos e buracos, longe da estrada principal. Cambaleámos por um caminho sinuoso, batemos à porta, e entrámos.

Era difícil ver na grande sala, apesar das velas a tremeluzir numa mesa larga na extremidade oposta. Deviam haver cerca de cinquenta brasileiros, aparentemente agricultores e as suas mulheres, e crianças, sentados em bancos de madeira ao longo das paredes de estuque. No centro da sala, um homem negro alto e bonito num robe branco andava de um lado para o outro, alternadamente cantando e falando em português, que não conseguia entender. Na mesa que servia de altar havia figurinhas de muitos santos católicos, mas, surpreendentemente, misturados entre eles havia uma coisa tipo Old Black Sambo, e o que pareciam ser alguns totens africanos. Os homens e mulheres sentavam-se separadamente. Em cadeiras no centro da sala havia duas mulheres, vestidas de branco, as cabeças tombadas sobre o peito, braços caídos para os lados, obviamente em transe.

Após mais canto, a congregação irrompeu espontaneamente num hino em português, que soava para todo o mundo como aqueles cantados em qualquer igreja presbiteriana ou metodista nos Estados. O líder guiava o grupo, os olhos bem fechados, intercalando frases tipo sermão entre as estrofes. Depois moveu-se para o altar e pegou num dispositivo tipo lanterna, similar ao portador de incenso usado em serviços católicos e ortodoxos gregos.

Acendeu um incenso preto em pó na lanterna, e balançou-a precariamente pela sala. Não havia ventilação, e a fumaça encheu a sala como uma névoa súbita a erguer-se numa estrada de montanha. O líder moveu-se ao longo dos bancos, balançando a lanterna e continuando a cantar. À medida que se aproximava, cada pessoa levantava-se e recebia um banho generoso da fumaça, virando-se em círculo para a receber. Seguindo o exemplo, levantei-me também, virei um círculo, lutei contra a tosse, e sentei-me novamente.

Após o ritual terminado, as duas mulheres sentadas no centro da sala ganharam vida, embora os olhos ainda fechados, as cabeças ainda tombadas. Começaram por estalar os dedos, depois a tremer, depois a cantar, batendo os pés no chão de pedra todo o tempo. Mulheres e crianças aproximaram-se delas, e à medida que passavam, as mulheres passavam as mãos pelas laterais dos seus corpos, como se para varrer quaisquer espíritos malignos que pudessem estar a pairar. Quando as mulheres terminaram, os homens aproximaram-se do líder, agora sentado no centro numa terceira cadeira, e o ritual foi repetido.

No caminho de volta para Ouro Preto, Gerry Kanigan disse-me: «Veja, isto é o que Arigó não era. Não usava qualquer ritual, exceto as suas orações preliminares. No entanto estava muito próximo destas pessoas na sua forma sem fingimento nem artificialidade. Não se fecharam às fontes de origem ancestral. Não estão encerrados nos sobretudos de cimento com que nós, civilizados, nos rodeamos. Penso que temos muito a aprender com eles».

VI

Encontrei-me novamente com Gerry Kanigan, desta vez em Belo Horizonte. Instara-me a ir com ela ver um profeta espiritual de ampla renome, que vivia nos subúrbios da cidade, e cuja fama se espalhara por todo o Brasil. Era cego, e devia estar bem entrado nos oitenta. Quando chegámos à sua modesta casa, estava sentado na varanda, as grandes mãos veiadadas dobradas no topo da bengala.

O seu nome era Henrique Franco. Alegava ser parente distante do ditador espanhol, mas não nutria amor por ele. Gerry nunca o encontrara antes. Explicou que eu era um jornalista americano interessado no Brasil e a explorar o fundo em torno de Arigó.

Disse que havia dezenas de Arigós no Brasil, mas nenhum tinha a capacidade de Arigó para demonstrar a verdade do mundo espiritual de forma tão gráfica e incontestável. Insistiu que todos tínhamos guias espirituais, mas que não escutamos nem acreditamos. Nem todos são bons, no entanto, e devemos senti-los com discernimento. Disse que a razão por que os médicos ficam espantados com algumas das curas que Arigó provocou é que falham em reconhecer que não há doenças, há apenas os doentes.

«Viemos do lodo a caminho de Deus», disse, enfatizando que evoluímos constantemente através de muitas reencarnações. «O nosso sofrimento é a lapidação do espírito. A vida após a morte é a mesma que na terra. Tem a mesma estrutura num plano molecular diferente».

Em contraste com Henrique Franco, a atitude de H. V. Walter era de um tipo diferente. Encontrei-o no seu gabinete de consulado britânico em Belo Horizonte, relaxado e jovial como de costume. Estivera no serviço estrangeiro no Brasil por mais de um quarto de século, e parecia prosperar nisso. Nos seus finais sessenta, vestia um fato que devia vir de um dos melhores alfaiates de Londres, no entanto afrouxou a gravata e recostou-se na cadeira, e deu as boas-vindas à oportunidade de falar sobre Arigó.

«Era absolutamente o fenómeno mais maravilhoso dos tempos modernos», disse Walter. «Veja, quase ninguém pensava em ir ter com ele até todos os médicos que conhecia o desenganarem. É aí que residia o valor de Arigó, e por que as suas curas eram tão dramáticas. Segui o caso da irmã do Dr. Cruz. Um milagre absoluto. Vou levá-lo lá abaixo ao gabinete dele, e deixá-lo contar-lhe em primeira mão. Tanto o pai como o irmão dela eram excelentes médicos, muito excelentes. O próprio Carlos Cruz é dentista, e licenciado da Universidade do Brasil. Conheciam as suas profissões, e sabiam que Arigó fizera o que eles nunca poderiam fazer. Sabia sobre a filha de Kubitschek, e muitos outros diplomatas e estadistas proeminentes que me confidenciaram as suas próprias curas.

«Não vou em nenhuma dessas coisas místicas. Sou pragmático, realista. O que aconteceu no caso de Arigó, aconteceu. Não é para ser acreditado – mas tem de ser».

Walter levou-me lá abaixo ao gabinete do Dr. Cruz. Estava apinhado de pessoas à espera, e uma mulher estava na cadeira. Assim que o cônsul

explicou que eu estava no Brasil vindo dos Estados para fazer uma história sobre Arigó, o Dr. Cruz deixou a sua doente de boca aberta na cadeira e levou-nos para o corredor. Falou quinze minutos sobre Arigó, confirmando tudo o que Walter dissera, e alegando que o tempo desperdiçado nos procedimentos legais contra Arigó fora uma tragédia internacional. Se Arigó tivesse sido colocado numa universidade para estudo científico em vez de ser processado, disse Cruz, poderíamos ter feito avanços major em medicina e cirurgia.

Para obter um ponto de vista norte-americano, passei pelo gabinete do United States Information Service em Belo, primeiro para contactar compatriotas após tão longa ausência, e segundo para ver qual era a atitude para com Arigó nestes círculos. Houve a mesma confirmação, atestada direta ou indiretamente por muitos do staff, tanto americanos como brasileiros.

De volta aos Estados, revelei a minha investigação e engordei-a com entrevistas adicionais com Belk, Puharich, Laurance, Cortes e outros membros da equipa médica da expedição de Congonhas. Foram muito úteis, especialmente porque a minha mente estava tão cheia do que absorvera no Brasil que precisava de melhor foco.

Havia muitas novas facetas a abrir-se no estudo do paranormal que todos estavam interessados em explorar. Quanto a mim, era tudo o que podia fazer para me pôr a par de Arigó. Puharich descobrira Uri Geller, o fenómeno israelita que prometia ir muito além de Arigó no reino de clarividência, psicocinese e outros aspetos de percepção extrassensorial. Tinha tudo o que podia lidar ao tentar reconstruir a história de Arigó. Qualquer outra coisa além disso seria demasiado alucinante para um jornalista contemplar.

Sem nunca ter visto o homem, Arigó tornou-se real para mim da investigação meticulosa e na escrita destas páginas. Espero que o leitor consiga sentir algum disto no livro.

Posfácio

por Henry K. Puharich, MD

Quero apresentar uma interpretação pessoal do que Arigó significa para mim. Para entender isso, é preciso ter um sentimento pelo que deve ter sido estar «dentro» de Arigó. Começemos num nível elementar, nomeadamente, a sensação da mão de Arigó enquanto fazia cirurgia. Se pegar numa faca de manteiga comum e gentilmente passar a aresta pela pele, tem uma ideia de como esta faca se sente na mão que a move.

Notará que há uma gradação de pressão que pode ser aplicada, e que aplicar esta pressão dá um sentimento de forças de atrito, resistência dos tecidos a serem cortados, controlo do movimento da faca, e assim por diante. Poderia aprender todos esses nuances da sensação de uma faca afiada manobrando-a sobre outros materiais, como alimentos usados na sua cozinha. Em resumo, aprenderia o que todo cirurgião aprende – a sensação na mão de uma faca contra tecido.

Agora conhecia inteiramente essa sensação de uma faca na minha mão quando usada em cirurgia – humana ou animal. Um dia em que estava ao lado de Arigó na sua clínica em Congonhas, pediu a um doente de quarenta e cinco anos que se encostasse à parede. Altimiro, o assistente de Arigó, entregou-lhe uma faca de cozinha afiada de aço inoxidável com uma lâmina de quatro polegadas. Arigó agarrou a minha mão direita, enfiou-lhe a faca, e fechou a sua mão à volta da minha mão, de modo que a faca estava duplamente encerrada.

Depois levou a minha mão direita em direção ao globo ocular do doente e ordenou-me que metesse a faca na órbita ocular. Segui as suas ordens e enfiou a faca entre o globo ocular e a pálpebra superior. Ao fazê-lo, a minha mão direita ficou mole – não conseguia prosseguir. Temia que cortasse o globo ocular e causasse dano permanente. Arigó agarrou novamente a minha mão direita e disse: «Vai em frente. Faz como homem!»

Esta ordem deu-me a coragem de que precisava. Os meus medos desapareceram, enquanto enfiava a faca profundamente na órbita ocular. Agora estava completamente no controlo de mim próprio. À medida que movia a faca nas profundezas da órbita ocular, fiquei espantado ao descobrir que a ponta da faca não tinha a sensação familiar que uma faca

tem contra tecido. Para lhe dar o sentimento completo do que a minha mão sentiu, faça o seguinte exercício: Pegue num par de ímanes e encontre os polos iguais de cada. Depois segure um íman em cada mão e aproxime os polos iguais um do outro. Agora experimentará forças repulsivas entre os dois polos magnéticos iguais, e estas serão sentidas nas suas mãos. Esta é uma sensação totalmente diferente daquela que experimentou com a faca de manteiga contra a sua pele.

Agora quando movi a faca nos tecidos do globo ocular e da órbita ocular, senti uma força repulsiva entre os tecidos e a faca. Não importava quão forte pressionasse, havia uma força igual e oposta a atuar na minha faca para impedir que tocasse nos tecidos. Esta força repulsiva era o segredo de por que ninguém sentia dor quando Arigó fazia o seu famoso «exame ocular». O meu doente não sentiu dor das manipulações da minha faca, também.

É óbvio para mim que Arigó conseguia controlar aquela força repulsiva, de modo que conseguia avançar e cortar tecido. E isto, claro, deveria causar dor. Mas é conhecido que Arigó não causava dor. Observei, e outros também, que Arigó conseguia cortar tecidos sem usar a aresta afiada de uma faca. Frequentemente cortava usando a aresta embotada da faca. É conhecido que, quando apressado, cortava tecidos sem faca. Nestes raros casos, usava as mãos e dedos para atravessar tecido. É a minha opinião de que a agência de corte real era a força repulsiva, e não a faca ou os seus dedos.

Não tenho ideia da natureza desta força repulsiva. Mas das medições de campo elétrico que realizei em Arigó (EEG, EKG e GSR), não acredito que esta força repulsiva esteja no espectro eletromagnético. Acredito que é uma forma desconhecida de energia vital.

Em setembro de 1967 fui ao Brasil para continuar os meus estudos de Arigó. Vira-o muitas vezes desde aquela operação de linfoma em 1963, e nunca me ocorrera pedir ajuda para mim próprio. Um dia enquanto trabalhava com Arigó, virou-se subitamente para mim e disse: «Tem otosclerose». Respondi: «Não sei sobre isso mas tenho uma infecção crónica e drenagem no meu ouvido esquerdo de um colesteatoma». Arigó disse: «Sim, tem tido isso há muito tempo, mas a otosclerose é nova. Verifique quando chegar a casa. Dar-lhe-ei uma receita que curará ambos os seus problemas». Em trinta segundos terminara a seguinte receita:

Para Dr Puharich

1º Tratamento

3 vidros de micotir vide a bula

3 vidros de hepadesicol tome 2 drageas após cada refeição

15 frascos de gabromicina apl. no músculo

1 frasco de 24 em 24 dias

2º Tratamento

40 ampolas de olobintin apl. no músculo

1 ampola de 2 em 2 dias

20 ampolas de Bituelue R de 1.000 apl. no músculo

1 ampola de 3 em 3 dias

Não há grande necessidade de explicar os itens no primeiro tratamento exceto afirmar que o primeiro medicamento era uma solução de gotas para o ouvido, o segundo eram sais biliares, e o terceiro, gabromicina, era uma forma primitiva de estreptomicina que fora largamente abandonada pelos médicos. Quando regresssei aos Estados Unidos, fiz o audiologista no meu próprio laboratório correr um teste de audição em mim com um audiometria. Quando o teste foi feito, voluntariou o diagnóstico: «Tem otosclerose». Verifiquei os audiogramas; Arigó tinha razão. Tinha otosclerose – uma endurecimento do tecido sobre os pequenos ossos do ouvido. Decidi então e ali começar a receita de Arigó.

Devido às minhas horas de trabalho ímpar, era mais fácil para mim dar-me as injeções pouco antes de me deitar cada noite. Comecei a série de tratamento primeiro a 7 de outubro de 1967. Isto significava que me dava a injeção de gabromicina uma vez por dia. Ao 14 de outubro desenvolvera uma reação a esta forma de estreptomicina. Tinha inchaço e sensibilidade nas mãos e palmas e nos pés e dedos.

Portanto, tive de parar as injeções e esperar que a reação alérgica desaparecesse. Ao 25 de outubro estava em boa forma suficiente para começar o segundo tratamento. Terminei o segundo tratamento a 11 de janeiro de 1968. Estava livre do problema de drenagem no ouvido que me atormentara toda a vida, e continuei a estar assim até hoje. Nos seis meses

seguintes os meus audiogramas mostraram que a minha otosclerose desaparecera, e a minha audição melhorara.

A 11 de janeiro de 1971, estava a trabalhar no meu gabinete na Intellectron Corporation em Nova Iorque quando o telefone tocou. Atendi, e uma jovem cujo nome não recordo agora disse abruptamente: «Procuro o Dr. Puharich».

Respondi: «Sou eu a falar».

«Dr. Puharich, acabei de receber uma chamada de uma estação de TV no Rio de Janeiro, Brasil, a pedir-lhe que comentasse a morte de Arigó».

«Pode repetir, por favor? Não acho que ouvi claramente o que disse», gaguejei.

Repetiu a declaração. Disse: «Tem a certeza do que está a dizer – que Arigó está morto?»

Respondeu no sentido de que tudo o que sabia era o que lhe fora transmitido. Disse-lhe que não podia responder devido ao meu estado de choque.

Recostei-me na cadeira. Não era possível que Arigó, o maior curandeiro do mundo, estivesse morto! Era demasiado jovem, demasiado vital. Além disso era a esperança de milhares, talvez milhões de pessoas que o viam como testemunha de poderes superiores. Devia haver um erro, pensei. Tinha de verificar isto eu próprio. Liguei para amigos no Brasil, que confirmaram a terrível notícia de que Arigó fora morto num acidente de automóvel.

Fiquei pessoalmente desanimado. A perda de Arigó para mim era como se o sol se apagasse; o planeta terra e a humanidade perderam a sua grande eminência. Tornara-me subitamente empobrecido. O choque foi tão profundo para mim que decidi fazer um jejum de catorze dias e reexaminar toda a minha vida, para pesar o significado de Arigó, na vida e na morte.

Perto do fim do meu jejum, cheguei a algumas conclusões pessoais fortes. A primeira era que falhara tanto a Arigó como à humanidade ao não completar os meus estudos do trabalho de cura de Arigó. Agora percebia que deveria ter largado o meu outro trabalho em 1963 e concentrado todos os meus esforços nele. Tinha a certeza de que nunca haveria outro Arigó na minha vida. Mas se houvesse, não falharia da próxima vez.

Olhei para trás para os dez anos desde que me mudara de Califórnia para Nova Iorque. Tornara-me escravo da minha companhia, das minhas invenções, e de um modo de vida complexo e caro. Embora fosse verdade que me tinham sido emitidos cerca de cinquenta patentes para as minhas invenções que prometiam ajudar pessoas com surdez, realmente não podia fazer mais contribuições criativas nesta área.

Outros continuariam o que eu começara. Mas acima de tudo queria entrar no estudo a tempo inteiro dos poderes misteriosos da mente humana. Um dia tomei a minha decisão: renunciaria a todos os meus deveres e empregos com fundações, companhias e laboratórios, e daria a mim próprio dois anos para encontrar um lugar em investigação psíquica a tempo inteiro.

Quando informei a minha família e colegas da minha decisão, gemeram e tentaram dissuadir-me. A 1 de abril de 1971, libertara-me de todos os meus laços profissionais e começara o meu novo modo de vida. Tinha dois objetivos: um era desenvolver uma base teórica para a minha investigação; o outro era encontrar seres humanos com grandes talentos que cooperassem como sujeitos de investigação. Em relação ao primeiro, passei dois meses a reunir todas as minhas ideias na «Teoria da Protocomunicação», que apresentaria numa Conferência Internacional de Parapsicologia em França em agosto de 1971.

Estabelecera contacto com as capacidades psíquicas surpreendentes de um israelita, Uri Geller, por carta e ele concordou em ver-me em Israel na semana antes da conferência e dar-me oportunidade de testar os seus alegados talentos. O resultado desta reunião foi que passei os dois anos seguintes num estudo intensivo dos poderes deste homem de vinte e cinco anos.

Uri Geller provou ter poder sobre coisas inorgânicas equivalente ao que Arigó tinha sobre coisas orgânicas e vivas. Conseguia concentrar-se em metais e fazer com que se dobrassem e partissem; podia reparar dispositivos complexos como relógios e computadores; podia fazer objetos desaparecerem e reaparecerem, e até translocar sobre distâncias de milhares de milhas. A sonda para a fonte e natureza destes poderes é inteiramente coberta no meu livro Uri (Doubleday, 1974). Há também outros detalhes sobre Arigó dados nesse livro, detalhes que John Fuller não teria forma de documentar em primeira mão como cuidadosamente fez neste.

Hoje há um Uri Geller. Tenho a certeza de que haverá outros Arigós. Cabe à humanidade cessar e desistir de perseguir estes mensageiros dos poderes superiores do universo e aprender a verdade deles.

2 de novembro de 1973